

Provedor do Ouvinte

Relatório de Actividade 2017



João Paulo Guerra

Provedor do Ouvinte

Lisboa. Janeiro 2018

Relatório de Actividade do Provedor do Ouvinte 2017

No uso da competência prevista na alínea f) do n.º 1 do artigo 37.º dos Estatutos da Rádio e Televisão de Portugal, S.A., aprovados pela Lei n.º 39/2014, de 9 de Julho, apresenta-se este relatório de actividade relativo ao ano de 2017, durante o qual, entre os meses de Fevereiro a Dezembro, o signatário exerceu a função de Provedor do Ouvinte.

Índice

Introdução – Crónica de uma morte propagandeada	5
I. Ouvir os Ouvintes	11
1. Meios para o desempenho de funções	12
2. Mensagens dos Ouvintes	13
3. Respostas do Provedor	15
II. Razões de queixa	19
1. Humor e desamor	19
2. Informação e isenção	21
3. Opinião e pluralismo	23
4. Futebol: relato versus comentário	24
5. A Música da <i>Playlist</i>	25
6. Má recepção da rádio	28
III. Serviço público em causa	29
1. Rede de emissores	29
2. Rádio partilha com televisão	31
IV. Em nome dos Ouvintes	35
V. Defender o serviço público de rádio	37
VI. Anexos	43
1. Análise estatística das mensagens recebidas	45
2. Mensagens dos Ouvintes - respostas do Provedor	53
3. Em Nome do Ouvinte	135
– Resumos dos programas	135
– Guiões dos programas	141

*«A voz da rádio tem uma personalidade amiga e íntima,
como a de um velho camarada de confiança»*

Erskine Caldwell

Introdução

Crónica de uma morte propagandeada

A 13 de Fevereiro de 2017, a propósito da comemoração do Dia Mundial da Rádio, uma publicação digital questionava em título: «Será que os portugueses ainda ouvem rádio?»¹

O advérbio “ainda” apresentava-se insidioso, como se ouvir rádio fosse uma actividade fora de moda ou que tivesse deixado de se justificar. E o título era tanto mais manipulador quanto o próprio texto era inequívoco ao afirmar que, segundo um estudo, a rádio era em Portugal o meio de comunicação social que mais público alcançava e com maior capacidade para se adaptar às novas tecnologias e se oferecer aos Ouvintes em novos meios de difusão.

Estes resultados não destoam aliás das conclusões do eurobarómetro sobre o pluralismo dos meios de comunicação e democracia, divulgado pela Comissão Europeia em Outubro de 2016, o qual revelou que a rádio era tida como o meio mais confiável: dois terços dos europeus (66 por cento) e quatro quintos dos portugueses (80 por cento) consideravam a rádio um meio fiável, com elevados valores de confiança que nenhum outro meio atingia². Para os portugueses, a credibilidade da rádio situava-se acima da média europeia, registando-se ainda valores mais elevados de confiança quando comparada com outros meios de comunicação. Também um estudo realizado há dois anos por uma parceria entre

¹ SAPO Informação <https://pplware.sapo.pt/informacao/dia-mundial-da-radio-sera-os-portugueses-ainda-ouvem-radio/>

² Report Media use in the European Union Field: November 2016.

a BBC e rádios privadas britânicas, com inquéritos realizados na Grã-Bretanha, Alemanha e França, revelou que perto de 70 por cento dos inquiridos optariam por só ter rádio no carro se apenas pudessem ter uma opção, entre rádio, leitor de CD ou MP3, telefone Bluetooth ou *streaming* de música. Os inquiridos consideraram maioritariamente que o rádio é tão útil no carro como os pneus ou o volante.³

Mas apesar da realidade continuar a demonstrar a vitalidade da rádio, já vem de longa data a propaganda da sua morte propalada. O actual Provedor do Ouvinte trabalha na rádio há mais de 50 anos e deu os primeiros passos no meio a ouvir dizer que a rádio tinha os dias contados, nesses tempos por ter chegado a televisão. Mais tarde ouviu propagandear que a rádio ia acabar por terem brotado impetuosamente as *rádios piratas* que teriam instalado a desordem no éter. E depois disse-se que a rádio ia acabar por ter ascendido a internet. Ou seja, a tendência acomodada foi para apresentar os diferentes meios sempre em termos de concorrência, sempre desfavorável à rádio, e nunca segundo preceitos de complementaridade.

Mas por que motivo se insiste numa projecção de desgraça a abater-se sobre a rádio? Talvez pela simples razão de que a rádio é o meio que vence mais distâncias, chega mais longe, atinge mais gente, e com maior intimidade, sendo simultaneamente o menos oneroso tanto para investidores como para consumidores. Em sentido contrário, a televisão é mais dispendiosa embora substancialmente mais dominante. Por outro lado, a rádio estimula e faculta a acção, enquanto outros meios exigem atenção exclusiva, direccionada.

A verdade é que a rádio sobreviveu aos agoiros de todos os videntes, especialmente de todos os videntes cegos que têm propagado o seu fim iminente. A rádio nunca teve tanto fulgor na sua intervenção mediática, social e cultural

³ <https://tech.ebu.ch/news/2016/02/radio-remains-in-the-driving-sea>

como nos anos 60 e 70, decénios que se seguiram à abertura da televisão em Portugal, décadas dos grandes programas de autor nas estações particulares de radiodifusão, que concitavam o auditório jovem e somavam essa audição ao tradicional consumo familiar. A divulgação da música e da cultura *pop*, da música popular de raiz anglo-americana, da irreverência como atitude e da liberdade como valor, através de emissões bem informadas e actualizadas, potenciou e alargou o auditório da rádio com a adesão do sector da população mais susceptível de ser deslumbrado, arregimentado e entorpecido pela comunicação visual.

Mas em Portugal a televisão única fechava as emissões solenemente, com pompa, hino e bandeira, pouco depois das 11 da noite e no ar ficavam as estações de rádio com a divulgação das novidades do *rock and roll* e, de um modo geral, de uma nova cultura rebelde que ganhava adeptos. Portugal estava a par das ondas, europeia e americana, que iam para o ar pelo fim da tarde e pela noite adentro, dando seguimento ao consumo doméstico diurno da rádio sustentado pelos folhetins, os programas musicais, de entretenimento e de companhia, os concursos, os grémios de donas de casa, as tribos dos discos pedidos, as paradas da paródia, os futebóis.

A rádio continuava e continuaria a ser uma companhia, um *kit* mãos livres que alguém ouvia enquanto trabalhava em casa, no escritório, na oficina ou no campo, se deslocava nos transportes, ou se divertia e celebrava em grupo.

A meio dos anos 70, após uma revolução em Portugal conduzida e transmitida em directo e ao vivo pela rádio, o Estado tomou cautelas e apressou-se a nacionalizar a transmissão radiofónica, rapidamente e em força, com excepção da Emissora Católica e de pequenas estações locais, agregando as nacionalizadas no imenso caldeirão de uma Empresa Pública de Radiodifusão: uma dezena de estações de rádio a multiplicar por dezenas de frequências, 2.600 trabalhadores,

dos sectores público e privado, dez edifícios em Lisboa, três orquestras, um cinema, uma editora, uma fábrica de discos, uma exploração agrícola.⁴

No caos que se instalou e no qual foi moldado o formato da radiodifusão estatal do regime democrático, a rádio foi ao fundo e voltou à superfície, e veio a ser revitalizada nos anos 80 pelo aparecimento de centenas de estações “piratas”, que injectaram sangue novo, ideias, iniciativa, audácia, no corpo e no espírito das estações de rádio fora dos espartilhos do Estado e das grandes empresas de comunicação. *Rádios livres*, assim lhes chamaram. E quando a lei domesticou esse formidável movimento, a rádio mantinha o seu lugar não apenas nos ouvidos mas também no coração dos portugueses. E o impulso dado ao movimento radiofónico pela dinâmica de estações de informação, como também pela convivência de *apeadeiros* de proximidade, manteve a rádio no topo dos hábitos dos portugueses em matéria de informação, entretenimento e companhia. Nos domínios da companhia e da proximidade, a rádio não tinha nem tem concorrência: fala, tu cá tu lá, ao ouvido das pessoas, os Ouvintes. «*A voz da rádio tem uma personalidade amiga e íntima, como a de um velho camarada de confiança*», escreveu Erskine Caldwell e a ideia, tal como a imagem, mantêm-se vivas.

O facto de passado mais de meio século ainda haver quem se ocupe e preocupe em lançar perguntas e insinuações sobre a vitalidade e a esperança de vida da rádio só demonstra que este meio não apenas resiste e subsiste ao avanço impetuoso das comunicações, e à evolução das respectivas tecnologias, como também resiste aos maus-olhados.

A rádio tem características que lhe garantem, mais do que a sobrevivência, a perenidade, num quadro alargado de meios de comunicação e num contexto de grande aceleração técnica e tecnológica. Porque é a rádio, como nenhum outro

⁴ SANTOS, Sílvio Correia, *Da Rádio Estatal ao Modelo Integrado, Compreender o Serviço Público de Radiodifusão em Portugal*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013,

meio, que garante em simultâneo a instantaneidade da transmissão à distância, a omnipresença relativa, a penetração mais intrínseca de um mais vasto auditório.

O que pode então correr mal quando os estudos de opinião demonstram de modo evidente que a rádio tem um lugar cativo na vida quotidiana das pessoas? Porventura se não conseguirem ouvir a rádio de que tanto gostam.

O serviço público de rádio enfrenta ameaças reais e inquietantes, as quais abordarei ao longo deste relatório, e que é imperioso debelar. Nenhuma imagem sobre a situação da rádio é hoje mais apropriada do que a de uma mesa de mistura de um estúdio com uma dúzia de vias avariadas e desligadas. A não ser, talvez, a imagem de uma árvore a crescer pelos meandros de uma torre metálica de 90 metros de altura destinada à sustentação de antenas, no Centro de Emissores de Ondas Curtas da RDP, em São Gabriel, Pegões, Portugal.

Não é possível assegurar o serviço público de rádio com uma política de desinvestimento continuado e sem uma estratégia clara que sustente a adopção de medidas transparentes, escrutináveis e de execução calendarizada, dando eficácia às opções tomadas para dar cumprimento aos termos do contrato de concessão.

Durante o ano de 2017, o apuramento das diversas questões trazidas pelos Ouvintes ao Provedor revelou a dimensão e gravidade de alguns problemas, ao mesmo tempo que mostrou o trabalho e o empenhamento de profissionais da rádio e de estruturas da empresa na defesa do serviço público de rádio.

Este relatório de actividade espelha de forma sucinta essas várias dinâmicas e a posição assumida pelo Provedor em diferentes situações, sem esquecer naturalmente a paixão que os Ouvintes colocam nas suas críticas e sugestões, dando o seu contributo para uma rádio que também é sua.

I. Ouvir os Ouvintes

No final de 2016, haveria em Portugal 4,5 milhões de residentes no Continente com mais de 15 anos que ouviam rádio regularmente, segundo o Bareme Rádio da Marktest relativo a esse ano. Cerca de 1,4 milhões de portugueses ouviram rádio pela internet em 2017, conclui a Marktest. De acordo com o mesmo estudo, esses portugueses ouviam, em média, 3 horas e 13 minutos de rádio por dia, nas deslocações de carro, no trabalho ou em casa.

As estações do serviço público de rádio, segundo documentos internos de trabalho da RTP, no primeiro trimestre de 2017 captavam diariamente mais de meio milhão de Ouvintes, com destaque para as três antenas nacionais: Antena 1 (400 mil Ouvintes diários); Antena 2 (40 mil); Antena 3 (135 mil).

Este é o universo abrangido pelo Provedor do Ouvinte, a que haverá que acrescentar os auditórios da RDP África e da RDP Internacional, dos centros das regiões autónomas da Madeira e dos Açores e das rádios web.

É de salientar aqui queixas frequentes de Ouvintes sobre dificuldades de acesso aos conteúdos da rádio que estão disponíveis online. Embora haja sinais de falta de adaptação de Ouvintes ao ambiente digital, a verdade é que os caminhos de acesso nem sempre são evidentes para o utilizador. Esta é uma área que pela sua crescente importância exige naturais melhorias.

Entendi dever cumprir o meu mandato valorizando especialmente a opinião dos Ouvintes, ao mesmo tempo que tentei dar-lhes a conhecer melhor os meandros da sua rádio com respostas contextualizadas e atempadas.

1. Meios para o desempenho de funções

O trabalho do Provedor é diário, rigoroso e multifacetado, exigindo os meios administrativos e técnicos necessários para o desempenho das suas competências legais, incluindo a realização de um programa semanal, conforme previsto nos Estatutos da RTP.

Nesse âmbito, solicitei ao Conselho de Administração da RTP (CA) o reforço dos meios humanos de apoio, uma vez que havia apenas um jornalista para trabalhar com o serviço do Provedor do Ouvinte, embora também preste colaboração com o Provedor do Telespectador, e uma técnica administrativa comum ao gabinete de apoio aos Provedores. Consequentemente foi desencadeado um procedimento de concurso interno e, neste momento, está mais um jornalista a trabalhar principalmente com o Provedor do Ouvinte.

Todavia, os meios humanos ainda são escassos, sendo imperioso o seu reforço para o regular funcionamento, a resposta atempada e devida do Provedor aos Ouvintes e a produção dos programas semanais do Provedor. Tempos houve em que o Gabinete de Apoio aos Provedores contava com sete colaboradores internos mais quatro colaboradores externos, incluindo um chefe de gabinete e apoio jurídico. Neste momento, o pessoal de apoio está reduzido a cinco pessoas, no conjunto dos dois Provedores.

Acresce que o espaço destinado ao serviço dos Provedores é manifestamente exíguo para acomodar os atuais colaboradores e não salvaguarda a mínima privacidade, exigida por muitas questões abordadas pelos Provedores. Com o necessário aumento de efectivos, maior será a premência de ser o gabinete de apoio aos Provedores dotado de instalações que garantam condições adequadas ao exercício de funções.

2. Mensagens dos Ouvintes

Os Ouvintes têm vários canais à sua disposição para se dirigirem ao Provedor, seja através da Internet, do correio eletrónico ou postal. Há ainda o contacto da Linha de Apoio da RTP, por telefone, com atendimento de chamadas e envio de mensagens para conhecimento dos respectivos conteúdos a responsáveis do serviço público de rádio e ao Provedor.

Foi precisamente a propósito do meio telefónico que o Provedor do Ouvinte e o Provedor do Telespectador, Jorge Wemans, tomaram entre Abril e Maio de 2017 uma posição conjunta, pugnando pela possibilidade de os Ouvintes e telespectadores contactarem com a Rádio e Televisão de Portugal através de chamadas grátis.

«O contacto com a RTP por parte dos Ouvintes, como dos telespectadores, não deve comportar quaisquer encargos, designadamente através do uso do número 707 789 707 da Linha de Apoio da Rádio e Televisão de Portugal. Não se admite que o Provedor apele ao contacto dos Ouvintes, o que compreende o contacto telefónico, e que a ligação através da Linha de Apoio – bizarramente designada Contact Center – seja cobrada, mais ainda sem aviso expresso e claro dos custos, para o que não basta a referência ao "tarifário em vigor". Por se tratar de uma questão de gestão, o Provedor do Ouvinte dará conhecimento deste parecer conjunto à Administração da RTP».

Este parecer, com data de 27 de Abril de 2017, foi reafirmado em 14 de Dezembro último, dado que, entretanto, e ao contrário do que o CA sugerira em resposta aos Provedores, não se verificou qualquer alteração quanto ao pagamento das chamadas, tendo apenas sido alcançado um único objectivo: a linha deixou de ser chamada por *Contact Center* para se passar a designar Linha de Apoio.

No decurso do ano de 2017, foram dirigidas ao Provedor 803 mensagens dos Ouvintes, a grande maioria das quais enviada via Internet, num total de 658, representando cerca de 82 por cento. As mensagens enviadas por correio eletrónico totalizaram 139 (aproximadamente 17 por cento) e por correio postal foram recebidas apenas 6 comunicações.

Estas mensagens consistiram em queixas, críticas, sugestões, rectificações de erros, pedidos de informação ou de esclarecimento, protestos, afirmações de apoio, elogios a iniciativas, a programas e a profissionais do serviço público de rádio. O volume de críticas (43,8 por cento) e de queixas (35,6 por cento) dá o tom da intervenção dos Ouvintes; as mensagens de satisfação andam pouco acima dos dois por cento.

Os Ouvintes que escrevem ao Provedor são na maioria homens (73 por cento), na generalidade com idade entre os 35 a 44 anos e acima dos 65; a escolaridade declarada é alta.

Quanto à distribuição geográfica dos remetentes, estão representados todos os distritos do continente, a Região Autónoma dos Açores e a Região Autónoma da Madeira, e também chegou correspondência de fora de Portugal. No entanto, Lisboa domina o fluxo de mensagens ao Provedor (33,6 por cento), seguindo-se o Porto (14 por cento).

A Antena 1 domina na correspondência dos Ouvintes (48,7 por cento), seguida pela Antena 3 (11,6 por cento), a Antena 2 (4,9 por cento), a RTP Play (3,8 por cento). Também houve mensagens sobre a RDP Açores, RDP Madeira, RDP África, RDP Internacional, bem como acentuado volume de correspondência focando mais do que uma antena (9,3 por cento).

Foram ainda recebidas 134 mensagens telefónicas através da Linha de Apoio, não contabilizadas no cômputo geral estatístico, uma vez que se trata de

comunicações dirigidas a diferentes entidades da rádio e ao Provedor para conhecimento.

O número de mensagens ao Provedor durante o ano de 2017 supera largamente os dados dos últimos cinco anos e representa o dobro das mensagens recebidas em relação ao ano anterior de 2016 – os dados referentes a este ano foram coligidos especificamente para poder integrar o Relatório Estatístico elaborado pelo gabinete de apoio aos Provedores, publicado em anexo ao presente relatório.

Nestes 12 anos, desde que foi instituído o Provedor do Ouvinte, em 2006, até final de 2017, foram tratadas um total de 9837 mensagens dos Ouvintes.

Evolução anual das mensagens recebidas pelo Provedor do Ouvinte

2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
663	1387	983	1146	942	1017	680	469	569	761	417	803

3. Respostas do Provedor

Ouvir os Ouvintes implica necessariamente prestar-lhes atenção, dedicar-lhes tempo e responder-lhes com celeridade. Apesar das limitações de meios humanos já assinaladas, fiz questão de ser o mais rápido possível nas respostas aos Ouvintes pelo respeito que estes naturalmente me merecem.

Assim, no ano de 2017, o tempo médio de resposta do Provedor foi de 4,5 dias. Houve um considerável número de respostas dadas no próprio dia ou no dia imediato à recepção das mensagens.

De qualquer modo, em certos casos, a necessidade de fazer uma avaliação da situação descrita exige consultas a responsáveis ou a departamentos da empresa, demanda de dados ou de opiniões, ou investigação mais aturada, o que aumenta inevitavelmente o tempo de resposta aos Ouvintes. Contudo, é importante

também que seja prestada uma informação completa e coerente que ajude porventura o Ouvinte a perspectivar melhor a sua posição.

Além disso, após recolha de toda a informação relevante sobre uma determinada questão, o Provedor tem ainda de a analisar para emitir o seu parecer e transmiti-lo então aos Ouvintes. Várias mensagens receberam resposta através do programa *Em Nome do Ouvinte*.

Assim, no final do ano de 2017, encontravam-se por responder 20 mensagens de Ouvintes, pendentes quer de resposta das estruturas internas das estações de rádio do serviço público, quer também por remessa de informação complementar solicitada aos Ouvintes.

Do total de 803 mensagens recebidas em 2017 pelo Provedor, cinco não foram respondidas por serem de conteúdo incompreensível e quatro foram julgadas improcedentes pelos termos impróprios em que foram redigidas.

No entanto, o Provedor não se deve limitar a responder aos Ouvintes, antes deve tomar a iniciativa de questionar a rádio pública. Ao Provedor – como representante dos Ouvintes – cabe indagar junto da estrutura dirigente do serviço público de rádio sobre o modo como estão a ser satisfeitos os deveres decorrentes da lei geral e do Contrato do Serviço Público, assinado em 2015.

Por outro lado, alicerçada na experiência e saber dos primeiros titulares do cargo, José Paquete de Oliveira e José Nuno Martins, cabe ainda ao Provedor uma função pedagógica e de formação do cidadão como consumidor de rádio e de televisão.⁵

⁵ <http://media.rtp.pt/empresa/Provedores/estatuto-dos-Provedores/>

Para este efeito, o Provedor contou regularmente com a colaboração de dirigentes e estruturas do serviço público de rádio para a obtenção de dados e esclarecimentos que permitissem contextualizar as mensagens dos Ouvintes, dar-lhes resposta e propor soluções para eventuais problemas. O contacto foi mais frequente – e geralmente profícuo – com as Direcções da Antena 1, RDP África e RDP Internacional, da Antena 2, da Antena 3, dos centros regionais da Madeira e dos Açores, a Direcção de Informação, com o Responsável pelas rádios web, Jorge Alexandre Lopes, e com o Director da RTP Multimédia, João Pedro Galveias, com a Direcção de Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia e com técnicos do respectivo gabinete, com a Direcção de Relações Institucionais e Arquivo, com os Serviços Jurídicos. Também diversos profissionais da rádio, questionados perante questões específicas suscitadas por Ouvintes, se prestaram sempre a dar a melhor colaboração ao Provedor.

Embora esta prática tenha sido dominante na relação entre a empresa e o Provedor, denotam-se ainda deficiências no dever de colaboração, designadamente através da prestação e da entrega célere e pontual das informações e dos documentos solicitados, tal como decorre dos prazos legalmente determinados.

Gostaria ainda de assinalar que o Director do Gabinete de Assuntos Institucionais, José Lopes de Araújo, que faz a ligação entre os Provedores e a administração da empresa, foi de permanente disponibilidade e boa vontade para ultrapassar problemas, embora condicionado por razões de ordem financeira e administrativa.

II. Razões de queixa

Na impossibilidade de apresentar aqui todos os casos que os Ouvintes trouxeram à consideração do Provedor no decurso de 2017, optou-se por destacar aqueles que foram objecto de maior número de queixas ou que, pela sua natureza, merecem ser especialmente assinalados. Publica-se também em anexo um expressivo número de mensagens de Ouvintes e respostas do Provedor.

1. Humor e desamor

O humor constituiu, sem dúvida, o maior volume das mensagens ao Provedor do Ouvinte. Um reduzido número desses Ouvintes focou as suas críticas na evocada falta de qualidade deste ou daquele humorista. O esmagador volume das queixas dizia respeito ao conteúdo das rubricas de humor. Confrontados com tais críticas de Ouvintes, os directores da Antena 1 e da Antena 3, foram taxativos nas suas declarações:

Rui Pêgo, director da Antena 1, Abril de 2017: *«O humor é uma disciplina difícil, que trabalha na fronteira, muitas vezes invisível, entre a elegância e o mau gosto. Mas tem uma regra matriz que não pode ser atropelada: a liberdade».*

Nuno Reis, director da Antena 3, Abril de 2017: *«O humor é sempre sobre alguém ou alguma coisa, pelo que, em teoria, qualquer piada, por mais inocente que seja, tem sempre o potencial de indignar alguém. De qualquer forma, vivemos num país democrático, em que impera a liberdade de expressão e, como tal, os humoristas contratados pelo serviço público, gozam de liberdade editorial na escolha dos temas que abordam... E não existem tabus. Longe vão os tempos de censura oficial do antigo regime, como também da censura a Herman José.»*

Em matéria de liberdade de expressão e de criação, o Provedor do Ouvinte esteve frequentemente de acordo com os directores. Mas quando os chamados “limites do humor” pisaram o risco da perda do próprio humor, o Provedor criticou:

26 Maio 2017: «Os limites do bom senso e da decência foram ultrapassados na edição de 26 de Maio da rubrica *Beatriz Gosta: Uma exibição de obscenidade gratuita*».

A autora da rubrica veio a ser alertada pela direcção da Antena 3: «o uso de linguagem obscena não pode ser tolerado, sobretudo de forma gratuita e num horário matutino».

8 Dezembro de 2017: *O Provedor ouviu e analisou a referida rubrica [Mata-Bicho, de Bruno Nogueira, edição de 7 de Dezembro 2017] e considera que o respectivo conteúdo substitui o humor pelo mau gosto e a grosseria. Trata-se de um desempenho básico, desordenado, mal informado e preguiçoso que perde a graça e não ganha nada em troca. A rádio pública do estado democrático e laico que é Portugal não pratica censura e proporciona a liberdade de expressão aos seus colaboradores. Mas o humor em liberdade tem como limites naturais o bom gosto e a consideração do auditório a que se dirige.*

Sobre o tema do humor, e tendo em conta o volume de queixas de Ouvintes a esse respeito, o programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, pôs o humorismo actual em debate, com intervenções de criadores – Bruno Nogueira, Patrícia Castanheira – e de observadores – o sociólogo Gustavo Cardoso e o bispo Dom Januário Torgal Ferreira.

Em fases mais acesas das críticas de Ouvintes houve quem reclamasse do Provedor a abertura de um processo disciplinar contra um humorista, ao que o Provedor explicou que não tem, nem admite ter, poderes disciplinares.

Uma Ouvinte chegou a declarar na sua queixa que os excessos dos humoristas estavam a tornar evidente «*a falta que o fascismo faz a Portugal*». Uma outro

Ouvinte propôs na queixa que apresentou que o serviço público de rádio procedesse a «*uma pequena edição nas faixas* [de certas gravações musicais] *para censurar essas palavras* [consideradas impróprias pelo autor da queixa]».

O Provedor rejeitou sem margem para qualquer dúvida toda e qualquer sugestão que envolva o uso de mecanismos de censura: *As rádios do serviço público jamais transmitirão faixas de discos previamente reeditadas e "censuradas" de algumas palavras*, assumiu o Provedor na resposta ao respectivo Ouvinte.

2. Informação e isenção

Outro dos temas que mais concentrou queixas de Ouvintes foi a informação – o rigor da informação, a isenção dos jornalistas. O Provedor confrontou com certa frequência a Direcção de Informação (DI) com o conteúdo de queixas de Ouvintes e a DI, quando assim o entendeu, não hesitou em conciliar: «*o Ouvinte tem razão*».

O erro é próprio do ser humano e o jornalista não fica acima dessa condição e é susceptível de errar. Outra coisa será o jornalista desviar-se deliberadamente da técnica e da deontologia da profissão para produzir informação errónea, manipulada. O Provedor não chegou jamais a uma conclusão no sentido de identificar casos de manipulação, embora Ouvintes tenham criticado, em queixas, erros, desacertos, equívocos nas notícias, por vezes de forma continuada por parte de certos jornalistas e observadores.

Um caso singular, em matéria de queixas sobre a informação, deu-se quando a Antena 1 transmitiu uma série de seis reportagens do jornalista José Manuel Rosendo, evocando a Guerra dos Seis Dias. Logo no dia do primeiro episódio, um Ouvinte queixou-se: «... *pululam na comunicação social uns repórteres e comentadores que sistematicamente descrevem a situação no Médio Oriente como uma "campo de concentração" e outras barbaridades criadas por israelitas*,

quando a realidade desmente completamente a visão enviesada que gostam de reportar. É exemplo disso a reportagem de hoje do vosso enviado a Jerusalém.»

O Provedor deixou a série de seis reportagens chegar ao fim e respondeu então ao Ouvinte: *«O senhor Ouvinte fez a avaliação do trabalho do repórter logo no primeiro episódio, manifestando o seu "mais veemente repúdio pela forma como tem sido recordada" a Guerra dos Seis Dias, o que, no entender do Provedor, foi precipitado e injusto.»*

O Ouvinte replicou ao parecer do Provedor: *«No caso vertente, dou-lhe alguma razão nas suas observações. De facto nas reportagens seguintes o tema e o tom não foi bem o mesmo (...) Também tinha boa impressão do JM Rosendo, se a memória não me falha, pelas reportagens que fez em Timor na altura das votações para a independência. (...) A continuação desta conversa levar-nos-ia bastante longe, mas reconheço que não há tempo para tudo. Foi um prazer, continuação de bom trabalho e já agora peço-lhe para não ceder ao "politicamente correcto" que, por todo o lado, infecta os media».*

E no programa do Provedor, o repórter José Manuel Rosendo dirigiu-se directamente ao Ouvinte queixoso: *«Eu tenho todo o respeito pela crítica dos Ouvintes e é bom que os Ouvintes estejam atentos... Mas também gostava de dizer que o Ouvinte tem que ter confiança nos jornalistas. Falo por mim. Eu tento fazer as minhas reportagens da forma mais rigorosa e honesta possível. Sendo que, quando nós identificamos problemas, quando relatamos situações que temos à nossa frente, que podemos observar, o facto de essas situações favorecerem ou desfavorecem os protagonistas que estão no terreno isso não significa que nós sejamos parciais. Significa que aquela é a realidade que nós encontramos».*

3. Opinião e pluralismo

Muito associadas às queixas na área da informação, são ainda mais frequentes as críticas em matéria de comentário e exercício da opinião. "A *opinião é livre*", não se cansou de proclamar o Provedor, em resposta a críticas de Ouvintes. Mas, neste domínio, e para além da marcação cerrada a alguns comentadores, por parte de Ouvintes, isolados ou eventualmente em grupo, o maior volume de queixas disse respeito à composição dos painéis de observadores.

Em Julho de 2017, confrontado com a crítica de um Ouvinte, o DI observou que determinado painel de comentadores representava o círculo das opiniões.

O Provedor discordou e escreveu ao Director: *(...) os participantes não pensam todos exactamente do mesmo modo mas andam muitíssimo perto uns dos outros. É um pluralismo muito afunilado no chamado "bloco central" que quase se limita a debater maneiras de ver dentro de um ponto de vista comum.*

Em Novembro, o assunto voltou à actualidade, desta vez a propósito de um programa da Antena 2. O respectivo director esgrimiou com a largueza, «*da esquerda à direita*», do espectro ideológico e político representado num painel de três comentadores.

O Provedor replicou: *(...) não é propriamente um painel "da esquerda à direita", como diz o senhor director, mas uma paleta de uma esquerda da direita a uma direita da esquerda, o que afunila muito o espectro da realidade política, ideológica, sociológica e social. É uma realidade virtual criada nos meios de comunicação, que vem do tempo do "Flashback", depois "Quadratura do Círculo", que politicamente criou cenários artificiais, preconceituosos e antidemocráticos como "o arco do poder" ou "o arco da governação" e outros cenários do arco-da-velha.*

4. Futebol: relato versus comentário

Na área da informação desportiva, o futebol é rei das críticas dos Ouvintes pelas razões mais variadas e nem todas atendíveis. A paixão que o futebol desperta também se revela no volume de queixas de teor essencialmente clubístico.

Houve, porém, uma questão que mereceu um parecer do Provedor, cuja promessa de concretização continua à espera de ser saldada.

Em Maio, um Ouvinte queixou-se ao Provedor dos «*comentários prolongadíssimos*» durante os relatos de futebol. E acrescentava o Ouvinte: «*quando diziam, e bem, que os locutores eram os nossos olhos para "vermos" o jogo, eis que essa visão (...) nos é retirada por comentários dispensáveis*».

O Provedor esteve de acordo, lançou a palavra-de-ordem "mais relato, menos comentário" ao longo dos 90 minutos, o director-adjunto de Informação que tutela as transmissões desportivas, Paulo Sérgio, esteve de acordo mas avisou desde logo: «*vai levar o seu tempo*».

<p>Em Outubro e Dezembro, o Provedor teve que relembrar a divisa remetida para as calendas: mais relato, menos comentário, nos 90 minutos de um jogo de futebol, para que a voz do relator seja de novo "os olhos do Ouvinte".</p>
--

5. A Música da *Playlist*

O confronto entre os deveres da qualidade e o de alcançar amplas audiências colocou-se quando o Provedor, dando seguimento a múltiplas queixas de Ouvintes, realizou uma série de seis programas sobre a música que passa na Antena 1 e a respectiva Lista Organizada de Difusão Musical ou Difusão Musical Organizada em Lista ou, ainda, Lista de Execução Musical. É aquilo a que vulgarmente se chama *playlist*, uma constante razão de queixas dos Ouvintes.

A primeira e mais categórica denúncia do sistema da *playlist* foi feita por Fernando Quinas, realizador e locutor de rádio, recentemente falecido, que começou a carreira no velho Rádio Clube Português. Disse Fernando Quinas que quando chegou à rádio existiam listas de discos proibidos, depois, com a *playlist*, passámos a ter discos obrigatórios. Fernando Quinas faleceu já neste ano de 2018. Fica aqui expressa a homenagem do actual Provedor do Ouvinte a este homem da rádio.

Na primeira quinzena de Junho de 2017, a lista em vigor – a que o Provedor teve acesso mediante pedido à direcção da Antena 1 – incluía 508 títulos, entre os quais 50 canções que passaram mais de dez vezes em 15 dias. A Antena 1 transmite 45 a 50 canções por dia; a *playlist* roda com frequência; haverá canções que entram na *playlist* mas nem chegam a ir para o ar.

Cada rádio tem o direito e o dever de definir o seu perfil, do qual a música faz parte essencial. Diz um documento da RTP que as músicas e os musicais preenchem mais de metade dos tempos em antena nas rádios.⁶ Para a definição do perfil musical, a *playlist* será um útil instrumento técnico. O problema, a havê-lo, não está no instrumento. Está no conteúdo da lista.

⁶ Relatório de Cumprimento das Obrigações de Serviço Público da RTP 2016

Na *playlist* activa – isto é, a lista das canções que passavam efectivamente e com mais frequência em antena –, que esteve em vigor na primeira quinzena de Junho, 23 canções eram oriundas de bandas sonoras de telenovelas exibidas desde o ano passado, ou ainda em exibição. Já houve tempo em que as novelas vinham buscar êxitos musicais à rádio. Agora, a rádio pendura-se no sucesso de audiências das novelas da TV. E como diversas estações seguem a mesmíssima receita, aí temos «*as rádios cada vez mais parecidas umas com as outras*», como se queixou uma Ouvinte. Acontece que o serviço público de rádio tem particulares deveres que o obrigam a ser diferente das outras rádios.

O Provedor realizou uma série de seis programas sobre a música e *playlist* da Antena 1. O Director-adjunto, Ricardo Soares, responsável pela lista de difusão musical, recusou terminantemente que a mesma seja uma modalidade encapotada de censura. «*Ninguém é excluído*», garantiu, embora admitindo que possa haver na elaboração da lista «*alguma subjectividade*».

A *playlist*, enquanto instrumento de trabalho, poderá ajudar a objectivar as escolhas subjectivas. Mas, se a lista for encarada não como um meio mas como um fim, o resultado será certamente muito diferente, e ficará longe dos propósitos de um serviço público.

A série de programas sobre a música e a *playlist* na Antena 1 incluiu entrevistas, além do responsável pela lista, com protagonistas de programas de autor, nessa qualidade isentos de seguir a *playlist*, como Edgar Canelas, Armando Carvalheda, David Ferreira e José Duarte. Na qualidade de mais velho, cito José Duarte em nome de todos: «*Eu detesto playlists... são um colete-de-forças que se está a vestir ao autor... portanto não gosto*».

Nas voltas da *playlist* registou-se um facto insólito, que foi a transmissão, por obra e graça da *playlist*, da canção dos UHF “Brincar no Fogo”, mesmo em cima

das notícias das 10 da noite, em 18 de Junho de 2017, com o País em estado de choque pelo incêndio e os mortos de Pedrógão Grande.

O Provedor, que também é Ouvinte, queixou-se deste efeito perverso da existência e do carácter imperativo da execução da *playlist*: a canção tinha dia e hora marcada na lista de difusão. Em resposta à queixa do Ouvinte / Provedor, a direcção da Antena 1 reconheceu e lamentou o sucedido.

No final da série de programas, o Provedor tirou conclusões: As regras da Antena 1 para a difusão musical respondem a todos os imperativos da lei, embora correspondam também a ofertas e pressões do mercado. Mas a radiodifusão portuguesa do serviço público, por acréscimo da Lei portuguesa da Rádio, tem também o dever da "qualidade", que nem sempre se conforma com os imperativos do "mercado". Assim, a *playlist* poderá fazer sentido desde que estes princípios e deveres do serviço público sejam respeitados e a qualidade acautelada.

6. Má recepção da rádio

Um dos motivos recorrentes de queixa por parte dos Ouvintes prende-se com as deficientes condições de recepção ou mesmo breves interrupções de difusão do serviço público de rádio, seja no território nacional ou no estrangeiro, seja quanto à Onda Média ou à rede de FM.

Em Outubro passado queixava-se um Ouvinte ao Provedor: *«Vivo em Almada, aqui ao lado, e recebo com muito má qualidade a emissão da Antena 1»*. Esta é uma situação deveras preocupante e que motivou uma maior intervenção por parte do Provedor em busca de esclarecimentos e de soluções para este grave problema.

A resposta do director dos Serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia (DEST), Carlos Gomes, a um pedido de esclarecimento para habilitar o Provedor a responder à queixa de um Ouvinte, permitiu ficar a saber, já em Janeiro de 2018, que a RTP não vai investir na Onda Média *«até ver»*. A questão é que *«desde 2008 a empresa tem vivido com fortes limitações financeiras»* e, nesse contexto, a decisão tem sido a de *«canalizar recursos para a rede de FM, em detrimento da OM»*. Porém, a rede de FM foi objecto de 29 queixas dirigidas por contactos directos para o Gabinete da DEST em 2017, o que revela que a suposta precedência dada à FM, em detrimento da Onda Média, não está a produzir efeitos.

Analisaremos já de seguida o estado da arte neste domínio e o impacto que tal tem no serviço público de rádio.

III. Serviço público de rádio em causa

1. Rede de emissores

A rádio pôs São Gabriel no mapa, como localidade do colonato de Pegões, freguesia de Canha, concelho do Montijo, distrito de Setúbal. Daquele ponto do mapa-múndi, como se pode ver representado num mural colocado sobre a porta de acesso à ampla divisão dos emissores, irradiavam para todo o planeta as ondas da *Voz de Portugal*, mais tarde da RDP Internacional. Era Pegões no centro de um mundo atravessado pela irradiação das Ondas Curtas da rádio portuguesa. Mas também foi a rádio que reduziu a localidade de São Gabriel a uma mera tabuleta que aponta para o nada à beira da estrada – casas desfeitas, vandalizadas, a pequena igreja sem santos nem fé, a escola sem crianças nem alegria, a mercearia vazia, o salão sem festas, São Gabriel sem povo e sem alma.

E em frente de São Gabriel, do outro lado da Estrada Nacional Nº 10, o Centro Emissor de Ondas Curtas (CEOC) da RDP. No dia da visita do Provedor do Ouvinte, em 2 de Novembro de 2017, já tinham caído, no muro das instalações, ao lado da recepção e do portão, cinco letras ao nome do CEOC, com as ondas curtas suspensas para avaliação havia seis anos.

E, entretanto, sem base em qualquer acto político ou administrativo tornado público, a Onda Curta tinha transitado de suspensa a extinta. O Centro de Emissores de Pegões – 94 hectares de terreno, amplas instalações construídas, tecnologia acumulada ao longo de décadas, uma aldeia abandonada – está à venda e entretanto começaram também a ser vendidas instalações de desactivados centros emissores de Onda Média.

A DEST, na resposta ao Provedor acima indicada, fez questão de sublinhar que *«todos os operadores de rádio estão a abrandar a operação em OM»*. Como

anteriormente tinha frisado que todos os operadores tinham cessado a operação em Ondas Curtas. A questão é que, entre todos os operadores de rádio, cabem deveres particulares àquele que tem um Contrato de Serviço Público e recebe uma parte da Contribuição para o Audiovisual (CAV).

A Onda Média estará a seguir o caminho da Onda Curta, na morte lenta provocada pela asfixia do desinvestimento, nos termos de decisões não assumidas nem tornadas públicas oficialmente. Constitui um acto perverso e desleal o modo como foi extinta a Onda Curta, enquanto em relação à Onda Média a decisão será a de deixar cair e não levantar. Restaria a FM, Frequência Modulada ou Modulação em Frequência, o sobrevivente em Portugal à morte lenta da radiodifusão por via hertziana, se bem que também alvo de queixas dos Ouvintes por má recepção.

O presidente da Rádio e Televisão de Portugal, Gonçalo Reis, respondeu ao Provedor, e por intermédio do Provedor aos Ouvintes, em entrevista e também através de uma declaração escrita para o programa *Em Nome do Ouvinte*. Mas o Provedor não pode deixar de registar que ficaram sem resposta diversas perguntas sobre quem, quando, perante que razões, em que termos, foi extinta a Onda Curta da RDP. Publicamente, o que se sabe é que a Onda Curta foi suspensa em 2011. Situação típica: as emissões foram suspensas provisoriamente, para avaliação, sem data marcada, mas um dia as coisas precipitaram-se, ninguém tomou decisões, mas as decisões apareceram tomadas.

O Provedor deixou bem claro, no programa de 17 de Novembro de 2017, que não faz da Onda Curta e do Centro de Emissores de Pegões qualquer espécie de cavalo-de-batalha. Mas é indiscutível que há neste caso uma questão de transparência a resolver. E nessa medida, *Em Nome do Ouvinte*, o Provedor continuará a fazer perguntas e a reclamar respostas, como é de seu direito e seu dever.

2. Rádio partilha com televisão

O Ouvinte que se queixou em 27 de Abril de 2017 da intervenção de um repórter da Antena 1 em Almeida, sobre o descontentamento da população pelo anunciado encerramento da agência da Caixa Geral de Depósitos, não imaginaria que estava com a sua queixa o tocar um ponto altamente sensível da situação do serviço público de rádio em Portugal.

«Como a Antena 1 perde um Ouvinte», titulava o queixoso. E descreveu: «A abertura da notícia dava-nos conta que um grupo de pessoas, incluindo alguns autarcas, tinha invadido as instalações do referido banco. Pouco depois, num (suponho que) falso directo, o repórter da rádio dá antena a uma mulher, manifestante e indignada. E manifestamente patusca e exagerada. Disse a senhora – e o jornalista transmitiu – que "nos querem matar" e que lhes vão "roubar o dinheiro"... Passei imediatamente o aparelho do carro para o modo USB, onde tenho as minhas músicas... Não haveria no local quem entrevistar e que dissesse qual era, na realidade, o motivo da manifestação?»

A "popular" ouvida em Almeida pelo repórter local gritou para o microfone do gravador o seguinte desabafo que foi para o ar, em diferido, a partir dos estúdios de Lisboa: *«Porque é que os velhos não têm direito à vida? Querem-nos matar! Eu já lhe disse: querem fechar também as portas da vila e fecharem-nos cá dentro para nos matarem à fome? Já que nos tiram os ordenados, tiram-nos o dinheiro... agora quero ver o que é que fazem com os velhos que assim não nos pagam as reformas.»*

O "som" enviado de Almeida para Lisboa ainda incluía um rodapé do repórter local: *«são expressões que vão sendo ouvidas por aqui enquanto se aguardam notícias para ver como vai terminar este impasse.»*.

O Ouvinte tinha razão na sua queixa mas levou tempo a averiguar com rigor os factos relacionados com os acontecimentos. Mesmo assim, a resposta à queixa de 27 de Abril foi dada, com pedido de desculpas do Provedor pelo atraso, a 11 de Maio de 2017.

Os protestos e ocupação do balcão da CGD em Almeida foram tema de abertura nos noticiários das 18h, 19h, 20h e 21h do dia 26 de Abril. Em todas as edições, foram apresentados dados da notícia antes de passar a palavra ao repórter local que, trabalhando simultaneamente para a rádio e para a televisão do serviço público, tinha que gravar o seu testemunho para a Antena 1 e enviá-lo um pouco antes da hora certa, para poder estar disponível para as intervenções, preferencialmente em directo, na RTP 3 e RTP 1.

O contexto da declaração da “popular” registada pelo repórter local envolvia um ambiente altamente mediatizado. Os protestos desmobilizaram-se logo depois dos directos nos telejornais.

Os resultados da investigação – muito bem apoiada pela Direcção de Informação, José Guerreiro, director-adjunto, depois o próprio director, João Paulo Baltazar – foram comunicados ao Ouvinte que agradeceu: «Obrigado pelo trabalho que dedicou à minha queixa». O Provedor espera, afinal, que a Antena 1 não tenha perdido um Ouvinte informado e interventor.

Uma das primeiras queixas que o Provedor apreciou tinha a mesma raiz, os repórteres partilhados pela rádio e a televisão do serviço público. E o Ouvinte que se queixou ao Provedor em 7 de Fevereiro de 2017 – obtendo resposta do actual Provedor em 17 de Março – apenas inquiria sobre a razão pela qual a rádio deixara de prestar informação de trânsito durante o fim-de-semana.

Após consulta ao director da Antena 1, o Provedor apurou que a rádio dispunha de quatro elementos para o serviço de trânsito durante a semana, que prestavam igualmente serviço para a televisão. Ora essas quatro pessoas, recrutadas e

formadas pela Antena 1 para a informação do trânsito, trabalhavam para o ramo da televisão precisamente ao fim-de-semana, folgando nos dois dias imediatos por conta da rádio.

A direcção da rádio, tal como o Provedor, considerou que a informação de trânsito ao fim-de-semana «será um serviço público que só não está a ser cumprido por razões de falta de meios humanos habilitados».

E o Provedor acrescentou, na resposta ao Ouvinte, que o problema seria solucionado assim que a rádio do serviço público conseguisse os meios humanos necessários para garantir uma informação específica de qualidade e credibilidade.

Em Setembro, em entrevista ao programa do Provedor, o Director de Informação, João Paulo Baltazar, revelou que tinha procurado, em diálogo com o Director de informação da TV, Paulo Dentinho, estabelecer um critério para o recurso a repórteres locais comuns para a rádio e a televisão. O critério encontrado foi dar prioridade a quem pede primeiro. Adiante ficaremos a saber o que significa este critério acordado.

«P - Como está a cobertura do País por correspondentes e repórteres locais da rádio do Serviço Público?

«R - *Está... longe daquilo que seria desejável... Nalguns locais ... os jornalistas trabalham para a rádio e para a televisão... com resultados que muitas vezes penalizam a Rádio.*

«P - Isto é um pequeníssimo exemplo de como a TV vampiriza a Rádio (como disse o presidente da ERC, Carlos Magno)?

«R - *Nós temos procurado manter um diálogo muito intenso com a DI da Televisão para que o critério seja este: quem pede primeiro tem prioridade...*

«P - Quem pede primeiro o quê?

«R - *Quem telefona a um correspondente e lhe diz "avança para tal sítio"... É uma solução de compromisso, de bom senso... Como é evidente, o cenário ideal ... seria equipas de rádio e de televisão.*

«P - A rádio é parente pobre no seio da Rádio e Televisão de Portugal?

«R - *Sinto que devia haver uma maior atenção ao meio rádio no contexto da empresa ... Não vou escamotear que isso é um problema: com esta integração da RTP e RDP ... digamos que o saldo não é muito positivo para a Rádio.»*

Uma série de programas do Provedor sobre meios humanos e materiais necessários para que a rádio cumpra as obrigações do serviço público incluiu entrevistas com o Director de Informação, comum a todas as antenas, com os responsáveis pela Antena 1, Antena 2 e Antena 3, e encerrou com uma entrevista ao presidente do Conselho de Administração da RTP.

A palavra que os directores mais comumente usaram para falar na política financeira da Rádio e Televisão de Portugal em relação ao meio rádio foi “desinvestimento”. Ora isso não pressupõe simplesmente um meio desfavorecido pelo destino, pelas agruras da sorte, mas deliberadamente afectado, sistematicamente prejudicado.

IV. Em nome dos Ouvintes

O Provedor situa-se entre os Ouvintes e o serviço público de rádio. E ao assumir o cargo, o actual Provedor entendeu como sua missão prioritária, seguindo os termos da lei, representar os Ouvintes e intermediar a respectiva relação com a rádio do serviço público. E, de forma acessória, promover as características e potencialidades do meio rádio. Nada pode servir melhor os interesses dos Ouvintes que uma forte e sempre melhor rádio do serviço público, a única rádio em Portugal com recurso dos Ouvintes para um Provedor.

Nas primeiras intervenções do Provedor, designadamente no programa *Em Nome do Ouvinte* – cuja primeira edição da V Série foi para o ar em 7 de Abril de 2017 – foram evocadas diversas figuras da história e da cultura da rádio como Fernando Pessa, Igrejas Caeiro, Fernando Curado Ribeiro, Luís Filipe Costa, Clarisse Guerra. Esta locutora – a única voz feminina a ler um comunicado do Movimento das Forças Armadas na histórica emissão da Rádio Clube Português de 25 de Abril de 1974 –, teve a sua voz “resgatada” pelo programa do Provedor do Ouvinte: em 1974, leu um comunicado do MFA por sugestão e pressão de Joaquim Furtado, apesar da opinião contrária de militares ocupantes do RCP; o comunicado com a sua voz não foi repetido e nem sequer apareceu nas evocações históricas da data; também não existia – mas passou a existir – cópia daquele registo nos arquivos de rádio da RTP.

Outra forma de o Provedor valorizar e divulgar as características e a cultura radiofónicas foi a frequente citação, nos primeiros programas, de passagens de textos literários com alusões à rádio – Manuel da Fonseca, David Mourão Ferreira, Bertolt Brecht, Erskine Caldwell, Gabriel Garcia Márquez, Woody Allen. Tratava-se, em suma, de reviver o melhor dos *Dias da Rádio*.

Sendo o Provedor um homem do meio radiofónico, o programa *Em Nome do Ouvinte* não poderia deixar de ser senão assumidamente um programa de rádio. Em 2017, na V Série de programas do Provedor do Ouvinte, foram para o ar 29 edições de *Em Nome do Ouvinte*, disponíveis na RTP Play.⁷

O Provedor tem a já mencionada função pedagógica: os Ouvintes apresentam as queixas, críticas, sugestões ou pedidos de esclarecimento; o Provedor deve investigar, analisar, enquadrar e responder, procurando fazer compreender as causas.

Deste modo, o Provedor crê estar a contribuir para ajudar os Ouvintes a compreender a situação da rádio de serviço público, acrescentando alguma razão estrutural à razão factual denunciada pelos Ouvintes, fornecendo-lhes, quando tal é possível, enquadramento aos seus protestos. E alertando-os, quando tal se impõe, para os riscos que afectam o serviço público de rádio.

⁷ <http://www.rtp.pt/play/p3388/em-nome-do-Ouvinte-o-programa-do-Provedor-do-Ouvinte-v-serie>

V. Defender o serviço público de rádio

O melhor que o Provedor tem e pode fazer pelos Ouvintes é ajudá-los a aperfeiçoar o serviço público de rádio. Este deverá ter as condições necessárias para cumprir as obrigações que lhe são impostas por lei, designadamente a implantação nacional e a oferta diversificada.

No conjunto das diversas antenas, a rádio tem de apresentar programação para a cultura, a língua e a música portuguesa. Podem ser-lhe pedidas contas quanto ao que faz a favor da autonomia regional e da coesão nacional. Deverá ter meios para responder a obrigações para com as comunidades imigrantes em Portugal, assim como para as comunidades de portugueses emigrados. Tem que ser um serviço público pronto e apto a responder a situações de emergência. Pode conter programação específica sobre dignidade, igualdade, solidariedade e liberdade da pessoa humana.

Algumas decisões poderão estar a pôr em risco os meios necessários ao serviço público de rádio para cumprir de modo eficiente todos os seus desígnios.

Nenhuma rádio, nenhuma programação, por si só, conseguirá chegar simultaneamente a todos os portugueses. Mas a diversificação dos conteúdos no serviço público de rádio – como múltiplas são as frequências e variados os suportes e meios de difusão da rádio – vai ao encontro de diferentes públicos e inclusive do não público da radiodifusão, aumentando pela oferta diferenciada da rádio a procura dos Ouvintes.

É também por esta ordem de razões que o Provedor deve estar particularmente atento e ser actuante em relação à salvaguarda das condições para que o serviço público de rádio cumpra o seu dever. Uma rádio debilitada em meios humanos,

como em meios técnicos e tecnológicos, estará mais longe dos requisitos necessários para cumprir os termos do Contrato do Serviço Público.

Claro que a prestação do serviço público encerra em si mesmo alguns desafios e o primeiro resulta desde logo do dever de garantir o acesso de todos à informação, à educação e ao entretenimento de qualidade, nos termos da Lei da Rádio. O serviço público de rádio tem, em simultâneo, o dever da qualidade e o de atingir amplas audiências. Isto não é um dilema, mas antes um estímulo. E o Provedor está envolvido: é a esta instância que chegam as queixas e sugestões dos Ouvintes sobre os conteúdos difundidos e a respectiva forma de apresentação.

Mas não basta que se reconheça, quando é caso disso, a razão dos Ouvintes. É necessário que ao admitir erros, insuficiências, fragilidades, os responsáveis nos mais diversos níveis se disponibilizem para fazer as coisas de outro modo e melhor. E que o façam, para além das declarações de intenções. Há que dizer que a rádio do serviço público é muito lenta a concretizar respostas aos problemas, mesmo com razões apuradas e com soluções em cima da mesa.

É premente reverter a política de desinvestimento no serviço público de rádio, agravada ainda pela parceria desequilibrada com a televisão. Sem medo das palavras, o anterior presidente da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, Carlos Magno, disse com todas as letras, em Fevereiro de 2014, que a rádio estava «*a ser vampirizada pela Televisão*».

Sílvio Correia Santos, professor na Universidade de Coimbra, investigador na área da Comunicação, escrevera já que a RDP fora «*engolida*» no processo da integração com a Radiotelevisão Portuguesa. E entrevistado no programa do Provedor do Ouvinte reafirmou a adequação do termo usado.

O Director da Antena 1, Rui Pêgo, não foi tão radical. Mas no testemunho ao Provedor não deixou de admitir que «o *saldo poderia ser francamente positivo*». Poderia... mas não é.

«Quando tomamos em consideração os investimentos técnicos e tecnológicos feitos na rádio e na televisão – resumiu Rui Pêgo –, torna-se evidente que a diferença de tratamento entre os dois meios, com a clara desvalorização da Rádio, não é consentânea com a performance deste meio e a importância que tem como factor de coesão nacional e de "último elo" de ligação com as populações em caso de catástrofe... O saldo poderia ser francamente positivo se a integração tivesse sido equilibrada e a repartição dos esforços financeiros justa.».

O presidente do CA, Gonçalo Reis, vogal à época da integração da rádio na sigla da televisão, em 2004, respondeu ao Provedor que na família RTP os dois meios – rádio e televisão – «são irmãos», embora admitindo que um dos dois "irmãos" poderá ter que ser protegido: *«Como tradicionalmente a televisão em Portugal tem tido muitos meios, eu até diria que nós estamos abertos a uma discriminação positiva para a rádio e para o online porque são meios que nessa medida têm que ser protegidos.»*

É visível que enquanto um irmão engorda, outro emagrece, e a rádio tem vivido numa escassez de meios conflagradora que ameaça o seu presente e o seu futuro imediato. O Director de Informação revelou ao Provedor que, durante os anos da austeridade, a rádio do serviço público perdeu 50 jornalistas. O Director da Antena 2 contabilizou que nesse período a estação passou de 40 para 20 pessoas. Por sua vez, o Director da Antena 1 adiantou que *«a rádio tem algumas fragilidades comuns às diferentes antenas, designadamente debilidades nas redes de difusão; desconformidades tecnológicas nos estúdios, com acentuado défice na resposta às necessidades e exigências atuais; deficiências acentuadas nos meios móveis que condicionam a actividade»*. O Director da Antena 3

também atribuiu ao *desinvestimento* a raiz daquilo que a rádio da *cultura pop* queria ter e não tem. A rematar esta série de entrevistas, o Presidente do CA reconheceu que «*aquilo que os directores dizem é correcto, no sentido em que os diagnósticos estão feitos, nós agora temos é que ter os meios*».

Para este ano de 2018, a proposta de Plano de Actividades apresentada pela Administração da empresa RTP prevê criar uma estratégia digital (algo tardiamente, diga-se), intervir de forma cirúrgica nas redes de emissores de FM (o estudo sobre as redes de emissores existe mas não chegou a ser calendarizado) e iniciar a reestruturação dos estúdios, em vias de falência de condições técnicas e de capacidade operacional.

Questões urgentes, sem dúvida, algumas delas vêm sendo adiadas de ano para ano. Mas é difícil crer que estas intenções venham a sair do papel e sejam finalmente concretizadas na temporada em que a Rádio e Televisão de Portugal conta entre os seus encargos com o Eurofestival da Canção e a transmissão do Mundial de Futebol.

O caminho para o futuro reclama uma estratégia ajustada à defesa do serviço público de rádio e ao cumprimento escrupuloso dos termos do contrato de concessão, e não pode fazer-se sobre a terra queimada pelo desinvestimento, que resulta na falta de meios financeiros para sustentar a Onda Curta, que justifica que se deixe cair a Onda Média para dar precedência às redes de FM, as quais correm também o risco de no futuro próximo se degradarem ao extremo e serem por esse motivo desligadas.

E que fica depois? Uma espécie de rádio sem lei, sem deveres e sem direitos, sem orçamento e sem pessoal, sem redes e sem estúdios, sem distribuição e sem marca.

Uma questão essencial para a afirmação do serviço público de rádio, além da regeneração urgente das redes de emissores, do equipamento dos estúdios e da

requalificação dos meios móveis, é a imposição no mercado e no auditório da marca da rádio. E essa marca existe, está registada e escreve-se com três letrinhas apenas: RDP.

A marca, porém, perdeu visibilidade e confunde-se no jogo de siglas de RDP com RTP – na dupla leitura desta sigla: Radiotelevisão Portuguesa e Rádio e Televisão de Portugal. Não é fácil perceber que a RTP também produz rádio. E que essa rádio é a RDP.

Entrevistado para o programa do Provedor do Ouvinte, o professor Sílvio Correia Santos lamentou que a rádio tenha vindo a deixar cair essa marca: *«Eu pessoalmente tenho pena que a marca RDP se tenha esbatido – confessa o professor de Coimbra. – Mas, lá está, eu não tenho uma perspectiva meramente de investigador sobre isso. Eu na altura trabalhava na RDP, portanto tenho também uma grande proximidade afectiva com a marca RDP. Mas do ponto de vista daquilo que eu acho que são boas práticas em termos de gestão da marca seria interessante a manutenção da marca RDP. Mas ao pensarmos num operador integrado, tem sentido que tudo gire à volta de uma sigla que é Rádio e Televisão de Portugal.»*

Não deixará de aumentar a confusão e de comprometer séria e talvez definitivamente a afirmação da marca RDP um propósito anunciado pelo Conselho de Administração da Rádio e Televisão de Portugal, na proposta de Plano de Actividades apresentada pela Administração para 2018, de criar *«um padrão da marca RTP, de modo a garantir dignidade institucional à presença pública das diferentes rádios»*.

Ora esta intenção afigura ser violadora da legislação em vigor, uma vez que o n.º 2 do artigo 2.º da Lei n.º 8/2007, de 14 de Fevereiro, alterada por último pela Lei n.º 39/2014, de 9 de Julho, determina que *«São mantidas as marcas*

RDP e RTP associadas, respectivamente, à prestação do serviço público de rádio e de televisão».

Para dar cumprimento a esta exigência legal, deveria ser projectada uma actividade precisamente em sentido contrário, isto é, reabilitando para as rádios do serviço público a marca registada RDP.

Pespegar um autocolante sobre a marca da rádio, à semelhança do que se fez com os carros de reportagem, não trará seguramente dignidade institucional acrescida às diferentes rádios do serviço público.

O actual Provedor do Ouvinte apresentou-se disponível para corresponder ao desafio de exercer o cargo com a sua experiência profissional e defendendo com convicção os Ouvintes e o serviço público de radiodifusão. Esta não é uma rádio qualquer. Não é comparável às outras, pelas responsabilidades de serviço público que tem e que, por isso mesmo, a tornam incomparável.

O melhor que o Provedor pode fazer pelos Ouvintes é ajudá-los a contribuir para que tenham uma rádio de serviço público melhor, que corresponda cada vez mais aos anseios e expectativas de estratos diversificados da população portuguesa. Uma rádio ao serviço deste povo que habita e trabalha em Portugal e no mundo inteiro.

É, pois, no País e no mundo inteiro que a rádio do serviço público tem de o procurar.

Lisboa, 30 de Janeiro de 2018

João Paulo Guerra

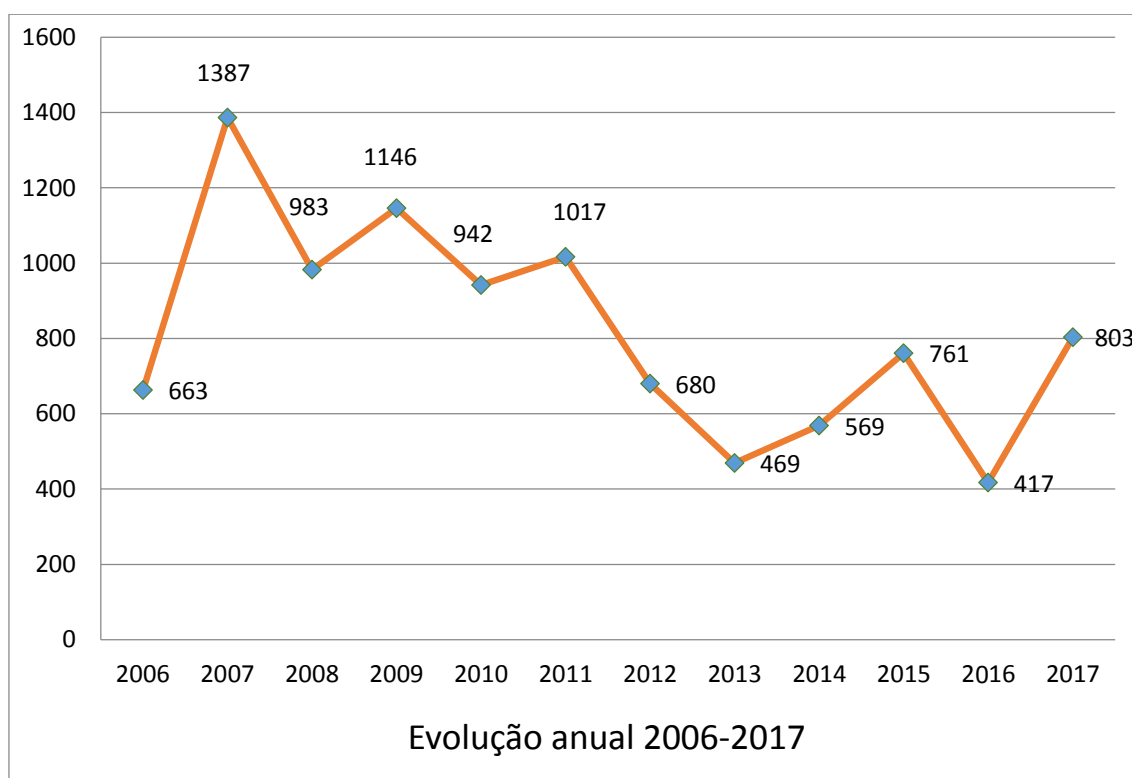
Provedor do Ouvinte

VI. Anexos

1. Análise estatística das mensagens recebidas

1.1. Apresentação geral

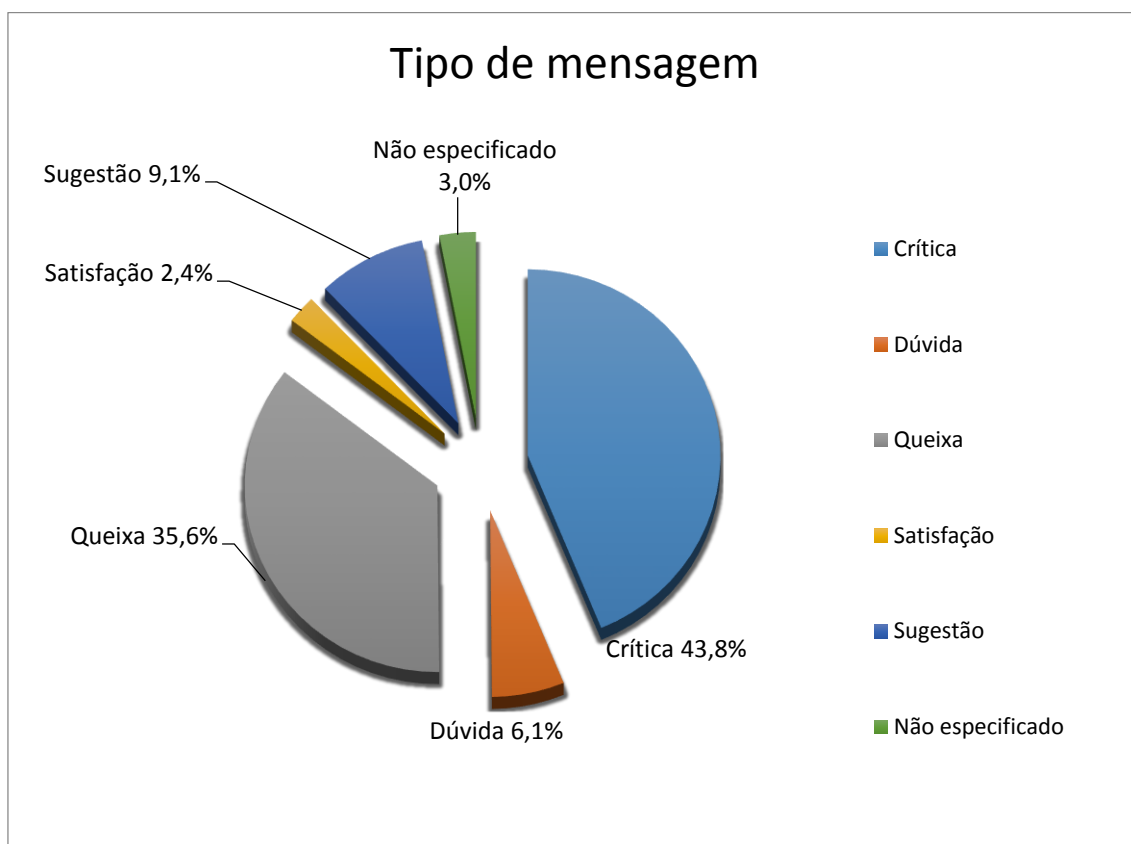
Durante o ano de 2017, o Gabinete de Apoio aos Provedores recebeu um total de 803 mensagens dirigidas ao Provedor do Ouvinte, das quais 658 recebidas pelo sistema de contacto online, 139 recebidas por email e 6 por correio postal. Este valor representa um aumento de 92% relativamente ao número de mensagens registadas no ano anterior.



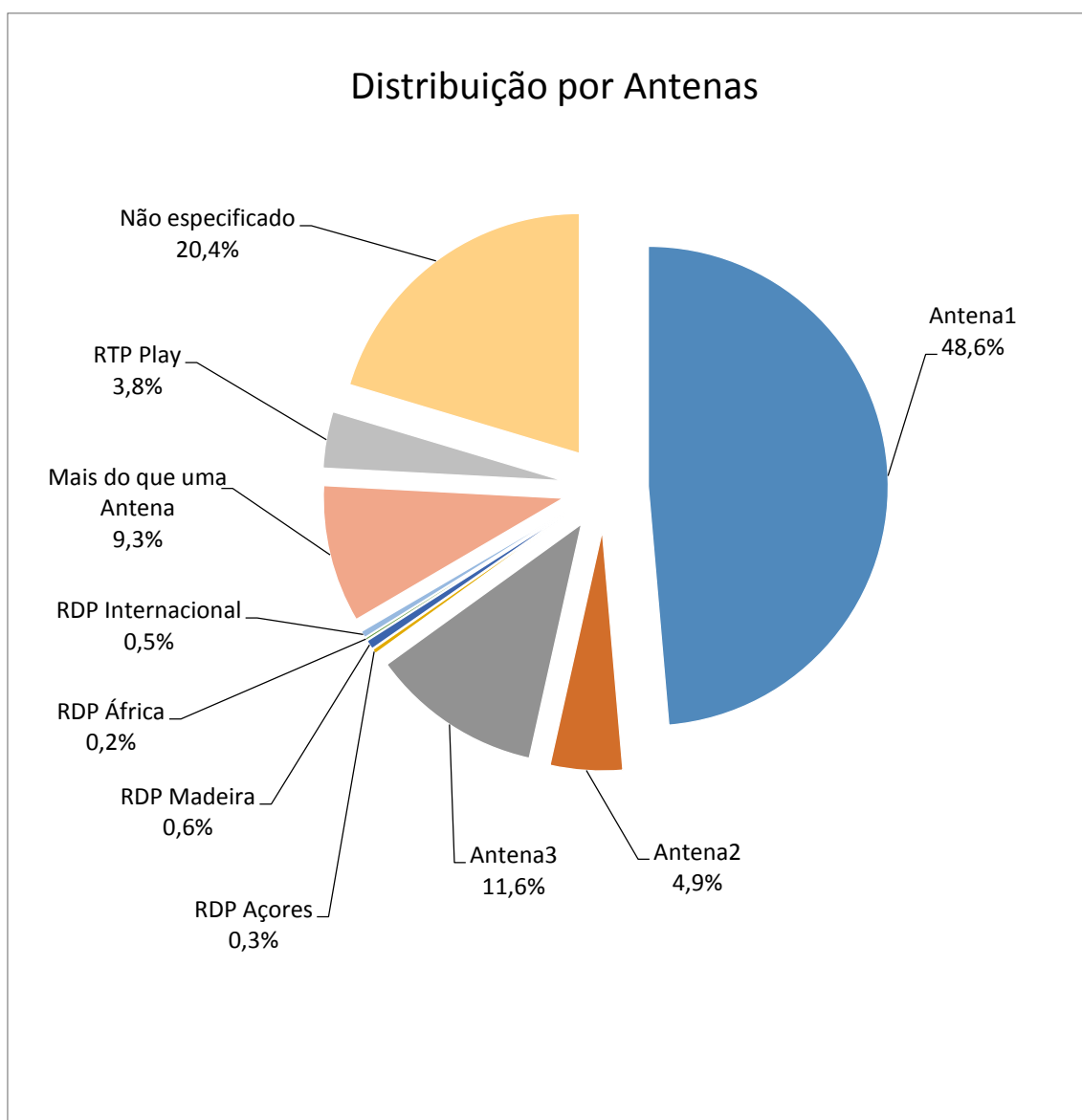
1.2. Distribuição por tipo e antena

Na **distribuição por tipologia**, Críticas e Queixas são, como tem sido a regra, as maiores percentagens de entre as mensagens recebidas pelo Provedor: quase 80%, com uma pequena diminuição das Críticas (de 47,5 para 43,8 por cento) compensada por um aumento percentual das Queixas na mesma ordem de valores (de 30,6 para 35,6 por cento) relativamente ao período anterior. Verifica-se ainda um aumento, pequeno mas significativo, do número de Sugestões (de 5,5 para 9,1 por cento) e de Dúvidas (de 3,7 para 6,1 por cento), e uma diminuição em dois terços das mensagens de Satisfação (de 7,4 para 2,4 por cento).

Nota: Tal como foi feito em anos anteriores, esta análise e as das páginas seguintes baseia-se nos dados indicados pelos Ouvintes nas 658 mensagens recebidas via web – que representam 82% do total de mensagens chegadas ao gabinete do Provedor do Ouvinte.



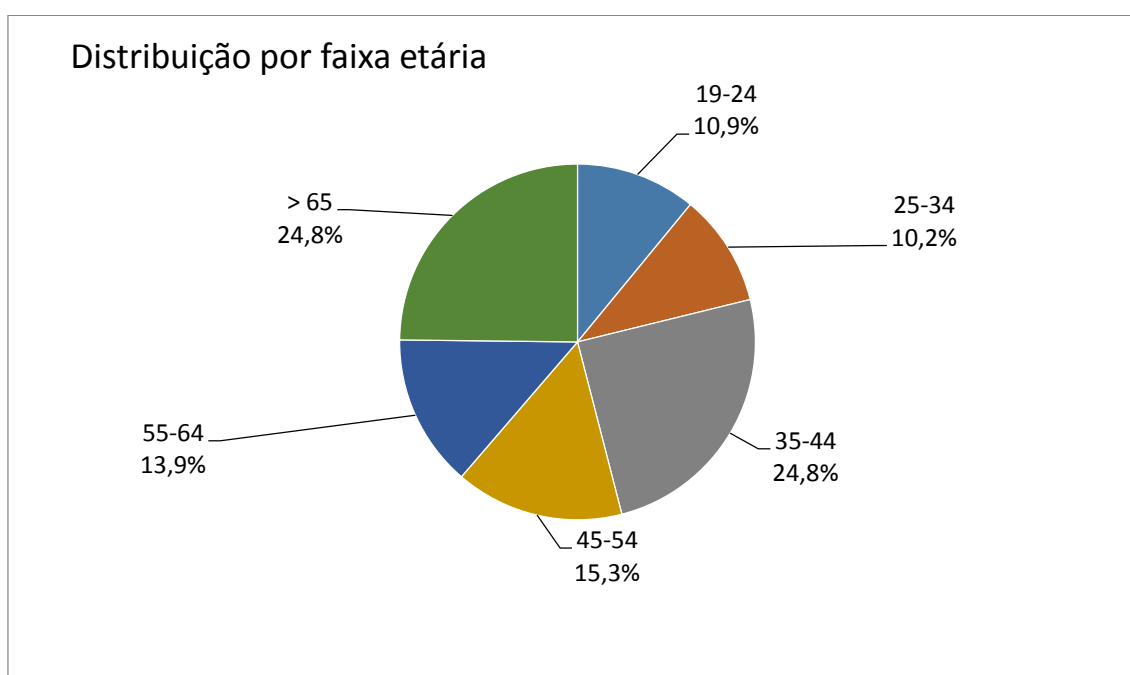
Na **distribuição por antenas**, também não se verificam alterações de fundo relativamente ao cenário do ano anterior: a Antena 1 é assunto de pouco menos de metade das mensagens recebidas (48,6%, um valor percentual que indicia um decréscimo de dois pontos relativamente ao de 2016, que foi de 50,5 por cento). A Antena 2 manteve praticamente inalterado o número de mensagens recebidas (4,9 contra 4,5 por cento em 2016), sendo na Antena 3 que se verificou a maior diferença neste ponto: de 7 por cento em 2016, a «alternativa pop» da RDP passou para 11,6 por cento. Os valores das restantes antenas não sofreram alterações significativas, à excepção da RDP Internacional, que de 4,5 por cento em 2016 passou para apenas 0,5 por cento em 2017.



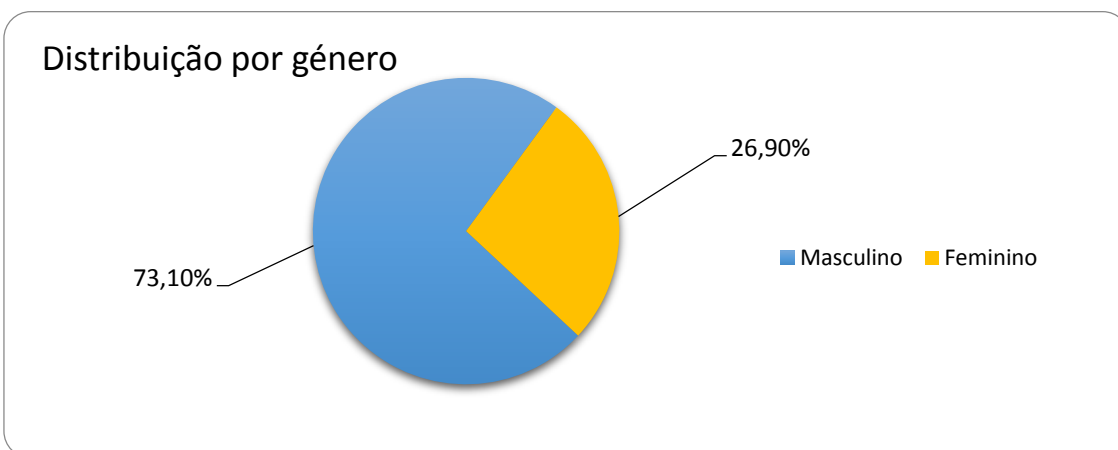
1.3. Perfil dos utilizadores

Devido a alterações introduzidas no formulário de contacto web, em que a indicação da idade deixou de constar nos dados solicitados, os valores obtidos em 2017 não permitem ter uma noção exacta do **perfil etário** dos Ouvintes que se dirigiram ao Provedor.

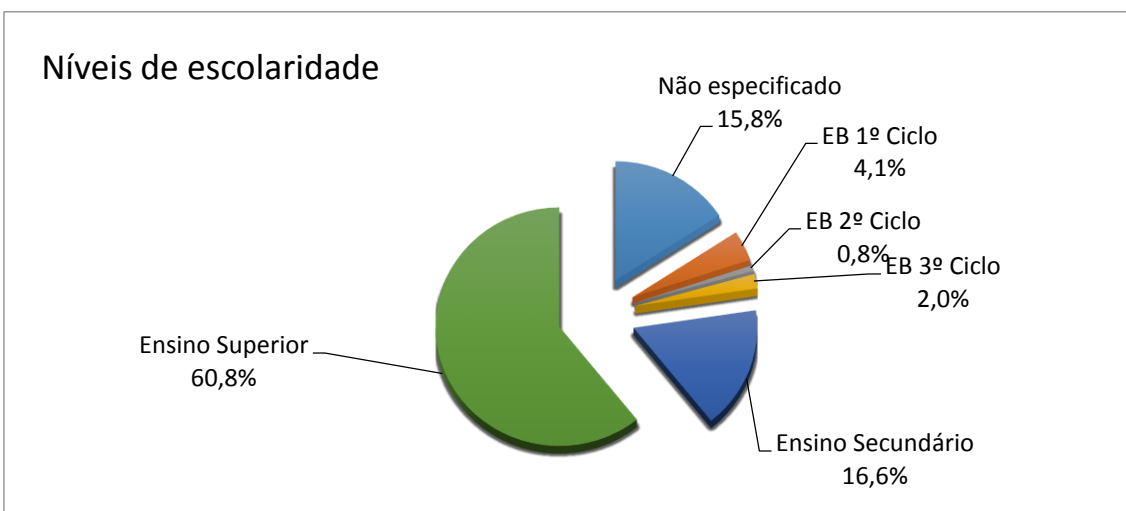
Tendo em conta apenas os dados dos primeiros meses, anteriores a essa alteração e correspondentes a 137 mensagens, ou seja, 17 por cento do total (ou 21 por cento, se considerarmos apenas as comunicações recebidas através do portal da RTP), obtemos valores percentuais não muito distintos dos registados em 2016. No entanto, os montantes globais são demasiado baixos para poderem configurar uma amostragem fiável: por um lado porque uma pequena variação no número de mensagens pode representar, aqui, uma grande diferença percentual; e por outro porque as 137 mensagens que servem de base à análise dos dados não foram escolhidas de acordo com qualquer critério de análise estatística, correspondendo apenas às mensagens recebidas nos primeiros meses, antes da adopção do novo formulário. Esta situação deverá ser corrigida em 2018.



Já nos indicadores da **distribuição por género**, as alterações são ligeiras, mantendo-se a esmagadora preponderância de Ouvintes do sexo masculino: 73,1 por cento de homens contra 26,9 por cento de mulheres. Porém, olhando para os anos anteriores, verifica-se também alguma constância no crescimento do número de Ouvintes mulheres que se dirigem ao Provedor: em 2015 representavam 18,2 por cento, valor que subiu para 22,5 em 2016 e voltou a aumentar em 2017, na mesma proporção de mais de 4 pontos.

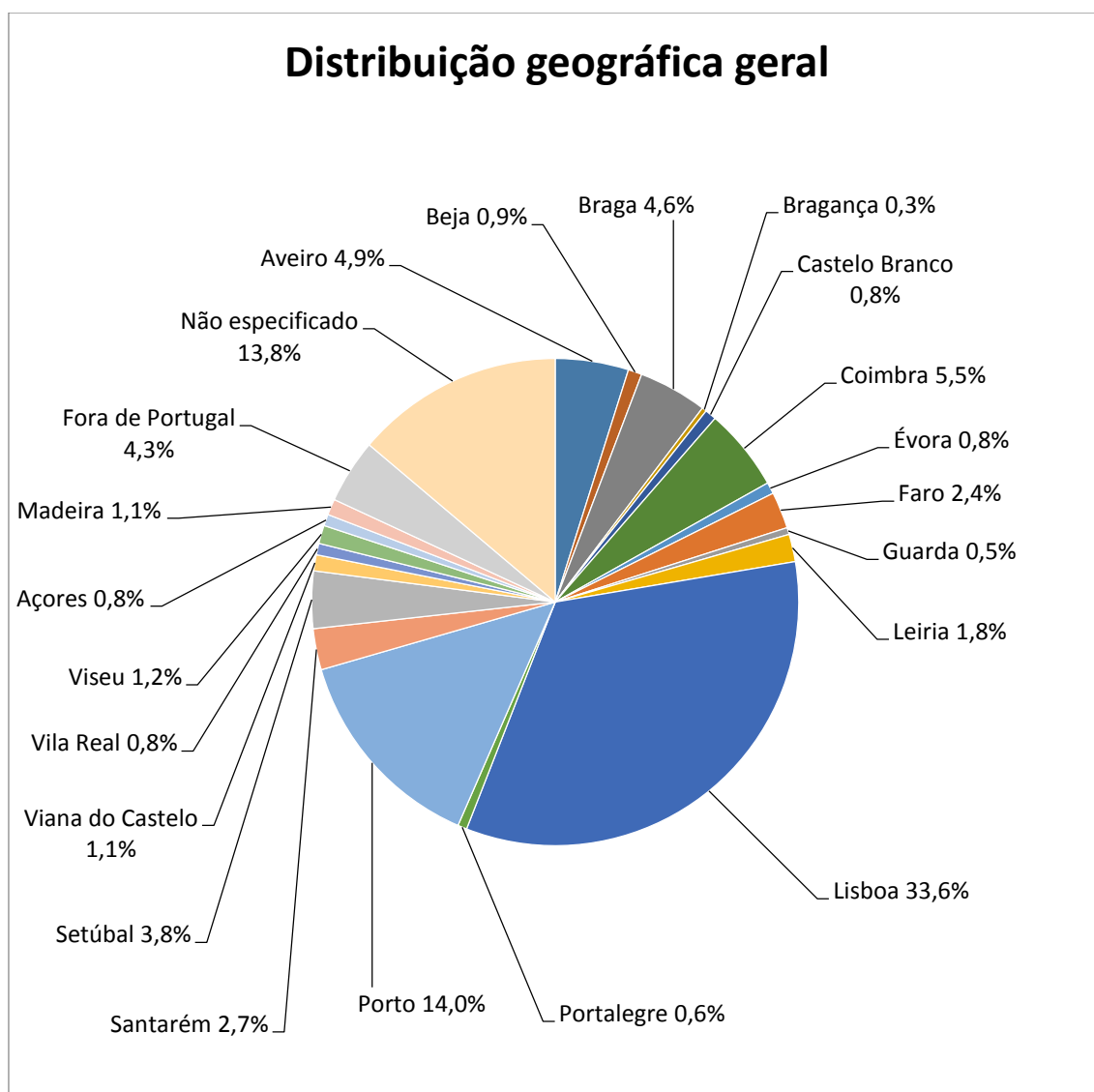


O mesmo pode dizer-se da distribuição por **níveis de escolaridade**. O número de Ouvintes que afirma ser detentor de estudos superiores continua a ser largamente maioritário (60,8 por cento do total), apesar de o teor e a elaboração de muitas delas não ser condizente com esse estatuto. No entanto, o gabinete do Provedor não tem como comprovar a veracidade de tais dados, pelo que apenas pode limitar-se a registá-los.



1.4. Origem das mensagens

Como tem sido regra, a distribuição das mensagens por **locais de origem** segue a lógica da distribuição demográfica nacional, com os distritos de Lisboa e Porto a registarem o maior número de Ouvintes que escreveram ao Provedor (33,6 e 14 por cento, respectivamente), seguidos a alguma distância de Coimbra (5,5 por cento), Aveiro (4,9), Braga (4,6), Setúbal (3,8%), Santarém (2,7), Faro (2,4), Leiria (1,8), Viseu (1,2) e Região Autónoma da Madeira (1,1%). Todos os restantes distritos ficaram abaixo de 1% de participações.



Distribuição quantitativa por distritos / regiões (detalhe)

Distrito	Nº mensagens	%
Aveiro	32	4,9%
Beja	6	0,9%
Braga	30	4,6%
Bragança	2	0,3%
Castelo Branco	5	0,8%
Coimbra	36	5,5%
Évora	5	0,8%
Faro	16	2,4%
Guarda	3	0,5%
Leiria	12	1,8%
Lisboa	221	33,6%
Portalegre	4	0,6%
Porto	92	14,1%
Santarém	18	2,7%
Setúbal	25	3,8%
Viana do Castelo	7	1,1%
Vila Real	5	0,8%
Viseu	8	1,2%
Açores – Faial	1	-
Açores – São Miguel	4	-
Total Açores	5	0,8%
Madeira – Ilha da Madeira	7	-
Total Madeira	7	1,1%
Sem indicação	91	13,8%
Fora de Portugal	28	4,2%
Total de mensagens via web	658	100%*
Mensagens recebidas por email	139	-
Mensagens recebidas por carta	6	-
Total	803	-

* Valor total considerado para a análise estatística.

2. Mensagens dos Ouvintes e respostas do Provedor – Alguns exemplos

- O CASO DO ESPÓLIO DE IGREJAS CAEIRO

31 Março 2017

Senhor Provedor

Levo a vosso conhecimento este site português onde estão à venda um conjunto de objectos que foram pertença de Igrejas Caeiro e de Elvira Velez e julgo que a merecerem uma intervenção de quem de direito que se possa interessar por estes objectos, dado que inúmeros deles estão relacionados, com a Rádio, o teatro e o célebre programa dos companheiros da Alegria.

Vejo com muita a tristeza que este espólio não possa estar numa instituição pública da rádio da Tv ou do Teatro de quem tanto animou uma geração e deixou marcas para todo o sempre como a sua entrevista a Humberto Delgado.

18 Abril 17

Prezado Ouvinte

A questão que colocou ao Provedor do Ouvinte suscitou algumas dúvidas em relação à origem dos objectos do espólio de Francisco Igrejas Caeiro leiloados, daí as diligências que fizemos e das quais lhe estamos a dar conta.

Após sucessivos contactos que estabelecemos, na sequência da sua missiva, podemos agora informá-lo do seguinte:

O espólio de Francisco Igrejas Caeiro – falecido aos 94 anos em Fevereiro de 2012 – foi doado pelo próprio à Fundação Marquês de Pombal, instituição sediada no concelho de Oeiras onde o ilustre homem da rádio vivia em residência no Alto do Lagoal.

A Fundação Marquês de Pombal é dirigida por um conselho de administração actualmente presidido por Isaltino Morais.

A residência de Igrejas Caeiro foi transformada em casa museu, conservando o estúdio e o equipamento com o qual o homem da rádio trabalhava.

O Provedor do Ouvinte, na qualidade de jornalista da rádio distinguido em 2014 pela Sociedade Portuguesa de Autores com o Prémio Igrejas Caeiro, participou em 11 de Outubro desse ano num colóquio sobre a Censura realizado na Casa Igrejas Caeiro, tendo visitado a casa e o museu.

Para visitar a casa de Igrejas Caeiro há que requerê-lo à Fundação Marquês de Pombal, fundamentando o objectivo da visita. Porém, desde Outubro do ano passado, a casa de Igrejas Caeiro na Rua Paulo da Gama 8, no Alto do Lagoal, Caxias, está fechada para obras devido a infiltrações no telhado.

A Fundação Marquês de Pombal declarou ao Provedor do Ouvinte que «não foi a única herdeira do Sr. Igrejas Caeiro», pelo que haverá espólio disperso. A Fundação declarou que desconhece a origem e proveniência dos objectos leiloados pela Bidding.

Também há objectos do espólio de Igrejas Caeiro no Museu do Teatro e muito pouco no Museu da RTP, em Lisboa.

A leiloeira Bidding, por seu lado, informou o Provedor do Ouvinte que o leilão “Vida e obra de Igrejas Caeiro”, que decorreu na internet de 30 de Março a 5 de Abril, foi fruto de um contrato entre a Bidding Leilões e um cliente, cuja identidade a empresa manteve confidencial. No entanto, nos termos da lei, a empresa comunica todas as aquisições que faz à Polícia Judiciária.

Dar-lhe-emos conhecimento de novidades que surjam a este respeito.

Contamos dedicar à figura de Igrejas Caeiro e ao seu espólio um programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, que será muito provavelmente emitido na edição de 5 de Maio, após o noticiário das 16 horas, na Antena 1, ficando depois disponível na RTP Play.

Agradecendo a colaboração do alerta que nos lançou,

João Paulo Guerra

Provedor do Ouvinte

- PROGRAMAÇÃO / PROGRAMAS

21 Abril 2017

Quem faz a previsão do tempo para Santarém falha com grande regularidade. Hoje Antena 1 anunciou para Santarém 30°. Nada disso, temperatura nada agradável e ventos.

Seria melhor terem outro meteorologista, que este não acerta nada.

Senhor Ouvinte,

As informações sobre o estado e previsão do tempo dadas aos Ouvintes pela rádio do serviço público são oficiais e recolhidas junto do Instituto Português do Mar e da Atmosfera.

Com os melhores cumprimentos,

26 Abril 2017

Hoje de manhã, por volta das 7h50m ouvi na Antena Um, Programa da manhã, o sr. António Macedo usar a expressão "grau centígrado" na resposta à pergunta: "a que temperatura ferve a água" dirigida aos miúdos do canal ZigZag.

Atendendo a que o termo centígrado foi eliminado em 1949 pela IUPAC e toda a legislação portuguesa diz que para indicar as unidades de temperatura se deve utilizar Celsius e jamais centígrados (e.g: http://www1.ipq.pt/museu/PT/MM/v1/documentos/decreto_lei_128_2010.pdf) gostaria que houvesse mais cuidado e rigor na linguagem, principalmente quando estamos a formar jovens e ainda para mais numa rádio paga por todos.

Senhor Ouvinte

Relativamente à sua queixa quanto à utilização, pelo Sr. António Macedo, no programa da manhã da Antena 1 de hoje, 24 de Março, da expressão "grau centígrado" na resposta à pergunta: "a que temperatura ferve a água" dirigida aos miúdos do canal ZigZag:

António Macedo, por mim interpelado a este respeito, esclareceu-me que assumiu de imediato o erro e de pronto e em directo o corrigiu, do que o Senhor Ouvinte não terá dado conta. Conforme pude constatar na gravação da emissão, Macedo pediu mesmo desculpas aos Ouvintes pelo erro cometido, alegando que, como é "antigo", escorrega, com facilidade, para erros que resultam de uma certa automatização da linguagem e das expressões.

Espero ter respondido à questão que suscitou.

Com os melhores cumprimentos,

22-11-2017

Visão Global (Antena 1) emissão de 19 de Novembro 2017

Exmo.Senhores

Sou Ouvinte assíduo e atento do programa Visão Global. Por isso fico sempre desapontado quando observo alguma falha, em especial no que toca ao tratamento da nossa língua. Logo nos segundos iniciais da emissão de 19 de Novembro de 2017 se pode ouvir "tragédia humanitária no Iemén", expressão que mais que foi repetida mais à frente ao minuto 27 e poucos segundos, desta feita em relação à Birmânia. Ora, até a própria RTP tem conteúdos explicando porque se deve usar a expressão "tragédia humana" e não "tragédia humanitária", conforme endereço em baixo:

<http://ensina.rtp.pt/artigo/a-tragedia-e-humana-ou-humanitaria/>

Humanitário é em prol da humanidade, logo é contraditório o seu uso na expressão referida. Infelizmente, erros como este grassam na maior parte dos meios de comunicação social. No entanto, a Antena 1, como rádio de referência deve ter um cuidado especial neste aspecto. Já que o programa não é em directo, porque não haver alguém que possa emendar estas coisas antes da sua radiodifusão?

Com os melhores cumprimentos

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

Há erros que de tanto se ouvir, ou ler, entram na moda. Isto também acontece por não haver capacidade, nem habilitação, nem tempo, para escrever numa linguagem corrente, escorreita, compreensível, com alguma criatividade. E então pega-se no primeiro disparate e multiplica-se. E às tantas, até pessoas com um pouco mais de preparação já utilizam, sem pensar, frases feitas que são perfeitos disparates.

A "tragédia humanitária" é um desses disparates que, ao mesmo tempo, poderá ser uma maneira de conspurcar das palavras e uma ideia. A RTP exhibe um programa que esclarece questões da língua portuguesa e lá está, *Cuidado com a Língua*, "tragédia humana" e não "tragédia humanitária". Mas, volta e meia, regressa o mesmo disparate que já muita gente praticou e outras tantos corrigiram.

Vou recomendar mais uma vez à Direcção da Antena 1 e à Direcção de Informação que insistam na prevenção dos atropelos à língua portuguesa e, desse modo, tentarei ganhar umas semanas livres da "tragédia humana" de que o português é vítima, enquanto a recomendação estiver viva na redacção da rádio pública.

Renovo os meus agradecimentos e apresento os melhores cumprimentos,

04-07-2017

Lamento não indicar dia e hora nem antena, porque todos falham, incluindo políticos, basta estarmos atentos.

Estou a falar do advérbio ou pronome "onde", tão mal utilizado por quem tem obrigação de saber falar e escrever, como são políticos e jornalistas. Basta estar atento, porque é recorrente ouvirmos em discursos e notícias frases como "a reunião onde decorreu/o conselho de ministros onde foi aprovado/o livro onde é descrito..." e por aí fora. Tanto, que fere os ouvidos. Vergonhoso. Para

políticos que nos governam. Ainda mais para jornalistas que prestam serviço público, cuja responsabilidade é sempre maior.

Obrigada pela atenção

06-07-2017

Senhora Ouvinte

Obrigado pela sua crítica de Ouvinte atenta.

Tem toda a razão na crítica que faz. O "onde" como advérbio de lugar tem que corresponder a um lugar físico, a um espaço.

Nos exemplos citados o "onde" deveria ser substituído: "... reunião extraordinária do conselho nacional **em que** foi feita uma reflexão..." (00:16); "comissão dos negócios estrangeiros **na qual**..." (05:10), etc.

Fiz chegar o seu reparo à Direcção de Informação com pedido de que o mesmo seja transmitido em jornalista em causa.

Mantenha-se atenta e colabore para que a rádio pública seja cada vez melhor.

Os melhores cumprimentos,

8 Junho 17

Programa "A Ronda da Noite" - emissão de 7 de Junho de 2017

Exmo. Sr,

Na emissão do programa supra-citado, por volta da 23:20 o radialista Luís Caetano entrevistava o escritor espanhol Juan Goytisolo sem qualquer dobragem. Embora as perguntas fossem na nossa língua, as respostas eram em castelhano (ou catalão?) e nem sempre as compreendi na sua totalidade. Não entendo o porquê desta incúria com a nossa língua, por acaso o espanhol ou catalão é dado nas nossas escolas como segunda língua, ou está definido em algum lugar que todo e qualquer português entende por graça divina as línguas dos nossos vizinhos? Esta prática é contínua na Antena 2 e até com o italiano, será uma rádio para todo o povo ou só para uma elite poliglota? E as crianças, são privadas destes programas? Por favor, tenham algum brio, a nossa pátria é mesmo a língua portuguesa!

Senhor Ouvinte

A sua observação mereceu a melhor atenção do Provedor. Falei do assunto com o realizador do programa e o director da Antena 2, chegando juntos a várias conclusões.

Quanto se traduz não se perde o significado do texto ou das palavras mas perde-se na expressão, elemento que também faz parte da comunicação, especialmente na rádio pois não vemos o sujeito que fala, e o tom, para lá das palavras, é um elemento revelador.

Segundo os critérios do canal de cultura da rádio pública, a Antena 2, em cada situação faz-se um balanço para determinar se deve ou não traduzir-se: sempre que os inconvenientes de uma tradução superam os seus benefícios, não se traduz. Quando o castelhano é bastante compreensível (como sucede muitas vezes) e quem fala tem relevância (cultural ou histórica), entende-se que o saldo duma tradução é negativo, e nesse caso não se traduz.

Foi o que aconteceu com a entrevista de arquivo de Juan Goytisolo, transmitida em repetição dias após a morte do escritor. Ouvi o programa e concordo com o critério seguido: Goytisolo fala pausadamente, em castelhano, lamento se o senhor Ouvinte perdeu algo essencial da mensagem do grande escritor da língua de Miguel Cervantes.

Com os melhores cumprimentos,

12 Junho 17, 16:54

Antes de mais, muito obrigado por tão pronta resposta. Ao longo dos últimos anos fiz uma dezena de reclamações e esta foi a primeira que foi respondida directamente.

A vossa argumentação parte um pressuposto errado, que é o seguinte: todos os portugueses percebem a língua castelhana. De onde vocês tiraram essa conclusão, já viajaram de Norte a Sul do continente, Madeira e Açores para puderem ter essa garantia? E volto a perguntar: e os mais novos, também estão certo que conseguem perceber o castelhano?

Finalmente, a sua preocupação primeira deveria ser com a língua de Camões, pois a Antena 2 ainda é rádio pública portuguesa. E não deveria lamentar que eu (e provavelmente outros Ouvintes) não tivessem entendido parte da entrevista, deveria evitar que isso tivesse acontecido, a vossa responsabilidade é trabalhar para todo o público de língua portuguesa.

Com os melhores cumprimentos

14 de junho de 2017

Senhor Ouvinte

Por princípio e por questões de gestão do tempo não treplico a réplicas às minhas respostas. Abro uma exceção no seu caso, para lhe dizer o seguinte:

Primeiro – Não estou a falar de “todos os portugueses”; estou a falar dos Ouvintes da Antena 2, canal da rádio pública portuguesa, com programação dirigida a um público específico, uma vez que aposta em conteúdos culturais. Não aceitaria a mesma explicação aplicada a uma entrevista na Antena 1, rádio generalista e de larga audição.

Segundo – Por questão de economia de tempo, questão preciosa na rádio, se a entrevista fosse publicada com a tradução que sugere ocuparia o dobro do tempo no programa ou, em alternativa, as perguntas e respostas seriam reduzidas a metade. Não aceito por princípio a não tradução, de qualquer língua estrangeira e nomeadamente do castelhano, aceitei a explicação neste caso depois de ouvir a forma clara e pausada como Juan Goytisolo se expressava.

Terceiro – A rádio pública é a única com espaço institucional na programação para a cultura, a língua e a música portuguesa; cabe-lhe promover a língua e os valores culturais portugueses.

O Provedor não é um quadro da rádio pública; exerce um cargo independente, não tem funções executivas nem de programação. Mas cabe-lhe ouvir os Ouvintes e ser vigilante. É o que faço todos os dias, designadamente quanto à promoção e utilização rigorosa da língua portuguesa, dirigindo recomendações e corrigindo erros para os quais sou alertado por Ouvintes. Admitir que a Antena 2 tenha passado sem tradução uma passagem de uma entrevista de um escritor

castelhano falecido poucos dias antes não é baixar a guarda em relação à defesa e promoção da língua portuguesa (se falássemos na língua de Camões não faltaria quem reclamasse tradução).

Com os melhores e amigáveis cumprimentos,

18-10-2017

Efectivação de serviço público, sempre!

Boa tarde!

Como Ouvinte assídua da Antena 1 venho felicitar o excelente serviço público realizado por essa rádio no dia 17 de outubro a propósito da ilustração do estado de calamidade que o país estava a viver e a sentir.

Porém, não é só à posterior que esse serviço deve ser feito. No sábado anterior, dia 15 já estava o país em alerta vermelho e não houve qualquer serviço informativo entre as 19 h e as 21 horas (apenas relatos de jogos de futebol) e, para quem como eu estava a realizar uma viagem do litoral para o interior, era crucial saber se estavam a existir ocorrências incendiárias ou outras. Não pode uma rádio pública sobrepor o interesse futebolístico ao direito de informação. Já no dia 9 de setembro essa informação tinha sido omitida em tempo útil, apenas foi dada já um incêndio perto da Sertã estava em estado avançado. A rádio pública tem de articular em permanência e em tempo real, a informação com a Autoridade da Proteção Civil e estabelecer protocolos que garantam uma rádio pública como fator preventivo de situações como as que se viveram nas estradas e auto-estradas portuguesas no passado dia 15.

Com os melhores cumprimentos,

26 – 10 – 2017

Prezada Ouvinte

Recebi a sua mensagem e sobre o respectivo conteúdo troquei impressões com o director de Informação da Antena 1.

O Director reconhece que a Informação poderia ter feito algo mais mas, infelizmente, não muito mais, perante a onda de incêndios devastadores de domingo, 15 de outubro. Por exemplo, teria sido útil fornecer um número de contacto aos Ouvintes, abrindo antena, em permanência, para que eles pudessem partilhar o que viam e o que sabiam durante a noite e a madrugada. Mesmo que muitos deles tivessem mais dúvidas do que informações concretas e rigorosas, no conjunto, talvez fosse possível acrescentar mais alguns dados às informações dispersas e confusas que foram surgindo ao longo das horas. É uma lição a ter presente em eventuais situações de emergência. Quando as informações são escassas e confusas, como foi o caso, devemos mobilizar os Ouvintes para que eles nos ajudem a compor um quadro o mais rigoroso possível sobre a situação no terreno.

Grato pela sua mensagem, apresento os melhores cumprimentos

11-06-2017

Reposição de programas no mês de agosto

Sou um Ouvinte quase permanente da Antena 1, bem como da 2 e 3 e RDP África. No mês de agosto sinto uma enorme falta dos diversos programas que ouço ao longo do ano.

Queria assim pedir que, neste mês, ponderasse a reposição de programas de forma a que este período não se tornasse tão aborrecido.

19 – 06 – 2017

Prezado Ouvinte

Consultei os decisores da rádio pública e fiquei ciente de que não haverá, pelo menos este ano, alterações de vulto na programação durante o mês de Agosto. A Antena 2 ocupará os horários de todos os programas de autor com repetições e nessa medida a programação coincide, assim, com o pedido do Ouvinte.

A Antena 3 suspenderá alguns dos seus conteúdos, nomeadamente rubricas e programas que dependem mais da actualidade. No entanto, a maioria dos programas não interrompe para férias.

A Antena 1 suspenderá parte dos seus programas: a audiência baixa consideravelmente em Agosto e é boa política concentrar as férias dos funcionários de modo a que, em Setembro, todos regressem ao trabalho em forma.

O programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, suspende a emissão em Agosto. Com os meus cumprimentos

21-06-2017

Programa "O Amor é..."

Venho reclamar, sim: Sem qualquer respeito pelos Ouvintes e, sobretudo, pelos autores do programa (Prof. Júlio Machado Vaz e Maria Inês Meneses), são inúmeras as vezes em que o programa diário não é transmitido a seguir ao noticiário das 9horas, sem que seja apresentada qualquer justificação (soube de algumas em que nem os autores foram avisados!). Desta vez foram os incêndios mas basta uma qualquer outra coisa, p.ex., "coisas" do futebol!, para que os poucos minutos de duração do programa sejam "atropelados".

À vossa consideração...

Aguardando uma resposta, envio cumprimentos

Prezada Ouvinte

Tomei nota da sua reclamação e dei-lhe seguimento para a direcção da Antena1. A opinião do Provedor, que a direcção conhece, é que há motivos que justificam as alterações de programa – e a emergência nacional do incêndio de Pedrógão Grande, em que a rádio representou não apenas o verdadeiro meio de comunicação em tempos de crise aguda mas também um meio de solidariedade e de identidade nacional, foi um desses momentos.

De resto, a programação deve ser cumprida com rigor e qualquer alteração deve ser comunicada aos Ouvintes, com pedido de desculpas.

Aproveito para informar a senhora Ouvinte que o programa O Amor É... está disponível na RTP Play <https://www.rtp.pt/play/p308/o-amor-e>

Com os melhores cumprimentos

7-07-2017

Fala incorrecta.

Gostaria de saber porque quando na rádio são referidas as horas, em vez de: ex: treze horas - é dito uma hora da tarde, e assim sucessivamente.

Porque não se falar correctamente?

10 – 07 – 2017

Prezada Ouvinte

Recebi e tomei nota da sua observação.

O estilo da Antena 1 é o coloquial; falar como falam as pessoas, para ser entendido por um público de carácter geral.

A rádio fala como as pessoas, porque fala para elas, e procura sempre o uso do bom e correcto português, embora espontâneo e informal.

Espero ter respondido à questão que levantou.

Os meus melhores cumprimentos

11-07-2017

Vários

Bom dia

Já estou para lhe escrever há algum tempo, pois acompanho o seu trabalho e que saudades tenho das suas crónicas na Antena 1 às sextas, pois além de escrever muito bem sabe falar ao microfone, ouve-se tanto erro, por vezes investigadores a falarem tão mal que deixam de ter credibilidade.

O seu processo não foi fácil, mas conseguiu e foi sempre muito cauteloso, não deixando de o referir

Mas gostava de dizer que acho demais na Antena 1, estarem sempre a dar as temperaturas e o trânsito, vezes sem fim e depois qualquer informação mais pormenorizada não dão, devia de haver mais rigor.

O trânsito passo muitas vezes na segunda circular e não há trânsito que justifique a informação que é dada

Prezada Ouvinte

Muito lhe agradeço as palavras que dirige ao trabalho que fiz na Antena 1. Quando falamos para um microfone, em directo ou em gravação, não sabemos quem nos ouve. É grato ter um retorno como o das suas palavras gentis para o meu trabalho. Quanto às informações meteorológicas e do trânsito da Antena 1: é lamentável que, por vezes, não sejam rigorosas, e não deixarei de recomendar, mais uma vez, que a preocupação do rigor esteja sempre presente.

No que diz respeito à repetição, ela é uma regra da comunicação na rádio: os Ouvintes chegam e partem, ligam e desligam, em cada minuto o auditório altera-se, particularmente nas horas de maiores concentrações de Ouvintes, na ida e na volta do trabalho e da escola dos filhos.

E os Ouvintes dessas horas, em particular os que estão sempre a chegar e a entrar na emissão, precisam desse tipo de informação: como está o tempo, como vai o trânsito. Fora desses horários, tais informações são remetidas para o fecho dos noticiários.

Agradeço mais uma vez as suas palavras.

08-07-2017

Portugueses no Mundo

Será que a ideia é apelar para que os portugueses continuem a abandonar o país?

Nunca ouvi nenhuma entrevista com ninguém que esteja insatisfeito por ter ido para fora!

14 Julho 17

Prezado Ouvinte

Obviamente que o programa *Portugueses no Mundo* não tem, nem nunca teve o objectivo de apelar à emigração. Confirmei isso mesmo com a autora. A autora do programa reafirmou ao Provedor do Ouvinte que a ideia de *Portugueses no Mundo* é partilhar histórias, aproximar quem está longe ao nosso País e também o País a quem está longe.

A autora recorda-se de algumas (poucas) vezes em que portugueses no mundo se mostraram insatisfeitos, nas entrevistas para a Antena 1, mas essas são com efeito excepções a uma regra geral. A autora entende que quem não está satisfeito das duas, uma: ou já voltou ao País ou não se quer expor e mitiga de alguma forma o insucesso valorizando uma felicidade relativa.

Espero que, partilhando a valiosa experiência da autora de *Portugueses no Mundo*, tenha respondido à questão que me colocou.

Os melhores cumprimentos,

10-09-2017

Joel Costa

Quando poderão os Ouvintes da Antena 2 ter o infinito prazer de ouvir um programa deste senhor que é, sem dúvida, um dos melhores comunicadores do nosso país?

12 Setº 17

Prezada Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e à qual passo a responder.

Joel Costa está aposentado. E, não podendo acumular pensão e remuneração, não aceitou prescindir da pensão e cessou, portanto, a colaboração com a Antena 2.

O autor chegou a propor a realização de um programa sem remuneração, mas a Antena 2, rádio pública, não aceita trabalho ou colaborações não remuneradas.

O director da Antena 2, em resposta às questões colocadas pelo Provedor, na sequência da sua mensagem, considerou Joel Costa «um dos autores de programas de rádio mais marcantes das últimas décadas, tendo dado um contributo único e de grande valor à Antena 2».

Com os melhores cumprimentos

20-09-2017

Omissão de Informação Cultural

Exmo. Senhor,

Como Ouvinte regular da Antena 2, venho exprimir o meu desagrado pelo facto de não estarem a divulgar a programação do Festival Internacional de Cinema Queer, a decorrer no Cinema S. Jorge entre 15-23 de Setembro, o qual já vai na sua 21 edição, nomeadamente durante o apontamento informativo apresentado todas as manhãs por António Costa Santos. Trata-se, bem sabe, de uma das suas obrigações como entidade de serviço público com particulares responsabilidades de informação a todos os cidadãos.

Grato pela atenção dispensada, apresento os meus melhores cumprimentos.

21 – 09 – 2017

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

Consultei a direcção da Antena 2 e estou em condições de lhe responder o seguinte: o realizador do Roteiro das Artes, António Costa Santos, regressou à antena depois de um período de férias e no passado dia 18 anunciou a programação do Festival de Cinema Queer, conforme confirmei.

A direcção da Antena 2 acrescentou que se tivesse sido solicitada (com uma antecedência de dois meses), teria até podido oferecer uma campanha de apoio (com spots) ao festival, hipótese que deixa em aberto para uma próxima edição. Com os melhores cumprimentos,

18-10-2017

Programa da manhã antena 1

Não é nada de pessoal, nem nutro nenhuma animosidade contra o animador das manhãs Sr. António Macedo, mas...a sua forma de fazer locução carece de alguns cuidados, a sua forma estranha de tentar empolgar-se ao falar ao microfone, provoca muitas vezes alguma incompreensibilidade, faz pausas onde não deve e o arrastar da sua voz causa tédio, porque não falar com naturalidade, sem estar a tentar pôr uma voz "solene"... este meu texto não é uma queixa mas sim um desabafo, ouço a antena -1 com frequência, mas durante este período da manhã, é para mim a parte mais "dolorosa", a muito custo me mantenho lá, mas para ouvir as notícias e os restantes intervenientes.

A título de curiosidade, refiro que li o seu artigo no seu blogue sobre o radialista em causa e deixei um comentário, que por falta de manutenção ou algum tipo de censura ainda não o vi publicado.

19 – 10 – 2017

Prezado Ouvinte

Declaração de interesses: sou efetivamente amigo pessoal e admirador profissional do António Macedo. Isto não me impede de avaliar uma queixa – que não é uma queixa mas uma "desabafo". Aliás, o prezado Ouvinte também deveria fazer a sua própria declaração de interesses.

Penso que o António Macedo é não só muito bom como é o melhor animador da rádio portuguesa. Tem defeitos, falhas, quebras? Com certeza. Se não tivesse não seria humano. Mas penso também que as qualidades profissionais do Macedo

suplantam largamente os seus defeitos. Por vezes erra, como qualquer pessoa. Mas também se corrige com toda a prontidão e humildade.

E é assim que há décadas o António Macedo – em vários comprimentos de onda – faz as manhãs da rádio. E ninguém as faz como ele. Na Antena 1 conduz uma emissão de cinco horas, com múltiplas entradas e saídas de noticiários, comentários, rubricas, colaborações, informações úteis, actualidades diversas, músicas da playlist, promoções da própria Antena 1 e conhece previamente tudo o que vai para o ar, excepto obviamente os directos, gerindo toda aquela circulação de informações. O Macedo administra como ninguém o espaço da rádio e provavelmente não o faz não mais perfeitas condições técnicas e de produção. E terminada a manhã segue para os estúdios onde grava com diversos colaboradores que exigem a sua voz nos programas que fazem.

Cansa-se? Pois cansa. Já não é nenhuma criança e os anos pesam. Mas não é por cansaço que arrasta por vezes a voz; é porque ao mesmo tempo que fala de modo coloquial, que gere o que diz, como e quando diz, manobra equipamento tecnológico que, longe de ser perfeito, sustenta as emissões da Antena 1. E tudo isso exige precisão, atenção, destreza, comunicabilidade e controlo minucioso do tempo.

Não escrevo isto por ser amigo do António Macedo. Sou amigo do António Macedo por tudo isto.

Os melhores cumprimentos,

13-09-2017

Portugueses no Mundo

Boa tarde,

"A rádio é que me diz bom dia", hino dos 80 anos da rádio.

Tenho sempre especial atenção na rubrica "Portugueses no Mundo".

Critico o seguinte:

- São sempre portugueses que altas qualificações com empregos bons (alguns até empregos de sonho). Pergunto será que não podem fazer entrevistas a

pedreiros, empregados de bar, porteiras em França (muito respeitadas pela sociedade francesa) ou até comerciantes (igualmente respeitadas e admirados na América Latina)?

- Dão demasiada ênfase a questão de terem saído do nosso país durante a crise de 2010-2015. Dão a sensação que só se começou a emigrar nessa altura. Objetivamente é mentira. Passam a mensagem errada.

Vivo e trabalho em Chaves, e vi muitos conterrâneos meus a emigrarem antes e durante os anos a que vocês costumam de "apelidar" de crise. Foram engenheiros, enfermeiros e arquitetos, mas foram também trolhas, agricultores e mulheres de limpeza (tudo jovens). Estes últimos podem não descrever e nem viver o lado bom ou o lazer de cidades como Paris, Edimburgo ou Sidney, mas são portugueses como os outros: Vivem fora e sentem o nosso país como os altos quadros emigrados.

Gostava que tivessem mais atenção a portugueses no mundo com menos qualificações e com empregos duros.

"Ensinando a igualdade", Hino dos 80 anos. Obrigado.

Prezado Ouvinte

Peço-lhe muita desculpa pelo atraso na resposta à mensagem que me enviou mas tive que aguardar a disponibilidade da realizadora do programa para parar e pensar um pouco.

A realizadora do programa *Portugueses no Mundo* em parte até concorda com a sua crítica. Ela sabe que as histórias de insucesso na emigração também existem mas, por norma, as pessoas não estão disponíveis para as partilhar.

A selecção dos *Portugueses no Mundo* faz-se entre sugestões de Ouvintes, sugestões de outros participantes no programa, de portugueses no mundo que se auto propõem para contar a sua história, etc... A realizadora envia todos os meses centenas de e-mails para sondar pessoas para eventual participação no programa: muitos ficam sem resposta, outros recebem resposta negativa e sem justificação.

Na maioria dos casos a realizadora não tem conhecimento prévio da profissão das pessoas disponíveis; quando estabelece o contacto, fica a conhecer a pessoa, avalia a história que há para contar, e garante que nunca excluiu ninguém pela profissão que exerce. Em 2017, o programa entrou no Ano Novo com uma porteira portuguesa em Paris.

A realizadora Alice Vilaça fez questão de sublinhar ao Provedor que não quer, com as explicações que deu, que o Ouvinte mude a sua opinião, que respeita. Apenas quer que o Ouvinte entenda o seu lado e perceba um pouco melhor a forma de trabalhar e elaborar o programa.

Espero ter respondido às dúvidas pelo senhor Ouvinte.

Com os melhores cumprimentos

- INFORMAÇÃO / RIGOR / OPINIÃO / LIBERDADE

06-12-2017

INFORMAÇÃO DE TRÂNSITO NA ANTENA 1 DA RÁDIO

Sr Provedor

Sendo Ouvinte assíduo da ANTENA 1 da RÁDIO estranhei no passado dia 3 do corrente mês (Domingo) não ter ouvido qualquer informação de trânsito entre as 17,00 horas e as 20,30, altura em que viajava de automóvel.

Ainda tentei através do telemóvel contactar o nº 800210101 mas a chamada nunca foi atendida.

Sendo um fim-de-semana prolongado, com mais movimento nas estradas não seria correcto que caso houvesse alguma avaria nesse serviço os locutores de serviço informassem do facto?

Já as previsões meteorológicas eram repetidas com elevada frequência

07 – 12 – 2017

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

A questão que expõe, e que é frequente razão de queixa de diversos Ouvintes, resulta da falta de meios humanos habilitados na rádio pública. A Direcção da rádio pública já informou o Provedor a este respeito, dando conta de que conhece o problema e só ainda o não conseguiu resolver por escassez de meios habilitados. A rádio pública dispõe de elementos devidamente habilitados para o serviço de trânsito, durante a semana, que prestam igualmente serviço para a televisão pública, nomeadamente aos fins-de-semana.

Este é um dos diversos resultados perversos da integração da rádio e da televisão públicas numa única empresa. Como disse um estudioso destas questões, recentemente entrevistado no programa do Provedor, a Rádio foi "engolida" pela TV e sai frequentemente prejudicada deste tipo de "parcerias" de meios.

Esperemos que alertas como o que enviou ao Provedor – e da qual darei conhecimento aos decisores da empresa – sensibilizem os responsáveis para situações como esta.

25 Abril 2017

Reclamação por inverdade no serviço noticioso

Hoje, quando regressava do desfile do 25 de Abril em Lisboa, e estava como habitualmente sintonizado na Antena Um, enquanto conduzia, ouvi estupefacto no noticiário das 21 horas ser insistentemente referido (quatro ou cinco vezes) que "centenas de pessoas" tinham desfilado na Avenida da Liberdade. Ao mesmo tempo, e com elevado zelo contabilístico, era noticiado que "três mil pessoas" tinham visitado esta tarde a residência oficial do primeiro-ministro.

Como é possível tamanha desatenção ou incompetência na cobertura jornalística da maior manifestação popular hoje realizada no nosso país, que juntou muitos milhares de pessoas em Lisboa? Então ninguém esteve no local? Não viram as fotografias e os vídeos da própria televisão pública, que no seu sítio Internet apresenta imagens e refere a participação de milhares de pessoas?

Como Ouvinte assíduo do serviço público de radiodifusão, quero manifestar o meu protesto e o meu profundo desagrado.

Não

era preciso mais do que a simples objectividade e verdade dos factos. E o que aconteceu é que repetiram o erro várias vezes no noticiário. Para que não ficassem dúvidas nos Ouvintes que, não tendo estado na Avenida da Liberdade, em Lisboa, não poderiam contestar o "facto alternativo" apresentado?

Senhor Ouvinte

O senhor Ouvinte tem razão quando questiona a notícia da Antena 1 sobre a participação de pessoas no desfile do dia 25 de Abril em Lisboa.

Sobre esse desfile, alguns órgãos de comunicação falaram em "milhares" de participantes, outros optaram por não divulgar números e só a Antena 1 falou em "centenas", de acordo com a pesquisa que fiz.

Questionada pelo Provedor, dado que um desfile popular vale muito pela impressão que deixa e, desse ponto de vista, são óbvias as diferenças entre "centenas" e "milhares" de participantes', a Direcção de Informação argumentou que quer o pivô em estúdio, quer o repórter no local, assumiram quantificar o desfile sabendo que poderiam errar e serem sempre acusados de pecar por defeito ou por excesso.

Quer a Direcção de Informação, quer os jornalistas envolvidos não admitiram no entanto ter praticado uma "inverdade", pois em momento algum assumem a intenção de despromover ou rebaixar o desfile do 25 de Abril.

Espero ter respondido à questão que me colocou

Os melhores cumprimentos,

27-04-2017 13:26:31

Como a Antena 1 perde um Ouvinte.

A reportagem era sobre o descontentamento da população de Almeida com o anunciado encerramento da agência da Caixa Geral de Depósitos naquela localidade. A abertura da notícia dava-nos conta de que um grupo de pessoas, incluindo alguns autarcas, tinha invadido as instalações do referido banco. Pouco depois, num (suponho que) falso directo, o repórter da rádio dá antena a uma

mulher, manifestante e indignada. E manifestamente patusca e exagerada. Disse a senhora - e o jornalista transmitiu - que "nos querem matar" e que lhes vão "roubar o dinheiro". E terá dito outras imbecilidades do género. Não sei porque não lhe dei tempo de me irritar mais. Passei imediatamente o aparelho do carro para o modo USB, onde tenho as minhas músicas. Ora, tratando-se da RDP e da Antena 1, é admissível que o jornalista pretenda colorir a sua notícia com tão rasteiro e irritante truque? Os Ouvintes não merecerão ser tratados com o respeito que lhes é devido? Não haveria no local quem entrevistar e que dissesse qual era, na realidade, o motivo da manifestação?

11 Maio 17

Prezado Ouvinte

Não foi fácil reconstituir os noticiários e apontamentos de reportagem do passado dia 26 de Abril relacionados com protestos e ocupação do balcão da CGD em Almeida, mais complexo ainda foi estabelecer o contexto de cada intervenção. Peço-lhe desculpa pelo atraso na resposta.

Os protestos e ocupação foram tema de abertura nos noticiários da Antena 1 das 18h, 19h, 20h e 21h do dia 26 de Abril. Em todas as edições, foram adiantados dados essenciais da notícia.

Interveio nestes noticiários e reportagens um repórter local que, trabalhando simultaneamente para a rádio e TV públicas, gravava o seu testemunho para a Antena 1, um pouco antes da hora certa, para poder estar disponível para as intervenções na RTP 3 e RTP 1.

Primeira questão: a rádio é subalternizada em relação à TV no recurso pelos dois meios a um repórter comum.

O repórter, Jorge Esteves, foi dando conta do evoluir da situação, descrevendo o cenário e procurando ouvir pessoas envolvidas no protesto. Nos noticiários das 18h e 19h conversou com o vice-presidente da CM de Almeida, José Alberto Morgado, que explicou os avanços e recuos dos contactos com os responsáveis da CGD. Na edição das 20h, num momento em que todos os responsáveis da autarquia estavam no interior do banco (inacessível aos jornalistas), o repórter

da Antena 1 e RTP procurou ilustrar o ânimo dos populares presentes, questionando uma mulher. A resposta saiu com “as cores mais carregadas” que costumam ter as palavras nestas circunstâncias (sobretudo quando há muitas câmaras e microfones por perto):

“Porque é que os velhos não têm direito à vida? Querem-nos matar! Eu já lhe disse: querem fechar também as portas da vila e fecharem-nos cá dentro para nos matarem à fome? Já que nos tiram os ordenados, tiram-nos o dinheiro... agora quero ver o que é que fazem com os velhos que assim não nos pagam as reformas”.

O repórter não deu seguimento à conversa e rematou: “são expressões que vão sendo ouvidas por aqui enquanto se aguardam notícias para ver como vai terminar este impasse”. Foi um relato pontual, em quatro apontamentos de reportagem que, entre o final da tarde e início de noite, forneceram aos Ouvintes da Antena 1 informação para perceber o protesto em Almeida.

Segunda questão: o Provedor reconhece que escutado fora do contexto – que foi o fluxo informativo da tarde de 26 de Abril em Almeida – o momento de reportagem onde a manifestante de Almeida questiona a sorte dela pode ser equívoco.

O contexto também pode ser compreendido sabendo que os protestos desmobilizaram logo depois dos directos nos “telejornais”.

O Director de Informação, questionado pelo Provedor do Ouvinte, considerou da maior importância que a rádio pública seja rigorosa em todos os géneros jornalísticos, não cedendo ao sensacionalismo, crendo que esse desiderato tem sido alcançado em boa parte da rotina dos dias.

Espero ter respondido à questão que suscitou, como espero que a Antena 1 não tenha perdido um Ouvinte participativo.

Envio-lhe os melhores cumprimentos,

11.5.17, 10:41

Bom dia.

Obrigado pelo trabalho que dedicou à minha queixa.

14-06-2017

Programa: "E Deus Criou o Mundo" / 13 - Junho - 2017

Exmo. Senhor Provedor do Ouvinte

Vou ser rápido e curto, como se costuma dizer.

No programa que refiro, é atribuído a autoria dos ataques do 11 de Setembro de 2001, nos EUA, aos xiitas, e ainda por cima isso é referido por duas vezes no programa. Os ataques foram cometidos por sunitas, como é do conhecimento geral, até porque o líder desses ataques, Bin Laden, era Sunita e não Xiita.

PS: Se fizer o favor avise os senhores, é que informação errada não é bom, (já basta o que por aí há no mundo). Baralha as pessoas!

Muito obrigado,

16 Junho 2017

Prezado Ouvinte

Tomei boa nota da sua crítica e ouvi na RTP Play a edição de 13 de Junho do programa "E Deus Criou o Mundo", no qual se debateu essencialmente a visita de Trump à Arábia Saudita, Israel e Vaticano.

A questão dos Xiitas e da Torres Gémeas é introduzida pelo apresentador do programa, Henrique Mota, ao minuto 7' 58", quando comenta a relação do presidente norte-americano e dos EUA com a Arábia Saudita e observa que essa relação pode levar a presumir que "o sunismo é o lado bom do Islão e que o xiismo é o lado mau." É então que Henrique Mota, o apresentador do programa, não afirma, antes pergunta: "Os terroristas das Torres Gémeas eram todos xiitas? Isto é, os terroristas que nós conhecemos no mundo são todos xiitas e os bons são todos sunitas?"

A questão é retomada aos 11' 32":

Isaac Assor – Agora não há dúvida que a mensagem que Trump passa para o mundo, e ele vai repeti-la em Israel, é a mensagem de que o Irão é o pai do terrorismo, claramente.

Henrique Mota – E daí a minha pergunta se os terroristas eram todos xiitas porque, aparentemente, ele branqueia na Arábia Saudita a maioria sunita do mundo.

Espero ter esclarecido a sua dúvida. No entanto, comunicarei aos responsáveis pelo programa a necessidade de serem sempre claros e rigorosos.

E o senhor Ouvinte, querendo, tirar dúvidas sobre esta questão, pode voltar a ouvir o programa em <https://www.rtp.pt/play/p1812/e-deus-criou-o-mundo>

Com os melhores cumprimentos

26 Junho 2017

Critérios de acesso à Antena Aberta da Antena 1

Exmo(a) Provedor(a) do Ouvinte

Dado que até ao momento não recebi quaisquer respostas ao meu mail e já passou mais de um ano e porque o problema se mantém, reitero o meu pedido de resposta

com os melhores cumprimentos

26 Junho 2017

Prezado Ouvinte

O senhor vai receber a resposta a que tem direito, tão depressa o Provedor esclareça o assunto.

Não tenho responsabilidade na falta de resposta: tomei posse em 3 de Março deste ano.

De qualquer forma, peço-lhe desculpa pela indelicadeza e a arrogância que lhe deram como resposta a uma reclamação o silêncio.

Com os melhores cumprimentos,

21 Maio 2016

Critérios de acesso à antena aberta da Antena 1

Exmo(a) Provedor(a) do Ouvinte

Ontem dia 20/05/2016, inscrevi-me para falar na antena aberta, sobre o tema: Professor Tutor, assunto sobre o qual já tentei fazer ao nível da sociedade civil um projecto com essa finalidade, mas, mais uma vez, fui preterido e certamente muitos outros, porque os responsáveis do programa passaram quási todo o tempo a falar sempre com os mesmos, os convidados e que fizeram deste país a irrelevância que somos no contexto Europeu e no qual a Antena 1 e a RTP tem muita responsabilidade.

Este novo conceito de formação foi abordado em Davos 2016 no âmbito da 4ª Revolução Industrial para qual a Europa se terá de preparar, mas só será conseguido se for abordado por quem pensa for da caixa o que não foi o caso. Penso que este programa só terá utilidade pública se seguir o modelo da TSF (que não tem obrigação de serviço público) mas que tem 2 horas de duração e assim pode ter convidados e alguém que possa fazer o contraditório e pense fora da caixa, caso contrário, sugiro que o programe se passe a chamar antena fechada.

28 Junho 17

Prezado Ouvinte

Começo por reiterar o pedido de desculpas por só agora receber resposta à queixa que apresentou em 21 de Maio de 2016 sobre critérios de acesso à *Antena Aberta* da Antena 1.

Com respeito à sua queixa, debati o assunto com a Direcção de Informação, da qual o programa depende, e com o editor da *Antena Aberta* e apurei o seguinte: A Direcção da Informação da rádio pública tem consciência de que não é possível garantir a participação em antena de todos os que desejam opinar, todos os dias e, nessa medida, compreende que exista sempre algum grau de insatisfação ou frustração. O editor do programa, que considera que o equilíbrio entre convidados e Ouvintes é um desafio diário, percebe que é indelicado convidar as pessoas para a casa da rádio e depois não as deixar sequer assomar à soleira da porta. Mais indelicado do que convidar a sair os que se estendem nas respectivas

considerações, ameaçando monopolizar o programa. Mas essa é uma das tarefas do editor, gerir as intervenções na antena, em directo.

O objectivo do programa é ouvir sempre o maior número possível de pessoas, sendo certo que há Ouvintes que se inscrevem todos os dias e para falar de todos os assuntos. A Direcção de Informação destaca que a participação dos Ouvintes foi entretanto alargada, sendo agora possível através do Facebook da Antena 1. Os responsáveis da *Antena Aberta* – DI e editor – sublinharam no contacto com o Provedor que têm o cuidado de privilegiar contributos de quem esteja relacionado com os temas em debate de forma mais direta porque, desse modo, o conteúdo da discussão torna-se mais relevante para todos. Essa “discriminação positiva” só pode naturalmente ser feita se os Ouvintes destacarem essa ligação, quando é feito o contacto inicial com a rádio. De resto procura-se que não haja nenhum tipo de privilégios no acesso ao programa, nem de cariz geográfico e regional, nem de outros.

O editor da *Antena Aberta* está certo que a maioria dos Ouvintes ficaria satisfeita se o programa tivesse mais tempo. Mas essa decisão não depende do editor, nem da Direcção de Informação. É uma questão geral que joga com os equilíbrios estratégicos da programação. E tanto quanto o Provedor se apercebeu, o alargamento do programa não está no horizonte, pelo menos imediato.

Espero ter respondido às questões que colocou. Renovo os pedidos de desculpa pelo atraso na resposta.

Com os melhores cumprimentos,

12-07-2017

" Manipulação" da informação/ revista da imprensa

Manipular informação não significa necessariamente adulterar essa informação mas apresenta-la de forma parcial ou que se possa inferir conclusões que podem não ser as reais se soubermos o contexto e amplitude dessa mesma informação.

Na RDP - programa da manhã do António Macedo - costumo ouvir habitualmente o resumo da "imprensa". E não raro essa "manipulação" existe, especialmente pela selecção de notícias...

Geralmente cita o "Observador" com grande destaque, o que diz logo da tendência das suas notícias...

Fico sem saber se o "observador" é um jornal impresso e não o sendo se aquilo é a revista de imprensa... (hoje - 12/7/17 - por ex. a notícia de abertura da "revista de Imprensa" foi a citação de um texto do Observador, a que se seguiram outras notícias, do Raul Vaz, por exemplo, que é um jornalista politicamente muito pouco isento...para não dizer comprometido.

Ouvindo aquele resumo parece-nos que o governo está prestes a cair, que finalmente o diabo chegou a S. Bento, que o governo está aflito, etc. e que a oposição está claramente em maioria, o que não é verdade a avaliar pelas sondagens.

A RDP - a minha rádio - é cada vez mais uma rádio não isenta, quiçá tendenciosa. Complexos de jornalistas? Frustração política de alguns jornalistas? Orientação manipuladora?

Tenho cada vez mais saudades de jornalistas como o meu amigo JPG

Prezado Ouvinte

Como deve calcular, não me sentiria bem a criticar, como Provedor do Ouvinte, a actual "revista de imprensa" da *Antena 1*. Fiz a "revista de imprensa" de 2006 a 2015, de segunda a sexta, com base em 10 jornais de papel, 5 generalistas, 2 económicos, 3 desportivos, e às sextas mais duras revistas. Como escreveu uma professora de jornalismo da Universidade do Porto, a "revista de imprensa" que eu assinava era "com cheiro a papel logo pela manhã". E por isso a revista se chamava de imprensa, isto é, papel impresso.

De qualquer modo, fiz seguir a sua crítica para a Direcção de Informação da rádio pública da qual depende editorialmente a "revista de imprensa" da *Antena 1*. Com uma recomendação: se o conceito de "imprensa" da "revista" foi alargado para

abranjer o online, deve ter-se o particular cuidado de alargar também o leque dos títulos para garantir o pluralismo da informação.

Muito grato pelas suas palavras. Disponha sempre do Provedor.

Com os melhores cumprimentos,

06-09-2017

Tive pena de não ouvir qualquer referência à visita do Papa que hoje se inicia. Não tenho dúvidas acerca do mérito do acontecimento e da sua contribuição para as causas de maior interesse para a humanidade. O "Serviço Público" pede critério editorial e este acontecimento não vale menos que os outros que enchem o espaço noticioso, por exemplo, o furacão das Caraíbas.

Com os meus cumprimentos de sincero apreço,

06 – 09 – 2017

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

Compreendo a sua pena como compreendo a dificuldade de gerir, em cada noticiário, de hora a hora, o que se passa no País e no Mundo. Às 11 horas de hoje, o Papa Francisco seguia a bordo de um avião no início da 20ª viagem internacional do Pontificado, com 71 jornalistas a bordo para cobrir o acontecimento.

À mesma hora, o furacão Irma, com ventos que chegaram aos 295 quilómetros por hora, avançava sobre cinco países. Entretanto, o avião Papal já fez saber que vai modificar a sua rota para evitar o furacão. As notícias nunca param e os noticiários têm tempos definidos e limitados.

De qualquer forma, farei chegar o seu reparo aos responsáveis pela informação da Antena 1.

Com os melhores cumprimentos,

12 – 09 – 2017

Acabo de ouvir uma reportagem sobre as eleições autárquicas onde falaram sobre o concelho de Ponte de Lima. Acho lamentável que a reportagem só tenha ouvido duas candidaturas, a do CDS e a da candidatura independente liderada por Abel Baptista.

A verdade é que a candidatura de Abel Baptista tem apenas o apoio da quarta força política do concelho, o PS. Como militante histórico do CDS, Baptista, poderá e irá, certamente, retirar votos a esse partido mas daí a pensar bipolarizar vai muito. É que neste cenário, o PSD, a força política que lidera a oposição em Ponte de Lima (mesmo quando em 2013 um movimento independente saiu do seu interior) obviamente reforça a sua posição.

Neste contexto não se percebe como as outras candidaturas não foram ouvidas nomeadamente a do PSD.

13 09 2017

Prezado

Ouvinte

Obrigado pela sua mensagem.

Falei com a Direcção de Informação da Antena 1 e apurei o seguinte: a reportagem pedida à repórter Ana Gonçalves foi sobre “a cisão dentro do CDS”, partido que detém a presidência da Câmara de Ponte de Lima desde 1976. Ouvi a reportagem, na gravação da emissão do Jornal de Campanha de 12 de Setembro, pelas 13.15, e penso que ela cumpre o que lhe foi pedido. Por seu lado, a editora do Jornal de Campanha, Maria Flor Pedroso, garantiu ao Provedor que a Antena 1 terá oportunidade de voltar a Ponte de Lima noutros momentos da campanha e que todos os candidatos terão voz.

Penso que as respostas são razoáveis e o Director de Informação – tal como lhe recomendou o Provedor do Ouvinte – prometeu reforçar o apelo às equipas no sentido do equilíbrio no tratamento da informação desta campanha autárquica.

Com os melhores cumprimentos,

28-09-2017

Debates autárquicas na Antena 1

Boa tarde,

Como residente em Barcelos foi com expectativa que segui a Antena 1 para ouvir o debate dos candidatos à CM da cidade que resido.

Foi com desagrado que tenham estado todos os candidatos, exceto um. O debate era com os candidatos à Câmara e não à Assembleia, pelo que o argumento/justificação usado para vedarem a participação do candidato do MAS não tem coerência alguma.

Como cidadão de um país democrático não podia deixar de criticar esta atitude antidemocrática da Antena 1 e que não dignifica o serviço público de rádio.

02 – 10 – 2017

Prezado Ouvinte

O critério que determinou os convites para os debates na Antena 1 foi comunicado aos partidos e movimentos concorrentes algum tempo antes do arranque da campanha autárquica: foram convidados os candidatos cujas forças políticas / movimentos de apoio apresentassem candidatura quer à Câmara Municipal, quer à Assembleia Municipal, garantindo assim a representatividade e expressão nos concelhos em causa. Com a participação do candidato do MAS em Barcelos aconteceu também um equívoco, pelo qual o coordenador António Jorge apresentou desculpas ao candidato em nome da Antena 1. Foi na ocasião garantido que o candidato do MAS seria ouvido no contexto de uma reportagem sobre as autárquicas em Barcelos, o que se verificou.

Aceite os meus cumprimentos,

16-10-2017

Reclamação sobre os fogos nos Concelhos de Alcobaça, Marinha Grande e Leiria

Exmos. Senhores, Os meus respeitosos cumprimentos. Infelizmente, só estão focalizados dos incêndios do norte de Portugal, esquecendo os Concelhos mais ao sul, que são também muito importantes. O Concelho de Marinha Grande, onde se situa o grande Pinhal de Leiria ou Pinhal do Rei continua a arder sem qualquer reportagem vossa. O Pinhal do Rei, foi iniciado pelo Rei Dom Dinis e já ardeu cerca de 75% !!! e continua a arder localidades dos Concelhos de Alcobaça, Marinha Grande e Leiria... Agora ouço pela Rádio 96 FM (que eu ajudei a fundar) o que se passa e que não é nada agradável. Tenho 80 anos e mais de 30 como colaborador do antigo Rádio Clube Português. Desculpe a minha ousadia ou desabafo. Atentamente.

Prezado Ouvinte

Folgo em sabê-lo de saúde e atento à sua rádio.

Recebi a sua mensagem que muito agradeço e à qual respondo de imediato.

Esta manhã, lavravam 60 fogos em todo o País; durante o fim-de-semana registaram-se 523 incêndios. É humana e tecnicamente impossível acompanhar tudo.

Mas a falha que assinala é daquelas que não podem passar em claro. Por isso, e tendo em conta o seu alerta, de homem avisado e conhecedor do ofício da rádio, vou pressionar a Direcção de Informação da Antena 1 para que preste a devida atenção à situação no Pinhal de Leiria, o Pinhal do Rei «plantador de naus a haver» como lhe chamou Fernando Pessoa.

Como saberá, também eu tenho muitos anos de rádio e de RCP.

Os mais calorosos cumprimentos,

23-10-2017

Noticiário sobre a manif que encheu o terreiro

Exm^o. Senhor.

Nunca tive oportunidade de me dirigir ao novo Provedor. Apesar de, lembro, ter gostado da pancada que deu aqueles sempre permanentemente alentados que a liberdade possa ser ao menos disciplinada, isto quanto o assunto era humor.

Sábado último. Noticiário as 16horas da antena 1.

O repórter na manif de lisboa contra o governo (os incêndios) dizia não haver gente, mas eram 4 horas e estavam a chegar, que os portugueses são mesmo assim, disse o mesmo.

Noticiário das 17: enquanto o locutor falava em enchente, o repórter no local falava em centenas.

A que se deve o entusiasmo do locutor? Por muito menos já se fizeram processos disciplinares.

Achei muito estranho o 8 ao 80, não estou a ver como pode encher-se tamanha praça repentinamente... a menos que chegassem naquela hora comboios cheios para o efeito.

Decidi protestar-

Entretanto vejo no sapo, tipo: mais de mil em lisboa e uns mil no porto.

Mas eis que no telejornal da rtp, falam em a praça repleta. E apesar de não me ter convencido, ainda bem que não reagi antes.

Posteriormente vi no JN números dessa ordem, mais de mil para lisboa e mil para o porto.

Como não tive condições para reagir logo,... passou a romaria.

Ate que hoje, 23-10-2017 no Mata Bicho, o assunto foi abordado. Convido V.E x^a ouvir este Mata Bicho e a apurar se há voluntarismo no entusiasmo do locutor que noticiou a enchente.

24 – 10 – 2017

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

Há repórteres que reportam o que observam; e há "repórteres" que reportam o que queriam ver ou o que lhes mandam ver.

Uns são jornalistas; outros, como diria Baptista-Bastos, são "injustamente acusados de jornalistas...".

E a falta de objectividade pode mesmo chegar a uma câmara de tv: abre-se o plano e parece que está pouca gente na praça; fecha-se o plano e está casa cheia.

Penso que no meio disto tudo quem tem razão é o Mata-Bicho: "Há quem não tenha percebido que a maioria dos indignados no nosso País são indignados que não saem do sofá."

Seja como for, vou chamar a atenção da Direcção de Informação para a discrepância entre o relato do repórter no local e a imaginação do locutor na cabina.

Mantenha-se atento e escreva sempre

Com os melhores cumprimentos,

20-10-2017

Boa noite.

Conforme já questioneei a Procuradoria da República, não se entende como é que não se abre um processo para averiguações da parte criminal dos incêndios de Domingo. Na Rádio (Antena 1) fala-se muito da responsabilidade civil do Governo e da Protecção Civil mas omite-se a parte criminal. Quem deitou os fogos (523 ignições e a mando de quem). Nas televisões e nas rádios nem uma palavra. Por acaso vim de viagem na tarde de Domingo (do Gerês para Viseu) e o que se via ao longo das estradas eram colunas de fumo a aparecerem, algumas a pouca distância umas das outras. Todo o povo fala em acto terrorista concertado. Só os meios de comunicação e os comentadores é que não.

Os bombeiros não tiveram qualquer possibilidade de parar um tufão de fogo, nem que fossem 100 mil. O director da PJ diz que não há indícios. Compete-lhe procurá-los. Madeireiros, indústria dos incêndios, eleições na Liga dos Bombeiros.

Talvez um sexto do país ardeu e 44 pessoas morreram. Este crime colossal não devia ficar impune.

Obrigado.

25 – 10 – 2017

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem, que agradeço, e à qual prestei toda a atenção.

Em função do que escreve, e que é totalmente razoável, recomendei à Direcção de Informação que preste a devida atenção às possíveis incidências criminais da onda de incêndios para que assim a rádio pública contribua para que este crime não fique impune.

Com os melhores cumprimentos

26-10-2017

Reportagem ontem 25 de Outubro às 10h na Antena 1

Muito bom dia

Venho manifestar o meu maior elogio para a reportagem da vossa jornalista Rita Colaço feita na zona dos incêndios, que ontem foi para o ar depois das 10h da manhã.

Foi de muita qualidade, fiquei muito emocionado! Especialmente o momento em que ela se disponibiliza para emprestar o seu telemóvel a uma senhora que já não falava com o irmão na Alemanha desde o dia do incêndio por falta de telefone e luz.

Bem hajam!

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que muito agradeço.

É muito raro o Provedor receber mensagens de elogio a trabalhos e trabalhadores da rádio pública. É sempre mais fácil criticar do que elogiar.

E talvez os trabalhos dignos do elogio expresso dos Ouvintes sejam pedras preciosas e raras. Mas sem dúvida que qualquer reportagem da repórter Rita Colaço está no domínio das pedras preciosas.

Vou transmitir o seu elogio à repórter Rita Colaço.

Com os melhores cumprimentos

08-11-2017

Visão Global de 5 de Novembro: estereótipo

Creio que o comentador do Visão Global que qualificou os flamengos como "uma maioria demográfica muito trabalhadora" e "os valões são... bem... são um pouco mais preguiçosos" deve um pedido de desculpa a todo um povo.

É por haver divulgação desse género de estereótipos, que nem sequer são uma generalização, que os fenómenos que o mesmo comentador critica (separatismos) ganham força na opinião pública.

É chocante ouvir esse tipo de comentários da parte de uma pessoa com tanta bagagem nestas questões, numa rádio com a projeção da Antena 1 e num programa com a qualidade que tem, geralmente, o Visão Global.

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e em relação ao respectivo conteúdo conferi as razões da sua crítica com o director de Informação da rádio pública e o autor do programa.

O director de Informação entende que a opinião do comentador, um experiente diplomata, não configura um "estereótipo" porque é sustentada em factos. O autor do programa facultou-me os dados nos quais o embaixador José Cutileiro se baseou para considerar os flamengos como "uma maioria demográfica muito trabalhadora" e "os valões... um bocadinho mais preguiçosos". Por exemplo, segundo dados do Eurostat, a Flandres é responsável por 58.6% do PIB nacional e por 83% das exportações e importações belgas.

Mas, tão importante como os próprios dados, o autor do programa considera a questão da liberdade de opinião. Ao autor do programa cabe-lhe evitar as generalizações, fugir aos estereótipos, ser imparcial e independente. Dar opinião, com total liberdade, compete ao convidado residente do programa, o embaixador José Cutileiro.

O autor do programa "Visão Global", Ricardo Alexandre, fez mesmo questão de sublinhar que, com todo o respeito que a opinião do Ouvinte em causa e de todos os outros lhe merece, «no dia em que só se quiser opinião inócua e indolor, já não será um programa comigo».

Espero ter contribuído para que considere esclarecidas as suas críticas. Apresento os melhores cumprimentos, disponha sempre,

06-12-2017

Queixa por falta de isenção

Ao escutar o episódio do programa "Um certo olhar" transmitido pela primeira vez a 1 Dezembro deste ano na emissora Antena 2: <https://www.rtp.pt/play/p304/um-certo-olhar>

constatei dois momentos em que o jornalista Luís Caetano, que modera o programa, não aplica o princípio da isenção.

Momento I (15m.44s) - Convidada: - Há pessoas que ficam profundamente infelizes por não poderem ser mães.

Jornalista: - Como é lógico.

Momento II (17m.46s) - Jornalista: - Está a ver António! Estando atentos há coisas boas a acontecer.

Em relação ao "Momento I", ao afirmar que a afirmação é lógica o jornalista adere a duas concepções da convidada: "felicidade" e "ser mãe". As concepções da convidada são pessoais e esta adesão por parte do jornalista contraria o princípio da isenção.

Em relação ao "Momento II", depois de mais de cinco minutos (12m.10s - 17m.45s) em que os convidados expressam opiniões sobre decisões políticas em

matéria de "Maternidade de substituição" e "Erradicação da pobreza", o jornalista não se abstém de classificar o relatado como "boas notícias".

Este juízo moral por parte do jornalista contraria o princípio da isenção. Aponto ainda para o princípio número um do código deontológico dos jornalistas portugueses, onde se lê: "A distinção entre notícia e opinião deve ficar bem clara aos olhos do público." Tenho isto presente, assinalo que o comportamento do jornalista foi muito difuso nessa distinção.

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e que transmitirei ao jornalista que o senhor critica.

Tenho muitos anos de jornalismo e neste caso tenho fortes dúvidas que se possa aplicar, a régua e esquadro, o código deontológico dos jornalistas portugueses, na parte que diz respeito à "distinção entre notícia e opinião". Trata-se de um programa de debate – não propriamente de um noticiário – no qual o jornalista deve estimular a troca de razões e de argumentos. E o jornalista da rádio o que não pode ser jamais é um "pé de microfone", imune, indiferente e alheio à discussão que se trava, até porque lhe cabe fomentar a troca de ideias e de argumentos.

Mas há mais.

Em relação ao que o senhor Ouvinte designa por "Momento I", o jornalista não adere à concepção da convidada, mas à concepção das pessoas que ficam profundamente infelizes por não poderem ser mães. E isso não é uma opinião: é uma constatação da razão da infelicidade de muitas pessoas.

Quanto ao por si chamado "Momento II", a concepção de que não há notícias boas nem más, mas simplesmente notícias, é uma falácia. A notícia da declaração de uma guerra é uma péssima notícia. E a notícia da assinatura de um tratado de paz é uma excelente notícia. E não há dúvida que qualquer avanço civilizacional, nos domínios da legislação dos direitos e que consagre e aplique avanços da ciência, é objectivamente uma boa notícia.

Receba os melhores cumprimentos,

dom 24-12, 16:45

Boa tarde Sr Provedor do Ouvinte

Continuo a não aceitar o envio massivo de jornalistas para cobrirem de forma redundante e com interesse muito limitado eventos no estrangeiro. Por exemplo qual o interesse de o grupo RTP ter 2 equipas de reportagem em Jerusalém ou qual o interesse em manter em Barcelona, para além da excelente correspondente em Espanha, mais equipas a fazerem reportagens com interesse muitíssimo limitado. As entrevistas de Paulo Dentinho a personalidades destacadas são um excelente exemplo de jornalismo com interesse. Diariamente ouço os noticiários da TVE, Euronews e BBC e não vejo lá tantos jornalistas a fazerem cobertura para além dos correspondentes e, mesmo estes, de forma limitada. É que estas deslocações, para além do mais, ficam caras aos contribuintes.

Com os meus melhores cumprimentos

Senhor Ouvinte

Recebi as suas queixas relativas ao envio de repórteres da rádio para o estrangeiro e pedi explicações ao Director de Informação, considerando que este tipo de decisões deve ser muito bem ponderado.

No caso das eleições na Catalunha, prevendo que o volume de trabalho seria intenso, a DI da rádio do serviço público decidiu enviar um jornalista para trabalhar exclusivamente para a rádio, o repórter Pedro Sá Guerra. A correspondente da RTP em Espanha, Daniela Santiago, iria ser muito solicitada pela TV (sobretudo pelo canal de informação RTP 3), ficando com menor mobilidade e disponibilidade para garantir trabalhos para a Antena 1.

No caso de Jerusalém (onde a RTP não tem correspondente permanente), a DI da rádio considerou importante que se reportassem do terreno os efeitos do reconhecimento pelo presidente dos EUA de Jerusalém como capital israelita. Decidiu por isso enviar o repórter José Manuel Rosendo para o local durante uma

semana. Simultaneamente, a DI da TV do serviço público DI TV decidiu enviar um repórter de imagem para trabalhar em equipa com o jornalista da rádio, aproveitando as sinergias entre os dois meios da empresa Rádio e Televisão de Portugal.

Estou a tentar recolher dados para lhe responder à queixa relativas a aspectos técnicos, o que é sempre demorado.

Os melhores cumprimentos.

A RÁDIO / RTP-RDP / ONDAS / COBERTURA

18-11-2017

Onda curta; RTP Play

1. Programa do Provedor, de ontem, deixou-me profundamente irritado. Por favor, não desista e denuncie a situação do emissor de Pegões até que o património em perigo seja salvaguardado. Recorra a todos os meios para que o País se mobilize. Irrita profundamente que o que é de todos seja votado ao abandono por imbecis que, em muitos lados, são colocados em posições de decisão para que são absolutamente incompetentes. E é óbvio que a Administração da RTP tem de responder às questões que lhe colocou. Insista com o Governo, com a Assembleia da República, com o município de que Pegões faz parte, com os jornais, as tvs, etc. Insista, por favor! Esta causa faz parte do essencial da sua nobre missão.

2. É insuportável a abusiva publicidade na RTP Play, nomeadamente quando antecede programas dos canais de serviço público puro, digamos assim. Levar com 30 segundos de pub antes de ouvir os programas do Luís Caetano, por ex., é francamente intolerável. Ao menos ponham lá um botão para se poder saltar o spot publicitário.

Cumprimentos.

21 – 11- 2017

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço e compreendo a sua irritação.

O Provedor não tem poderes para reverter uma decisão de uma administração da RTP menos ainda de um governo. Mas não desistirei de saber quem extinguiu a Onda Curta, quando, porquê e qual será o destino do património acumulado em Pegões, algum em muito mau estado de conservação.

O programa do Provedor que ouviu foi o segundo sobre a Onda Curta, suspensão, extinção, anúncio da venda das instalações de Pegões. E a sua queixa é apenas a primeira de um Ouvinte a fazer desta questão "uma causa".

Quanto à publicidade na RTP Play: o próprio Provedor já que se queixou desta situação, pelos Ouvintes da Antena 11: uma rádio sem anúncios comerciais, que ouvida na RTP Play é carregada de publicidade. E o Provedor queixou-se também por si próprio, pois tendo com frequência que ouvir para avaliar queixas de Ouvintes, programas que já foram para o ar, tem que ouvi-los também antecidos e carregados de publicidade comercial.

Obrigado pela sua mensagem. Mantenha-se atento e activo.

Com os melhores cumprimentos

01-12-2017

RDP Internacional onda curta

Olá, sou Ouvinte de rádio desde miúdo...Ouvi por um bom tempo a RDP Internacional em ondas curtas...25m 31m 19m 13m... Já lá vão anos que a RDP saiu das ondas curtas... "Faz muita falta"...Pois não temos nenhuma outra emissora portuguesa nessas ondas! (ao menos não tenho conseguido captar)...Tenho vários receptores de rádio...desde 520khz à 22mhz! Então...a que venho, é pedir informação se é previsto que a RDP Internacional volte a emitir em alguma banda de onda curta! (sintonizo-a via satélites: Estrela do Sul banda Ku e Intelsat 35 banda C. Por agora, é isto...Obrigado.

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

As emissões de Onda Curta da RDP foram suspensas "transitoriamente" para avaliação em Julho de 2011.

Recentemente, o Provedor do Ouvinte tentou saber a situação das emissões, dos emissores, das frequências da Onda Curta – dado que não é admissível uma suspensão "provisória" que se arraste tantos anos e sem a realização conhecida de qualquer estudo – e foi informado pela administração da Rádio e Televisão de Portugal que as emissões cessaram definitivamente e o Centro de Emissores de Onda Curta situados em Pegões, perto de Lisboa, estão à venda.

Como é óbvio o Provedor perguntou à Administração da Rádio e Televisão de Portugal quem, quando, em que termos, segundo que estudos, foi decidido extinguir a Onda Curta mas não recebeu até agora resposta.

Em todo este processo, que não está encerrado, o Provedor tem procurado fazer ver a importância da Onda Curta, designadamente na difusão da Língua Portuguesa pelo mundo, que é um dever legal e contratual da Rádio e Televisão de Portugal.

Aceite os meus cumprimentos

20-11-2017

Emissores de Onda Média

Caro Provedor do Ouvinte João Paulo Guerra,

Estou a enviar-lhe este email depois de ter ouvido o seu programa "Em Nome do Ouvinte" da passada 6ªfeira.

A RTP está a ser assaltada á vários anos e ninguém faz nada, logo acabamos por ser também responsáveis e cúmplices.

Todos sabemos qual o verdadeiro motivo do fecho do CEOC.

Alem das "OC" também a "OM" está a ser delapidada aos poucos ... e daqui a pouco será o FM.

Neste momento no norte já quase não existe "OM".

Desde o temporal de 19-01-2013 em que resultou a queda da torre de Miramar que não existe emissão de "OM".

O terreno e edifício da estação emissora de Miramar (localização privilegiada em frente ao mar) foi vendido em tempo recorde (e pelo que sei por meia dúzia de tostões).

A estação emissora de "OM" da cidade de Chaves depois de um assalto também foi encerrada, no Algarve a estação emissora de "OM" da Meia-Légua e nos Açores também encerraram estações de "OM".

As torres de emissão estão velhas, gastos e sem manutenção, sendo essa a ideia, não investir e deixar que as torres caiam (por falta de conservação) e depois justificar o fecho das estações emissoras, para de seguida poder vender os terrenos.

Julgo que seria bom ouvir as explicações do CA, do director técnico e também do responsável pelos emissores.

Cordiais cumprimentos,

Prezado Ouvinte

Registo a sua crítica e partilho as suas preocupações, conforme avaliará pelo programa do Provedor a que se refere.

Os melhores cumprimentos,

03-09-2017

Bom dia, João Paulo Guerra.

Fica aqui uma sugestão que poderia ser interessante para o player internet de televisão e de rádio.

A ideia consistia em poder ouvir os programas de forma seguida e não ter de seleccionar o novo programa no final do anterior. Deste modo um programa com muitos episódios disponíveis poderia fazer as suas próprias "maratonas" para a mesma temporada, por exemplo.

De minha parte continuação de bom trabalho.

Subscrevo-me com os meus cumprimentos e felicitações pelo bom trabalho desenvolvido.

Senhor Ouvinte

Recebi a sua sugestão que fiz seguir para o Director da RTP Multimédia que, por sua vez, me fez saber que a sua sugestão vai ser tida em conta.

Cumprimentos

16 Março 2017

Boa tarde!

Costumava ouvir a Antena 2 via internet, seleccionada através do site do meu equipamento receptor, da marca.....

Desde alguns meses essa sintonia desapareceu... e tenho de sintonizar emisoras 'clássicas' estrangeiras...

Será 'culpa' da RTP, ou da marca....?

Cumprimentos,

16 Março 17

Prezado Ouvinte

Consultado o departamento Multimédia da RTP, relativamente à sua dúvida, fui informado do seguinte:

Há uma série de marcas de rádio IP que utilizam streams de áudio da RTP sem o devido suporte. Como tal, a RTP não pode ser responsabilizada pelo serviço que esses aparelhos prestam.

Isto é: talvez seja mais indicado apresentar o seu protesto ao fabricante do equipamento.

Espero que tenha ficado esclarecido,

27-09-2017

Problemas/Sinal radio-Antena 2

Boa tarde Sr. Provedor.

A situação anteriormente relatada (desde novembro de 2013!) mantém-se: Deficiente sinal da Antena 2 em muitas zonas de Coimbra e penso que em toda a zona centro coberta pela frequência 89,30 Mhz.

Com os melhores cumprimentos,

4 Outubro 2017

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem que agradeço.

Consultado o Gabinete de Tecnologias da RTP posso informá-lo do seguinte:

A resolução para o problema apresentado, que permita aumentar a qualidade da cobertura, será a instalação de uma nova estação emissora para a Antena 2 em Coimbra. No entanto, neste momento a RTP não tem em curso nenhuma ação nesse sentido.

No entanto e com o intuito de ajudar a melhorar a qualidade de recepção, sugere-se no caso de recepção fixa a utilização de uma antena exterior apontada para o centro emissor de Lousã na frequência de 89.3 MHz. No caso da receção móvel, sugere-se a activação da funcionalidade AF do sistema RDS.

Alternativamente dispõe da emissão da Antena 2 em <http://www.rtp.pt/play/directo/antena2>

Disponha sempre e receba os meus cumprimentos

03 – 05 - 2017

Sinal da antena 1 em Abrantes

Boa tarde,

Desloco-me diariamente de carro na zona de Abrantes e geralmente sintonizo a antena 1. Desde algum tempo que a receção em algumas zonas é praticamente

impossível. Aparentemente existe outra emissora a interferir com a emissão da antena 1.

Agradeço a vossa melhor atenção para o assunto.

15 Maio 17

Prezado Ouvinte

Peço-lhe desculpa pelo atraso na resposta mas tive que aguardar explicações de diversos sectores técnicos.

Esses contactos permitiram-me saber e poder informá-lo que a zona de Abrantes representa uma situação de deficiência de cobertura devidamente identificada mas sem solução à vista.

A resolução só será possível com a instalação de uma nova estação emissora.

Esperando que a resolução não demore,

Apresento-lhe os melhores cumprimentos

29-09-2017

Má receção canal 1 RDP Madeira na área de Machico

Há duas a três semanas que a receção do canal 1 da RDP Madeira na área de Machico, e creio que também noutras localidades, está com péssima qualidade. Nos rádios com RDS, o canal, quando selecionado, é "abandonado" e "substituído" por outra, na busca automática do aparelho. Esta situação é recorrente e, inclusive, já houve período com ausência de sinal do canal.

Muito agradecia os bons ofícios para que esta situação seja corrigida pois que sou Ouvinte assíduo e tenho estado privado da audição e de boa audição da estação.

Cumprimentos

06 – 10 – 2017

Prezado Ouvinte

Como possivelmente já se apercebeu, a situação que revelou na sua queixa ao Provedor já foi entretanto regularizada.

Tratou-se de uma avaria com o equipamento gerador de RDS no emissor do Pico do Facho que cobre a zona do Caniçal e Machico.

Com os melhores cumprimentos

28 Abril 17

Qualidade das emissões da Antena Um

Sendo um Ouvinte assíduo da Antena Um, tenho verificado que a qualidade do som desta rádio tem vindo a deteriorar-se, situação que não se verifica noutras rádios de âmbito nacional com a rádio Fm ou M80. Moro em Albufeira e desloco-me com frequência a Lisboa e quer em minha casa nos Olhos de Água quer ao longo do percurso de e para Lisboa, o som é de péssima qualidade, muitas vezes não consigo perceber o que é dito...

Fazendo a Antena Um parte da RTP pública é difícil perceber que as outras rádios como as que indiquei tenham melhor som...???

Agradeço a sua melhor atenção.

15 Maio 17

Prezado Ouvinte

Peço desculpa pelo atraso na resposta mas tive que fazer várias consultas a serviços técnicos.

Agora, posso dizer-lhe que o departamento de Engenharia, Sistemas e Tecnologia da Rádio e Televisão de Portugal me informou que o sistema radiante da Estação Emissora de Monchique - Fóia apresenta uma avaria, o que reduz em muito a área de cobertura dessa estação e justifica a queixa que apresentou.

Está estudada a solução e foram pedidos os equipamentos necessários à correção da situação.

Os serviços técnicos aguardam autorização da Administração da RTP para avançar com a aquisição desses equipamentos.

Espero ter respondido às suas perguntas e faço votos para que a solução já estudada seja posta em prática rapidamente.

12 Junho 17

Podcast "David Ferreira a contar consigo..."

Mais uma vez ouvi no final do programa " David Ferreira a contar consigo..." no passado sábado, dia 10 de Junho, que o programa estaria em podcast e mais uma vez foi à página dos podcasts e o mesmo não se encontrava lá.

Prezado Ouvinte

Consultados pelo Provedor os serviços da RTP Multimédia, posso informá-lo do seguinte:

Os programas baseados em música (como o de David Ferreira) não são disponibilizados em Podcast, apenas on-demand no RTP Play, por motivos de direitos de autor. Não temos autorização para colocar música cujos direitos não detemos para outros Gadgets.

Terá acontecido por uma questão de facilidade a referência que o programa estava em Podcast e já foram alertados os animadores de emissão que ao referir onde os programas podem ser ouvidos em diferido, têm de distinguir o que é On Demand do que é Podcast.

Recapitulando:

On Demand no RTP Play são todos os programas – São ouvidos em diferido mas a partir do servidor RTP

Podcast – São descarregados para os computadores ou outros Gadgets dos Ouvintes. Neste caso, SÓ PROGRAMAS DE PALAVRA são disponibilizados em Podcast.

Conclusão neste caso: O *David Ferreira a Contar Consigo* é um programa de música. Não está em podcast. Mas o programa está disponível em *on demand* no RTP Play.

Página de Programas que estão em podcast:

<https://www.rtp.pt/antena1/podcasts>

Página do *David Ferreira a contar consigo* no RTP Play e onde está também o programa de 10 de Junho:

<https://www.rtp.pt/play/p1953/e292555/david-ferreira-a-contar-consigo>

07-05-2017 18:59

"Vozes da Lusofonia"

Ao visitar o álbum "Proibido Adivinhar", de Sebastião Antunes e Quadrilha, fiquei com vontade de ir ouvir a edição do programa "Vozes da Lusofonia" em que o artista foi entrevistado por Edgar Canelas e para o efeito acedi ao respectivo arquivo na plataforma RTP-Play (<http://www.rtp.pt/play/p276/vozes-de-lusofonia>).

Infelizmente, não consegui levar a cabo o meu intento porque a edição em causa está omissa. Lembro-me perfeitamente que a emissão hertziana aconteceu imediatamente antes do concerto de apresentação do disco no Centro Cultural Olga Cadaval. Ora como esse espectáculo se deu a 12 de Fevereiro de 2016, o programa terá ido para o ar no dia 07 do mesmo mês, pois naquela data o arquivo está em branco.

A menos que a lacuna se deva a esquecimento humano, é de presumir que houve falha do sistema que processa os carregamentos, sem que o funcionário que o controla se tivesse apercebido.

Senhor Ouvinte

A RTP Multimedia, alertada pelo Provedor do Ouvinte, por sua vez alertado por si, informou-me que o programa Vozes da Lusofonia vai ser republicado após ser detectada uma falha técnica.

Com os meus cumprimentos,

Exmo. Sr. Provedor do Ouvinte, sex 12-05-2017 20:30

Confirmo que já foi disponibilizada, na plataforma RTP-Play, a edição do programa "Vozes da Lusofonia" com Sebastião Antunes.

Manifesto-lhe o meu reconhecido agradecimento pela sua intervenção junto de quem de direito.

Gratíssimo, com os melhores cumprimentos,

04-12-2017

Deficiência em emissor Antena 2

Caro senhor Provedor

Faço esta reclamação porque parece ninguém ligar a uma deficiência na emissão da frequência 99.4, que que no sítio onde moro capto com melhor qualidade.

Isto arrasta-se por mais de um mês. Consta de intermitência persistente onde partes sucessivas da emissão são cortadas sendo o efeito muito desagradável.

Agradeço a atenção dispensada

Os melhores cumprimentos

05 – 12 – 2017

Prezado Ouvinte

Consultada a Direcção do Centro Regional da Madeira da RDP o Provedor foi informado que a avaria que motivou a sua queixa está já ultrapassada.

A avaria no receptor do Cabo Girão da Antena 2 provocava a intermitência persistente referida na sua mensagem.

A situação foi ultrapassada através da colocação de um receptor de reserva.

Os melhores cumprimentos

24-12-2017

Problemas com o transmissor de rádio

Na área onde eu resido, Mogadouro costumam existir problemas de transmissão da rádio Antena 3. O último dos quais mantém-se há várias semanas e é um ruído de fundo bastante audível e incomodativo.

Como não sei quem se deve contactar nestas situações resolvi escrever ao Provedor do Ouvinte.

Prezado Ouvinte

Informa-me o Director dos serviços de Engenharia, Sistemas e Tecnologia das rádios do Serviço Público que, na realidade, o problema não era com os emissores

de Bornes, que servem a região de Mogadouro, mas com o receptor de satélite, pelo que automaticamente passou para a emissão por retransmissão dando origem à introdução de ruído existente.

O Director acrescentou que foi reparada a avaria do receptor de satélite pelo que a emissão normalizou.

Agradeço a colaboração que prestou para resolução deste problema, denunciando-o. Não sei se terá chegado a ser contactado pelos serviços para identificação e resolução do problema em directo.

Receba os melhores cumprimentos,

26 04 2017

Caro Provedor,

Esta é a primeira vez que lhe escrevo apesar de saber da sua existência e de ocasionalmente vê-lo na TV.

Até agora não tive qualquer razão para escrever, mas acho que a queixa que lhe trago é oportuna. Sou com muito orgulho madeirense e defendo afincadamente a minha ilha e as pessoas de cá.

Cresci a ouvir o Super FM que mais tarde transformou-se em Antena 3. Quando fui para o continente estudar descobri uma nova Antena 3 completamente diferente daquela que estava habituado a ouvir.

Durante os anos que vivi no continente fui fiel Ouvinte da Antena 3 onde descobri um grande leque de nova música e de rubricas interessantíssimas e ecléticas como os "Bons Rapazes" que aproveito para felicitar pela decisão de os trazer de volta. Entretanto voltei à Madeira e volto a sintonizar o rádio para a Antena 3 e descubro uma rádio fechada e pequena de costas voltadas ao filão de nova música portuguesa que tem vindo a emergir nos últimos anos e com playlists completamente desactualizadas. Não faz sentido ter um grande leque de nova e interessante musica portuguesa e passar música estrangeira e desactualizada. É mau serviço público. Acabo por ter de ouvir rádio no pc.

Este contacto surge no intuito de uma recente visita ao arquipélago dos Açores, onde confirmei aquilo que julgava acontecer. A Antena 3 é a Antena 3 e não Antena 3 Açores. Ao que lhe pergunto:

Porque razão a Madeira não tem a Antena 3?

Prezado Ouvinte

Com base na sua crítica e na pergunta que formulou, o Provedor do Ouvinte questionou a direcção de conteúdos do Centro Regional da Madeira e a direcção da Antena 3. Através dessas diligências, é possível prestar-lhe os seguintes esclarecimentos:

- A Antena 3 Madeira – tendo em atenção o panorama radiofónico e o contexto mediático madeirense – segue uma linha editorial diferente da Antena 3 nacional.
- A Antena 3, por seu lado, não interfere na grelha de programas e linha musical da Antena 3 Madeira. No entanto, a Antena 3 e a Antena 3 Madeira assumem-se igualmente como rádios pop.
- A Antena 3 Madeira tem o seu conteúdo próprio mas a partir das 19 horas liga-se à emissão da Antena 3 nacional, com a qual partilha alguns dos programas de referência do canal.
- A existência da Antena 3 Madeira – que se reclama de ser o primeiro canal público em Portugal de música, com um percurso de 28 anos – tem permitido divulgar grande número de bandas e de músicos madeirenses, de projectos concebidos e de eventos realizados na Madeira, que de outro modo dificilmente teriam visibilidade pública.
- Ambas as direcções consideram a crítica bem-vinda.

02-11-2017

Antena 2 | disparidade de volumes - vozes/locução e música.

Bom dia,

Para mim há uma disparidade de volumes, entre vozes/locução e a música.

Acontece pôr um determinado volume para a música, que parece equilibrado para a casa, que não incomode muito os vizinhos, mas quando vem uma parte de voz o "tom sobe" e há uma ressonância e um volume que não faz sentido de um ponto de vista "doméstico". Parece-me haver aqui um paradigma que deveria ser revisto aqui.

Se é por uma questão de percepção da palavra, esta não é melhora pelo volume e este é da escolha do Ouvinte. Não são as frequências graves e médias graves - normalmente valorizadas porque, naturalmente, as locução aprecia a sua voz mais encorpada - que ajudam a percepção da palavra, mas sim as frequências médias e agudas, os sons sibilantes que ajudam a articulação da voz e que faz com que as palavras se percebam. Na realidade é o equilíbrio de todas estas frequências que funciona.

O que não funciona é a disparidade de volumes, com uma predominância nos registos graves e médios graves, que na grande maioria das nossas casas, com total desadequação acústica, tem uma ressonância desagradável e não intencional (o volume pretendido era outro, para ouvir música).

Penso que ganharíamos, embora para muitas pessoas apenas subtilmente, em reavaliar isto e que deveriam fazer testes em ambiente doméstico, que nada tem a ver com a realidade do estúdio.

Obrigado pela atenção, cumprimentos

08 – 11 – 2017

Prezado Ouvinte

Confrontado pelo Provedor com a sua queixa, o director da Antena 2 admitiu que há com efeito desequilíbrios pontuais, mais do que seria desejável, no som da emissão e forneceu para a situação as seguintes explicações.

O som da Antena 2, neste momento, resulta do trabalho dos próprios realizadores em tempo real. Ou seja, são os realizadores/apresentadores que operam a mesa de som num estúdio de emissão auto-operado. Já houve um tempo em que os cuidados técnicos ficavam a cargo de um operador, mas o número de

trabalhadores na área dos operadores foi diminuindo devido a constrangimentos financeiros.

Acresce que as soluções digitais e analógicas que preveem o recurso a limitadores/potenciadores automáticos de som não resolveram até hoje a situação... nomeadamente porque a música clássica tem uma dinâmica (do quase silêncio ao tutti súbito de uma orquestra) que se dá mal com automatismos.

O actual modelo resulta portanto de uma decisão ponderada entre: ter uma rádio com o som otimizado, mas mais dispendiosa porque requer a contratação de operadores; ou ter uma rádio com estúdios auto-operados com recurso a automatismos, ainda assim com maior probabilidade de erro e mais desajustamentos no som, mas menos dispendiosa porque dispensa operadores.

Os constrangimentos financeiros no seio da RTP - Rádio e Televisão de Portugal explicam o implemento da segunda opção.

Espero ter respondido à questão que colocou.

Com os melhores cumprimentos,

- MÚSICA E PLAYLIST

8 de novembro de 2017 - Assunto: Playlist

Exmo. Senhor Provedor

Como é que uma função com o nome de playlist, consegue silenciar uma das melhores vozes deste país (Dulce Pontes) nesta emissora? Isto para não falar em dezenas de outras vozes todas elas de pessoas vivas, ao contrário daquilo que acontece com algumas vozes já desaparecidas e que passam quase diariamente !!!!!

Desde já as minhas desculpas pelo tempo que lhe ocupo.

Respeitosos cumprimentos

Prezado Ouvinte

Recebi a mensagem que, certamente por lapso, embora dizendo respeito à rádio enviou ao Provedor do Telespectador.

O Provedor do Ouvinte já divulgou, por diversos meios, a sua posição crítica sobre a existência da chamada *playlist*, ou lista de difusão musical, que se aplica a toda a programação da Antena 1 com excepção dos chamados programas de autor. Essa posição crítica foi também manifestada à direcção da rádio pública.

Cada estação de rádio tem o direito e também o dever de definir o seu perfil, do qual a música faz parte essencial. Para a definição do perfil musical, a *playlist* será um útil instrumento técnico. O problema da *playlist* não está no instrumento ... mas no conteúdo.

A *playlist*, enquanto instrumento de trabalho, poderá ajudar a objectivar a subjectividade das escolhas. Mas apenas se encarada como um meio, e não como um fim em si mesma, é que o resultado andarà com certeza mais perto dos propósitos de um serviço público.

A discussão em volta deste conceito de serviço público é longa e muitas vezes redundante. Mas há três princípios básicos, comum e universalmente aceites desde que a BBC estabeleceu o conceito, há mais de 80 anos: *Informar, formar, entreter* – são ainda estas as linhas de rumo que o serviço público deve seguir. Mas a radiodifusão pública portuguesa, por acréscimo da lei portuguesa da rádio, tem também o dever da “qualidade”, que nem sempre se conforma com os imperativos do “mercado”.

Assim, a *playlist* só fará sentido desde que estes princípios e deveres do serviço público sejam respeitados e a qualidade acautelada.

Esclareço que o Provedor do Ouvinte não tem funções de programação, nem os seus pareceres têm carácter vinculativo. Funcionam simplesmente como a consciência dos Ouvintes, e do próprio Provedor, a manifestar-se junto das direcções da rádio pública.

Com os melhores cumprimentos,

03-05-2017

Playlist Antena 1

Exmo. Sr. Provedor,

Sou Ouvinte da Antena 1 há muitos anos e reparo que a playlist da Rádio está cada vez mais parecida com as outras rádios o que me desagrada profundamente. Não creio que o caminho da Antena 1 deva ser imitar a RFM, a Comercial, a Cidade, a Megahits e outras que tais. Acredito que uma rádio pública generalista como a Antena 1 ambicione ter muita audiência e mude a sua estratégia de forma a seguir uma linha comercial como as rádios que citei anteriormente, no entanto, creio que a probabilidade de perder Ouvintes com esta linha musical é grande. Não vou referir nomes por uma questão de educação, mas abarcar TODA a música portuguesa: pop, lusófona, e "popularucha" com intenção de captar audiência que vai desde os adolescentes até às donas de casa é um caminho perigoso que levará, mais cedo ou mais tarde, ao abandono dos Ouvintes que encontravam na Antena 1 música de qualidade. Como Ouvinte gostava de ter na minha Rádio música de qualidade, que não seja "fácilzinha" de ouvir, portuguesa e estrangeira, programas de autor e realizadores/animadores que conversem com os Ouvintes. A Antena 1 corre o risco de perder identidade ao ser "seguidista". Não caiam nessa tentação! Obrigada e continuação de bom trabalho.

Estimada Ouvinte

Recebi a sua crítica que analisei e juntei a outras que abordam a questão da playlist. O Gabinete do Provedor decidiu realizar proximamente uma série de programas sobre este tema.

Entretanto contactámos o director e o director-adjunto da Antena 1.

Das conversas que tivemos podemos apresentar-lhe a seguinte súmula, que expressa naturalmente as posições do director-adjunto, o responsável directo pela gestão da playlist.

A Antena 1, como refere e bem a Ouvinte "é uma rádio pública generalista" a que acrescento uma rádio centrada também na actualidade, logo a sua música,

ou melhor, as canções que toca na sua lista organizada de difusão (musical) é ela também generalista, com actualidade, com memória, mas e acima de tudo, o mais abrangente possível.

A aposta forte da estação, a execução musical do canal, está claramente centrada na divulgação e na difusão de música nacional, nos mais variados géneros e muito acima dos valores exigidos pela lei.

Nesta altura, ao longo dia, a Antena 1 executa 86,23% de música portuguesa. Tomado o universo da música portuguesa em 100%, 86,84% são de música portuguesa, cantada em português (recordo que a lei aponta para 60% de execução de música portuguesa e dos quais, 60% devem ser cantados em português) e 51,32% de música com menos de 12 meses (neste caso a lei aponta para uma quota de 35%; valor mínimo).

Executa igualmente à data cerca de 13,77% de música Internacional em lista.

Quanto ao critério editorial, ou seja à escolha das canções portuguesas para tocar na rádio, há uma estratégia clara de cruzar a actualidade com a memória e mostrar novos projectos, novos autores no panorama nacional.

Do lado da música internacional, sendo um canal generalista e de actualidade, uma parte (já referida em cima) da escolha, recai em canções mais mediáticas, sejam elas actuais ou de memória colectiva.

Consigo perceber perfeitamente que a Ouvinte citado pelo Sr. Provedor, ouça na Antena 1 actualmente canções que possa também escutar noutras estações, mas são uma ínfima parte da música que o canal executa.

De resto, de algum tempo a esta parte está a acontecer algo que vai também em sentido inverso; há um acentuado número de artistas nacionais, que nunca tocaram nas rádios musicais abaixo mencionadas e que agora fazem parte de algumas das listas. A título de exemplo (Ana Moura, Raquel Tavares, Mariza, António Zambujo, Carminho, Cuca Roseta, entre outros).

Quero por fim agradecer seriamente o e-mail da Ouvinte, que me chegou via Sr. Provedor, mas dizer-lhe claramente que a Antena 1 não está nem vai "perder a identidade, nem cair em tentação", vai sim continuar a fazer o seu caminho, numa aposta clara na música portuguesa, seja ela mais antiga ou mais recente.

Espero que continue ouvir e a interagir com a rádio pública,
Com os melhores cumprimentos

22-12-2017

Música a horas inapropriadas

*No passado dia 19, pelas 17h10, passou na **Antena 3** uma música do artista Valete, com o nome "rap consciente".*

Nesse horário (16h-18h) muitos pais vão buscar os seus filhos aos infantários, às escolas, etc.

*Acontece que a música em questão, por volta dos 1m30s, apresenta-se (e com bastante convicção) com os versos: "piroso do cara***, prodigioso p'ra eles, p'ra nós mais um paspalho" e que volta a repetir aos 1:45, novamente com o "piroso do cara***".*

Nessa hora, por acaso, seguia no meu carro com um amigo e com o filho dele, de 4 anos de idade e que, após ouvir os referidos versos, repetiu a palavra torpe para o pai, e o pai, atrapalhado, obrigado a inventar uma desculpa para o filho não dizer aquilo.

Não seria obrigação de uma rádio pública, já que têm tantos estagiários, fazer uma pequena edição nas faixas para censurar essas palavras? Não é obrigação da rádio pública contribuir para a educação e cultura dos seus Ouvintes? Não seria obrigação de uma rádio pública, pelo menos, ter algum cuidado nas escolhas das músicas para determinados horários?

Como nós, com certeza que mais pais e mais filhos ouviram e passaram por esta afronta.

Votos de um Bom Natal.

Atenciosamente,

22 – 12 – 2017

Senhor Ouvinte

Recebi a sua mensagem de protesto, que farei seguir para conhecimento e consideração da direcção da Antena 3.

Independentemente de qualquer avaliação do "rap consciente", uma resposta lhe posso antecipar: as rádios do serviço público jamais transmitirão faixas de discos previamente reeditadas e "censuradas" de algumas palavras.

As rádios do serviço público deverão certamente ter algum cuidado nas escolhas das músicas. E o rap que ouviu não passaria seguramente na Antena 1 generalista, embora o tenha ouvido na Antena 3 uma rádio jovem de alternativa pop. Mas o exame prévio e a censura não contribuem em circunstância alguma para a educação e cultura dos Ouvintes.

Apresento-lhe os melhores cumprimentos e votos de Festas Felizes

30 – 05 – 2017

Música de fundo

Actualmente aplica-se música de fundo/ambiente em tudo. Cá por mim não gosto. Enfim, modernices.

Nas notícias sobre o trânsito na Antena 1 (é o que ouço mais) a música de fundo não é música mas um barulho assim a modos que "bumbum" "bumbum".

Gostaria de saber qual a finalidade daquele som. É para chamar a atenção das pessoas ou é transmitida alguma mensagem subliminar através do som?

Obrigado pela sua atenção e paciência

07 – 06 – 2017

Senhor Ouvinte

Ouvi a trilha sonora a que faz referência – que tenho dificuldade em classificar como um mero "bum, bum, bum" – e discuti o assunto com a direcção de programas da Antena 1.

Serão talvez “modernices” para alguns Ouvintes mas trata-se simplesmente do desenho sonoro que dá identidade à Antena 1.

E pode ouvir as informações de trânsito à vontade, sem receio de qualquer mensagem subliminar.

Com os melhores cumprimentos,

20-07-2017

Música de Abril deixou de passar na Antena 1

Faz no próximo mês de Agosto um ano, que deixou de passar a música de Abril na Antena 1, uma das imagens de marca da rádio pública. Mantiveram-se as notícias (felizmente) e o futebol dos chamados grandes em doses a dobrar. Todos os outros programas nomeadamente os de opinião, foram suspensos. Nos espaços musicais foi passada a chamada música delico-doce (quase pimba), sendo repetida várias vezes.

A nova grelha de programas entrou de mansinho ao longo do mês de Setembro com novos programas, enquanto que outros que já existiam, viram a sua duração encurtada. Apesar dos espaços musicais ter sido aumentado passando a ser regra a colocação de música no início e no fim dos programas, nunca mais a música de Abril foi passada, exceptuando o dia do aniversário da morte de José Afonso, o dia de 25 de Abril, e alguns programas do senhor David Ferreira.

Nesta última 5ª feira experimentei uma enorme satisfação, quando no final da entrevista do senhor Presidente da Assembleia da República concedida á jornalista senhora Flôr Pedroso, foi passado o tema “Vejam bem” de José Afonso. A coordenar a emissão do programa da manhã estava o senhor António de Macedo, porventura um dos homens que mais música de Abril passou na rádio pública.

Não sei se lhe posso fazer uma pergunta, senhor Provedor, mas ela aí vai:

- Que mal fez a música de Abril á rádio pública, para os seus (novos) responsáveis a terem retirado da Playlist?

21 – 07 – 2017

Prezado Ouvinte

O programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, tem dedicado sucessivas edições à questão da música e da *playlist* na Antena 1, nas quais o tom geral tem sido crítico em relação à lista de execução musical. Nos próximos programas serão entrevistados David Ferreira (hoje, dia 21 e depois disponível na RTP Play) e José Duarte (dia 28). Na reentrada da programação, em 15 de Setembro, faremos a avaliação geral da questão da música e *playlist*.

De momento, mais do que uma questão de exclusão, há um problema de qualidade, que é um imperativo do entretenimento na rádio pública, de acordo com a Lei da Rádio.

É impossível fazer um acompanhamento permanente da *playlist*, pois a mesma está em permanente mudança, com entrada e saída de títulos.

No espaço de tempo no qual nos fixámos, na primeira quinzena de Junho, devo dizer-lhe que passaram pela *playlist* e foram para o ar canções de Fausto (a solo e em dueto), Sérgio Godinho (a solo e em duetos), José Mário Branco (dueto com Fausto), Resistência, Luís Represas, Vitorino. Nas 507 canções que passaram pela *playlist* na primeira quinzena de Junho as ausências mais notórias foram José Afonso e Amália.

Quanto às alterações nas grelhas de programação ocorrem naturalmente.

Em Setembro haverá provavelmente novas alterações.

Com os melhores cumprimentos

11-10-2017 09:49

Acesso preveligiado à Antena 1 de alguns cantores

Exmo Provedor do Ouvinte

Sou Ouvinte quási diário da antena 1 no período da manhã e é com espanto que verifico que alguns cantores tem uma espécie de lugar cativo como é o caso do Sr. Camané, enquanto que outros, primam pela ausência

Gostaria de ter uma explicação para este facto, dado tratar-se de uma rádio pública

com os melhores cumprimentos

11 – 10 – 2017

Prezado Ouvinte

Obrigado pela sua mensagem.

Contactada a Direcção da Antena 1 fui informado que, com efeito, Camané teve e terá por mais alguns dias maior presença na Antena 1 devido à publicação de um novo disco, intitulado *Camané canta Marceneiro*, uma homenagem a Alfredo Duarte "O Marceneiro".

Nesta quarta-feira, Camané cantou mesmo em directo na manhã da Antena 1 dois fados desse seu novo disco, a cujo lançamento a estação se associou.

O motivo da maior presença deste fadista em antena é absolutamente compreensível, sendo que pela sua elevada qualidade e grande popularidade Camané bem merece lugar de destaque nas listas de difusão da rádio pública.

Na qualidade de Provedor do Ouvinte já me pronunciei criticamente sobre a chamada playlist da Antena 1 e sobre algumas omissões dificilmente entendíveis.

Espero ter respondido à questão que colocou

Os melhores cumprimentos,

19 Junho 17

Senhor Director e senhor director-adjuntio da Antena 1

Nenhum Ouvinte se queixou mas queixa-se o próprio Provedor.

Ontem, 18 de Junho, imediatamente antes das notícias das 22 horas, rodou na Antena 1, por obra e graça da playlist - ou terá sido por ironia macabra do locutor de serviço? - a canção "Brincar no fogo", dos UHF.

Foi uma transição rapidíssima, da canção dos UHF para as labaredas das notícias de Pedrógão. Uma brincadeira de muito mau e mórbido gosto, antes das notícias com 62 mortos nas chamas de Pedrógão e o País de luto.

Quem ou o quê podemos responsabilizar?

Aguardando resposta

Senhor Provedor

Caro João Paulo Guerra,

Queria apenas reiterar que o sucedido, que muito lamentamos, foi fruto de não ter havido atenção suficiente em colocar a canção a rodar, mesmo que a lista tenha sido enviada antes dos terríveis acontecimentos que assolaram Pedrogão Grande.

Quem gere a emissão tinha, tem autonomia para o fazer, ou seja, para anular passagem de canções, em situações destas ou outras que se justifiquem.

Cumprimentos

Ricardo Soares

Antena 1

Senhor Director da Antena 1

Senhor Director-adjunto

Para vosso conhecimento, junto envio a nota que vai ser publicada no programa do Provedor do próximo dia 30 de Junho, preenchido no essencial com uma entrevista com o director-adjunto sobre a playlist:

O Provedor, que também é Ouvinte, queixou-se de um efeito perverso concreto da playlist:

Na noite de 18 de Junho, com o País em estado de choque pelo incêndio e os mortos de Pedrogão Grande, a playlist colocou no ar, mesmo em cima das notícias das 10 da noite, a canção "Brincar no Fogo", dos UHF.

Foi um acaso mórbido e de muito mau gosto; mas os acasos podem acontecer se existe uma lista prévia de discos com dia e hora para tocar; e se não há autonomia, ou se há algum constrangimento, para mexer na playlist.

A direcção da Antena 1 lamentou o sucedido na resposta à queixa do Ouvinte Provedor.

- FUTEBOL, FUTEBOL, FUTEBOL

05 – 03 – 2017

Situações anómalas na RDP, Antena 1

Hoje, 5Mar2017, Antena 1, noticiário das 9 horas, fui confrontado com algo que me deixou desgostoso e que jamais imaginei que pudesse acontecer. Assim, depois do sinal horário ouvi o locutor de serviço anunciar "As notícias com Eduarda Maio", que tiveram o seguinte alinhamento: eleições no Sporting, com intervenções do candidato vencedor e do candidato vencido; resultado do Feirense-Benfica, opiniões dos treinadores, e resultado do Porto-Feirense, com intervenções dos treinadores. Qual não foi o meu espanto quando imediatamente a seguir ouvi o locutor "Foram as notícias com Eduarda Maio". O noticiário chegara ao fim. Limitou-se a falar de futebol. Acho há muito que as notícias do futebol (eles dizem de desporto mas raramente falam de outras modalidades...) não deveriam sobrepor-se às notícias gerais, mas o que hoje se passou ultrapassou tudo.

Prezado Ouvinte

Sobre a sua queixa do passado dia 5, no que respeita a um noticiário apenas com notícias de futebol – e assim “foram as notícias” -, o Provedor, como a Direcção de Informação da rádio pública, consideram oportuna a sua chamada de atenção. É certo que naquela manhã de domingo uma das notícias era de actualidade e de interesse geral – o desfecho, já de madrugada, das eleições no Sporting – mas as outras notícias do futebol, os resultados do dia anterior, poderiam e deveriam ter sido resumidas, sem incluir os comentários dos treinadores, o que daria espaço disponível nos 7 minutos previstos para o noticiário, incluindo títulos e informação meteorológica, para outras notícias de interesse mais geral.

A Direcção de Informação respondeu ao Provedor, a propósito da sua crítica, que o critério de actualidade é mais premente no jornalismo do que o da diversidade, mas neste caso não foi feito todo o esforço para equilibrar os dois critérios.

Espero ter respondido à questão que me colocou e motivado internamente este debate.

12 – 04 – 2017

A recente revelação de que comentadores desportivos de canais públicos, pagos com os impostos de todos nós, recebem directrizes de um clube específico para atacar ou defender este aquele algo, para seguir este ou aquele guião, cria uma situação insustentável que exige uma tomada de posição firme por parte da RTP. Todos os meios de comunicação têm um dever de imparcialidade inerente ao próprio código deontológico da profissão de jornalista, e esta revelação (que, no fundo, só confirma as suspeitas já há muito existentes, após anos de discursos "alinhados" com uma determinada cor) comprova que esses deveres foram atropelados sem qualquer sombra de escrúpulos.

Aguardo ver este assunto abordado por quem de direito.

Sem outro assunto, subscrevo-me,

17 de Abril de 2017

Senhor Ouvinte

Junto lhe dou conhecimento da posição conjunta assumida pelos Provedores do Ouvinte e do Telespectador, perante a sucessão de acusações sem factos concretos contra jornalistas e comentadores da Rádio e da Televisão públicas:

O facto de ter sido difundida pelo Director do departamento de comunicação de um clube uma acusação de que vários jornalistas e comentadores radiofónicos e televisivos recebiam indicações de um gabinete afeto a outro clube não prova que assim seja e, muito menos, que os destinatários sigam tal tipo de indicações. A existência de acusações não faz prova de coisa alguma. O bom nome das pessoas e dos profissionais não pode ser posto em causa apenas porque alguém divulga acusações contra eles. E as pessoas que são alvos de calúnias têm o direito de não ter de lhes responder na praça pública para não contribuírem assim para as avolumar.

Os jornalistas e comentadores do futebol têm o dever de procurar e de obter informações junto dos agentes desportivos, para melhor garantir aos Ouvintes e telespectadores o direito à informação.

João Paulo Guerra, Provedor do Ouvinte

Jorge Wemans, Provedor do Telespectador

23 – 03 – 2017

Comentaristas em relatos de futebol

Sendo eu um Ouvinte diário e fiel da Antena 1, tenho todos (6) rádios de outras tantas viaturas, sempre sintonizados nesta rádio e, quando chego ao fim-de-semana, gosto de ouvir os relatos de futebol. Infelizmente (...) há comentários prolongadíssimos, ou seja quando diziam e bem, que os locutores eram os nossos olhos para "vermos" o jogo, eis que essa visão (...) nos é retirada por comentários dispensáveis (...) Grato pela atenção que possam dispensar a esta minha reclamação,

Subscrevo-me com consideração.

Prezado Ouvinte

A sua crítica faz sentido e é razoável.

Por estar de acordo com o essencial, encaminhei a sua crítica para a direcção respectiva da rádio do Serviço Público, assumindo como conselho do Provedor "mais relato, menos comentário" durante as transmissões desportivas.

O responsável pelo departamento de desporto na direcção de informação respondeu ao Provedor, considerando que o essencial da sua queixa sobre relatos e comentários "tem razão". Nessa medida, a direcção alertou alguns comentadores para serem mais assertivos, mais sintéticos nas observações que fazem durante os jogos. A direcção acrescentou, na resposta ao Provedor, que a mudança acabará por fazer-se mas vai levar o seu tempo.

A questão foi debatida entre o Provedor e a direcção no geral, sem referência a qualquer comentador em particular.

Com os melhores cumprimentos,

28 – 06 – 2017

Sou vosso Ouvinte assíduo da Antena 1, e todos os dias às 08h30 costumo ouvir as notícias e a secção final de Desporto (creio que designada Rádio-Jornal). É notório que a Antena 1 (e a própria RTP nas emissões televisivas) dá claro relevo à modalidade de Futebol (com mais de 75% de tempo de antena), sem falar no excessivo tempo de antena que dão à Selecção Nacional, ao célebre clube Benfica, e outros casos policiais paralelos.

Torna-se por isso conflagrador e desolador perceber que é raro haver tempo de antena para as outras Modalidades, também importantes, que não têm força de expressão ou não suplantam o poder do "carnaval" do Futebol. Quando existe cobertura para as notícias de outras modalidades, como o ténis, o andebol, o atletismo, a vela, etc. é porque no futebol não há notícias suficientes para encher a emissão diária.

Veja-se hoje por ex. que a Antena 1 não deu qualquer notícia à conquista do campeonato de Futsal, ganho ontem no 4.º jogo pelo Sporting clube de Portugal. Como é possível? Foi dada maior relevância à contratação milionária pelo Sporting do jogador Bruno Fernandes, do que outra notícia desportiva! Isto é serviço público? Não seria o dever da Antena 1 e da própria RTP, divulgar mais modalidades para cultura desportiva não se cingir às típicas conversas de camionista ou de café apenas sobre FUTEBOL? O que é mais impressionante é ver as modalidades desportivas que não Futebol, serem intituladas como as "Outra Modalidades" ou as "Restantes Modalidades". Como se o Futebol tivesse a primazia merecida, devido às emissões televisivas e interesses publicitários!

Deixo assim o desafio à RTP e à Antena 1:

- Divulgar melhor as modalidades todos os dias, para dar maior abertura à cultura desportiva.*
- Evitar o chavão das "Outra Modalidades", evitando o famoso destaque do Futebol como modalidade típica e dominadora.*
- Dar hoje também cobertura ao campeonato de Futsal ganho ontem pelo Sporting clube de Portugal!*

Muito obrigado.

Senhor Ouvinte

Tomei boa nota da sua crítica, que fiz seguir para os responsáveis pela área do desporto da rádio pública.

O senhor Ouvinte tem razão: Portugal, como nenhum outro país europeu, é um país "monodesportivo" em que o futebol é dono e senhor. E a cobertura noticiosa dessa realidade não a pode distorcer, embora deva tentar corrigi-la.

Falando do assunto com os responsáveis pela área do desporto, a propósito da sua queixa, foi-me reiterado que é preocupação seguida por todos os editores, sem exceção, de em todos os noticiários se darem notícias das chamadas modalidades amadoras ou de alto rendimento. A Antena 1, que serve também a RDP África e a RDP Internacional, tem acompanhado, inclusive, os europeus e mundiais de algumas dessas modalidades como, por exemplo, o caso do atletismo, judo, canoagem e do hóquei em patins. Está também a preparar a cobertura da Volta a Portugal em Bicicleta e já este ano acompanhou, com repórteres no terreno, a Volta ao Alentejo e a Volta ao Algarve.

Mas o futebol é a principal e única modalidade que os portugueses seguem com todo o interesse e é a modalidade para a qual a Antena 1 dirige o grosso do seu investimento. Para ver o interesse dos portugueses nas chamadas modalidades de alto rendimento e no futebol, basta comparar as audiências televisivas do futebol e das outras modalidades: o jogo de futsal transmitido na TVI 24, decisivo para apuramento do campeão nacional, e do qual saiu vencedor o SCP, fez em *prime time* cerca de 190 mil espectadores; o jogo da seleção na Taça das Confederações, às quatro da tarde num domingo de praia, fez um milhão e meio de espectadores.

Ao pé desta desproporção esmagadora, os 75 por cento a que o senhor Ouvinte faz alusão até parecem um factor de correcção do país "monodesportivo".

Com os melhores cumprimentos,

23-07-2017

Campeonato europeu de futebol feminino

Boa noite Sr. Provedor:

Venho desta forma reclamar, não por algo que ouvi, mas sim por algo que não ouvi. De facto a selecção portuguesa de futebol feminino alcançou hoje, com início às 17h00, a sua primeira vitória numa fase final de um campeonato europeu. Como estava em viagem tentei acompanhar o jogo através da rádio mas, para minha grande decepção, nenhuma estação transmitiu o mesmo. Custa-me perceber que a estação pública de rádio não transmita um evento desta importância, quando o correspondente masculino merece transmissões de várias horas com reportagens antes, relato durante e entrevistas após e até à exaustão. Obrigado pela atenção.

08 – 09n – 2017

Prezado Ouvinte

Recebi a sua mensagem e começo por pedir-lhe desculpa pelo atraso na resposta, motivado por férias e pelo facto de ter sido necessário obter esclarecimentos junto de diferentes decisores da Antena 1.

O desporto depende da Direcção de Informação que traçou um plano para realizar emissões especiais durante as partidas do europeu de futebol feminino, o que não foi aprovado pela Direcção de Programas, que superintende à programação e grelhas de programas.

Esta direcção, por seu lado, decidiu que a Antena 1 transmitiria a meia-final e a final, caso a equipa nacional lá chegasse, o que não veio a verificar-se.

Espero ter respondido à questão que colocou.

Receba os melhores cumprimentos

15-10-2017

Relato dos jogos

Venho por este meio mostrar a minha insatisfação por não terem transmitido o relato do jogo de futebol da Taça de Portugal entre o Lusitânia de Évora e o Futebol Clube do Porto, lembrando que o que este clube representa não só o Norte mas milhões de Portugueses (incluído eu que sou de Setúbal)

19 – 10 – 2017

Prezado Ouvinte

O Provedor do Ouvinte recebeu a sua queixa que analisou e sobre a qual pediu informações à Direcção respectiva da rádio pública.

Para o fim de tarde e noite de 13 de Outubro, sexta-feira, a agenda da Antena 1 destacava dois acontecimentos: o jogo de futebol Lusitano de Évora - F.C.Porto, a contar para a Terceira Ronda da Taça de Portugal e que opunha o 7º classificado do Campeonato Distrital da Associação de Futebol de Évora e o líder da classificação da Liga Portuguesa; e a entrega do Orçamento de Estado na Assembleia da República.

Mesmo sem saber com precisão a que horas decorreria a entrega do Orçamento no Parlamento, a direcção da Antena 1 decidiu reservar a programação para este assunto. A explicação para esta escolha foi que a Direcção da rádio entendeu que não seria opção transmitir o relato do jogo de futebol e interrompê-lo para reportar um acontecimento da maior importância para a vida do País. O Orçamento foi entregue já depois do final do jogo da Taça de Portugal mas isso não era previsível na hora de tomar decisões.

Assim, o relato do jogo de futebol Lusitano de Évora - F.C.Porto foi apenas transmitido pela rádio pública através da rede de Onda Média.

Espero ter dado resposta à sua questão

Cumprimentos,

- HUMOR HUMORISTAS

27 Março 17 - Programa "Manhãs da 3" do dia 20 de Março

Solicito que seja averiguada a ridicularização da imagem de Fátima e dos Pastorinhos de Fátima, ocorrida no instante 2:11 h do programa "Manhãs da 3" do dia 20 de Março, na rubrica "Portugalex", de acordo com o cronómetro do podcast (<http://www.rtp.pt/play/p934/e279269/manhas-da-3>). Foi quanto a mim excessiva, despropositada, ofensiva, e sem piada nenhuma.

Atentamente,

Senhor Ouvinte

Ouvi o programa denunciado por si e também pedi explicações aos responsáveis pela programação e estou em condições de transmitir-lhe o seguinte parecer:

A questão do humor, dos seus limites, do que é aceitável ou não, é recorrente nas queixas ao Provedor do Ouvinte e, seguramente, nunca irá ser resolvido.

No caso em análise, sinceramente, não identifico nenhum insulto gratuito, ataque aos católicos ou à fé pessoal de cada um. Trata-se de uma paródia sobre o aproveitamento comercial que está a ser feito na região de Fátima a propósito da visita do Papa, brincando apenas com isso, sem ofender a dimensão religiosa do evento e as crenças dos católicos.

De qualquer forma, vivemos num país democrático, em que impera a liberdade de expressão e, como tal, todos os humoristas contratados pelo serviço público de radiodifusão gozam de liberdade editorial na escolha dos temas que querem abordar... e não existem áreas tabu ou assuntos com os quais "não se brinca".

Para além dos limites impostos pela lei, prevalecem igualmente as regras da sensibilidade e bom senso que, honestamente, neste episódio do Portugalex estão muito longe de ser ultrapassadas.

Longe vão os tempos da censura, oficial como privada e permanente do antigo regime, como também de censura a Herman José quando tentou fazer humor na RTP1 com a Rainha Santa Isabel e a Última Ceia.

Os melhores cumprimentos

21-03-2017

Mata-bicho com Bruno Nogueira

A Antena 3 e a antena 1 e a RTP (RDP) fazem parte do pacote de audiovisuais que eu e todos os restantes cidadãos pagamos na forma de taxa de contribuição para audiovisuais. Vivemos num Estado laico, mas com LIBERDADE RELIGIOSA. Isso pressupõe o respeito pelas crenças de cada um. E não fazer troça disso. Mas não se passa isso na RDP. Tenho-me sentido insultado e enxovalhado pelo Bruno Nogueira (Mata Bicho). Abordou ontem e hoje (21-03-2017) de forma demasiado irónica, sem qualquer piada, um tema da actualidade, que é o fenómeno de Fátima, insultando milhares de pessoas que não pensam como ele.

Se o Provedor do telespectador possui alguma autoridade, solicito que providencie o devido processo disciplinar do autor do programa, assim como do responsável da emissão.

De facto, o Bruno Nogueira não tem piada nenhuma e é um arrogante malcriado. Ele ataca verbalmente pessoas que são muito mais tolerantes do que ele.

Quando se refere aos Pastorinhos de Fátima, não deveria usar expressões como, "põe mais tabaco". Aliás isso é o que o Bruno Nogueira deve dizer acerca da sua própria mistura de haxixe que fuma antes do programa. Ou os cogumelos alucinogénicos que criaram as visões dos Pastorinhos deve ser o que ele usa quando grava o programa.

Sou eu que estou errado? Então os milhares de pagantes de taxas que são crentes têm de aceitar isto da RDP?

Espero que isto não caia em saco roto.

Atentamente

23 Março 17

Senhor Ouvinte

A sua queixa "mata-bicho-com-bruno-nogueira" do passado dia 21 foi recebida e está a seguir seus trâmites no serviço do Provedor do Ouvinte.

Quero porém informá-lo, desde já e previamente a qualquer análise, do seguinte:

- O Provedor não tem nem virá a ter qualquer poder disciplinar, nem qualquer função inquisitorial em relação aos conteúdos da programação.
- A rádio do serviço público não tem nem virá a ter qualquer sistema ou serviço de censura ou exame prévio dos programas.
- O Ouvinte está a criticar um mero programa de humor, que dificilmente se poderá considerar insultuoso, embora se admita que possa incomodar suscetibilidades de crentes da Igreja Católica.
- Pelo contrário, expressões usadas pelo Ouvinte na sua queixa contra o actor Bruno Nogueira, com acusações e insinuações que o queixoso certamente não poderá provar – “mistura de haxixe que [Bruno Nogueira] fuma antes do programa”, “cogumelos alucinogénicos (...) que ele usa quando grava o programa” – configuram um crime de calúnia.

Cumprimentos

Senhor Ouvinte

Esclarecida em correspondência anterior a questão prévia implícita na sua queixa – a sua reclamação para instauração de “processo disciplinar do autor do programa, assim como do responsável da emissão” – funções que não competem ao Provedor – passemos ao conteúdo da sua queixa.

Ouvidos os programas denunciados pelo Senhor Ouvinte, posso dizer-lhe que o humorista Bruno Nogueira, ao contrário do que consta na sua acusação, não utilizou na crónica do passado dia 21 (e no anterior), como escreveu, os termos que sustentam o seu protesto.

O Provedor do Ouvinte, e também o Director da Antena 1, ouviram repetidamente os episódios do programa “Mata-Bicho” do dia 21 de Março (e do anterior), e não encontraram as expressões alegadamente utilizadas por Bruno Nogueira, segundo o queixoso com referência aos *Pastorinhos de Fátima*: “misturar mais tabaco” e “cogumelos alucinogénios”.

O uso destes termos constituía a única acusação concreta contida na sua queixa contra o humorista Bruno Nogueira. O Senhor Ouvinte terá feito uma queixa com

base numa confusão. Tudo o mais, na sua queixa, são expressões opinativas, contra o humorista: *arrogante, malcriado, etc.*

O Director da Antena 1, solicitado pelo Provedor do Ouvinte a comentar a queixa do Senhor Ouvinte contra o programa de Bruno Nogueira de 21 de Março (e do dia anterior), prestou a declaração da qual, no essencial, lhe dou conhecimento: «Aflige-me sempre que há, pelo menos, um Ouvinte que se incomoda com o que difundimos. Essa aflição só é sossegada pela certeza de que a rádio, como meio de massas, não pode agradar a todos e a cada um.

«Mas inquieta-me muito quando o incómodo, ou a perturbação, é causada por um conteúdo de humor.

«O humor é uma disciplina difícil, que trabalha na fronteira, muitas vezes invisível, entre a elegância e o mau gosto. Mas tem uma regra matriz que não pode ser atropelada: a liberdade. E é exactamente aí, nesse ponto, quando se usa a liberdade sem freio que se correm todos os riscos necessários. Porque sem correr riscos, o resultado é pífilo. Felizmente, não é o caso do Mata-bicho, um claro sucesso de público, designadamente na web. (...). Tenho pena que este Ouvinte em vez de rir, se incomode. Sinceramente.»

Espero ter contribuído para o seu esclarecimento,

Com os melhores cumprimentos,

Hoje, 19:09

Boa tarde,

Não foi de facto o Bruno Nogueira o autor das infames declarações das quais protestei. Em relação a Bruno Nogueira, retiro a queixa, que foi obviamente injustificada, e apresento-lhe as minhas sinceras desculpas pela confusão que fiz. Irei apresentar queixa contra os verdadeiros responsáveis.

Com os melhores cumprimentos

4/6/2017 – Mensagem recebida através da Linha de Apoio:

Tipologia: Reclamações/Rádio/Programas Rádio Antena1 e Antena2

Descrição:

OUVINTE MUITO AGASTADA POR ONTEM NO PROGRAMA PORTUGALEX, ANTENA 1, TEREM FALADO DA PRINCESA DIANA EM TERMOS DEGRADANTES, E HOJE TAMBEM NA ANTENA 1 ANTES DO NOTICIARIO DAS 17H ACHOU HORRIVEL A LINGUAGEM UTILIZADA. DESEJA RESPOSTA POR ESCRITO.

Senhora Ouvinte

Chegou ao Provedor do Ouvinte a sua queixa sobre os “termos degradantes” com os quais o programa Portugalex, do passado dia 5 de Abril, terá falado da Princesa Diana.

Ouvido o programa em causa, constatamos que não há qualquer referência à Princesa Diana, o mesmo se verificando nos programas dos dias anterior e posterior a 5 de Abril.

No programa do dia 5 há uma citação ficcionada da primeira-ministra britânica, Theresa May, comentada por uma suposta “taróloga” portuguesa, que alude a um divórcio ao fim de um casamento de 44 anos, numa clara alusão ao Grexit. E apenas isso.

Com os melhores cumprimentos,

Ontem, 23:36

Provedor do Ouvinte

Exmo Senhor

Agradeço a sua resposta à minha reclamação sobre dois programas emitidos na Antena 1 da qual o senhor é Provedor, mas que me deixou bastante insatisfeita por tão vaga; com certeza que o senhor não se inteirou verdadeiramente da situação que expus. Sugerir-lhe-ia que ouvisse com atenção a minha conversa que autorizei fosse gravada, justamente para evitar que a mesma não lhe fosse claramente exposta e daí resultasse uma resposta vaga como é efectivamente.

(...) Por todo este assunto por mim exposto, mais uma vez lhe sugiro que por favor ouça com atenção tudo quanto por mim foi dito e creio estará gravado, para que o cargo de Provedor do Ouvinte da Antena 1 lhe "assente bem", sr. João Paulo Guerra.

Melhores cumprimentos

Senhora Ouvinte

O programa de que se queixou em chamada para a Linha de Apoio da RTP – identificado por si, na chamada de 6 de Abril, como tendo sido transmitido no “passado dia 5 de Abril” foi, com efeito, transmitido a 3 de Abril, razão pela qual não o localizei nem ouvi em tempo devido antes de lhe enviar a primeira resposta, segundo a qual no programa do “passado dia 5” não se falava, com efeito, da Princesa Diana.

No *Portugalex* de 3 de Abril, os intérpretes brincam com a suposta “pasmaceira”, a “seca”, da lua-de-mel da Princesa Diana e do Príncipe Carlos: ela esgotando os *sudokus* - jogo de colocação lógica de números -, ele fazendo e desfazendo um puzzle de 100 mil peças. Os comentários são atribuídos ao “especialista em monarquias e coroas de plástico, vendidas por indianos, D. Duarte Pio”, numa imitação que mais sugere o arremedo habitual no *Portugalex* do Prof. Cavaco Silva.

Tudo isto me parece bastante inofensivo, tratando-se de um programa de humor. Seguindo o seu apelo, obtive e ouvi a gravação da sua chamada para a Linha de Apoio, incluindo os seus lamentos pela falta que lhe faz o fascismo.

Cumprimentos,

29-05-2017

Cancro em fase Terminal ou a Antena 3 "Alternativa Pop"

Ao Levar a minha filha á escola tenho isto, "BEATRIZ GOSTA" a dizer isto:

"VOÇE CHUPA BUCETA? EU CHUPO E ADORO, ao qual á um interveniente que diz: BUCETA CHEIRA A PEIXE! ela responde: áh, mas você gosta que lhe chupem o PAU!"

Mudei imediatamente de rádio pois o meu pequeno tem 7 anos e tem tempo para aprender brejeirice.

Estou altamente indignado, sr Provedor, ao que a ANTENA 3 CHEGOU!!!!

Prezado Ouvinte

O Provedor defende e defenderá com intransigência a liberdade criativa dos humoristas que passam na Antena 1 e Antena 3. Mas o exemplo citado é um caso paradigmático de obscenidade gratuita e obsessiva, dificilmente enquadrável nos parâmetros do humor.

"Beatriz Gosta" ultrapassa de facto os limites do bom senso e da decência na rubrica da passada sexta-feira. A direcção da Antena 3 informou o Provedor que a autora (Marta Bateira) foi alertada que o uso de linguagem obscena não pode ser tolerado, sobretudo de forma gratuita e naquele horário matutino.

Espero ter respondido às questões que suscitou.

Com os melhores cumprimentos,

04-07-2017

João Quadros no Twitter

Boa tarde,

Estou chocado com as piadas de mau gosto sobre a morte do Dr. Medina Carreira e das ofensas com palavrões dirigidas a sabe-se lá quem, por parte do vosso contratado João Quadros na rede social Twitter. Aparentemente esse senhor escreve textos para o programa "Mata Bicho" da Antena 3, conforme menciona num desses tweets educadíssimos.

A minha pergunta é se a RTP/RDP tem códigos de ética para o pessoal que aí trabalha, directa ou indirectamente. Mais gostaria de ser informado das sanções a que essa pessoa será sujeita após confirmarem as ofensas públicas.

Guardei um print screen como exemplo caso necessitem do exemplo concreto.

Cumprimentos,

Prezado Ouvinte

Recebi a sua crítica relativa a textos de João Quadros na rede social Twitter. Quero em primeiro lugar sublinhar que os textos que João Quadros escreve no Twitter não estão sob alçada do código de ética da Rádio e Televisão de Portugal. Não existe nenhuma ligação entre o Twitter de João Quadros e as redes sociais da Antena 3.

Quanto à segunda parte da sua queixa:

A Rádio e Televisão de Portugal, no cumprimento de um dever que decorre do Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e de Televisão, aprovou e fez entrar em vigor, em 1 de Fevereiro passado, o Código de Ética da RTP. Um segundo documento, o Guia Ético e Editorial da RTP, conta com o apoio de princípio do Conselho de Administração (CA) e aguarda o parecer do Conselho de Redação (CR) da RTP. Acredita-se que brevemente será analisado pelo CR e aprovado formalmente pelo CA.

O Código de Ética não rejeita genericamente a participação de trabalhadores ou colaboradores da RTP noutros meios de comunicação, apenas considerando, neste domínio, que podem existir conflitos de interesses que são delimitados no documento.

Quanto à questão colocada pelo Ouvinte sobre eventuais sanções após se confirmarem ofensas públicas contra terceiros nas antenas da rádio, tratando-se de um colaborador sem vínculo laboral à empresa, a consideração de conduta expressiva menos própria far-se-á através da avaliação editorial da renovação da sua prestação de serviços ou da sua continuidade em antena, sempre no respeito pelo direito à liberdade de expressão e de opinião de cada um.

Deve também recordar-se que, tanto no caso de trabalhador como de mero colaborador da RTP, a responsabilidade criminal pela prática de actos ofensivos do bom nome ou consideração de terceiros impende exclusivamente sobre quem os pratica e não sobre a RTP ou sobre o Director responsável pelo serviço de

programas em causa (a não ser que este pudesse em concreto evitar a prática do alegado crime). A responsabilidade civil segue, grosso modo, o mesmo regime (embora neste caso a empresa possa ter que responder solidariamente em primeira linha).

Espero ter respondido às questões que suscitou.

Com os melhores cumprimentos,

19 de novembro de 2017

Mortes no hospital de S. Francisco Xavier com a Legionela

Exmo Senhor Provedor

Um dia desta semana 12 a 18NOV2017, quinta ou sexta-feira não posso precisar, ouvi na ant^a 1 no Portugalex, brincarem com as mortes neste hospital vítimas da Legionela, algo de muito mau gosto, algum dos familiares destas vítimas que tenham ouvido essa brincadeira, não deverão ter achado graça nenhuma, eu também não achei. Penso que seria oportuno chamar esses senhores atenção, para que não escolham estes temas ou coisas idênticas (brincar com a vida do próximo) para fazerem humor, não tem nenhuma graça.

Desde já as m/desculpas por o maçar com este tema.

Senhor Ouvinte

Recebi a sua queixa que agradeço, embora a mesma esteja formulada em termos muitos imprecisos que dificultam a identificação do programa em questão: “Um dia desta semana 12 a 18NOV2017, quinta ou sexta-feira não posso precisar...”

Pois bem: na quinta-feira, diz 16 de Novembro, o *Portugalex* aborda a questão de uma “epidemia”, pelo que presumo que seja esta a matéria da sua queixa.

Transcrevo o texto relativo á questão “epidemia” do *Portugalex* desse dia:

«O surto de legionela no Hospital S. Francisco Xavier em Lisboa parece estar finalmente controlado. Mas o mesmo não se poderá dizer sobre o surto de pessoas que dizem “báctéria”, uma epidemia que parece estar descontrolada. A Direcção-Geral de Saúde aconselha algumas medidas de prevenção: Ainda não

temos grandes certezas acerca da forma de contágio desta epidemia que faz com que as pessoas digam bactéria, como se a palavra tivesse acento no á, em vez de bactéria, ou vácina, em vez de vacina. Mas suspeitamos que se tem propagado através dos meios de comunicação social pelo que aconselhamos a população a não ver nem ouvir noticiários, pelo menos enquanto o surto não estiver controlado. Muito obrigado'»

Como pode verificar-se, não se trata de os autores e os intérpretes do *Portugalex* «brincarem com as mortes neste hospital [São Francisco Xavier] vítimas da Legionela», o que seria efectivamente «algo de muito mau gosto». Eles brincam, isso sim, com uma alegada epidemia de mau uso da língua portuguesa.

Com o que os humoristas brincam é com um erro, praticado pela comunicação social, ao pronunciar-se a palavra bactéria com acentuação da vogal á: bactéria!!! Se calhar, os alegados jornalistas em causa aprenderam “português” através do chamado Acordo Ortográfico: e vendo a consoante *c*, que julgam muda, a seguir à vogal *a* acham por bem abrir a vogal, *á*, do que resulta uma palavra simultaneamente esdrúxula e grave. O que é gravíssimo.

Espero ter esclarecido a sua dúvida.

Com os melhores cumprimentos,

15 – 12 – 2017

Senhoras e Senhores Ouvintes

O Provedor do Ouvinte recebeu mais de uma centena de queixas relativas ao conteúdo da rubrica Mata-Bicho, apresentada por Bruno Nogueira na Antena 1 no passado dia 7 de Dezembro.

O Provedor ouviu e analisou a referida rubrica e considera que o respectivo conteúdo substitui o humor pelo mau gosto e a grosseria. Trata-se de um desempenho básico, desordenado, mal informado e preguiçoso que perde a graça e não ganha nada em troca.

A rádio pública do estado democrático e laico que é Portugal não pratica censura e proporciona a liberdade de expressão aos seus colaboradores. Mas o humor

em liberdade tem como limites naturais o bom gosto e a consideração do auditório a que se dirige. A rubrica de Bruno Nogueira do passado dia 7 na Antena 1 não respeita um nem outro desses marcos. O Mata-Bicho sobre o "8 de Dezembro" constitui, pelo contrário, um exercício excessivo que avilta e desacredita o exercício da liberdade de expressão e desvaloriza o próprio humorista.

Deste parecer será dado conhecimento ao senhor director da Antena 1.

João Paulo Guerra, Provedor do Ouvinte

3. Em Nome do Ouvinte

– Resumos dos programas

Em Nome do Ouvinte é o programa semanal do Provedor do Ouvinte, cuja produção decorre das competências atribuídas por lei aos Provedores do serviço público de rádio e televisão, conforme está consignado nos Estatutos da RTP (capítulo V, artº 37): «Compete aos Provedores do Ouvinte e do telespectador (...) assegurar a edição de um programa semanal sobre matérias da sua competência, em horário adequado, com a duração que seja considerada necessária consoante a matéria tratada, tendo em conta o limite máximo de uma hora de emissão por mês, ao qual este tempo de emissão se encontra sujeito, num dos serviços de programas de acesso livre ou num dos serviços de programas radiofónicos.»

A primeira emissão da V série do programa “Em Nome do Ouvinte” foi emitida na Antena 1 a 7 de Abril, tendo sido produzidos e transmitidos 29 programas ao longo do ano de 2017, com a seguinte ordem e os seguintes temas:

Programa 1 – 7 de Abril 17 – Da Orquestra Aldrabófona ao Portugalex, passando por Raul Solnado. Agora, os programas de humor constituem a maior razão de queixa dos Ouvintes da rádio pública que se dirigem ao Provedor. Fado do Locutor, por Fernando Pessa.

Programa 2 – 21 Abril 17 – Primeiros números de queixas ao Provedor: mais homens que mulheres. Onde estavam as mulheres no 25 de Abril? Clarisse Guerra estava ao microfone.

Programa 3 – 28 Abril 17 – Futebol. Provedor adopta apelo de Ouvinte: mais relato e menos comentários durante os 90 minutos

Programa 4 – 5 Maio 17 – Espólio Igrejas Caeiro / Museu + entrevista Manuel Bravo, director do extinto Museu da Rádio.

Programa 5 – 19 Maio 17 – Entrevista director RTP Multimédia: a rádio vai acabar? + Entrevista com Dona Conceição, 85 anos: “Fala a Rádio Botaréu e toda a gente acredita”: a rádio nunca acabará.

O contacto com a RTP por parte dos Ouvintes, como dos telespectadores, não deve comportar quaisquer encargos, designadamente através da *Linha de Apoio da Rádio e Televisão de Portugal* – posição conjunta dos Provedores

Programa 6 – 29 de Maio 17 – Censura: a propósito da queixa de um Ouvinte sobre discos que não passam.

Programa 7 – 2 Junho 17 – Balanço de 3 meses de queixas ao Provedor: humor, futebol, etc

Programa 8 – 9 Junho 17 – Humor pós-Monty Phyton: depoimentos directores da Antena1, Antena3 e de D. Januário Torgal Ferreira.

Programa 9 – 16 de Junho 17 – Humor: depoimentos dos humoristas Bruno Nogueira e Patrícia Castanheira e do sociólogo Gustavo Cardoso (ISCTE). Limites do humor, parecer do Provedor do Ouvinte: os limites do bom senso e da decência foram ultrapassados na edição de 26 de Maio da rubrica Beatriz Gosta, uma exibição de obscenidade gratuita.

Programa 10 – 23 Junho 17 – Reportagem / repórter: José Manuel Rosendo. Crítica prévia à reportagem por parte de um Ouvinte; repórter responde-lhe: confie nos repórteres

Programa 11 – 30 Junho 17 – Música e playlist 1: entrevista Ricardo Soares – regras da *Antena 1* para a difusão musical respondem aos imperativos da lei... Mas correspondem também às ofertas do mercado. Noutros tempos, Paulo Fernando partia no RCP os discos Intocáveis (entrevista).

Programa 12 – 7 Julho 17 – Música e playlist 2: entrevista Edgar Canelas, autor: o que estará errado na playlist não é o instrumento... mas o conteúdo.

Programa 13 – 14 Julho 17 – Música e playlist 3: entrevista Armando Carvalheda, autor: no *Viva a Música* não há playlist, não há artistas proibidos, nem artistas obrigatórios.

Programa 14 – 21 Julho 17 – Música e playlist 4: entrevista David Ferreira, autor: houve um tempo em que os dois maiores operadores de rádio comercial acertavam os discos que transmitiam, um comportamento de trust...

Programa 15 – 28 Julho 17 – Música e playlist 5: entrevista José Duarte, autor: “detesto playlists; são um colete-de-forças que se está a vestir ao autor... portanto não gosto”.

Programa 16 – 15 Setembro 17 – Música e playlist 6: Resumindo e concluindo, música é música. A playlist é outra música... Análise da playlist em vigor na primeira quinzena de Junho: Da playlist activa que esteve em vigor na primeira quinzena de Junho, 23 canções vinham de bandas sonoras de telenovelas exibidas desde o ano passado, ou ainda em exibição. A playlist, enquanto instrumento de trabalho, poderá ajudar a objectivar as escolhas subjectivas. Mas, se encarada como um fim e não como um meio, o resultado será com certeza muito diferente, e ficará longe dos propósitos de um serviço público.

Programa 17 – 22 Setembro 17 – Entrevista director de Informação: os meios humanos e tecnológicos são insuficientes para informar como deve ser. As rádios públicas perderam cerca de 40 / 50 profissionais nos últimos 5 anos. O saldo da integração da RDP na RTP não é muito positivo para a rádio. Entrevista Luís Filipe Costa: RCP anos 60, certidão de nascimento dos modernos noticiários da rádio em Portugal.

Programa 18 – 29 Setembro 17 – Entrevistas directores das Antena 1, Antena 2 e Antena 3: meios disponíveis e balança da integração com a RTP. Palavra na qual a qualidade e a missão da rádio pública tropeça: desinvestimento. Quanto ao saldo da integração... poderia ser positivo... poderia...

Programa 19 – Outubro 17 – Entrevista presidente da Administração da RTP: “Aquilo que os directores dizem é correcto, no sentido em que os diagnósticos

estão feitos, nós agora temos é que ter os meios.” “A falta de investimento acontece em toda a RTP. Os anos da austeridade pesaram. Pesaram, é um facto, e os níveis de investimento baixaram para um patamar muito baixo.” “Nos últimos anos a RTP tem feito sobretudo investimentos de reposição e estamos conscientes de que há necessidades para cumprir.” “Dada a importância estratégica da rádio e do online, na empresa estamos abertos a uma discriminação positiva que proteja esses meios”.

Programa 20 – 13 Outubro 17 – Antena 2, entrevista Luís Caetano: “É uma antena onde o programa de autor ainda tem espaço, numa era em que isso é cada vez mais raro. ... Esse sonho, essa identidade deve sem dúvida nenhuma permanecer.” “Cada um de nós faria uma Antena 2 diferente. A Antena 2 tem uma direcção... o que se pretende é chegar a um público variado... eclético... a um novo público... a novos públicos...”. Reportagem: Era uma vez uma orquestra – o último ensaio da Orquestra da RDP.

Programa 21 – 20 Outubro 17 – Antena 3, entrevista Luís Oliveira, coordenador: “Há uma linguagem, mas é uma linguagem que se quer diversa. Quando se tem tantos profissionais em antena, como o Fernando Alvim ou o Ricardo Saló, não se pode falar numa linguagem unificada, porque se quer em antena também essa pluralidade de discurso, a riqueza da antena 3 vem muito daí”. “Deve fazer [a irreverência], mas não deve ser mal-educada. Espero eu que não seja”. “Mas posso admitir que aqui e ali esse lado da espontaneidade e do atrevimento possa passar das marcas. Isso é comentado entre a equipa porque, exagerando um bocadinho, se calhar há alturas em que um palavrão até pode fazer sentido”.

Programa 22 – 27 Outubro 17 – RDP África, entrevista Carlos Menezes, coordenador da informação: “Esta nossa rádio, RDP África, vive muito do retorno dos Ouvintes... têm dúvidas ligam, por causa duma ou outra notícia, há uma ligação muito permanente, falam mais dos respectivos países”. O “caso” do Festival Morabeza: Arménio Vieira, Germano Almeida e José Luís Tavares. Eram três, os contestatários ao festival... Sobra um, José Luís Tavares, o poeta que

carrega o seu país nos seus livros. O Festival, organizado pela empresa portuguesa Booktailors, segundo o poeta, é mais turístico que literário.”

Programa 23 – 3 Novembro 17 – RDP Internacional, entrevista Ana Filipa Rosa, locutora:

“Nós descobrimos sempre portugueses em todo o lado, e é mesmo verdade... Há sempre um português em todo o lado. Há sempre, sempre um português. E aliás nós temos vários programas ao longo da nossa emissão que vão provando isso... E há sempre, há sempre alguém”. “Sim, vamos tendo alguns comentários [sobre encerramento da onda curta], sobretudo algumas mensagens no facebook... ainda vamos tendo algumas mensagens e alguns pedidos nesse sentido”. “E o que é que respondem quando perguntam se a Onda Curta ainda volta? É uma ótima pergunta, não sou eu que costumo ficar com essa responsabilidade, e portanto não lhe sei dizer.”

Programa 24 Dia 10 Novembro 17 – Onda Curta. “É oficial: o Centro Emissor de Ondas Curtas da RDP, em São Gabriel, Pegões, está à venda junto de diversas imobiliárias. Segundo informação prestada ao Provedor do Ouvinte pelo presidente da Administração da RTP, a Onda Curta da RDP acabou; o Centro de Emissores de Ondas Curtas da RDP está á venda”. “*A RTP tomou a decisão de encerrar as operações de onda curta em 2011... As direções técnicas da RTP, tanto da rádio como de engenharia, não recomendaram que se continuasse a onda curta e não recomendam que se reabra o dossier...*” Reportagem em Pegões, em visita acompanhada pelo engenheiro Francisco Mascarenhas, antigo director técnico da RDP, e Paulo Mendes, porta-voz da CT da RTP.

Programa 25 – 17 Novembro 17 – Onda Curta, perguntas do Provedor que a Administração da RTP deixou sem resposta: “Em que termos tomou a RTP a decisão de encerrar a Onda Curta? Onde está escrito? Quem assinou? Em que data? Que avaliação foi feita, e por quem, aos efeitos da suspensão das emissões de Onda Curta da RDP Internacional? Qual a situação patrimonial das instalações e terrenos do Centro Emissor em São Gabriel e bem assim das instalações sociais que ali funcionaram?” Etc... Provedor: Mas é indiscutível que há aqui uma questão

de transparência a resolver. Balanço de queixas ao Provedor dos últimos dois meses.

Programa 26 – 24 Novembro 17 – Web rádios do serviço público. A rádio Zig Zag, entrevistas Jorge Alexandre Lopes, responsável pelas rádios web da rede pública, e Iolanda Ferreira, coordenadora editorial da Zig Zag.

Programa 27 – 15 Dezembro 17 – O caso da rádio que perdeu o nome: RDP “engolida” pela RTP.

“Casos” de 2017: espólio de Igrejas Caeiro; humor; futebol; meios da rádio pública e integração com RTP; Onda curta... Previsão número de queixas etc recebidas...

Programa 28 – 22 Dezembro 17 – O Natal do Provedor: programa de discos perdidos. Os discos que os dizem que não ouvem na rádio do Serviço Público.

Programa 29 – 29 Dezembro 17 – Os melhores do ano, eleitos pelos Ouvintes: Reportagem de Rita Colaço “O pior dia”; programa “Ecos da Ribalta”, de João Pereira Bastos, na Antena 2; regresso de Sena Santos à Antena 1.

Em Nome do Ouvinte – Ficha técnica

A música do genérico do Programa do Provedor do Ouvinte é da autoria de Rogério Charraz, interpretada pela guitarrista portuguesa Marta Pereira da Costa e o contrabaixista camaronês Richard Bona.

Sonorização e montagem: João Carrasco.

Textos: Inês Forjaz, Viriato Teles e João Paulo Guerra.

– Guiões dos programas

01 - 7 Abril 2017 – O humor é...

Sons antigos de sintonia

Loc /JPG - Houve um tempo em que os homens descobriram que fazendo passar por um cristal de sulfato de chumbo um fio de metal, tão fino como o bigode de um gato, e ligando o cristal e o bigode a uma antena, aconteceria algo fantástico. Essa espécie de arte mágica viria a chamar-se rádio; E à função da rádio dar-se-ia o nome de radiodifusão.

Indicativo Abertura

Loc /JPG - O Provedor provê e, com os meios legais, técnicos e humanos de que dispõe para que proveja, proverá... E provendo, ficarão os Ouvintes e a rádio providos. Estou aqui para desempenhar a difícil tarefa de conjugar o predicado **prover** com os sujeitos, **os Ouvintes**, razão de ser da radiodifusão, a função da rádio. E penso que o melhor que o Provedor pode fazer pelos Ouvintes é... ouvi-los, digamos assim.

Som Ouvinte 1 - Dia da Rádio – Emissão A1 de 13 Fevereiro 17:

Ouvinte – *Quando ando de carro costumo ouvir, sim.*

Jornalista – *E a informação interessa a um jovem de 25 anos, ou é mais música?*

Ouvinte – *Convém andarmos actualizados. Com o mundo como anda ultimamente, com a eleição do Trump, entre outros assuntos, convém estarmos actualizados, acho eu.*

Loc /JPG - E ouvindo os Ouvintes, ajudá-los a contribuir para que tenhamos todos, como Ouvintes que somos, uma rádio de serviço público melhor, que corresponda cada vez mais aos seus deveres e aos anseios e expectativas de estratos cada vez mais vastos e dispersos da população portuguesa... Este povo que habita e trabalha em Portugal e no mundo inteiro... É no País e no mundo inteiro que a rádio do serviço público tem os seus Ouvintes.

Som Ouvintes 2 (Dia da Rádio – Emissão A1, 13 Fevereiro 17):

Ouvinte – *...e às vezes, depois de um dia de trabalho, quando regressamos, também acontece o mesmo. Ouvimos um bocadinho do que acontece durante o dia, e também entre nós tentamos “disparatar” um bocadinho, porque chegamos a casa e continuamos com as nossas rotinas, não é?*

Loc /JPG - O fenómeno da propagação do som através de um fio tão fino como o bigode de um gato deu-se há coisa de um século e a arte mágica consistia em receber directamente ... sons distantes.

Som Arquivo: José Maria Batista, radioamador início do séc. XX

Loc /JPG - Chamavam-lhes Galenas. E a primeira intervenção do poder em relação a estes semicondutores foi... **proibi-los**. Sabe-se lá que mensagens trariam os sons vindos do longe e da distância?!

[Som Arquivo: JM Baptista](#)

JM Batista – *Um que se ouvia muito bem era Toulouse... “Ici Radio Toulouse”... Senhoras e senhores que de perto e de longe nos escutam...*

Loc /JPG - José Maria Batista, a memória de uma rádio feita à mão no início do século passado. As galenas são a pré-história da rádio. A pós-história será a internet. Mas isso pode ser também uma... pós-verdade. Ou, como já se designavam antigamente as pós-verdades, uma história infantil...

[Som Arquivo: Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional - Parada do Soldadinho de Chumbo](#)

Loc /JPG - Era com este indicativo que ia para o ar o *Programa Infantil da Emissora Nacional*, de Maria Madalena Patacho, que os miúdos ouviam na telefonia lá de casa. Era questão de esperar toda a semana. Mas nunca mais era sábado, nunca mais chegava o fim de tarde de sábado para ouvir a história na telefonia.

[Som Arquivo: Sobe Parada do Soldadinho de Chumbo](#)

Loc /JPG - *A caixa de madeira polida tinha ao meio um rectângulo azul, cheio de letras e, em baixo, ao comprido, quatro grandes botões negros. Ligava-se o fio que saía da caixa à tomada... A princípio, apenas saíam ruídos ásperos mas, aos poucos, desapareciam. Quando se queria, era música toda a noite e todo o dia. Canções, fados e guitarradas... E histórias infantis... E notícias de todo o mundo. Aqui era Londres; aqui a Alemanha; aqui a América. Era simples: ia-se rodando o botãozinho...*

[Som de sintonia, passando por diversas vozes, línguas e sons](#)

Loc /JPG - E os dias passavam mais rápidos. A rádio sempre era uma companhia. O texto sobre a caixa de madeira é do escritor Manuel da Fonseca. Está no livro *O Fogo e as Cinzas* e o conto intitula-se *Sempre é uma Companhia...* A rádio é essa companhia: amanhece, entardece e anoitece com os Ouvintes; e pela madrugada ainda é a única voz que se escuta e nos acompanha. A prosa de Manuel da Fonseca poderia ser um texto inscrito pela memória de cada um de nós. É a memória da velha Telefonia lá de casa. Como dizia o actor António Silva, no filme *Costa do Castelo*: «Liga-se à parede e é como uma torneira a deitar música.»

[Som Arquivo: Fernando Pessa, Fado do Locutor](#)

Loc /JPG - E esta, hein?! Fernando Pessa, o próprio, e o *Fado do Locutor*, na música do *Fado Margaridas*. A música do *Fado Margaridas* é de Miguel Ramos, irmão do grande guitarrista Casimiro Ramos. O autor criou este fado em 1935 para a fadista Margarida Pereira; daí... *Margaridas*. Na mesma música, Kátia Guerreiro canta *Valsa*, um poema de David Mourão Ferreira; e com um belo poema de Carlos de Oliveira, Carlos do Carmo gravou, na música do *Fado Margaridas*, *Carta a Ângela*. João Braga, cantor de fado, a quem devo todos estes conhecimentos, gravou na música do *Fado Margaridas* um poema de João Ferreira Rosa: *Os fados que te fiz já nada são*.

Som: Acordes finais de fado

Loc /JPG - E terá sido o Fado que moldou tantos portugueses tristonhos, receosos do atrevimento e da ousadia? Porque embora os portugueses em geral sejam amigos de uma boa gargalhada, com frequência muitos portugueses agem como se tivessem medo ou vergonha de rir. Será uma fatalidade nacional? Ou será muito simplesmente que, gostando de rir dos outros, muitos portugueses tenham dificuldade ou pudor em rir de si próprios?

Som: Risos

Loc /JPG - E porque estou eu a falar de rir e risos no programa do Provedor do Ouvinte? Em segundo lugar, porque quero surpreender com algo mais inesperado e mais interessante, em vez de trazer ao programa o que é simplesmente óbvio. E em primeiro lugar, porque os programas de humor constituem a maior razão de queixa dos Ouvintes da rádio pública que se dirigem ao Provedor.

Do total das queixas de Ouvintes que o Provedor recebeu em mês e meio de mandato, a maior percentagem diz respeito... e respeitinho ... a programas de humor na Antena 1 e Antena 3. A maior percentagem poderá assustar mas a quantidade não é dramática. O número de sugestões e queixas ao Provedor caiu consideravelmente nos últimos anos e no vazio dos últimos meses. De 2006 até Julho de 2016, foram recebidas e analisadas pelos serviços do Provedor do Ouvinte, em média, 862 queixas anuais: cerca de duas queixas e meia por dia. Em Fevereiro e Março de 2017, o número diário de críticas, reclamações e sugestões de Ouvintes andou, ela por ela, com a média diária de 2006 a Julho de 2016.

As críticas que chegam ao Provedor, em matéria de programas humorísticos, revelam Ouvintes de muito mau humor... perante o humor dos humoristas em Antena... E de que se queixam os Ouvintes quando se queixam dos humoristas? Alguns dos Ouvintes que escrevem ao Provedor, incomodam-se com a ironia dos humoristas; não toleram a sátira política; não suportam a irreverência social – neste país que cresceu, mesmo em matéria de humor, no culto do respeitinho.

Som: João Villaret – Santo António

Loc /JPG - Fica o registo das queixas ao Provedor e o aviso à navegação: o humor é afinal uma coisa muito séria. Há Ouvintes que se queixam de alegada parcialidade dos humoristas. Há Ouvintes que se queixam que certos humoristas só ridicularizam figuras públicas de direita; Como há quem se queixe que os alvos dos humoristas são em geral de esquerda, particularmente do governo e da maioria, a que chamam *Geringonça*; e queixam-se do termo *Geringonça*. Há quem se queixe que a liberdade artística de incertos humoristas agride a liberdade religiosa de certos Ouvintes; Um Ouvinte chegou mesmo a pedir ao Provedor a abertura de um processo disciplinar contra um humorista e contra quem sancionou a emissão de determinado programa de humor. E quanto a isso fique clara e esclarecido: o Provedor não tem nem quer ter poderes disciplinares; E a rádio do serviço público não tem e seguramente não virá a ter qualquer serviço ou mecanismo de censura ou exame prévio.

Também há queixas de que certos programas de humor..., na opinião de certos Ouvintes... não têm piada nenhuma. Um Ouvinte opina mesmo, sobre certo humorista, que só o António Macedo é que lhe achará graça. Mas se os programas de humor são razão de críticas e queixas ao Provedor, da parte de alguns Ouvintes, não é menos verdade que o humor tem uma longa tradição e alimentou a programação da rádio portuguesa ao longo das décadas.

[Som Arquivo: Orquestra Aldrabófona](#)

Loc /JPG - Uma tradição que veio dos anos 30 e da Grande Orquestra Aldrabófona.

[Som Arquivo: Orquestra Aldrabófona](#)

Loc /JPG - Humor que passou pelos diálogos do Zéquinha e da Lelé,

[Som Arquivo: Som Zéquinha e da Lelé](#)

Loc /JPG - O humor das Lições do menino Tonecas,

[Som Arquivo: As Lições do Tonecas](#)

Loc /JPG - A Paródia dos Parodiantes de Lisboa,

[Som Arquivo: Parodiantes de Lisboa](#)

Loc /JPG – O humor do grande e inimitável Raul Solnado,

[Som Arquivo: Solnado – Ida ao Médico – “Vocês riem de cada coisa...”](#))

Loc /JPG – O novo humor de Herman José

[Som Arquivo: Herman – Diácono Remédios: Ó meus amigos... não havia nexexidade...](#)

Loc /JPG – O humor que chegou ao Portugal de hoje

[Som: Portugalex: genérico auto-sonorizado pelos autores e uma piada](#)

Loc /JPG – A rádio pública procura – resta saber se consegue – oferecer uma ampla diversidade de humor, da criação de figuras populares aos textos mais intelectualizados, passando pelo teatro de textos, de vozes e de sons. E é com esta diversidade que a rádio pública procurar chegar e agradar ao maior número de Ouvintes: nenhum actor pode ser ao mesmo tempo um cómico de figuras populares e um autor e intérprete de textos intelectualistas. Mas é possível formar um elenco de apostas na diversidade. E depois é ter em conta que o humor é... atrevido, truculento, mordaz, irreverente, E além disso, o humor tem outra enorme vantagem ... é de graça!

[Som Arquivo: Solnado, Concerto de Violino: “Tá? De onde fala?”](#)

Loc /JPG – O som dos Parodiantes de Lisboa é de Luís Alcobia, por cortesia de José Nuno Martins.

Indicativo final

02 - 21 Abril 2017 – O dia em que o poema foi microfone

Som Arquivo Manuel Alegre: “Que o poema seja microfone e fale... uma noite destas às três e tal...”) + (Som Arquivo Joaquim Furtado: “Aqui Posto de Comando de Comando do Movimento das Forças Armadas...”

Loc / JPG – Em 1910, a República impôs-se pelo Telégrafo. Em 1974, o 25 de Abril triunfou pela Rádio.

Indicativo de abertura

Loc / JPG – Rádio, radius, radiosa rádio. Rádio, raio. Do latim radius; Rádio, ultrassom, televisão. Radiofone, radiofonia, radialista, que é retorta de alquimista. Bastidor, passo de dança... Entre as mãos de uma criança.

Som: Manuel Freire – “E chegará o dia das surpresas...”

Loc / JPG – Há 43 anos, os Ouvintes da rádio fizeram-se ouvir. Irromperam pela rádio em diferido... embora em directo de um gravador que o Adelino Gomes pedira emprestado. E gritaram. Gritaram num país que em geral falava em voz baixa.

Som Arquivo - disco “O Dia 25 de Abril” – Ganhámos... ganhámos...

Loc / JPG – Foi há 43 anos. E, esse dia, foi só o início...

Som Arquivo: – “Isto é só o início... só o início...”

Loc / JPG - Certamente que nem tudo foram rosas na Revolução dos Cravos. Mas pela pureza das intenções de um jovem oficial, pela dignidade com que recusou os holofotes da revolução mediática, as benesses do novo regime e as estrelas do generalato, um capitão merece representar a face da pureza do 25 de Abril: Salgueiro Maia. Como jornalista, não esqueço que foi também para que escrevesse, e escreva, livremente, que ele avançou das ruínas do Convento de S Francisco, em Santarém, para derrubar outras ruínas.

Som Arquivo: Salgueiro Maia

Salgueiro Maia – *Se a primeira República se ganhou pelo telégrafo, o 25 de Abril ganhou-se prioritariamente pela Comunicação Social*

Loc / JPG - Quando cheguei à rádio, nos anos 60, os Ouvintes eram tratados por “*estimados Ouvintes*” e eu não sei se havia grande sinceridade no tratamento. Usavam-se muitas palavras afectivas na rádio: *estimados Ouvintes*, *amigos Ouvintes*, *companheiros Ouvintes*... Do outro lado, os Ouvintes imaginavam os rostos de cada voz amiga. Não sei se era apenas uma questão de cerimónia, se era simplesmente a afectividade entre quem falava e quem ouvia. Uma das grandes mudanças a que assisti ao longo da minha vida profissional foi a progressiva alteração nessa relação entre o emissor e o receptor de rádio: menos solenidade, menos cerimónia – o que não significa menos respeito –, mais integração. E hoje, para o Ouvinte há rádio de antenas abertas. Participação dos Ouvintes onde antigamente apenas havia... discos pedidos.

Som Arquivo: “Que quer ouvir?” - Jorge Alves + “Quando o Telefone Toca!” - Matos Maia

Loc / JPG - Há 90 anos, um escritor alemão imaginou a rádio nos dois sentidos: emissor e receptor interagindo. O escritor chamava-se Bertolt Brecht e a sua antecipação perfilava-se como a forma mais democrática de comunicação. Hoje a rádio interage com os Ouvintes, de antena aberta. E na rádio de serviço público, e apenas nesta, o Provedor provê para que Ouvintes e Rádio sejam providos.

A rádio recebe o eco dos Ouvintes – só tem que acautelar a chamada realimentação, para que o som de retorno não introduza ruído e distorça a comunicação. É uma rádio interagida entre emissor e receptor, uma rádio também já feita com os Ouvintes. Há um emissor receptivo aos seus destinatários: uma rádio que emite mas também ouve. E aqui entra o Provedor.

Cortina

Loc / JPG - Estou neste posto, Provedor do Ouvinte, vai para dois meses, apenas. Recebi mais de 150 críticas, queixas, denúncias, elogios, sugestões. Em Fevereiro chegaram perto de 50 missivas ao Provedor; em Março, subiram para mais de 90. Tenho procurado trocar informações e ideias com os Ouvintes. Não é necessário que estejamos todos de acordo; mas é proveitoso que dialoguemos. Também tenho procurado fazer alguma pedagogia. Porque, enfim, o Provedor do Ouvinte não é apenas uma caixa de correio e ainda menos uma Central de Atendimento. O Provedor intermedeia Ouvintes e rádio numa relação que interage. Escreva ao Provedor. A via mais prática e cómoda é seguir o formulário no portal da RTP, na página dos Provedores.

Cortina – Em Nome do Ouvinte

Loc / JPG - Os números do correio do Provedor contêm uma curiosidade sociológica. Os homens queixam-se consideravelmente mais do que as mulheres. Perto de 85 por cento da correspondência do Provedor do Ouvinte provém de homens; menos de 15 por cento, de mulheres. Os homens queixam-se mais do que as mulheres; ou, se preferirem, as mulheres abstêm-se mais do que os homens do direito de questionar.

Se recuarmos no tempo, a abstenção feminina é ainda mais acentuada. E será mesmo caso para perguntar onde estavam as mulheres no 25 de Abril de 1974? Estavam na rua, onde estava a poesia, registou o atento olhar da pintora Maria Helena Vieira da Silva. Olhos muito abertos como os que estão pintados à proa dos barcos, escreveu Sophia observando uma tela de Vieira da Silva. Onde estavam as mulheres, naquele dia inicial, inteiro e limpo? Onde estavam, as mulheres numa revolução de militares, só homens? Vieira da Silva pintava; Sophia de Mello Breyner escrevia. Outras mulheres serviam café aos soldados. Outras ainda plantavam cravos nos canos das espingardas.

Cortina

A mulher que terá subido mais alto naquele dia, em pleno Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas, foi a locutora Clarisse Guerra. Locutora do Rádio Clube Português, Clarisse Guerra chegou ao microfone, pelas 13 horas, para dizer que o MFA dominava a situação em todo o País e recomendar à população que mantivesse a calma. Foi a única mulher que falou ao microfone da Emissora da Liberdade. O escritor cabo-verdiano Germano Almeida transpõe o acontecimento na página 88 da narrativa *“Dona Pura e Os Camaradas de Abril”*:

«Ao nosso lado alguém falava de um comunicado que tinha acabado de ouvir, lido por uma mulher, com uma voz que empolgava...»

Essa voz era esta voz: Clarisse Guerra.

Clarisse Guerra, entrevista:

Clarisse Guerra – Toda a gente queria ir ao microfone, mesmo pessoas que nunca estiveram ao microfone! Eram os nossos colegas, de outras secções, mas que imediatamente foram para vos noticiários, queriam colaborar, queriam entrar... E toda a gente ia ao microfone. Mas... só os homens, claro! Chegavam ali, com o seu papelinho, ta-ta-ta... E eu dizia: “Mas eu também quero ir”. E a certa altura disse ao Luís Filipe Costa: “E eu não leio nenhum comunicado?” E lembro-me de o Joaquim Furtado dizer assim: “Pois é bom que seja também ela a ler.” E então foi o Joaquim Furtado quem realmente me deu o primeiro comunicado – e único – que foi lido por uma mulher.

JPG – E por acaso – não sei se foi por acaso – aconteceu que esse comunicado era particularmente operacional. Dava conta dos pontos que já estavam em poder do Movimento das Forças Armadas...

CG – É verdade que sim. Era um comunicado muito interessante, muito grande... Foi a coisa mais difícil que fiz na minha vida, pensei que não chegava ao fim... Mas cheguei. E era realmente muito interessante. Já vi coisas a falar desse comunicado – que não é aquele que eu li, na realidade, porque entretanto as coisas trocam-se...

JPG – Mas esse comunicado também apelava à calma?

CG – Eu lembro-me de que tinha até uma referência às enfermeiras, para que se apresentassem no serviço. E apelava à calma, sim, era um comunicado muito completo...

JPG – E a Clarisse Guerra tinha essa calma que estava a aconselhar às pessoas?

CG – Tinha. Nessa altura, sei lá... nós não sabemos, nos momentos difíceis, onde vamos buscar a força de que precisamos. Ou “destrambelhamos” – o que não é o meu caso, eu nos momentos difíceis fico “inteira”, e foi o que aconteceu...

JPG – E depois, leste mais comunicados?

CG – Não. Eu só li aquele comunicado. Depois, claro, li outras coisas, mas outro comunicado propriamente dito, não.

JPG – Depois, segundo julgo saber. Os militares assinaram o comunicado...

CG – Exactamente, assinaram. Eu até tenho os papéis, assinados por todos os que fizeram parte da emissão desse dia.

JPG – Aquele foi um momento desse dia, e ali entrou uma mulher. Mas aquele parecia um dia de homens, de facto. Porque os militares eram todos homens (agora é que já há mulheres militares), os jornalistas que andavam em cima dos carros eram todos homens, a ler comunicados era só homens. E, as mulheres, parece que tinham um papel um bocado secundário, que era distribuir cravos e dar cafés aos militares...

CG – Pois. Eu, hoje, se disser a alguém de fora do nosso meio que li um comunicado no dia 25 de Abril, as pessoas não acham nada de especial: «Ah, que importância é que isso tem?».

As pessoas riem-se, naturalmente. Então os que nasceram depois dessa época e vivem os nossos dias... Agora, é preciso reportarmo-nos à época. Eu não me esqueço – e tu lembraste do sr. Álvaro Jorge, que era o nosso director – de lhe pedir, porque eu queria muito ir para os noticiários... Nessa altura – e como sabes melhor do que eu – o jornalismo fazia-se de outra maneira, não havia escolas, a escola eram os próprios locais, em que as pessoas iam praticando até poderem ser chamados jornalistas... E eu pedi ao sr. Álvaro Jorge, porque era uma coisa de que eu gostava, ir para os noticiários. E ele disse-me logo que não: «Não, minha filha, porque aí só podem ser homens.» Pronto. Daqui se percebe a importância que teve o facto de ser uma mulher a ler um comunicado.

JPG – *Preparaste-te para ler aquele comunicado? Como é que foi? Respiraste fundo e «daqui posto de comando...»*

CG – *Sim, exactamente. Respirei fundo, e quando estava a ler ainda pensei «ai, meu Deus, se eu não chego ao fim»... Porque era um comunicado muito grande! Mas eu acho que li muito bem. Depois de passados estes anos todos, acho que posso dar-me ao luxo de dizer que li muito bem, que li com muita firmeza, muita segurança. E a alegria final, o «viva Portugal», foi muito bom!*

Loc /JPG – *Vai para 43 anos, no Largo do Carmo, em Lisboa, romperam as águas da liberdade. E a cascata do povo a cantar afinado ficou na memória do capitão protagonista da história naqueles dias de festa.*

Som Arquivo – Entrevista com Salgueiro Maia:

Salgueiro Maia – *...mas o significativo para mim é que, quando o Marcelo Caetano começa a dizer «Eu já sei que não governo», o barulho fundo era o povo em uníssono a cantar o hino nacional, o que não é assim muito frequente: costuma desafinar toda a gente, mas parecia que tinham ensaiado, e era um barulho esmagador. Essa é a situação, para mim, talvez mais expressiva.*

Indicativo final

03 – 27 Abril 2017 – Golo, golo, golo

- Sons antigos de sintonia

Loc / JPG - «*Ouvia-se uma voz. Mas quando se olhava para o ponto de onde vinha o som da voz, o que se via era um caixote que ressoava vozes, histórias, notícias, música... E também transmitia alguma amizade e intimidade.*»

Indicativo de abertura

Loc / JPG – Já nos tínhamos cruzado, no programa do Provedor, com a prosa do escritor português Manuel da Fonseca. Rezava a citação de *O Fogo e as Cinzas* que a rádio... *sempre era uma companhia.*

Esta semana, tropeçamos na prosa, cheia de ternura pela rádio, do escritor norte-americano Erskin Caldwell. *Vagueando pela América*, o escritor rebateu aqueles que, ao longo de décadas, repisaram a exagerada notícia sobre a iminente morte da rádio. E Erskin Caldwell contradisse-os com bons argumentos: *a rádio continua viva porque é humana e amigável.*

“A rádio tem uma distinta personalidade humana, devida ao seu amigável e íntimo tu cá, tu lá, ao calor humano que troca com os Ouvintes” – escreveu Erskine Caldwell. É essa intimidade com o Ouvinte que, na opinião do autor de *A Estrada do Tabaco*, mantém a rádio sempre viva no ouvido, na mente e no coração dos Ouvintes. E acrescentou o escritor Erskine Caldwell: *“A voz da rádio tem uma personalidade amiga e íntima, como a de um velho camarada de confiança”.*

Som: Old times, locutor, música, rádio americana

Loc / JPG - Mas voltemos a Portugal.

Um dos primeiros profissionais portugueses que pensou a radiodifusão e escreveu sobre a matéria foi Fernando Curado Ribeiro. Actor de cinema, de teatro e de televisão, quase sempre em papéis de galã, o bom do Fernando Curado Ribeiro viveu entre a segunda e última década do século XX. Versátil e polivalente, Curado Ribeiro entrou para a rádio... como vocalista.

Som Arquivo – Curado Ribeiro – Canção do Mar

Loc / JPG – Foi assim que Fernando Curado Ribeiro entrou para a rádio e para a Emissora Nacional, do final dos anos 30. Curado Ribeiro desenvolveu carreira não só na Emissora mas também lá fora, em África e na Europa, e por cá na Renascença e no Rádio Clube Português.

Som Arquivo – Curado Ribeiro programa Leitura

Loc / JPG - Apesar de ser um oficial de muitos ofícios, Fernando Curado Ribeiro guardava tempo para pensar e escrever. E foi assim que nos deixou um livro precioso, editado em 1964 pela *Arcádia*: *«Rádio: Produção, realização, estética»*. A páginas 55 e seguintes desse livro, Fernando Curado Ribeiro cruza-se com as ideias do escritor americano Erskine Caldwell – de quem aqui já hoje aqui falei – escrevendo sobre a intimidade entre a rádio e os seus Ouvintes.

«A mensagem da rádio é fraternal...» - escreveu Curado Ribeiro. E acrescentou: «A comunicação radiofónica é íntima.» E disse mais: «A rádio dirige-se a um auditório enorme... mas, ao mesmo tempo, fala para um só auditor, para cada um dos Ouvintes.» O Ouvinte, que neste momento me ouve, sabe que é assim. Estou a falar para todos, falando para si.

[Som Arquivo: Curado Ribeiro](#)

Loc / JPG - Curado Ribeiro foi do tempo das grandes vozes da rádio, contemporâneo de Pedro Moutinho.

[Som Arquivo: Pedro Moutinho – anúncio de estação EN](#)

Loc / JPG - Pedro Moutinho foi outro grande comunicador: à frente do microfone mantinha desenvoltura e elegância. Mas o que lhe deu mais visibilidade foi um episódio, com imagem, fora dos estúdios. Foi quando Pedro Moutinho, excepcionalmente, para a ficção do cinema português, simulou um relato de futebol.

[Som Arquivo: Pedro Moutinho – relato no filme O Leão da Estrela](#)

Loc / JPG – Um relato de futebol a fingir, para o filme *O leão da Estrela*. E já que a oportunidade passou aqui ao pé, com vossa licença, vamos desatar aos pontapés no texto.

[Sons de relato – Golo, golo, golo, mix Nuno Matos e Alexandre Afonso](#)

Loc / JPG - Há-de ter havido pontapés em algum objecto redondo antes dos súbditos ingleses criarem o football association em 1863. O jornalista português da RTP Carlos Daniel até admite que os índios já jogassem futebol antes de Cabral chegar ao Brasil. E o escritor brasileiro Mário de Andrade, no romance *Macunaíma*, escreve que o futebol foi inventado pelo índios, antes de Cabral chegar. Outros autores fazem referências a ruínas pré-históricas e citam registos antropológicos segundo os quais, na América Central, na península de Yucatán, se praticava entre duas equipas um jogo parecido com o futebol. O ficcionista brasileiro Flávio Moreira da Costa acrescenta que a diferença, entre o futebol actual e o pré-histórico, era a bola: ou seja, a cabeça do capitão da equipa perdedora do jogo anterior.

[Sons de relato – Golo, golo, golo, mix, Nuno Matos e Alexandre Afonso](#)

Loc / JPG - Carlos Drummond de Andrade, escritor brasileiro, no Sermão da Planície: «*Bem-aventurados os que não entendem nem aspiram a entender de futebol, pois deles é o reino da tranquilidade. Bem-aventurados os que, por entenderem de futebol, não se expõem ao risco de assistir às partidas, pois não voltam com uma decepção ou um enfarte. Bem-aventurados os que não têm paixão clubista, pois não sofrem de época a época, apenas com uma colherzinha de alegria a título de bálsamo, ou nem isso. Bem-aventurados os que não são cronistas desportivos, pois não carecem de explicar o inexplicável e racionalizar a loucura.*»

[Som Arquivo: Tossan – Futebol – “E no fim, perdeu-se o campeonato”](#)

Loc / JPG - O futebol relatado e comentado por Tossan, pintor, ilustrador, decorador e gráfico português (1918 – 1991).

Nas últimas semanas, com o final do campeonato da Liga à vista, o futebol assumiu contornos de guerra civil. Vale tudo. E perante uma sucessão de acusações sem factos concretos contra jornalistas e comentadores de futebol da Rádio e da Televisão públicas, o Provedor do Ouvinte, João Paulo Guerra, e o do Telespectador, Jorge Wemans, decidiram tomar a seguinte posição conjunta:

«O facto de ter sido difundida pelo Director do departamento de comunicação de um clube uma acusação de que vários jornalistas e comentadores radiofónicos e televisivos recebiam indicações de um gabinete afecto a outro clube não prova que assim seja e, muito menos, que os destinatários sigam tal tipo de indicações.

A existência de acusações não faz prova de coisa alguma. O bom nome das pessoas e dos profissionais não pode ser posto em causa apenas porque alguém divulga acusações contra eles. E as pessoas que são alvos de calúnias têm o direito de não ter de lhes responder na praça pública para não contribuírem para as avolumar.

Os jornalistas e comentadores do futebol têm o dever de procurar e de obter informações junto dos agentes desportivos, para melhor garantir aos Ouvintes e telespectadores o direito à informação.

Assinam: O Provedor do Ouvinte; O Provedor do Telespectador.»

Cortina

Loc / JPG – Isto não quer dizer, no que me diz respeito, que o Provedor do Ouvinte não tome em consideração e não leve a sério as críticas aos intervenientes no fenómeno do futebol e, nomeadamente, aos que relatam, narram, descrevem, ou analisam esse espectáculo fantástico que é a competição desportiva em geral, o futebol em particular. E por isso mesmo, o Provedor do Ouvinte faz sua a crítica de um Ouvinte da Maia que pede muito simplesmente à sua rádio, esta rádio, a rádio pública, que faça mais relato e menos comentários durante os 90 minutos da narração de um jogo de futebol. Para que o relato desportivo seja de facto o olhar através do qual o Ouvinte vê um jogo de futebol, ouvindo a rádio.

E por outras acrescidas razões:

- Para que mais relato valorize a competição e o espectáculo, com a realidade do jogo...

- E para que mais relato e menos comentários, durante os 90 minutos de jogo, favoreçam a objectividade dos factos... e retirem espaço à subjectividade dos comentários.

Sons de relato: Golo... golo... golo...

Ao Ouvinte da Maia que lançou o desafio – mais relato, menos comentário nos 90 minutos – junta-se o Provedor e também a subdirectção de informação da rádio que tutela o desporto:

Comentários mais assertivos e sintéticos; mais relato.

Vai levar tempo. Mas a mudança acabará por acontecer... Mais jogo falado, menos conversa. Mais bola, menos paleio. Mais espectáculo, menos cavaqueira. Mais golos, menos bolas para o pinhal.

Som: mix de golos históricos: Eusébio (final da Taça dos Campeões com Real Madrid, Maio 1962); Eusébio (Mundial 1966); Morais (canto directo SCP Taça das Taças, Maio de 1964), Madjer (FCP Taça dos Campeões, Maio 1987); Cristiano Ronaldo (apuramento Euro, Dinamarca Portugal Outubro 29014); Eder (final Euro 2016).

Loc /JPG – Mais relato, menos comentário, durante os 90 minutos. Valorizemos também deste modo, o trabalho e a figura do narrador, do relator desportivo:

- Olhos e mensagens velozes; olhar seguro, palavra ágil; certeza na vista e precisão no vocabulário; fôlego, verve, criactividade e decisão; segurança, velocidade, emoção.

Ninguém como o relator transporta o Ouvinte e o faz participar na emoção do momento; Do sofá para a relva à velocidade de uma bola de couro sintético, costurada de dentro para fora e virada do avesso, que assumiu e converteu em velocidade e direcção a força do pontapé... mais de 100 à hora...

Som: Gooooooooolo

Em Nome do Ouvinte, escreva ao Provedor. O formulário está no *site* da Rádio e Televisão de Portugal, no apartado dos Provedores.

Indicativo final

04 – 5 Maio 2017 – Uma nota de quinhentos...

- Cortina breve / ou gong com escala

Loc /JPG – «*Há coisa de 15 dias, corria aqui um boato na América – nalguns papéis portugueses feitos por uns trailiteiros e traidores da Pátria – em que diziam que o nosso grande governo tinha dado à Alemanha as nossas colónias... Mas um dia à noite pus-me a ouvir a CSW em que ouvi que Portugal não vende nem dá... Foi tanta a minha consolação que apanhei uma bebedeira que estive uma semana sem trabalhar...*»

Carta assinada por um português radicado na América que procurou o *emissor nacional de Ondas Curtas da jovem Emissora Nacional* para saber o que se passava no seu lindo Portugal. A carta está ampliada e afixada em exposição temporária da colecção visitável museológica de Rádio e Televisão de Portugal. A carta está assinada por Joseph Prata e foi dirigida, em 12 de Fevereiro de 1937, ao director da Emissora Nacional. Em 1937 não havia Provedor do Ouvinte.

Indicativo de abertura

Loc /JPG – Nesta edição falamos do espólio de Francisco Igrejas Caeiro; e de caminho vamos ao Museu da Rádio. E tudo isto a partir do alerta de um Ouvinte.

Som arquivo: Indicativo Companheiros da Alegria

Loc /JPG – **Loc. /JPG** - Nem toda a gente concordará que o pandita Nehru fosse o maior estadista mundial a meio dos anos 50; Mas todos estarão de acordo quando alguém diz que “uma nota de quinhentos não se pode deitar fora”.

Francisco Igrejas Caeiro nasceu em Castanheira do Ribatejo em Agosto de 1917; faria 100 anos daqui a três meses. Na rádio, entrou para a Emissora Nacional em 1940; foi demitido em 1948, por assinar um manifesto de apoio ao Movimento de Unidade Democrática. Meteu-se à estrada com os *Companheiros da Alegria*, um sucesso de terra em terra e nas ondas do Rádio Clube, com variedades, concursos e prémios de uma nota de quinhentos... que não se pode deitar fora.

Mas em 1954, o governo acabou-lhe com a itinerância por Igrejas Caeiro ter dito, numa entrevista ao jornalista António Rolo Duarte, que o maior estadista do seu tempo era o pandita Nehru, o líder indiano que reclamava a integração de Goa, Damão e Diu. Foi um golpe de estúdio para os *Companheiros da Alegria* que passaram a programa de cabine, no Rádio Clube Português.

...Mas com rubricas gravadas de grande interesse e impacto, designadamente a série de entrevistas *Perfil de um Artista*. Caeiro voltou à Emissora com o 25 de Abril de 1974; em 1976 chegou a director de programas da RDP. Foi exonerado em 1979 pela Comissão Administrativa da RDP. Foi Comendador da Ordem da Liberdade..

Som Arquivo: Igrejas Caeiro

Loc /JPG – Um Ouvinte de Lisboa alertou o Provedor para um leilão que decorreu na internet entre 30 de Março e 5 de Abril: objectos pertencentes a Igrejas Caeiro estavam à venda.

A questão do Ouvinte era que tais objectos, em número de algumas dezenas, deveriam estar organizados num espólio que perpetuasse a memória do homem da rádio e dos palcos. A equipa do Provedor pôs-se a fazer perguntas. E obteve algumas respostas. Mas nem todas.

- Som Arquivo: Igrejas Caeiro / Companheiros da Alegria

Loc /JPG – Igrejas Caeiro, falecido em 2012, doara todo o seu espólio à Fundação Marquês de Pombal, instituição sediada em Oeiras, concelho onde o Casal Caeiro residia, no Alto do Lagoal. “Todo o espólio”, declarou à agência Lusa, em Setembro de 2012, Alfredo Costa, então presidente da Fundação Marquês de Pombal.

Na antiga residência ficaram arrecadados centenas de livros, discos, obras de arte e foram preservados os estúdios e equipamentos com os quais Francisco Igrejas Caeiro fazia rádio. O *site* da Fundação Marquês de Pombal mantinha, em 2012, que o desafio consistiria em conservar e disponibilizar ao público, mediante um modelo de gestão sustentável, o vasto espólio doado. Agora, com o passar dos anos, a Casa Igrejas Caeiro está fechada para obras desde Outubro do ano passado, devido a infiltrações no telhado. Entretanto, objectos pertencentes a Igrejas Caeiro foram vendidos em leilão.

- Som de arquivo

Loc /JPG – A Fundação Marquês de Pombal, à qual Igrejas Caeiro doou o espólio, diz que desconhece a origem dos objectos levados a leilão; e afiança agora que não foi a única herdeira. Haverá assim espólio disperso, de onde poderão ser oriundos os objectos do espólio de Caeiro postos em leilão. A leiloeira, por seu lado, declarou ao Provedor do Ouvinte que quem vendeu o espólio de Igrejas Caeiro para o leilão online garantiu à leiloeira que o adquiriu legitimamente.

- Som: Igrejas Caeiro – “E uma nota de quinhentos não se pode deitar fora...”

Loc /JPG – Quanto ao espólio de Igrejas Caeiro, para lá do que está depositado à ordem da Fundação Marquês de Pombal, haverá peças dispersas pelo Museu do Teatro e pouco, muito pouco, praticamente nada, no Museu da RTP. A memória de Igrejas Caeiro na RTP reside essencialmente nos arquivos de som: na Base de Dados dos Arquivos da rádio pública existem 1.736 ficheiros com o nome de Igrejas Caeiro. O nome de Igrejas Caeiro foi dado a um estúdio onde se realizam os principais períodos de emissão da Antena 1. Mas no Museu propriamente dito – nas exposições temporárias e nas colecções visitáveis museológicas da rádio –, Igrejas Caeiro é quase um estranho, entre os milhares de objectos que contam a história da rádio em Portugal

- Som: Gong

Loc /JPG – Com a fusão da RDP e RTP, na Rádio e Televisão de Portugal, a nova empresa absorveu todo o espólio oriundo da rádio e da televisão públicas, organizando-o em colecções museológicas visitáveis. E assim, no edifício sede da RTP, são visitáveis os dois núcleos museológicos, em exposições temporárias, em reservas e no novíssimo Museu Virtual. Quer dizer: o Ouvinte pode visitar a memória da rádio, sendo preferível que o faça em grupo e com marcação, para que a visita seja guiada.

A visita ao Museu começa, necessariamente, pela sala Fernando Pessa, figura tutelar do memorial da rádio e da televisão. E a partir daí - **Viriato Teles** – abre-se a porta da memória.

- Som Porta a abrir

Loc / VT – No espaço parco do Museu da RTP, a Rádio tem uma representação equilibrada face à Televisão, mas que apesar disso é insuficiente para dar a conhecer tantos e tão diferentes objectos e histórias de mais de 80 anos de radiofonia. Mesmo assim, é possível “recuar” ao século XIX para ver um telégrafo de Morse, a peça mais antiga em exposição, lado a lado com um fonógrafo de 1897. Ou uma grafonola de corda, onde ainda se ouve música.

Um antigo estúdio da Emissora Nacional, reconstruído, reconstitui a rádio que se fazia em Portugal nos anos 50, e permite aos visitantes mais jovens recriar a emoção de fazer rádio como antigamente. Não faltam o gongo para o sinal horário... nem o equipamento original, onde trabalharam os enviados especiais da BBC durante a visita da Rainha Isabel II de Inglaterra, em 1957. E também não faltam os discos, com capas uniformes de papel onde se guardava a informação relativa a cada um...

***Rosário Vivaldo** – Essas capas tinham informação, não só da última vez que tinha passado o disco – o que era importante, porque se uma música tivesse passado nessa semana, já não passava: havia uma preocupação de não repetir muito as músicas, ao contrário do que acontece hoje com as playlists. Depois tinha outro tipo de informação que era muito desagradável, que eram as informações da censura: nós temos muitos discos em arquivo que têm informação a vermelho “Lado A proibido” ou “lado B proibido”*

Loc / VT – No Museu da RTP também há exemplos soltos dos diferentes processos de gravação, desde os cilindros de cera aos métodos digitais do nosso tempo, passando pelos gravadores em fio de aço, como o portátil Minifond, com bateria, mais tarde substituído pelo Magnetofone AEG, de fita magnética.

Tanto e, afinal, tão pouco. Ou talvez não. O que da Rádio se pode ver no núcleo museológico da RTP são apenas “as joias da coroa”. O “tesouro”, esse está uns metros mais abaixo, num armazém de acesso restrito onde se encontra tudo o que não cabe na colecção visitável. E é muito.

Som Museu: Gongo

Loc / JPG – Quem desça até ao piso menos 3 da ala do edifício da RTP não imagina que vai mergulhar no tempo. Mas de facto é essa a viagem que espera o visitante, por entre corredores estreitos entre as estantes eléctricas que deslizam silenciosamente expondo o seu conteúdo: Qualquer coisa como sete milhares de peças, classificadas e catalogadas, contam a história da rádio até há poucos anos atrás. Uma história que parte das galenas e parece que regressa ao passado na escuta individual que agora se usa nos auriculares.

As estantes deslizam e abrem caminho para ver os rádios de capela, dos anos 20 e 30; o Philips de Salazar, com gira-discos adaptado aos novos tempos das 45 e 33 rotações ou revoluções por minutos; o stradivarius da rádio dos anos 40; os gravadores em fio de aço, em rolos de cera, em fitas magnéticas; os microfones de carvão, de cristais,

de condensadores, com os respectivos identificadores: Emissora Nacional, Rádio Clube Português, Clube Radiofónico de Portugal... Os relógios que davam a hora oficial da Emissora; a transistorização que democratizou a rádio, vinte anos antes da democracia.

Paulo Figueiredo – *As visitas aqui são mais limitadas – colecionadores, investigadores – e também têm muito a ver com os interesses das pessoas: pessoas que se interessam mais pelos aparelhos de rádio, vamos ali para o lado dos rádios, as que gostam mais da gravação, para os aparelhos de gravação... Tentamos fazer... Porque podemos passar aqui muitas horas...*

Loc /JPG – Para além das duas superfícies visitáveis do Museu, no edifício sede da RTP, o espólio da rádio portuguesa está também em Pegões, onde as peças de maiores dimensões jazem armazenadas nas antigas instalações dos emissores e antenas de Onda Curta.

- Efeito de som

Loc / JPG – Entre 1996 e 2004 houve um Museu da Rádio: 2.400 metros quadrados, na Rua do Quelhas, nº 21; 3.000 peças expostas; 6.000 peças de reserva.

Manuel Bravo, radioamador antes de ser profissional de rádio, o conservador do Museu extinto com a fusão da RDP com a RTP, já visitou o actual Museu.

Manuel Bravo – *Gosto. Gosto de ver, mas eu [também] gosto de mexer. E o museu está todo em vitrines, não se pode ter contacto com uma peça ou outra. Eu lembro-me que, no museu antigo, os professores chegavam lá: “Oh meninos, não mexam”, e eu: “Deixe mexer, isto são aparelhos de 1920, portanto se resistiram até agora, vão resistir, isto é material que não é melindroso”... A maneira como aproveitaram? Acho que é bem aproveitado. O espaço é pequeno, 390 metros quadrados, segundo parece, Televisão e Rádio... Gosto muito é da exposição visitável, que está na cave. Essa, sim: tem centenas ou milhares de peças, por décadas, e a gente consegue ver a história da rádio contada ao vivo, consegue ver a evolução das peças. A rádio tem cem anos, cento e poucos anos. Aqui há uns anos, ainda eu estava no Quelhas 21, a directora do Museu das Comunicações pediu-me se eu podia dar um jeitinho para ajudar a classificar as peças. É que estavam todas classificadas “peça não-sei-quê, século XX”. Tudo século XX. Não falhava, realmente. Mas era preciso pôr o papel em francês e em inglês, e tudo século XX era um bocado curto...*

Loc / JPG – A rádio tem memória graças a pioneiros como José do Nascimento e Manuel Bravo. E a memória tem continuadores em todos quantos trabalham neste meio que se faz, em grande parte com o coração.

- Som de gongo

Loc /JPG – Há um objecto que brilha no escuro, no piso menos 3 da RTP, por baixo dos estúdios dos directos da TV e ao nível das garagens, entre as reservas museológicas da rádio e televisão: é o Microfone de Ouro da *Asociación española de los informantes de la radio y television* que distingue os profissionais da rádio portuguesa pelo seu protagonismo no 25 de Abril de 1974. Esse objecto merecia melhor destino.

O Provedor espera ter dado resposta à dúvida suscitada por um Ouvinte e relativa a o espólio de Igrejas Caeiro, prolongando a resposta para o espólio geral da Rádio.

Som Arquivo – Igrejas Caeiro: E agora, aqui deixamos a nossa homenagem a alguns dos nossos companheiros anunciantes...

Indicativo final

05 – 19 Maio 2017 – O futuro da rádio

Sons de rádios internacionais: França, Alemanha, Noruega

Loc /JPG - A França e a Alemanha encerraram a Onda Média; a Frequência Modulada está em extinção na Noruega. Mas o amanhã nunca morre. E a rádio não vai acabar. Venha daí, numa viagem ao futuro da rádio com uma escala pelo passado.

Indicativo abertura

Loc /JPG - O momento mais memorável de cada um dos dias na rádio continua a ser, afinal, essa simples agitação de um momento: Ligar um botão, abrir uma chave, subir ou descer um cursor, clicar uma tecla e estar no ar com alguma coisa para dizer. A tribo da rádio e os Ouvintes sabem do que estou a falar.

Som Arquivo: rádio, repórter, momento

Loc /JPG – As primeiras telefonias terão sido os gritos dos homens primitivos, quem sabe se imitando a comunicação instintiva dos animais. Muitos séculos mais tarde os homens descobriram que percutindo determinados objectos amplificavam e ultrapassavam o alcance dos gritos. E muitos milénios depois, os homens descobriram que ligando um cristal, um fio de metal e uma antena, aconteceria algo fantástico que ainda não tinha nome.

Agora, a rádio está numa fase de transição entre o analógico e o digital; E é nesse ponto que entra a conversa do Provedor do Ouvinte com João Pedro Galveias. Já estivemos frente a frente, com dois microfones pelo meio, há mais de vinte anos e em outras rádios. Agora é o Provedor do Ouvinte à conversa com o director da RTP Multimédia.

Entrevista com JP Galveias, director de Multimédia da RTP:

Provedor do Ouvinte – João Pedro Galveias, Multimédia é o futuro?

JPGalveias – Eu digo que é o presente, João Paulo. Neste momento a digitalização está à nossa volta...

PO - Há países que fecharam a Onda Média, há outros que estão a encerrar a FM... A rádio não vai acabar, pois não?

JPGalv – O FM está a ser desligado em, alguns países – por exemplo, na Europa, a Noruega vai fechar as estações de FM das estações nacionais, ficando só com as estações DAB [Digital Audio Broadcasting]... Mas em *Portugal estamos longe disso acontecer, ainda. Em Portugal houve até mesmo um retrocesso: as emissões em DAB, aqui nesta casa – na Antena 1, Antena 2, Antena 3 – começaram no final dos anos 90 e que, no princípio desta época, em 2011 ou 2012, foram suspensas, porque não havia Ouvintes a aceder às emissões, eram muito poucos, e os custos de manutenção da rede eram complicados. Portanto foi suspensa a transmissão DAB em Portugal, um bocadinho em contraciclo do que está a passar em alguns países europeus. Não sei se o FM morrerá em Portugal tão cedo quanto isso...

PO – O futuro da rádio passa necessariamente pela internet, o futuro imediato?

JP Galv – *Eu penso que sim, acho que a questão da digitalização de que falávamos há pouco vai ser determinante para o futuro da rádio, vai haver novos produtos de rádio, vai haver uma nova forma de fazer rádio, os estúdios de rádio serão diferentes, a tecnologia é diferente, e portanto acho que é “obrigatório” a rádio ser transformada por esta vaga de digitalização...*

PO – *Mas esse futuro ainda se chama rádio...*

JPGalv – *Oh, João Paulo, não sei... Tu dedicaste a tua vida à rádio, não é? E a rádio é uma paixão. É a paixão de comunicar com a voz, de comunicar com o som. Se é isso a rádio, acho que se vai chamar rádio.*

Cortina

Loc /JPG – *O Portugal futuro é um país aonde o puro pássaro é possível, escreveu o poeta Rui Belo. Estamos com o pássaro nas mãos. O futuro está a passar por aqui, também pela rádio que alguns de nós fazemos e que outros ou os mesmos de nós ouvimos.*

Entrevista com JP Galveias, director de Multimédia da RTP – RM 02:

JP Galv – *Nós na RTP já temos o RTP-Play, todas as rádios do grupo estão disponíveis, quer em directo, quer on-demand, temos os nossos podcasts, temos rádios, inclusivamente, feitas em exclusivo para a internet – a última rádio que fizemos é “filha” da Antena 2, que é a JazzIn...*

Indicativo JazzIn

PO – *O espaço radioelétrico é finito. Esse novo espaço, o espaço da rádio digital, tem limites, é infinito?*

JP Galv – *Obviamente, quando nós fazemos uma transformação de uma emissão FM para uma emissão digital, a emissão digital, na mesma largura de banda, possibilita muitos mais canais e mais informação. Portanto, no fundo, é um aproveitamento em melhoria do espaço radioelétrico.*

PO – *Esse cenário admite novos operadores, ou uma multiplicidade de operadores, individuais...*

JPGalv – *Sim, na área digital acho que sim... Neste momento qualquer pessoa é livre de fazer um podcast e que está disponível, um programa muito válido e provavelmente com um grau de inovação maior do que os meios mais tradicionais que, pela “máquina” que são e pela tradição que têm de fazer de determinada forma o que fazem todos os dias, não têm abertura para fazer novo tipo de produtos, não é?*

PO – *Qual é a próxima novidade da RTP Multimédia?*

JPGalv – *Nós temos tido algumas novidades muito interessantes na área da informação, a equipa de jornalismo está a fazer neste momento já alguns programas ao vivo, no Facebook, e vamos estender um pouco esse conceito a outras áreas da rádio. Quer à Antena 1, quer à Antena3, nesta primeira fase. Na Antena 2 temos estado a fazer muitas coisas na área do vídeo... Vai haver uma nova forma de utilização da rádio, “a*

pedido”, digamos assim – para além das emissões em directo, haver a rádio “a pedido”, com um novo interface para o utilizador...

PO – Parece estar a aproximar-se a realização de um sonho que eu sempre tive, na minha já longa vida na rádio, que era fazer rádio a cores...

JPGalv – Sim... Aliás, já é real, porque se vires as emissões que a Antena 1 faz á hora de almoço, já é a cores no Facebook...

Jingle – Rádio Lusitânia

Loc / JPG - E agora, no programa do Provedor, vai falar Dona Conceição, na qualidade de Ouvinte de rádio mas não só. A caminho dos 85 anos de idade, Dona Conceição tem sete décadas de telefonia pela vida fora, começando pela rádio adentro.

D. Conceição – *Eu fui a primeira locutora da Voz do Botaréu... Menina, mas fui. Aos 13, 14 anos, tinha havido uma récita, na escola, e a senhora que nos ensaiava era filha de um senhor, o tenente Lobão, que impulsionou a criação [em Águeda] de uma rádio local – que, nesse tempo, se usava nos jardins – que era a Voz do Botaréu. E então foram-me convidar, pediram aos meus pais, para eu ser a locutora. E fui, estive lá uma temporada... Era à noite, mas, claro, acabei por desistir porque a minha mãe tinha de me ir levar todos os dias à noite, e ela não tinha vida para isso... E foi assim. Ainda me lembro da entrada, na abertura da rádio: “Fala a Voz do Botaréu e toda a gente acredita”...*

Loc / JPG – A rádio faz parte da vida de Dona Conceição. A rádio é esta companhia que envolve a vida das pessoas. Para Dona Conceição, as vozes que foram chegando sem fios por detrás da distância traziam amizade, companhia, informação e convívio.

D. Conceição – *Lembro-me de uma grande experiência que houve, de ouvirmos na rádio o campeonato de hóquei-em-patins, no Porto – quando destruíram o Palácio de Cristal para fazer o “ovo” que lá está, de cimento... Depois, quando me casei, comprámos um rádio (que ainda tenho, ainda toca), ouvíamos coisas “subversivas” através da rádio...*

Loc / JPG - A Rádio era uma partilha de ideais pela família, em casa da jovem que é hoje Dona Conceição. Para além do regime, da censura, a verdade é que a rádio nunca se ateve a fronteiras. Era a cidade sem muros. Nem ameias.

D. Conceição – *Ouviam-se umas coisas que na altura eram clandestinas... Chagámos a ouvir a Rádio Moscovo, ouvíamos Argel [Rádio Voz da Liberdade], o Manuel Alegre... E ouvíamos o Zeca Afonso, que cantava o “Menino d’Oiro”... Com essa canção, gostava de embalar o meu filho... cantava-lhe “o meu menino é d’ouro” e ele ficava enlevado, todo contente, a ouvir-me...*

Loc / JPG – E foi assim que há 43 anos, pela rádio, como para o comum dos portugueses, Dona Conceição soube que se passava qualquer coisa no País onde, de costume, não se passava nada.

D. Conceição – *Foi nessa noite, estávamos a ouvir... E depois de manhã é que soubemos o que se estava a passar em Lisboa, ficámos em suspenso, não sabíamos o que é que se passava. Depois começámos a ouvir, ficámos muito contentes, muito satisfeitos com a mudança, e por não haver assim grandes guerras...*

Loc / JPG – *Em nome do Ouvinte* falou Dona Conceição Ferreira da Silva: a caminho dos 85 anos de idade, com 70 anos de rádio por companhia ao longo da vida. E a Ouvinte Dona Conceição, que já ouviu tanta rádio e tanto na rádio, não guarda as memórias da rádio apenas como recordações do passado: A rádio sustentou o passado, e projecta também o futuro.

D. Conceição – *Ai, acho que nunca acaba. Nem pode acabar. Por mais facebooks e essas coisas todas modernas, a rádio acho que está sempre em primeiro lugar. Eu, essas coisas, até podia ter, mas não quero. Para ler, gosto mais de ler o jornal, e para ouvir gosto mais da rádio.*

Loc / JPG – O amanhã nunca morre. E é assim, com a memória do passado e a perspectiva do futuro, que a rádio faz parte da vida dos portugueses.

(Cortina)

Loc / JPG - O recurso mais insistente ao Provedor em questões de multimédia tem a ver com dificuldades de acesso dos Ouvintes às emissões online. Há ainda alguns obstáculos na identificação dos Ouvintes com os endereços das rádios públicas. A RTP Multimédia, diz o respectivo director, João Pedro Galveias, está disponível para guiar os Ouvintes pelos novos caminhos da inseparável companheira, a rádio.

JPGalv – *Se estivermos a falar do acesso às nossas emissões através do RTP Play, obviamente que nós temos todo o gosto, e até pedimos o favor a todos os Ouvintes para que nos façam chegar todas as dúvidas que tenham e os problemas que encontrem no acesso para nós podermos rectificar. Obviamente há questões, às vezes, que nos escapam e que têm de ser rectificadas. Agora, se estamos a falar de rádios digitais... Os rádios digitais, os aparelhos, podem ter 30 mil origens, não é? Podem ser fabricados na Alemanha, na China, no Japão, na Coreia... E portanto são rádios que nós não controlamos de todo, e há uma rede de “distribuição informal” que nós muitas vezes nem sequer conhecemos e que, portanto, não conseguimos sequer suportar. E portanto haverá casos de aparelhos de rádio que, tendo acesso a algumas estações porque os agregadores que esses aparelhos usam têm esse serviço, as rádios do grupo RTP poderão não estar incluídas lá, isso é uma coisa que nos escapa completamente. Eu aí o que pedia é que as pessoas que detectam esses problemas nos explicassem – através do Provedor ou directamente connosco – nos explicassem exactamente qual é o problema, [qual é] a marca do aparelho, em que condições estão a fazer a captação, para nós percebermos se podemos fazer alguma coisa para melhorar o serviço.*

(Jingle Antena1 Memória)

Loc / JPG – «Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.» George Orwell

(Cortina)

Loc / JPG – Escreva ao Provedor do Ouvinte, através do sítio da RTP. Quanto a contactos telefónicos tome nota da posição do Provedor: O contacto com a RTP por parte dos Ouvintes, como dos telespectadores, não deve comportar quaisquer encargos, designadamente através da Linha de Apoio da Rádio e Televisão de Portugal. Esta é a posição do Provedor do Ouvinte, coincidente aliás com a do Provedor do Telespectador.

Não se admite que o Provedor apele ao contacto dos Ouvintes, o que compreende o contacto telefónico, e que a ligação através da *Linha de Apoio* – bizarramente designada *Contact Center* – seja cobrada, mais ainda sem aviso expresso e claro dos custos, para o que não basta a referência ao “tarifário em vigor”.

(Cortina Rádio Zig Zag)

(Indicativo final)

06 – 26 Maio 2017 – Discos perdidos

Loc /JPG – «*Em cumprimentos o despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado da Informação e Turismo, tenho a honra de solicitar a Vossa Excelência se digne determinar que, pela policia da sua mui digna direcção, sejam urgentemente apreendidos os invólucros do disco “Trovas”, de Manuel Freire, que contém a canção “O sangue não dá flor”, devendo também ser apreendidos os discos que estão dentro dos referidos invólucros. Lisboa, 8 de Março de 1969, A Bem da Nação, o director dos serviços de censura para o director da PIDE.*

(Excerto de canção: Manuel Freire – “O sangue não dá flor”)

Loc /JPG – E chegando à sexta edição do programa do Provedor, temos discos perdidos.

(Indicativo inicial)

Loc /JPG – A palavra censura já apareceu, por mais de uma vez, na correspondência dirigida ao Provedor do Ouvinte. É uma palavra que morde e que arranha, sobretudo quem trabalhou nos anos de chumbo, com os censores sempre de tesoura afiada para cortarem textos, palavras, o que estivesse à mão.

Certamente com alguma ligeireza, um Ouvinte que não consegue ouvir tão frequentemente quanto desejaria a música da sua predilecção, queixou-se ao Provedor que havia censura. Outros Ouvintes, incomodados pelo humor de um certo humorista, invocaram como solução final, cortar. Cortar, como nos anos 90 se cortou um programa do Herman. Mas aqui, longe vão os tempos da censura a Herman José, mais longe vão os tempos de censura oficial do antigo regime.

(Excerto de canção: Adriano Correia de Oliveira – “Canção com lágrimas”)

Loc /JPG – Esta “Canção com Lágrimas”, de Adriano Correia de Oliveira, com poema de Manuel Alegre, foi em tempos proibida, porque sim. Outras foram proibidas porque não. A “Canção com Lágrimas” contava-se entre as baladas de protesto, as baladas que infestavam as estações de rádio, segundo escreveu Marcelo Caetano, já no exílio, no seu *Depoimento*. Pelo que via, lia e ouvia na rádio infestada, no teatro de amadores, profissionalizado no protesto, no cinema de contestação, nos festivais de rebeldia, na imprensa insinadora, Marcelo Caetano concluiu que «*era forçoso reprimir*». E reprimiu. Reprimiu, enquanto a História lhe deu oportunidade.

(Excerto de canção: José Cid – “A Lenda de Nambuagongo”)

Loc /JPG – Esta canção de José Cid, “A Lenda de Nambuagongo”, foi assassinada à nascença, de forma tentada, pela Censura: «*O poema não pode ser divulgado*», decidiu, A Bem da Nação, o chefe da repartição de informação áudio-visual da Secretaria da Estado da Informação e Turismo, Manuel Nunes Barata, em 5 de Março de 1974. Entretanto, três semanas depois, no Coliseu de Lisboa, a contestação e a censura defrontaram-se publicamente:

-Som Arquivo: Manuel Freire no espectáculo de 29 de Março de 1974, Coliseu dos Recreios a explicar que se “esqueceu” de parte das letras no comboio

Loc /JPG – 29 de Março de 1974, Coliseu de Lisboa: «*Manuel Freire, antes de começar a cantar, em ar de piada, foi dizendo que tinha perdido algumas letras de canções pelo caminho e até mesmo perdera a última quadra da que ia cantar: Dulcinea. Protestos do público. Alguém da geral perguntou: quem foi o filho da ppppppppppppp que cortou a letra? Risos do público e do artista.*» Vem tudo, tintim por tintim, no relatório assinado pelos agentes da Direcção do Serviço de Espectáculos Leitão e Romeiras, Coliseu dos Recreios, Lisboa, 29 de Março de 1974.

Som Arquivo: José Afonso, concerto de 29 de Março 74: “Vamos lá outra vez cantar a Grândola...”

Loc /JPG – No Rádio Clube Português havia um serviço interno de Censura, coadjuvante da Censura do Estado. E havia um armário dos discos proibidos. E já ia alta a madrugada do 25 de Abril de 1974 quando o operador José Ribeiro conduziu os militares até ao armário dos discos proibidos. Foi num instantinho: O 25 de Abril ganhou a sua *playlist* no armário arrombado dos discos proibidos.

Som de entrevista com José Ribeiro;

José Ribeiro - *...era um armário fechado. E eu agarrei nos primeiros discos que conhecia – do Manuel Freire, do José Mário Branco, do Fernando Tordo, do Fausto, do Luís Cília, do Zeca Afonso...*

Excerto de canção: José Afonso – “Venham mais cinco”

Loc /JPG – “Venham mais cinco” era uma canção no cemitério dos discos perdidos. E por esse motivo, a Grândola Vila Morena foi a senha da revolução... para não espantar a caça com uma canção do *índice expurgatório*. José Afonso era aliás o campeão dos discos proibidos e o próprio nome do autor e cantor chegou a estar proibido na rádio e nos jornais. O que levou o Pedro Alvim a escrever no suplemento *A Mosca*, do *Diário de Lisboa*, sobre a odisséia de *Acez Osnofa*, o homem do nome ao contrário. E os censores não leram em *Acez Osnofa*, o nome ao contrário de Zeca Afonso. Os censores, para burros, só lhes faltavam as orelhas.

Excerto de canção: José Afonso – “Os Eunucos”

Em matéria de livros, ninguém chegava aos calcanhares de José Vilhena em número de livros apreendidos: três dezenas. Seguiam-se Tomás da Fonseca, Urbano Tavares Rodrigues, José Cardoso Pires.

Cortina

Loc /JPG – «*Espalmada na inscrição imperial havia uma lagartixa. Parda, imóvel, parecia um estilhaço de pedra sobre outra pedra maior e mais antiga, mas, como todas as lagartixas, um estilhaço sensível e vivaz debaixo daquele sono aparente. Pensei: o tempo, o nosso tempo amesquinhado.*»

Em 1968, a Censura quis cortar esta citação numa reportagem sobre o lançamento do romance “O Delfim”, de José Cardoso Pires. Cardoso Pires vingou-se: dois

anos depois de a censura ter querido cortar a referência, o escritor promoveu a lagartixa do tempo amesquinhado a “dinossauro excelentíssimo”.

Som Arquivo: Excerto de “Dinossauro Excelentíssimo”: «Fiquemos por aqui que o conto agora vai longo e repetido. Fecha o livro. Arruma-o em qualquer parte e manda passear os fantasmas. Fartámo-nos de falar de mortos, de velhos, de mistérios, quando afinal temos tanto para viver, não é?»

Loc /JPG – A Censura proibia canções, apreendia livros, mutilava poemas, esmagava palavras, deturpava notícias... Na Emissora Nacional, a casa-mãe da rádio pública, a censura fez enormes estragos, segundo os documentos que consultámos nos Arquivos da RTP. Quando o regime já agonizava, a Emissora proibiu de uma penada todos os discos de José Afonso e de outros cantores. Mas o índice da Emissora Nacional em matéria de discos era de largo espectro: José Afonso, claro. E também Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire, Cília, Fausto, Fanhais, Letria, Daniel... Mas até mesmo Rui de Mascarenhas, António Calvário e Quim Barreiros tiveram canções proibidas. Também foi para o cemitério dos discos proibidos o duplo LP do serão de Vinícius de Moraes, Natália Correia, Alan Oulman, Ary dos Santos e David Mourão Ferreira em casa de Amália. Mas a mesma assinatura que decretou ao longo de anos a proibição de discos, na Emissora Nacional, no dia 26 de Abril de 1974 proclamou a alvorada: não devem ser feitas restrições na inclusão em programa de quaisquer discos, nem a aquisição de discos deve ser objecto de qualquer exame prévio”.

Excerto de canção: Fausto – “África”

Na *Emissora Nacional*, houve tempos em que os mecanismos da censura se preocupavam não apenas com o que se dizia... mas também com as “inflexões de voz indesejáveis...”, com o modo, com a maneira como se dizia...

«*Recomenda-se ao locutor Fernando Pessa que deve evitar certas familiaridades que usa ao microfone. Por exemplo: No Retiro da Severa despede-se... “Até já” ou “Até logo”... Evite-se essa forma de locução.*» Ordem de Serviço da Emissora Nacional assinada por Henrique Galvão, 11 de Janeiro de 1937.

Som Arquivo: Fernando Pessa – “E esta hein?!”

Indicativo final

07 – 2 Junho 2017 – Os 3 primeiros meses do Provedor

Loc /JPG - Quanto fui indigitado Provedor do Ouvinte e fui chamado a perguntas e respostas, a jornalista Diana Andringa perguntou-me se eu já tinha ideia daquilo que iria fazer no programa do Provedor. Respondi-lhe que sim; tinha uma ideia precisa. E como Diana Andringa insistisse, acrescentei que o meu projecto para o programa do Provedor era simples: tratava-se de fazer... um programa de rádio. O prometido é d'ouvido: já em sétima edição, aqui está o programa de rádio do Provedor...

(Indicativo de abertura)

Loc /JPG - Desde que desempenho a função de Provedor do Ouvinte recebi cerca de 250 comunicações de Ouvintes: Críticas, queixas, reclamações, rectificações de erros, pedidos de informação ou de esclarecimento, protestos, afirmações de apoio, elogios a iniciativas, a programas e a profissionais da rádio pública.

A correspondência para o Provedor vem de todo o país – de todos os distritos do continente e das regiões autónomas da Madeira e Açores. Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, por esta ordem, destacam-se entre as regiões com mais correspondência para o Provedor. Do resto do mundo vêm principalmente perguntas sobre como ouvir a rádio pública em português, agora que as frequências e comprimentos de onda dão lugar a links do espaço digital.

(Jingle RDP Internacional)

Loc /JPG - O que mais há, na correspondência dos Ouvintes para o Provedor, são críticas e queixas – 60 por cento. Depois chegam as dúvidas e sugestões – 13 por cento. Cada missiva electrónica ou postal de um Ouvinte desencadeia um processo de audições de programas, para confirmar a ocorrência relatada pelo Ouvinte; Vêm depois as consultas às estruturas e a profissionais da rádio pública. Também troco opiniões com frequência com o Provedor do Telespectador. E é assim que alguns erros detectados têm vindo a ser corrigidos e que sugestões têm vindo a ser tidas em conta; As respostas são dadas aos Ouvintes, através de informações concretas ou de pareceres do Provedor. Posso gabar-me de ter a correspondência praticamente em dia. E se não está totalmente em dia é porque há diligências que demoram. E também há respostas que tardam.

(Cortina)

Loc /JPG – A grande maioria das comunicações dos Ouvintes chega por via do site da Rádio e Televisão de Portugal, agora um pouco mais simples para os que escrevem aos Provedores. O correio postal é cada vez mais residual: 4 cartas em 3 meses. Das 4 cartas, 3 chegaram manuscritas. O segundo veículo mais usado é o e-mail do Provedor e o terceiro é a linha telefónica de apoio da RTP. E a este respeito verificou-se uma das posições coincidentes tomadas pelo Provedor do Ouvinte e o Provedor do Telespectador. Os Provedores consideraram que o contacto dos Ouvintes, e dos telespectadores, com a RTP não deve comportar encargos.

(Telefone da Linha de Apoio)

Loc /JPG – Em resposta ao protesto de Ouvintes, o Provedor considerou não ser admissível que o Provedor apele ao contacto dos Ouvintes, o que compreende o contacto

telefónico, e que a ligação através da linha de apoio seja cobrada. Mais ainda sem aviso expreso e claro dos custos, para o que não basta a referência ao tarifário em vigor. Também é bastante censurável e até um tanto ridículo que a linha de contacto dos Ouvintes com a Rádio e Televisão de Portugal se designe... *contact center*...

Ao longo do mês de Abril, ambos os Provedores abordaram nos seus programas as queixas do público por as chamadas de contacto com a RTP serem a pagar. Esperamos que seja possível, em breve, falar para os Provedores através do centro de contacto da RTP sem ter de suportar qualquer custo pela chamada. Mas entretanto, escreva ao Provedor: escrever sai-lhe da mente e do coração; telefonar, por enquanto, sai-lhe da algibeira.

(Telefone da Linha de Apoio)

Loc /JPG – Outra posição coincidente dos dois Provedores – esta manifestada através de uma posição conjunta – foi a respeito do futebol e do clima de guerra civil instalado na recta final do campeonato.

(Som de arquivo: Relato de futebol)

Loc /JPG – A violência entre gangues formados por gente a quem dificilmente podemos reconhecer a qualidade de adeptos dos principais clubes de futebol conheceu em Abril uma escalada deplorável. Juntei novamente a voz do Provedor do Ouvinte à do Provedor do Telespectador, num apelo a todos os agentes desportivos, em especial àqueles com os quais lidamos - jornalistas e comentadores - para uma atenção vigilante nas reportagens, críticas, comentários e análises. A alegria e a boa disposição devem ser os sentimentos mais presentes entre todos os adeptos do futebol.

(Som de arquivo: Relato de futebol)

Loc /JPG – Ainda a respeito de futebol, nos primeiros três meses do mandato, o Provedor apoiou a proposta de um Ouvinte pedindo à rádio pública mais relato e menos comentários, nos 90 minutos de jogo. Vamos acreditar que a mudança acabará por acontecer... Mais jogo falado, menos conversa. Mais bola, menos paleio. Mais espectáculo, menos cavaqueira. Mais golos, menos bolas para o pinhal.

(Som de arquivo: Relato de futebol)

Loc /JPG – Mas o principal tema na correspondência dos Ouvintes no primeiro trimestre do mandato foi o humor. Ou, se preferirem, o mau humor. Cerca de 10 por cento das duas centenas e meias de reclamações, críticas, queixas, dúvidas, observações de Ouvintes, visaram programas de humor da Antena 1 e Antena 3, particularmente o *Mata-Bicho*, de Bruno Nogueira.

(Som: Bruno Nogueira)

Loc /JPG – Falámos de humor no primeiro programa do Provedor. E voltaremos a falar, mais tarde ou mais cedo. O humor, como as críticas aos programas de humor, são recorrentes na programação da rádio pública. Sendo que a rádio pública não abdica da liberdade de expressão. E o Provedor não abre mão do seu estatuto. E o estatuto dos Provedores diz claramente:

Não basta ao Gabinete dos Provedores assumir-se apenas como repositório de observações, protestos e eventuais queixas oriundas dos Ouvintes ou Telespectadores.

No exercício de mediação que lhes é atribuído por Lei, os Provedores não podem dispensar, antes devem exercer o seu papel privilegiando funções pedagógicas e de formação do cidadão como consumidor de Rádio e de Televisão.

(Cortina)

Loc /JPG – A correspondência que motivou mais diligências e andanças foi o simples e-mail de um Ouvinte de Lisboa a alertar o Provedor para um leilão online de objectos do espólio de Igrejas Caeiro.

(Som Arquivo: Companheiros da Alegria)

Loc /JPG – A respeito do leilão de objectos do espólio de Igrejas Caeiro fizemos muitas perguntas e obtivemos algumas respostas. O Ouvinte deu-se por satisfeito com a nossa persistência. Mas quem sabe se não haverá motivo para voltarmos ao assunto?

(Arquivo: Companheiros da Alegria – “Uma nota de quinhentos não se pode deitar fora...”)

Loc /JPG – O que mais satisfaz nesta trabalhosa função é reconhecer razão ou prestar uma satisfação ao Ouvinte, como também reconhecer os méritos, ou detectar, criticar e procurar corrigir as deficiências da rádio pública. Os temas da correspondência dos Ouvintes abrangem uma infinidade de horas de emissão. A rádio pública transmite cerca de 16 dias de rádio por dia.

(Separador)

Loc /JPG – Em Março, procurando resposta para a pergunta de um Ouvinte, o Provedor procurou saber, junto da RTP Multimédia, o paradeiro do programa *Lugar ao Sul*, de Rafael Correia, antigo e saudoso ícone da rádio e da Antena 1, mais tarde da Antena 2. O Provedor e o Ouvinte obtiveram resposta: De facto uma parte do servidor tinha feito desaparecer, de modo absolutamente aleatório, alguns conteúdos com mais de 3 anos, entre os quais episódios do *Lugar ao Sul*. Alertada pelo Provedor, por sua vez alertado por um Ouvinte, a equipa do da RTP Multimédia tomou em mãos o assunto e o *Lugar ao Sul* regressou ao sítio da rádio.

(Som Arquivo: Lugar ao Sul)

Loc /JPG – *Lugar ao Sul*, deambulações e conversas de Rafael Correia, quase três décadas no ar nas antenas da rádio pública. Foi rádio a cores e com respiração. Felizmente que a rádio pública tem memória. E o departamento Multimedia da RTP recuperou, e mantém disponíveis, no menu da RTP Play, cerca de uma centena de episódios reeditados do *Lugar ao Sul* – de Rafael Correia.

(Som Arquivo: Lugar ao Sul)

Loc /JPG – Rafael Correia, a chapinhar no rio Guadiana, à pesca de histórias da História e dos lugares, para contar aos Ouvintes. *Lugar ao Sul*: o programa de Rafael Correia constituiu uma homenagem à pureza e à verdade da rádio.

Indicativo final

08 – 9 Junho 2017 – Humor com humor se paga - I

Loc /JPG – Humor com humor se paga. Esta semana voltamos a falar de humor. E como o humor é caso muito sério, começo por citar os clássicos.

Escreveu Somerset Maugham: «A inconveniência é a alma do humorismo.»

Pensou Arthur Schopenhauer: «O bom humor é a única qualidade divina do homem.»

Disse Millôr Fernandes: «O humor compreende também o mau humor. O mau humor é que não compreende nada.

(Indicativo abertura)

Loc /JPG – O humor audiovisual moderno foi fundado e moldado por um grupo de seis patuscos ingleses. A partir dos anos 70 do século XX, eles escaqueiraram todos os preconceitos, tabus, interdições e outras leis da rolha, actuando na solene e estatal BBC.

(Som Arquivo: Monty Python – Chemist Sketch)

Loc /JPG – Apresentando-se de línguas afiadas e circulando com andares idiotas, davam pelo nome de Monty Python, o que não quer dizer propriamente nada. E através da BBC, gozaram com tudo o que havia de mais sagrado e intocável: A realeza, a Igreja, as tradições, os costumes, o poder judicial, as Forças Armadas...

(Som Arquivo: Monty Python – The Naval Medley)

Loc /JPG – Por influência dos Monty Python, o humor mudou em toda a Europa e até mesmo em Portugal. Tanto mais que Portugal, contra todas as expectativas, se libertou da Censura, precisamente a meio dos anos 70. Foi quando os Monty Python montavam a tenda do Circo Voador. E a verdade é que o *non sense* fazia todo o sentido em Portugal. Percebeu-se entretanto que o choque ia ser violento, num país marcado com dois ferretes: a pobreza como vocação e a tristeza como destino. Uns anos depois, também se percebeu que entre nós a Censura fora dada como morta por decreto... mas não estava definitivamente sepultada. E foi então que, duas décadas após o 25 de Abril, ainda sobrou Censura para um romance de Saramago, como também para umas piadas de Herman José.

(Som Arquivo: Herman José – Diácono Remédios)

Loc /JPG – Agora, há programas de humor com assinalável sucesso de público, nas antenas da rádio pública como na internet. Ao mesmo tempo, exercendo um direito inalienável e recorrendo ao funcionamento das instituições, há Ouvintes que exercem o direito à crítica e recorrem ao Provedor para reclamar contra supostos excessos de linguagem e de temáticas por parte de certos humoristas.

(Indicativo Portugalex)

Loc /JPG – Os limites do humor, nas fronteiras da liberdade, são o tema de um inquérito que lançamos nesta edição do programa do Provedor: depõem, nesta edição, dois Directores da rádio pública e um bispo da Igreja Católica. Rui Pêgo, director da

Antena 1, conhece as linhas com que se cose o humor nas malhas da programação. Claro que há limites, mas a primeira das regras é a liberdade.

(Depoimento Rui Pêgo:)

Rui Pêgo – *O humor é uma disciplina difícil, que trabalha na fronteira, muitas vezes invisível, entre a elegância e o mau gosto. Mas tem uma regra matriz que não pode ser atropelada: a liberdade. E é exatamente aí, nesse ponto, quando se usa a liberdade sem freio, que se correm todos os riscos necessários. Porque sem correr riscos, o resultado é pífio.*

Diria que os limites, a existirem, são os do bom senso, da decência pública e da urbanidade exigida num meio de massas. O humor não pode, não deve, ter temas-tabu. Todos os temas são susceptíveis de produzir textos satíricos ou irónicos. É, de resto, muitas vezes o humor ou a desconstrução humorística de uma afirmação ou de uma situação que conduz à desmontagem de “verdades alternativas” que, de outra maneira, fariam o seu caminho com prejuízo claro para os destinatários.

Não resisto a citar uma deliberação da ERC em resposta a uma queixa sobre os excessos do humor: “a significação mais profunda de um texto satírico não é em princípio imediatamente perceptível, requerendo, na sua compreensão, um exercício de desconstrução”.

(Cortina)

Loc /JPG – Bom senso, bom gosto, no quadro da liberdade. Nuno Reis, director da Antena 3, também reconhece que os únicos limites para o humor são os que estão previstos na lei. E que não há são zonas interditas:

(Depoimento Nuno Reis)

Nuno Reis – *É para mim óbvio que o humor não tem, nem deve ter, limites – a não ser aqueles que estão, obviamente, previstos na lei e que dizem respeito a ofensas pessoais, injúrias, calúnias e, claro, os limites do bom-gosto e do bom-senso que os próprios humoristas se impõem e que a linha editorial de cada estação assim determina. Naturalmente, o bom-senso e o bom-gosto são matéria obviamente subjectiva e é por aqui que os problemas normalmente começam. A vida nas sociedades modernas e democráticas é exigente e implica a capacidade de aceitarmos pontos de vista e opiniões diferentes dos nossos. Defender a liberdade de expressão também significa defender que não existem temas com que não se pode brincar ou áreas intocáveis em que, muitas vezes, a simples referência ao tema provoca imediatamente um coro de indignação e de intolerância que – isso sim – ultrapassa o bom-senso. Por ser um órgão de comunicação do sector público, a RTP – onde se incluem as antenas de rádio 1, 2 e 3 – tem especial obrigação de respeitar a lei, as regras e deontologia que regem o sector, e ser um exemplo de tolerância, pluralidade e diversidade. Mas isso também significa que, tal como os desafios que se colocam ao jornalismo moderno, na área do humor, a RTP tem de ser o abrigo para algumas vozes mais polémicas ou controversas, assegurando – lá está – a tal diversidade e pluralidade. A RTP não tem esse exclusivo, naturalmente. Mas, historicamente, sempre teve um papel fundamental a esticar os tais limites do humor. E basta pensar, por exemplo, em Herman José, em alguns dos episódios que marcaram a*

sua carreira, para se perceber que apesar de tudo a sociedade portuguesa já conquistou outra maturidade democrática quando se trata de rir dela própria.

(Cortina - Portugalex)

Loc /JPG – Nuno Reis: a Antena 3, de que é director, ajuda os portugueses a rirem-se de si próprios. A terceira abordagem sobre limites do humor e fronteiras da liberdade é a de D. Januário Torgal Ferreira, um bispo da Igreja Católica que pensa que Deus tem sentido do humor...

D. Januário – *Eu acho que Deus... Não nos aparece assim muito no Evangelho, o sentido de humor. Mas eu acho que Ele tem um sentido de humor espantoso pela forma paciente como atende os nossos tresloucamentos e as nossas mentiras.*

Viriato Teles – D. Januário Torgal Ferreira, bispo emérito das Forças Armadas, é conhecido por ser um homem frontal, tolerante... e com sentido de humor.

D. Januário – *O humor é uma forma racional de descobrir contornos, ângulos, pormenores que, no comum das situações, a própria razão não descobre. Isto é: eu com uma graça, com uma metáfora, sou capaz de tornar claro como água cristalina aquilo que é difícil. Eu sempre achei, pela forma como fui educado – ainda que eu tenha sido educado com um certo extremismo – talvez por isso eu vim recentrar a minha forma de actuar naquilo que eu considero um critério de racionalidade. Eu tenho de ser tolerante, pá! Eu acho que à Igreja falta-lhe muito o sentido de humor, da brincadeira. A gente pode brincar! Agoral, há determinados temas, determinadas pessoas... Mas isso eu deixo... mesmo que às vezes pisem o risco... Porque é que as pessoas não se escandalizaram com a falta da liberdade de consciência, da liberdade de imprensa, da prisão imposta a tanta gente, da fome? As pessoas, durante longos anos, estiveram de bico calado! E nós sabíamos que o bico calado não era por medo de falar. Era porque concordavam, de facto, com aquele que nos fechava o bico...*

Viriato Teles – *O D. Januário ouve os programas de humor da Antena 1 – o Portugalex, o Mata-Bicho...*

D. Januário – *Quase sempre, quase sempre...*

Viriato Teles – *Ouviu, provavelmente, nestes últimos tempos algumas piadas que eles fizeram à volta de Fátima, e que escandalizaram alguns dos nossos Ouvintes...*

D. Januário – *Não me tocaram absolutamente nada. Porque seu me vou indignar... Eu não me indigno com a pessoa humana... Eu tive fome e tu deste-me de comer. Onde é que tu estavas? Sempre que mataste a fome, sempre que acolheste um estrangeiro – é o que vem no Evangelho – foi a mim, Deus, que tu acolheste. Quer dizer: as pessoas não se escandalizam com a perseguição política, não se escandalizaram com a fome, não se escandalizaram com os baixos salários, não se escandalizam com os serviços hospitalares – uns óptimos, mas outros péssimos. As pessoas não se escandalizam, a não ser quando lhes dói na pele. Mas escandalizam-se, de uma forma beata e ultrapassada, com coisas com as quais nós até ganharíamos na apresentação florida, descontraída, humanizada da nossa parte. Nós, de facto, não somos humanos até no tratamento religioso, somos de facto profundamente desumanos e profundamente fundamentalistas. Eu tenho a*

impressão de que se não houvesse uma democracia, muita gente em Portugal era capaz de degolar outra, à boa semelhança do estado islâmico...

Viriato Teles – Mais humano ou mais divino, quais deverão ser, então, os limites do humor?

D. Januário – *Olhe, talvez nem haja limites para o humor, a não ser aquilo que... eu não gosto muito da expressão “senso comum”... Senso comum significa uma racionalidade comum... Se eu ouvisse um palavrão contra a paternidade ou contra a maternidade, se eu ouvisse um enxovalho relativamente a uma pessoa de idade ou a utilização indevida do gesto de uma criança, brincar com pedofilia... Mas eu dou-lhe a minha experiência, e aos Ouvintes da Antena1, talvez da forma como determinados meios por onde eu passei me educaram: eu achei que devia sempre aceitar o humor, que é uma forma típica da tolerância...*

Loc /JPG – D. Januário Torgal Ferreira, um bispo que acredita no bom humor de Deus.

(Cortina breve)

Loc /JPG – As críticas a programas de humor representam cerca de 10 por cento das queixas de Ouvintes ao Provedor. Alguns Ouvintes, críticos de alguns humoristas que se apresentam na Antena 1 e Antena 3, querem simplesmente saber, ou pelo ver debatido, se há fronteiras de bom senso e de bom gosto, e se há limites para a liberdade. É este entendimento que estamos a procurar.

Nesta edição ouvimos Rui Pêgo, director da Antena1; Nuno Reis, director da Antena 3; e D. Januário Torgal Ferreira, um bispo da Igreja que acredita que Deus tem sentido do humor. E para a semana há mais.

(Cortina – Herman José – Diáconos Remédios: “Ainda vamos a tempo... Ainda há esperança... Vamos salvar este programa... E vamos fazer isto como deve ser...”)

(Indicativo final)

09 – 16 Junho 2017 – Humor com humor se paga - II

Loc /JPG – O humor é...

«O humor é a razão a enlouquecer.» Groucho Marx

«O humor é um sentido como o olfacto. Assim como quase tudo tem um cheiro... quase tudo tem a sua graça.» Miguel Esteves Cardoso

Está bem de ouvir que vamos continuar a falar de humor no programa do Provedor. Fiquem tranquilos. Como disse Millôr Fernandes: *«Nenhum humorista atira para matar.»*

(Indicativo abertura)

Loc /JPG – Ao longo do processo da minha nomeação para Provedor do Ouvinte, um dos conselheiros designou-me por “advogado dos Ouvintes”. O Provedor não é “advogado dos Ouvintes”. O Provedor representa os Ouvintes e intermedeia as relações dos Ouvintes com a direcção e administração da rádio pública. Com liberdade e independência, em relação à rádio pública, como em relação aos Ouvintes. Mas, mesmo em liberdade e com independência, fazer juízos sobre matérias de humor constitui um exercício de equilíbrio sobre um arame muito fino... Falamos de humor: e humor com humor se apaga.

(Som Arquivo: Raul Solnado – Bombeiro voluntário “...fui outra vez ao andar de baixo... eu acho até que apaguei demais”

Loc /JPG – Um Ouvinte já me fez notar que no passado ouvia o Raul Solnado, o Zequinha e a Lélé, Os Parodiantes de Lisboa, e outros... Ouvia-os nas suas emissões originais, e o humor era mais ingénuo, mais inocente, menos atrevido. O Ouvinte possivelmente ignorava, quando ouvia o Solnado, o Zequinha e a Lelé, Os Parodiantes, que todos os textos e piadas soltas tinham passado pelo crivo. E aqui está agora o Provedor, nos termos dos respectivos estatutos, a exercer o seu papel, privilegiando funções pedagógicas e de formação do cidadão como consumidor de Rádio. De uma rádio que é livre, sem exame prévio nem censura póstuma.

(Som Arquivo: Raul Solnado – Ida ao médico – “...Então perguntou-me se eu era hipotenso ou hipertenso... E eu disse: ‘Desculpe, mas eu não venho para aqui discutir política, sr. dr.’” – “Vocês riem década coisa...”

Loc /JPG – Abrimos o debate sobre os limites do humor e as fronteiras da liberdade... E se alguma coisa ficou clara na primeira sessão foi que na rádio pública não há nem haverá exame prévio ou censura... E os colaboradores, entre os quais os humoristas, são responsáveis e livres. Não há tabus nem áreas interditas. Mas há limites: a honra das pessoas, o bom senso.

(Som Arquivo: Raul Solnado – Cabeleireiro – “...Não é nada ... é uma senhora que está aqui a rir-se...)

Loc /JPG – No primeiro programa do debate sobre limites do humor, ouvimos os directores da Antena 1 e da Antena 3. Rui Pêgo e Nuno Reis reconheceram que os únicos

limites para o humor são os que estão previstos na lei e que dizem respeito a ofensas pessoais, injúrias, calúnias.

O terceiro interveniente no debate, Dom Januário Torgal Ferreira, falou de uma certa crispação, perante o humor, por parte de um povo... conhecido afinal por ser fértil criador de anedotas.

D. Januário – O povo português fabrica anedotas de forma espantosa, mas há pessoas que andam sempre zangadas com a vida, zangadas com o mundo, são incapazes... não toleram uma anedota, não toleram uma graça – nem dizem que é uma graça, é uma graçaola”... Eu acho que nós ganhávamos muito mais, até em saúde física e psicológica, se soubéssemos encarar e soubéssemos traduzir as nossas convicções com outra compreensão perante pessoas que através do chiste, através da piada, através do comentário, conseguem encontrar determinados aspectos que são capazes mas é de nos pôr em causa, não têm intenção de rebaixar. Uma pessoa que brinca com a subida de preços que muitos fizeram em Fátima nesta altura – eu vi lá pessoas, meus amigos, que foram vítimas – e sei também que houve piadas... Quer dizer: eu acho é que devia haver um protesto público, eu nem ficaria pela piada...

Loc /JPG – Dom Januário Torgal Ferreira, o bispo que acredita no sentido de humor de Deus.

Cortina

Loc /JPG – As críticas a programas de humor representaram cerca de 10 por cento das queixas de Ouvintes ao Provedor, nos primeiros três meses do mandato. Ou seja: cerca de duas dezenas de Ouvintes queixam-se do humor de certos humoristas, num total superior a duas centenas de reclamações. Bruno Nogueira, um dos humoristas do elenco da Antena 1 e da Antena 3, conhece a discussão sobre limites do humor. Mas entende que a linha que faz fronteira é ténue e de geometria variável:

Bruno Nogueira – O politicamente correcto, quando apareceu, tinha um propósito muito nobre, que era defender as pessoas mais fracas e que não tinham capacidade para se defender a elas próprias. E hoje em dia isso foi completamente terraplanado e banalizado por outras pessoas que querem criar pequenos movimentos de se sentirem ofendidos com coisas que não merecem sequer tempo de antena. E portanto isso veio estragar uma coisa que tinha um objectivo muito nobre, e por isso é muito difícil peneirar e perceber onde é que começa uma pessoa que está de facto a defender uma causa ou que está só em busca de um furo de protagonismo. Eu acho que as pessoas, quando não conseguem controlar as suas próprias emoções, tentam controlar as acções dos outros. E hoje em dia isso é de tal forma extremado que passa a ser só uma cacofonia e não tem o poder incisivo que devia ter.

Loc /JPG – Bruno Nogueira, nome do cartaz de interpretes do novíssimo humor português.

Patrícia Castanheira, por seu lado, foi uma revelação do humor na criação de figuras, diálogos e situações: é a autora dos textos do *Portugalex*. O novo humor português conhece as linhas imaginárias que separaram os direitos de cada um. Os

criadores têm o direito de criar em liberdade; Tal como o comum das pessoas tem o direito de aderir ou de contestar.

Patrícia Castanheira – *Eu acho que hoje em dia se fala muito dos limites do humor por causa das redes sociais, onde as pessoas se ofendem com muita facilidade e frequência, por tudo e por nada. Antes das redes, a indignação dava mais trabalho – agora, é imediata. E também era mais fácil prever que piadas é que iam chocar algumas pessoas – normalmente tinham a ver com a Igreja, e assim. Hoje, as ofensas vêm de todo o lado. Até de vegetarianos que não se importam nada com que se brinque com Deus, mas não suportam que se goze com o tofu. E vêm muito do futebol, que é o tema mais sensível deste momento, onde as críticas se transformam muito rapidamente em ameaças de morte aos autores das piadas. Enfim, dito isto, acho que não há temas proibidos. Todos podem ser usados pelo humor. Os limites, além dos da lei, terão mais a ver com a sensibilidade de cada um, o bom senso, o bom ou o mau gosto de cada um – sendo que aquilo que é mau gosto para mim pode não o ser para outra pessoa, claro. E as pessoas têm o direito de se ofender, desde que o façam de forma civilizada e sem partir para as tais ameaças. E têm sobretudo o direito de mudar de estação, de canal ou de página quando não gostam. Há humor para todos os gostos. Até para os intolerantes às piadas sobre seitan.*

Loc /JPG – Humor com limites; mas liberdade sem barreiras.

Gustavo Cardoso, professor de sociologia da comunicação, no ISCTE, reconhece e identifica o humor que passa por todos nós na vida em sociedade:

Gustavo Cardoso – *O humor faz parte da vida em sociedade. É uma forma que nós encontramos de abordar muitas vezes questões sérias ou questões que de outra forma não teriam a possibilidade de fazer parte de uma conversa. Porque normalmente o humor aborda questões sérias. É uma forma de, a brincar, dizer uma verdade ou [tomar] uma posição. Portanto, o humor faz parte daquilo que é a esfera das sociabilidades. As pessoas conversam umas com as outras, ligam-se em termos de relação – seja ela mediada através da televisão, ou da rádio, ou dos jornais, ou das redes sociais, hoje em dia – mas o humor está lá.*

Loc /JPG – O humor faz-se de humores, no entender do sociólogo Gustavo Cardoso...

GC – *Há humor de todos os tipos. Nós sabemos que há humor inteligente, há o humor mais directo, há o humor que tem a ver com situações mais caricaturais, outras mais de sátira, e é assim: aquilo que nós temos efectivamente de compreender é que as polémicas sobre estas matérias, da religião e da sua fronteira, vão sempre estar presentes. A questão aqui é, como em todas as outras, de bom senso. É óbvio que tem de se dar resposta quando existem queixas sobre estas matérias, mas a questão em última análise é, no sistema democrático, se a maioria está ou não de acordo com uma determinada prática de humor ou se a maioria considera que é condenável essa prática.*

Loc /JPG – O humor como tudo na vida terá limites, mas o sociólogo observa que os limites não estão registados na lei:

GC – *Não há regras escritas. São regras de experimentação, também. Por vezes, os humoristas também gostam de testar o limite e portanto, normalmente, quando existe algum tipo de situação em que há um conjunto alargado de pessoas a queixar-se de uma determinada matéria, isso quer dizer que esse limite foi ultrapassado. Mas o humor move-se nessa fronteira entre aquilo que já experimentou e aquilo que se quer experimentar para saber se toca ou não toca nos outros. Porque a prática humorística é isso: não há humor sem a capacidade de produzir algum efeito no destinatário, naquele a quem se dirige.*

Loc / JPG – Limites do humor, fronteiras do bom senso, barreiras das religiões. O humor percorre uma verdadeira prova de obstáculos.

GC – *Há efectivamente um problema, não é um problema com todas as pessoas, mas algumas pessoas não aceitam a dimensão do humor associada à religião. Consideram ofensivo e consideram que se ultrapassou um determinado limite. Mas aquilo também que nós podemos analisar e ver da realidade é que essa dimensão está associada a extremismos. Sejam extremismos católicos, extremismos muçulmanos, de outras dimensões – mesmo budistas, porque também os há – ou judaicos, etc. As religiões têm uma relação por vezes complicada com o humor. Mas não é a religião como um todo: são algumas pessoas no quadro duma determinada religião.*

Loc / JPG – O humor em debate. O sociólogo Gustavo Cardoso identificou os percursos do humor na sociedade em que vivemos.

- *Cortina* -

Loc / JPG – O Provedor, entretanto, deu razão a um Ouvinte que criticou asperamente uma humorista em cena na Antena 3. Segundo o parecer do Provedor do Ouvinte, os limites do bom senso e da decência foram ultrapassados na edição de 26 de Maio da rubrica *Beatriz Gosta*: Uma exibição de obscenidade gratuita. E a autora da rubrica foi alertada pela direcção da Antena 3 que o uso de linguagem obscena não pode ser tolerado, sobretudo de forma gratuita e num horário matutino. Foi um infeliz momento, considerou a direcção da Antena 3, apresentando desculpas ao Ouvinte que se queixou e ao auditório em geral.

Som – Beatriz Gosta

Loc / JPG – Em duas edições do programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*, ouvimos Rui Pêgo, director da Antena 1; Nuno Reis, director da Antena 3; D. Januário Torgal Ferreira, bispo da Igreja Católica; Patrícia Castanheira, autora do *Portugalex*; Bruno Nogueira, humorista; Gustavo Cardoso, sociólogo da comunicação. Conclusões? A liberdade não está em questão. A fronteira do bom senso e do bom gosto é uma linha tão fina... tão fina... como o bigode de um gato. Onde é que já ouvimos falar disto do bigode de um gato? Foi no primeiro programa do Provedor, a propósito de galenas.

Som sintonias + indicativo final

10 – 23 Junho 2017 – O repórter que vai ali e volta já

JPG – *Repórter é o que vai ali, volta já, olhar rápido, palavra célere.*

A definição é do grande repórter Baptista Bastos. Hoje falamos da disciplina mais nobre do jornalismo, também do jornalismo na rádio: a reportagem.

Indicativo abertura

JPG – *Depois do estrondo dos bombardeamentos, do matraquear das armas automáticas, do olhar para o céu à procura dos mensageiros da morte, depois do medo, depois de muito medo, depois da poeira assentar, depois de enterrados os mortos, removem-se os destroços e, muitas vezes, enquanto ainda correm lágrimas de raiva e de dor, promete-se vingança. A destruição provocada pela guerra vai muito para além do número de mortos que ficam nas estatísticas. As marcas de uma guerra perduram por várias gerações.*

Assina: José Manuel Rosendo

Indicativo da série de reportagens “Seis dias que abalaram o Médio Oriente”

JPG – Ao atribuir a José Manuel Rosendo, em 2011, o Prémio Gazeta de jornalismo na Rádio, o júri destacou a qualidade, a densidade informativa e o estilo sóbrio e competente do repórter. E como o repórter é o que vai ali e volta já, quando deu a entrevista que vamos ouvir para o programa do Provedor do Ouvinte, José Manuel Rosendo tinha chegado três dias antes do Médio Oriente e já tinha feito a mala para a próxima viagem ou a guerra que se segue.

JM Rosendo – *A roupa foi logo lavada e a mala preparada e portanto... aquela zona do mundo está em permanente tensão, nas últimas décadas, com aquilo que se passa no Iraque, na Síria, na Líbia, enfim... Deixa antever, pelo menos na minha perspectiva, que algo de mais intenso se pode vir a passar.*

Som reportagem guerra Médio Oriente (“Pelos caminhos de Mossul passam os desafortunados da guerra...”)

JPG – José Manuel Rosendo voltara da reportagem em 6 episódios, com a qual a Antena 1 evocou os 50 Anos da Guerra dos 6 Dias. Desta vez foram os Seis Dias da Guerra que dura há 50 anos.

JM Rosendo – *Há quem defenda que é uma guerra que ainda não terminou... O Médio Oriente – se calhar é uma imagem que pode ajudar a perceber – é um tabuleiro de xadrez; mas num jogo normal de xadrez há um jogador de cada lado, e aquele tabuleiro tem muitos jogadores à volta dele, e portanto tona tudo mais complicado.*

JPG – O repórter José Rosendo não consegue dizer em rigor quantas vezes já foi enviado às guerras do Médio Oriente: vinte e muitas vezes, diz por alto. O mapa das suas reportagens de guerra vem do Afeganistão e Paquistão a Israel e aos territórios palestinianos, com passagens pela Turquia, Líbano, Síria, Iraque, Líbia, Egipto... De tal maneira que ao ler ou ouvir sobre o Médio Oriente reconhece o *onde* da notícia no mapa que tem tatuado na memória visual.

JM Rosendo – *É muito importante, quando se fala de Médio Oriente, até pelo passado do último século. E pela divisão de fronteiras, e por tudo aquilo que aconteceu na região, é muito importante ter o mapa presente para perceber aquilo que se está a passar. São guerras que envolvem muitos protagonistas – protagonistas que lutam pelo poder regional, digamos assim – e onde, de algum modo, assistimos (não sei se é abusivo dizer, mas penso que não) a um ressuscitar, quase, da guerra fria, com as duas grandes potências, a Rússia e os Estados Unidos, envolvidos muito directamente, sobretudo na Síria.*

Som reportagem guerra Médio Oriente (“De caminho para linha da frente...”)

JPG – Tantas vezes o repórter José Manuel Rosendo foi às guerras do Médio Oriente que os cenários de guerra da região já estão tatuados na memória. O repórter da rádio pública fotografa os cenários da guerra, para melhor os reconstituir em memória futura na narrativa. No Médio Oriente, Rosendo conhece a região, os mapas, as fronteiras, os muros, os caminhos, conhece pessoas e até já fez amigos entre os diversos inimigos de todos aqueles conflitos.

JM Rosendo - *A guerra é uma coisa má, morrem pessoas, e muitas vezes é também onde somos confrontados com a face mais negra da nossa condição humana. Mas é também um local onde encontramos gente muito boa e onde encontramos às vezes ajudas, muitas vezes inesperadas, e onde fazemos amigos, também. Normalmente nas situações onde encontramos maiores dificuldades é mais fácil fazer amizades, e às vezes são amizades feitas num curto espaço de tempo que depois ficam para a vida.*

+ Som reportagem guerra Médio Oriente

JPG – O repórter é um homem desarmado, lançado no coração da tempestade da guerra. A missão é recolher, tratar e trazer notícias – o quê, quem, onde, quando –, e compor reportagens. Mas o repórter é um ser humano. E numa cena de dor e destruição, nenhuma regra do jornalismo o poder condenar a pôr de lado o sentimento humano da compaixão.

JM Rosendo – *Às vezes é duro. Eu acho que mudamos um bocadinho o “chip” – eu pelo menos faço isso, quando vou em reportagem para estas zonas. Acho que é preciso ter a consciência de que vamos enfrentar uma realidade completamente diferente da nossa, é uma realidade violenta, e portanto temos de estar predispostos a olhar essa realidade e estar predispostos também a aceitar as dificuldades que vamos ter no terreno. Mas às vezes é doloroso. Eu também gosto de fazer umas fotografias – mais para “consumo” próprio, até porque não sou um fotógrafo profissional, é mais pela informação que depois fica registada na fotografia – e recordo-me de, agora recentemente (em Novembro, quando estive nos arredores de Mossul), foi a primeira vez que não consegui fazer uma fotografia... Quando olhei para o “objecto” – para a criança, no caso concreto – que eu ia fotografar... virei a cara... Instintivamente virei a cara porque... se calhar por eu ter um filho com mais ou menos aquela idade, aquilo mexeu comigo e eu não consegui... É evidente que isto um minuto depois passa, conseguimos gerir e voltar... Mas eu estava num hospital da frente de batalha, da linha da frente... enfim, chamar hospital àquilo é um bocadinho... era uma casa com macas de campanha na rua, basicamente. E as pessoas estavam a ser levadas para ali e às tantas chega uma criança, e o médico – a*

peessoa que estava a tratar deles – põe a tesoura nas calças (o miúdo vinha ferido numa perna) abre a calça, e o joelho não estava lá... Foi uma imagem que, na altura, eu não consegui... Tive que virar a cara!

JPG – Mau seria que as regras do ofício revestissem o coração dos jornalistas com uma carapaça de indiferença contra o sofrimento dos outros. Baptista-Bastos, grande jornalista, emérito repórter, confessou um dia que escrevera certa reportagem... com lágrimas nos olhos.

JM Rosendo – *Seria muito mau nós que não sentíssemos os problemas dos outros e não sentíssemos a dor que algumas pessoas – a que nós assistimos – dor provocada por toda aquela violência de que são alvo. Seria mau que nós não sentíssemos isso. E mesmo com lágrimas nos olhos eu acho que isso é possível, mas mantendo obviamente o discernimento necessário para tentar retratar o mais rigorosamente possível aquilo que temos à nossa frente.*

+ Som reportagem guerra Médio Oriente (piano nas ruínas de Mossul)

JPG – E passem os tempos que passarem, todos os dias continua a haver quem peça numa bandeja a cabeça dos mensageiros, querendo fazê-los pagar pelas más notícias... Sendo que notícias não são boas nem más: são simplesmente notícias. O voto de Boas Notícias que eu próprio acrescentei ao desejo de Bom Dia, ao longo de dez anos na revista de Imprensa da Antena 1, era apenas uma figura de linguagem. Adiante.

No dia em que começou a ser transmitida a série de seis reportagens do José Manuel Rosendo evocando os 50 anos da Guerra dos Seis Dias, um Ouvinte queixou-se ao Provedor que a evocação da *Guerra dos Seis Dias* era sempre a mesma coisa: visão parcial e enviesada da generalidade dos comentadores e repórteres. E incluía o repórter José Manuel Rosendo no elenco.

O Provedor deixou que passassem seis dias: tantos os dias da guerra de há cinquenta anos, como os dias das reportagens evocativas de José Manuel Rosendo. E então respondeu ao Ouvinte: o seu juízo, no primeiro de seis episódios, foi precipitado e injusto e a reportagem de José Manuel Rosendo foi mais um grande trabalho de um grande repórter, como sempre marcada pelo rigor, a isenção, a procura da objectividade. O Ouvinte replicou dando alguma razão às observações do Provedor e admitindo que tem boa impressão do repórter José Manuel Rosendo.

JM Rosendo – *Eu o que posso dizer ao Ouvinte – e tenho todo o respeito pela crítica dos Ouvintes, e acho que é bom que os Ouvintes estejam atentos e que critiquem o nosso trabalho, porque nisso também nos ajuda às vezes a reflectir... Mas também gostava de dizer que o Ouvinte... tem de ter confiança nos jornalistas. Eu falo por mim, tento fazer as minhas reportagens da forma mais honesta possível, o mais rigorosa possível, sendo que quando nós identificamos problemas, quando relatamos situações – que temos à nossa frente, que podemos observar – o facto de essas situações favorecerem ou desfavorecerem os protagonistas que estão no terreno, isso não significa que nós sejamos parciais. Significa que aquela é a realidade que nós encontramos, se ela é boa ou má para uma das partes, isso a nós já não nos interessa. Não faz parte das minhas preocupações quando estou a fazer uma reportagem, e quando estou a relatar aquilo que observei no terreno e as minhas conversas com as pessoas, não faz parte das minhas preocupações*

saber se o protagonista A vai gostar ou se o protagonista B não vai gostar. Não me preocupo com isso. Mas ainda bem que o Ouvinte, depois de ouvir as outras reportagens, acabou por reconhecer que as coisas eram equilibradas. Sendo que estamos a falar dum caso concreto, que é o conflito israelo-palestiniano, que desde há décadas gera muitas paixões. E é um conflito em que qualquer palavra menos cuidada – às vezes sem nenhuma intenção, num momento mais apressado de escrita isso pode acontecer, pode haver uma palavra menos cuidada – gera logo críticas muito exacerbadas. E às vezes não há razão para isso.

Cortina

Loc /JPG – A tempo: faleceu a meio do mês de Junho de 2017, Álvaro Belo Marques. Em Abril de 1974, pela mão dos militares do MFA, Álvaro Belo Marques regressou à Emissora Nacional. Foi o primeiro director de programas após o 25 de Abril. Por pouco tempo, enquanto a festa foi bonita.

Indicativo fecho

11 – 30 Junho 2017 – Música à lista

JPG - *A pouca distância, os três carros fizeram alto e cessou a enfadonha chiadeira das suas rodas. E não se ouviu outro som, a não ser o de suave e concertada música, com que Sancho se alegrou, tendo-a por bom sinal, e assim o disse à duquesa, de quem não se arredava um passo:*

— *Senhora, onde há música não pode haver coisa má.*

Miguel de Cervantes, Dom Quixote de la Mancha, Capítulo 34, que dá conta de como se havia de desencantar a incomparável Dulcineia ... e se deparou com a música...

Indicativo abertura

JPG – E o que seria da música sem a rádio? E da rádio sem música? Esta semana, o programa do Provedor tem música. Já lá vamos.

Estou a gravar este programa no início de Junho, com o balanço de Maio – maduro Maio – mesmo na minha frente. As contas do gabinete do Provedor dizem-me que em Maio cresceu, e bem, a correspondência: 30 queixas, 28 críticas, 9 dúvidas, 6 sugestões, 5 reclamações, 3 mensagens de satisfação. São as mais raras, as mensagens de satisfação: poucos se dão ao trabalho de escrever ao Provedor para dizer que gostaram de alguma coisa.

E por vezes gostaram mesmo muito. Como foi o caso, entre outros, da Ouvinte que escreveu em Maio para dizer do bem que lhe fez à alma ouvir, na Antena 2 e pela mão do editor João Chambers, a *Musica AEterna* sobre Claudio Monteverdi.

- Indicativo Musica AEterna

JPG – Mas em matéria de música e no mês de Maio continuaram a chegar ao gabinete do Provedor duras e verrinosas críticas e interrogações sobre um instrumento que dá pelo nome de... *playlist*. Ou, se quiserem falar português, podem usar a expressão: *lista organizada de difusão musical*. Ou *difusão musical organizada em lista*. Nenhuma das formulações dá assim muito jeito. E em Maio então queixou-se uma Ouvinte que, por obra e graça, ou desgraça, da *playlist*, a rádio pública estará a ficar cada vez mais parecida com as outras rádios. Situação que a Ouvinte lamentava e que levou o Provedor a meter as mãos nesta massa imaterial, nebulosa e rodeada de mistérios.

- Som Antena 1 (Disco Matias Damásio “Loucos”)

JPG – A lista organizada de difusão musical não será um bicho-de-sete-cabeças. Na verdade, a cabeça será a direcção da *Antena 1* mas a mão que mexe na lista, que mete, tira, põe e deixa canções, que ordena e coordena a difusão é a do director-adjunto Ricardo Soares. Números registados quando gravámos a entrevista: a Antena 1 passava em finais de Maio 40 a 50 canções por dia; havia 477 canções numa lista sempre em mudança.

Ricardo Soares – *...Uma rotação permanente. O trabalho da playlist, deixe-me dizer-lhe para que percebamos do que estamos a falar, é um trabalho permanente, do dia-a-dia, um “full-time job” onde nós estamos constantemente a adicionar e a retirar canções. Até porque hoje em dia a oferta de música é tão grande, as estreias são tantas,*

que nós não podemos dizer que só à segunda, ou só à terça, ou só à quarta é que nós retiramos e adicionamos canções. Por isso mesmo este número é muito variado e [a lista] vai sendo actualizada permanentemente.

- Som Antena 1 (Disco Agir – “Como ela é bela...”)

JPG – Com 40 a 50 canções a vogarem pelos ares em cada dia e uma *playlist* de 500 títulos, poderá temer-se que haja canções em lista que entram e saem do catálogo... sem uma oportunidade de rodarem na rádio. Mas o director-adjunto Ricardo Soares, o homem da *playlist*, diz que essa questão está acautelada.

Ricardo Soares – *Há uma renovação permanente da lista, é um facto, mas [d]essa renovação, há uma parte dela que é feita em cima em cima da música mais recente. E a questão da música mais antiga – até porque pode ter menos exposição, porque a estação também não toca assim tantas canções – nós deixamo-la ficar mais tempo na lista, justamente para não acontecer o que está a dizer.*

Som Antena 1 (Disco Alberto Índio – “Eu sou assim”)

JPG – As críticas de Ouvintes à existência da *playlist* vão pingando semana a semana, constante e seguramente, na caixa do correio do Provedor, a propósito disto ou daquilo, ou mesmo sem a vir a propósito de coisa alguma. A crítica mais frequente atribui à *lista organizada de difusão musical* uma função censória. Ainda se usa na rádio uma frase célebre de Fernando Quinas, locutor do velho e único Rádio Clube Português e de recomeços falhados do Clube. Dizia o bom do Fernando Quinas: *“Quando cheguei à rádio havia discos proibidos; depois passou a haver discos obrigatórios.”* Ricardo Soares, director-adjunto da Antena 1, rejeita que a *playlist* pratique qualquer modalidade de exclusão.

Ricardo Soares – *Não há nenhuma exclusão...*

JPG – *Nenhuma exclusão. Nenhum critério que exclua nenhum tipo de música, um determinado cantor...*

RS – *Não, exclusão não há. O que há, de facto, em quem faz a playlist – seja nesta estação ou noutra qualquer –, eu não posso colocar de parte que pode haver alguma subjectividade...*

- Som Antena 1 (Disco Expensive Soul – “Dou-te nada”)

JPG – A lista, como se disse, é um somatório de listas, de menus e de critérios. A lista tem as quotas em dia: A quota da música portuguesa; a quota das novidades com menos de 12 meses; a quota dos acontecimentos, previstos ou inesperados... Ricardo Soares reconhece que há listas dentro da *playlist* mas garante não há uma numeração, uma ordem ou classificação de discos na organização da lista:

Ricardo Soares – *Isso habitualmente é uma coisa que nós não divulgamos, porque é uma coisa que faz parte do nosso trabalho e que é, em bom rigor, o nosso “segredo”, a forma como nós construímos...*

JPG – *Mas eu não estou a perguntar ao Ricardo Soares qual é a classificação, mas se existe uma classificação...*

RS – Não, não existe classificação nenhuma. O que existe é um conjunto de listas, dentro da playlist, onde as canções se encaixam. Até pela própria estrutura da Lei da Rádio, [de] que nós já conversámos, há uma percentagem na quota da Lei da Rádio, como já lhe expliquei – da qual este valor de com que o João Paulo começou a conversa comigo, os 86,4 por cento – há um valor (partindo da música, tomando a lista toda como 100 por cento), nós executámos em Março – foi os valores que falou, os valores de Março, e eu até já tenho aqui valores actualizados em relação a Abril – mas, deste valor, dos 100 por cento, nós somos obrigados por lei a tocar 60 por cento de música portuguesa, e, como referiu e bem, tocamos 86,23. E depois, neste valor ainda temos que tocar: 35 por cento das canções, diz a lei, têm de ser canções com menos de 12 meses. Não é propriamente uma classificação, mas tem de haver regras para a difusão de música.

- Som Antena 1 (Disco DAMA – “Balada do desajeitado”)

JPG – Outra queixa frequente dos Ouvintes apontada à playlist é a de que a opção de canções à lista propicia uma programação musical previsível... e com frequentes repetições. Queixa que o director-adjunto Ricardo Soares rejeita, embora previna que está a advogar em causa própria.

Ricardo Soares – A nossa repetição maior, por semana, uma canção pode rodar no máximo oito vezes a nove...

- Som Antena 1 (Disco Berg – “Não esqueci”)

JPG – A difusão musical organizada em lista é a regra. As excepções à regra são os programas musicais de autor. No *Viva a Música*, de Armando Carvalheda; nas *Vozes da Lusofonia*, de Edgar Canelas; os autores têm liberdade de escolha dos temas que passam. E para a direcção da Antena 1, a existência da lista não significa um voto de desconfiança nos profissionais que passam música na rádio pública.

Ricardo Soares – De maneira alguma, João Paulo. É apenas por uma questão de sistematização e de homogeneização da emissão, não tem nada a ver com desconfiança nas pessoas.

- Som Antena 1 (Disco Atoa – “Falar a dois”)

JPG – As regras da Antena 1 para a difusão musical respondem aos imperativos da lei... Mas correspondem também às ofertas do mercado. E no horizonte, como em tudo o que se faz, têm em vista os resultados.

- **Ricardo Soares** – Nós damos importância às audiências, mas a nossa vida, a vida duma estação pública como a nossa, não é nem pode ser regida pelas audiências. Se nós olhamos para as audiências? Com certeza. Eu não estaria a dizer a verdade se dissesse que não. Mas as audiências não são o nosso fim.

- Som Antena 1 (Disco Olavo e Dani Bilac – “Maior”)

JPG – Noutros tempos, a censura descosia-se à tesourada. E a crítica de discos chegou a fazer-se à martelada. Verdade. Outros tempos, quando os rádios eram clubes... E quando os discos intocáveis felizmente não eram inquebráveis.

- Indicativo Os Intocáveis

JPG – Nesses tempos brilhou uma das estrelas mais instintivas e fulgurantes do firmamento da rádio. Estou a falar de Paulo Fernando Galina Barbosa. Paulo Fernando para os Ouvintes. Para além de noticiários, nos 7 Magníficos do Rádio Clube, Paulo Fernando fez o Talismã, o Bagatelas – *Tac Tac* cá estão elas... E ficou para a história com *Os Intocáveis*.

Paulo Fernando – *...e então o slogan era: “Este disco é intocável, mas felizmente não é inquebrável. Por isso... vamos parti-lo!” Pom-bom-bom-bam!*

JPG – *E como é que era obtido esse “pom-bom-bom-bam”, esse efeito?*

Paulo Fernando – *Este efeito foi obtido num estúdio lá do Rádio Clube, com um disco de 78 rotações que o nosso querido e já desaparecido Costa Macedo atirou contra a mesa, gravou – o Carrilho, que era o técnico, sempre atento e venerando, gravou aquele som, depois foi ampliado e fazia aquela barulheira toda, que dava um gozo louco! Aquilo era o orgasmo total!*

JPG – Não era, como agora se diz, uma *playlist*. Era um “*bota fora*”, uma crítica radical à música imprestável e intocável. Foi quando o Paulo Fernando concluiu que os discos intocáveis na rádio... felizmente não eram inquebráveis. A crítica discográfica no programa acabava entre estilhaços de discos partidos. E a partir um disco por semana, a dificuldade estava na escolha.

Paulo Fernando – *Era, porque havia muitos. E então eu procurava sempre ir a intérpretes de “longa duração”, intérpretes já famosos, conhecidos. A Amália, por exemplo, “foi” lá quatro vezes... Não digo mais nomes porque não vale a pena – e porque, como não os disse na altura, agora ainda menos... Mas, era assim feito. Aquilo era mais um gozo mental que nós tínhamos. E sabíamos que ia ter consequências, não só no grande público, porque estávamos a “bater” nos seus ídolos, como também nas casas editoras de discos, que ficavam em brasa! E depois diziam-nos: «Eh, pá, obrigadinho por ter partido o disco!» «Então porquê?» «Está a vender á brava!», e tal. «Ótimo, ainda bem que você está a enriquecer à minha conta...» E seguia o baile... Era assim.*

JPG – 300 discos para a reciclagem, com a crítica radical de Paulo Fernando, autor de um programa que ficou na história: «*Os Intocáveis*». Quando partia um disco, Paulo Fernando partia a loiça. Uma brincadeira inocente: o Paulo Fernando partia os discos intocáveis; mas não mencionava os nomes dos autores nem dos intérpretes. A crítica era verdadeiramente demolidora mas não tinha ressentimentos pessoais. E Paulo Fernando só lamenta não fazer «*Os Intocáveis*» na actualidade: matéria-prima não lhe faltava:

Paulo Fernando – *Este disco é intocável. Mas felizmente não é inquebrável. Por isso... vamos parti-lo....*

[Separador - cortina](#)

Loc /JPG – Entretanto, o Provedor, que também é Ouvinte, queixou-se de um efeito perverso concreto da *playlist*: na noite de 18 de Junho, com o País em estado de choque pelo incêndio e os mortos de Pedrógão Grande, a *playlist* colocou no ar, mesmo em cima das notícias das 10 da noite, a canção “Brincar no Fogo”, dos UHF. Foi um acaso mórbido e de muito mau gosto; mas os acasos podem acontecer se existe uma rígida lista

prévia de discos com dia e hora para tocar; e se não houver autonomia, ou se houver algum constrangimento, para mexer na playlist.

A direcção da Antena 1 reconheceu e lamentou o sucedido na resposta à queixa do Ouvinte Provedor. A direcção da Antena 1 responde que o sucedido foi fruto de não ter havido atenção suficiente ao colocar a canção a rodar, mesmo tendo a lista sido enviada na sexta-feira antes dos terríveis acontecimentos que assolaram Pedrogão Grande. E acrescenta a direcção da Antena 1 que quem gere a emissão tinha e tem autonomia para anular a passagem de canções, em situações destas ou outras que se justifiquem.

Indicativo final

12 – 7 Julho 2017 – Música à lista - II

JPG – Carta de um Ouvinte ao Provedor: *«Eu sou Ouvinte de rádio (e desta nossa rádio) há muitos anos, e não me lembro de ouvir com a regularidade que se ouve hoje uma tal quantidade de coisas que não consigo classificar sem pensar em nomes feios. O que se passa com a música que passa na Antena 1?»* Pergunta o Ouvinte. Procuram-se respostas. Em nome do Ouvinte...

- Indicativo de abertura

JPG – Uma Ouvinte, queixa-se: *«Sou Ouvinte da Antena 1 há muitos anos e reparo que a playlist da Rádio está cada vez mais parecida com as outras rádios o que me desagrada profundamente. Não creio que o caminho da Antena 1 deva ser imitar a RFM, a Comercial, a Cidade, a Megahits e outras que tais.»*

Mais outro Ouvinte critica: *«Não vou referir nomes por uma questão de educação, mas abarcar TODA a música portuguesa: Pop, lusófona, e "popularucha" com intenção de captar audiência que vai desde os adolescentes até às donas de casa é um caminho perigoso que levará, mais cedo ou mais tarde, ao abandono dos Ouvintes que encontravam na Antena 1 música de qualidade.»*

E ainda outro Ouvinte adianta: *«Com a nefasta playlist, chego a ouvir o mesmo cantor três vezes por dia. Outros há que só se ouvem na promoção dos seus concertos.»*

E mais uma Ouvinte carrega: *«Como Ouvinte gostava de ter na minha Rádio música de qualidade, que não seja "fácilzinha" de ouvir, portuguesa e estrangeira, e programas de autor...»*

- Indicativo Vozes da Lusofonia

JPG – Houve um tempo em que todos os programas eram de autor e não havia playlist. Isso foi no tempo que já lá vai em que os rádios eram clubes. Agora, os programas de autor são a exceção e a playlist é a regra. Mas nos programas de autor, a mão da playlist não põe o pé.

Edgar Canelas, autor na Antena 1 de Vozes da *Lusofonia* e de *Alma Lusa*, entende que aquilo que estará errado na playlist não é o instrumento... mas o conteúdo.

E Canelas – *Como instrumento técnico, eu não sou contra a playlist. Numa rádio que apoie as suas escolhas musicais, que queira partilhá-las com os Ouvintes de uma forma equilibrada, variada, não sou contra a playlist. Acho que o problema não está no instrumento, está na sua utilização...*

JPG – *No seu conteúdo...*

Edgar Canelas – *No seu conteúdo, no preenchimento da playlist, que material vai integrar a playlist. Acho que aí está a área de discussão que é interessante ter, não relativamente ao instrumento em si, porque eu acho que tem potencialidades. Eu sou do tempo – utilizando uma frase muito comum – em que se sucediam programas de autor, e muitas vezes os programas eram mais continuidade de emissão, e tínhamos questões complicadas: não haver comunicação entre quem assumia a antena e haver repetição de temas. A playlist pode cuidar disso. Agora, as outras questões são discutíveis, claro.*

JPG – Discos à lista, não obrigado. Nos programas de autor na Antena 1, a playlist fica de fora. Os autores têm autonomia para escolher.

EC – *A minha playlist são as escolhas a que eu chego, para a realização de um programa, em função do “baú” de músicas que tenho à minha frente. São escolhas sempre pessoais que não se coadunam, não têm que se adaptar à estrutura técnica de uma playlist. Há situações em que, no caso de um programa de autor – como eu faço, por exemplo no “Alma Lusa” – se, por qualquer motivo, quando estou a pensar um programa, de repente acho que tenho um tema que já passei na emissão anterior, passo-o sem problema. Cá está: se calhar, na playlist, nessa situação, “tocava um alarme” e tinha que deixar passar uma certa rotatividade. Aí não, acho que de facto não faz sentido...*

JPG – Nos programas de autor, como sejam as *Vozes da Lusofonia*, de Edgar Canelas, há escolhas. Onde há escolha, há critérios; e as escolhas e critérios são sempre pessoais, particulares, privadas, parciais, subjectivos.

EC – *O caso de um programa de autor, como são os programas que eu faço, têm sempre escolhas subjectivas. Há autores portugueses que eu nunca trouxe ao meu programa, não é que tenha nada contra eles, mas... é a minha escolha! Eu costumo dizer às vezes, por brincadeira (mas se calhar não é brincadeira) que eu não escolho determinados autores porque acho que eles já têm visibilidade suficiente. Eu tenho de fazer escolhas na minha agenda, e até porque alguns deles eu não saberia – isto pode parecer um bocadinho provocador – não saberia muito bem de que é que iria falar com eles, mas enfim...*

JPG – Nas *Vozes da Lusofonia*, Edgar Canelas dá passagem à música de três continentes; o programa, como a Lusofonia, é uma viagem, e apesar das distâncias as *Vozes da Lusofonia* afinam por um diapasão comum: o mundo lusófono.

E Canelas – *Afinam entre elas muito bem... Eu defino o programa – às vezes, até para os meus convidados se situarem na “alma” do programa – eu defino as Vozes da Lusofonia como um triângulo [com vértices em] Portugal, África e Brasil. Sendo que este triângulo depois tem fronteiras que já me têm levado a algumas discussões, porque o meu conceito de “vozes da lusofonia” para a escolha de convidados não tem a ver necessariamente com o facto de eles cantarem todos em português e de ser música genuinamente portuguesa, porque isso levar-nos-ia a uma outra discussão. Tem a ver com o facto de aqueles criadores – os intérpretes, os músicos, os escritores – de algum modo serem criadores que cresceram no mundo lusófono. E muitas vezes podem não se exprimir necessariamente em português. Mas a minha matriz é essa. Pelo menos falam comigo em português, e isso já é bom. Com sotaque ou não.*

JPG – A Lusofonia é uma viagem, no espaço e no tempo. E as *Vozes da Lusofonia* terão ganho ritmos em África; juntaram-lhes vozes, lamentos e gemidos de guitarras em Lisboa, seguiram para as Américas, onde ganharam outros ritmos e sotaques, voltaram com escala por Cabo Verde, porque a Lusofonia é uma permanente viagem.

E Canelas – *...E essa é, se calhar – lembrei-me desta ideia agora – a nova lusofonia, que é uma mistura destes três conceitos culturais, de Portugal, África e Brasil. Nalguns casos, a música parece que está a reencontrar-se. O fado está a encontrar-se com a música de raiz africana, e vice-versa, nós estamos a ir ao encontro do Brasil cada vez mais,*

o Brasil está a redescobrir a música portuguesa... E isso é um terreno muito estimulante, em relação a quem faz rádio, receber esses elementos para trabalhar. Eu já tenho uns bons anos de rádio e confesso que sinto muito mais prazer em fazer agora rádio, porque as escolhas que tenho à minha frente, os convidados que vão chegando, os músicos, os trabalhos, são muito mais ricos, muito mais diversificados do que eram há uns anos atrás.

JPG – O cabo-verdiano B’Leza compunha mornas que soavam a fados... o português José Afonso compunha e cantava baladas e canções para coros de marimbas e de vozes, ou com outras batidas africanas lá do Xepangara. Falta o Brasil para o terceiro vértice deste triângulo. Edgar Canelas, que tão bem conhece e divulga as Vozes da Lusofonia, tem uma proposta a respeito do Brasil.

E Canelas – *Um brasileiro de miscigenação, que tenha feito esta... Há alguns, estou a lembrar-me, assim de imediato, de Ivan Lins, talvez, que tem algumas pontes com Portugal. Mas eu não estou a ver muitos brasileiros a fazer essa viagem para fora da música do Brasil. Eles têm essa “incapacidade” até hoje... Nós estamos a fazer muito bem em relação à música brasileira – mais de Portugal para o Brasil, do que do Brasil para Portugal. Até porque nós, portugueses, e os nossos intérpretes e os nossos falantes do português “nativo”, não com sotaque, nós chegamos mais facilmente à música do Brasil do que eles estão a chegar à nossa. Mas, enfim, há aí caminho para fazer.*

(Som: “Um fado”, Ivan Lins)

JPG – A rádio tem memória e recorre à magia. E é pela magia que atravessamos o espaço e mergulhamos no tempo. Estamos em 1991, cidade da Praia, ilha de Santiago, Cabo Verde, e assistimos, após um ensaio de *Os Tubarões*, a uma conversa sobre o fado português e a morna cabo-verdiana. Discutia-se qual nasceu primeiro, o fado ou a morna? Qual influenciou qual? Participavam na conversa, entre outros, o pianista Zeca Couto e o vocalista Ildo Lobo. E o repórter, agora Provedor, estava lá:

Zeca Couto – *Nós achamos... o que se pode identificar, pelo conteúdo, hoje, pelo tratamento que se dá... o tratamento que o fado faz, dentro da música portuguesa, é um género que trata de um dado sentir do povo português... A morna trata do mesmo tipo... Mas a linguagem, o esquema rítmico, a linha melódica, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Pode ser que haja, na formação da morna, que o fado tenha sido o espelho, por assim dizer...*

Ildo Lobo – *Há quem diga que uma coisa vem da outra, pensa-se que tenha a ver com a própria maneira de cantar... Há um estilo de morna que é um lamento muito profundo, isto pode chamar a atenção para o fado... [Mas] a morna não é igual em todas as ilhas, difere no compasso, a morna de São Vicente é diferente da morna da Boavista. O fado é uma coisa única, quase sempre um lamento, a morna não é só para lamentar... Tem mornas muito antigas que são a descrição de cenas cómicas, do dia-a-dia... E talvez seja por causa disso que a morna tem sido como um modo de intervenção junto da sociedade cabo-verdiana.*

JPG – A Lusofonia define-se, antes de tudo pela palavra e a língua: são lusófonos os que falam ou os que habitam esta pátria à dimensão do mundo que é a língua portuguesa. E aí mudamos de conversa com Edgar Canelas, da música para a poesia. Ou será a mesma conversa? Ou será que a poesia sugere música?

E Canelas – *A poesia pode sugerir música, pode trazer música. Eu gosto muito de tentar distinguir, até nas entrevistas que faço – e às vezes essa fronteira não é clara – mas eu acho que há que distinguir duas coisas: quando temos uma canção, com palavras, é tentar ver onde está a fronteira entre “letra” e “poema”. Uma letra tem a sua função, é uma estrutura mais simples, do ponto de vista linguístico. Depois, há a questão das palavras que se aproximam da poesia – e algumas canções, do meu ponto de vista, são autênticos poemas. E isso também é uma área que eu gosto de perceber, de dar atenção na música. O fado, para mim, tem feito esse caminho de uma forma muito interessante: das chamadas letras, a descrição de uma história, de uma paisagem, de algo muito realista, até à escrita de autores mais recentes e que estão, para mim, já muito próximos da poesia. E, para mim, é muito estimulante perceber isso.*

JPG – Por exemplo?

E Canelas – *Tiago Torres da Silva, é o que me vem à memória. Que, aliás, faz uma coisa muito engraçada: quando tem de escrever uma letra para um tipo de fado muito característico, ele faz muito bem isso. O João Monge também, por exemplo, é um extraordinário letrista sendo também um poeta. Mas eles têm alguma escrita que é poesia.*

JPG – Foi pela música que a rádio conquistou os Ouvintes e os fidelizou a programas onde tocava aquilo que queriam ouvir. Foi a música, e o talento de quem a escolhia, que fez o sucesso de grandes programas de rádio que ficaram na memória dos Ouvintes. E desta relação nasceu o papel de vanguarda que a rádio desempenhou – e desempenha ainda – para dar a conhecer o que se faz na música e com a música.

Hoje, no canal generalista da rádio pública impera a playlist e sobram as queixas dos Ouvintes: a playlist torna a rádio pública cada vez mais parecida com as outras rádios. Resta a autonomia dos programas de autor: esta semana passaram *Vozes da Lusofonia*, pelo programa do Provedor; para a semana, Viva a Música.

Indicativo final.

13 – 14 Julho 2017 – E Viva a Música ao vivo e em directo

JPG - *Adoro histórias antigas da rádio e conheço muitas delas. Anedotas, boatos e histórias de celebridades. Além disso lembro-me das histórias pessoais de quando cresci e ouvia um programa atrás do outro. E lembro-me depois das minhas próprias histórias na rádio. Agora, essas histórias passaram. Mas ficou a memória, ficaram as recordações.*

Assim começa o guião de *Os Dias da Rádio*, do realizador Woody Allen, um filme melan-cómico – digamos – sobre os anos de ouro das telefonias.

- Indicativo abertura

JPG - Lembrei-me de *Os Dias da Rádio* quando assisti uma semana destas, do balcão de uma sala de teatro de Lisboa, ao *Viva a Música*, do Armando Carvalheda. O Teatro da Luz estava cheio e o público, ocupando a plateia, olhava o palco e ouvia o noticiário à hora certa da *Antena 1*, depois a informação de trânsito. E por fim a voz do Armando Carvalheda a abrir caminho para o único programa directo de música ao vivo da rádio pública portuguesa.

- Som: Armando Carvalheda: “Ok, vamos começar...”

JPG – A Cena decorre no chamado Teatro da Luz, mais propriamente no Teatro Dom Luís Filipe de Bragança. É uma sala da passagem do século XIX para o século XX, integrada num edifício do século XV, que resistiu em grande parte ao terramoto. Já foi conhecido como Convento e Hospital de Nossa Senhora da Luz, Quartel da Formação, Prédio Militar 34. O espaço está entregue à Associação de Antigos Alunos do Colégio Militar que ali mantém, entre outras instalações, um bar aberto de quarta a sábado, um restaurante com esplanada e a sala de teatro. É aqui que funciona o *Palco da Rádio* e em Setembro, já em 22ª temporada, voltará a exhibir-se o *Viva a Música*. À dimensão de uma freguesia do termo de Lisboa, para um público fiel, aqueles são *Os Dias da Rádio*.

Armando Carvalheda – *A rádio no seu início vivia muito de música ao vivo, de orquestras e cantores que se apresentavam. É, de facto, esse espírito, também, que me animou quando, em 1991, eu propus ao então director de programas um programa com estas características e com este nome. Ele na altura não aceitou, uns meses mais tarde entregou esse projecto a um colega nosso, mas a coisa durou pouco tempo, dois meses ou três, e pronto. Voltou a um período de letargia, até que em 96 eu voltei a falar nisso a um amigo meu (e, na altura, director de programas, o João Coelho), dizendo: “E se nós, na perspectiva de aproveitar aquele espaço lá de baixo [auditório da RDP nas Amoreiras], fizéssemos um programa de música ao vivo?” E foi assim que as coisas começaram.*

JPG – O *Viva a Música*, de Armando Carvalheda, é um programa musical de autor, da Antena 1. E o facto de ser um programa de autor significa que o programa não está sujeito à *playlist*. E pelo critério do autor do programa que há 21 temporadas, a caminho da vigésima segunda, semana a semana, a música ao vivo sobe à cena. E *Viva a Música*.

AC – *Temos todas as semanas, como é do conhecimento geral, uma emissão onde tanto podem passar os grandes nomes da música portuguesa, em todas as áreas, como gente mais nova, que está em início de carreira, e que nós pensamos que vale a pena*

divulgar. E nem sempre a rádio pública acolhe essa gente que está a dar os primeiros passos da mesma forma como recebe os mais consagrados.

JPG / LOC – A música em directo e ao vivo reconquistou o seu espaço na rádio. É de crer que sem o programa de Armando Carvalheda essa velha tradição das telefonias não se teria mantido na rádio pública.

AC – *Penso que não, por aquilo que me +é dado ouvir. Nomeadamente na área das músicas de tradição oral é raríssimo, se não mesmo inexistente, a passagem de música dessa área.*

JPG – E é assim, semana a semana, perante auditórios fidelizados, que Carvalheda faz subir ao palco do teatro da Luz e apresenta na Antena 1 vozes consagradas e outras em estreia.

AC – *Temos muita gente nova, de facto, e cada vez mais, pelas razões que referi. Mas há muita gente consagrada que faz questão de passar pelo Viva a Música. Ainda há dias estive com o António Zambujo aqui, vinha para a emissão da manhã com o António Macedo, que me disse que estava à espera de uma oportunidade para voltar ao programa. E sei que há outros que sentem isto, porque há uma relação que nós estabelecemos ao longo destes 21 anos com os músicos, de grande respeito. E eles sentem que quando os recebemos temos a vontade genuína de os receber bem, e eventualmente de colmatar algumas falhas que este “andamento da rádio por vezes provoca.*

JPG / LOC – O Viva a Música é uma oportunidade, onde elas escasseiam. E como sempre que há oportunidades, há quem as queira agarrar. E isto é tão antigo quanto a ambição.

AC - 03' 22" *As pressões das editoras e dos agentes são tão antigas quanto a própria rádio, ou pelo menos de há umas décadas a esta parte. É evidente que todos têm interesse em mostrar os seus artistas, os seus músicos, os discos de quem representam. A grande questão está nisto: é saber seleccionar e saber dizer “não, este tipo de música não interessa ao Viva a Música, nós por aqui não vamos”. Não tenho nenhum pruridos nenhuns em dizer isto, já o disse dezenas de vezes, como também não tenho qualquer relutância em convidar um músico que está aí na berra e é muito conhecido. Não tenho constrangimentos de nenhuma espécie. Mas, pressões é evidente que existem: “Veja lá, ouça outra vez o disco, o rapaz tem futuro, tem que se dar uma oportunidade...” Enfim, este tipo de argumentação é recorrente e somos confrontados com ele muitas vezes.*

JPG / LOC – A oportunidade de actuar perante uma pequena plateia mas frente ao grande auditório da rádio pública é tudo quanto o Viva a Música oferece aos artistas que animam p Palco da Rádio. O programa não paga cachês.

AC – *Foi sempre assim. A única participação que têm nas despesas desse dia é serem nossos convidados para o almoço, um almoço frugal, enfim... Mas esta é também uma questão que é importante: é sabido que a música não passa por muito bons dias e não me pareceria mal ser instituído – como de resto existe, na televisão – um cachê, ainda que simbólico (e sublinho este simbólico), para compensar a vinda dos músicos. Porque muitos vêm de fora, ainda há dias recebi um grupo que veio de Braga, e isso representa, para além de um esforço físico, desde logo, um esforço financeiro também. E não me*

pareceria mal que a Rádio e a Televisão de Portugal, porque o grupo é RTP, adoptassem um critério único.

JPG / LOC – O Viva a Música não paga cachês. A verdade é que também não cobra bilhetes. É assim na rádio pública. E está por saber se o Viva A Música seria sustentável se, como seria justo, pagasse cachês aos artistas.

AC – *É questão que se coloca...*

JPG – *Por exemplo, cobrar bilhetes?*

AC – *Isso parece-me menos bem. Porque, como é fácil de ver relativamente ao público que semanalmente vai ao Teatro da Luz – que é onde fazemos o Viva a Música – é um público, até pelo horário, de reformados e vê-se que não são pessoas que vivem com grandes disponibilidades de carteira. Acho que a rádio pública também tem essa componente que é importante: proporcionar, a quem tem menos acesso às grandes salas de espectáculos, ali uma hora em que vê os músicos de que gosta mais ou menos, mas é um espaço que podem usufruir. Cobrar bilhetes parece-me mal. O cachê simbólico aos artistas, acho que sim. E é uma questão orçamental que a empresa devia encarar.*

JPG – Agarrado ao Palco da Rádio, o Viva a Música teve outro cenário de início. Até que se fixou no Teatro da Luz. A itinerância é que não chegou a entrar nos planos.

AC – *Chegámos a fazer. E fazíamos questão de, durante 3 ou 4 anos, fazer um percurso, não muito extenso, mas ir a cidades onde a rádio tinha delegações: Porto, Coimbra e Faro. Mas depois, por estrangimentos orçamentais, alguém achou que era uma despesa muito vultuosa... Mantinham-se as características, não se pagavam cachês, mas obrigava a equipa técnica e a equipa de produção a deslocarem-se de véspera, havia um ensaio na véspera e outro no dia... Enfim, tudo isso resultava naturalmente em despesas que, a partir de certa altura, foi decidido não continuar a suportar*

JPG / LOC – Os espectadores do Viva a Música começam por ser Ouvintes de rádio, até que o palco da rádio ganha vida. Armando Carvalheda avança para o microfone, cumprimenta os Ouvintes do Teatro da Luz e o auditório da Antena 1. É um homem da rádio que trabalha com a segurança de muitos anos de profissão. E segurança reforçada porque tem a garantia de que tudo vai correr com previsto e organizado. A produção do programa fica em família, nas mãos de Ana Sofia Carvalheda.

AC – *Funcionamos em equipa e ao contrário do que possa parecer, as coisas às vezes são complicadas. Porque há uma relação dupla, entre nós: é minha filha, tenho um grande orgulho no trabalho que ela faz, e é profissional. E às vezes, quando estamos a discutir quem é que vamos convidar, muitas vezes esses dois papéis misturam-se. Mas o balanço que tenho de fazer, honestamente, nestes 21 anos... ela é 50 por cento do programa.*

JPG / LOC – O Viva a Música foi agora de férias no final da 21ª temporada. Também foi para estágio e pré-época, porque a partir de Setembro há mais e é necessário pensar a 22ª temporada. Não é por nada; não é que vá o maligno tecê-las... – mas a verdade é que se torna necessário planear, prever, pensar e tratar de tudo.

AC – Tudo. Porque a música tem tudo ainda para nos dar. Quanto a convidados, neste momento, para a 22ª temporada, já há algumas coisas no ar, mas ainda não há nada em definitivo.

JPG / LOC – Armando e Sofia Carvalheda já se despediram dos Ouvintes. Mas no Teatro da Luz, o espectáculo rende mais uns minutos. E aquele público, que muito provavelmente não tem outras oportunidades de entretenimento, aproveita até onde der a oportunidade rara de uma rádio e uma música em directo, ao vivo e de proximidade.

[Sons espectadores – Excerto de diálogo breve entre a cantora e um espectador](#)

JPG / LOC – Naquela tarde, a artista convidada foi a fadista Liliana Martins, acompanhada por André Silva, guitarra de fado, Tiago Valentim, viole, e Diogo Dias, contrabaixo.

O Viva a Música é um programa de autor; como tal, não está sujeito à Playlist da Antena 1. O elenco do palco da rádio fica ao critério do autor do programa e da disponibilidade dos artistas. De resto, não há nomes proibidos, nem nomes obrigatórios.

[Cortina](#)

JPG / LOC – Abençoado Palco da Rádio também nas referências dos Ouvintes. Os Ouvintes da Antena 1 não apresentam razões de queixa ao Provedor em relação ao Viva a Música. Mas, com referências elogiosas ao programa, muitos Ouvintes interrogam com alguma regularidade o Provedor sobre a acessibilidade do *Viva a Música* na web.

Viva a Música, como o próprio título indica, é um programa musical. Sendo assim, e por razões de direitos autorais, o programa não pode ser descarregado para computadores, tabletes, telemóveis. Mas está disponível a pedido, *on demand*, como dizem os ingleses e alguns outros, na RTP Play. Faça a busca por RTP Play + Viva a Música, chega lá num instante. E lá chegando tens mais de 250 programas disponíveis.

[Ambiente Teatro da Luz com palmas](#)

[Indicativo fecho](#)

14 – 21 Julho 2017 – David Ferreira a contar ao Provedor

Eram na rua passos de mulher...

No gira-discos, o Martírio de São Sebastião, de Debussy...

Na noite, uma trompa de caça...

É bom permanecer na mesa de montagem...

Misturando Anfião Vivaldi Apollinaire...

Ao som de uma sonata... a ária do remorso...

JPG /loc – Em poemas de David Mourão-Ferreira, a poesia convive com a música... ouve-se uma pianola, gira um disco, sintoniza-se um posto ... é também a rádio, enfim.

- Indicativo de abertura

JPG / locução – Microfonistas, altifalantes, emitimos sinais que se codificam e descodificam. E isto é a gente a falar: a falar na rádio, vibrações sonoras. Somos rádio - comunicadores. Ainda devemos o que somos ao senhor Marconi que morreu em 1937 e não cuidou de cobrar, sem fios, a contribuição dos impulsos e sinais. A rádio teve sempre, e continua a ter, uma relação particular com a música, que é afinal o outro lado da equação dos sons que fazem da rádio aquilo que ela é: uma tela de palavras. E de música. Para começar, vamos à música, que não é só música: é também a palavra de Paul Verlaine, música e voz de Leo Ferré.

Som: [Leo Ferré – Art Poetique](#)

JPG / locução – E desta vez, David Ferreira conta... com o Programa do Provedor. Se há coisas que nascem com cada um, com David Ferreira terá nascido a música, por parte da mãe, sobrinha do fundador da Valentim de Carvalho, a poesia, por parte do pai, o poeta David Mourão Ferreira. A música encheu a vida de David Ferreira e poderá mesmo ter sido... a sua ilusão do paraíso.

David Ferreira – 00'15" – Sou daquelas pessoas que têm a sorte de que aquilo que ocupa o seu tempo de trabalho é também aquilo para onde vão, instintivamente – enfim, não diria que é só música, também gosto de livros, também gosto de cinema – mas a música ocupa sempre uma grande parte do meu tempo.

JPG / locução – E se a música é para David Ferreira a sua ilusão do paraíso ... a rádio é a continuação do mesmo poema – *Paraíso* – de David Mourão Ferreira: *arranja uma pianola, um disco, um posto ...*

DF – Eu estou a conhecer um poema do meu pai, exactamente... “Deixa ficar a flor...” Eu gosto muito da rádio. Porque acho que tem uma complexidade de recursos – tem a palavra, tem a música – e ao mesmo tempo tem uma agilidade que a televisão não tem...

Som: [Couple Coffee – Que amor não me engana](#)

JPG / locução – David Ferreira a contar, no programa do Provedor do Ouvinte, acerca da rádio e da música. Com maior ou menor mérito, foi na rádio e com a rádio que

se fizeram ouvir sucessivas gerações de cantores. Por cá, e durante mais de cinquenta anos, foi na rádio que existiram das mais consistentes orquestras nacionais. O que seria da rádio sem música? Da música sem rádio? E o que seria de nós, sem uma coisa nem outra?

David F – Eu creio que é o Leo Ferré que, um dia dizia que a coisa mais interessante na profissão dele era a relação inesperada que poderia estabelecer-se entre uma gravação dele e uma pessoa que ele nunca viu e que pode até viver a muitos quilómetros de distância – hoje a gente acrescentaria a dezenas de anos de distância, já – e que a rádio permite. Desde que a rádio tenha como preocupação a revelação e não apenas a confirmação.

Som: Luz Casal – Entre mis recuerdos

JPG / locução – David Ferreira trabalhou desde sempre na música... Ao balcão de uma loja da Valentim de Carvalho... depois a promover, a editar, a produzir discos... a gerir o negócio da família, como **patrão** da EMI-Valentim de Carvalho... O negócio dos discos era parceiro da rádio, as discográficas tinham relações directas com produtores e realizadores da rádio.

David F – Quase sempre boas, quase sempre saudáveis... Tenho amigos que vêm desse tempo, alguns que já morreram – estou a lembrar-me do José La Féria, por exemplo – mas é tudo uma questão... São relações entre pessoas, e as relações entre pessoas são baseadas no respeito ou não. Conheci colegas do meu ramo que podem não ter tido sempre um comportamento exemplar, como também apanhei na rádio algumas vedetas insuportáveis. Mas isso é a lei da vida.

JPG / locução – Até que chegou a Idade da *playlist*. E se a primeira ameaça pairou sobre a liberdade do Ouvinte... Havendo Ouvintes que consideram as *playlists* refinados instrumentos de censura... Rapidamente e em força a centralização ameaçou a própria liberdade do mercado.

David F – Eu entendo que uma rádio queira ter o seu perfil. Que face ao público que quer conquistar não pode ter heavy metal. Aceito. Ou que não pode ter fado. Aceito. Mas isso é uma coisa, outra coisa é ter uma playlist – e isto aconteceu a certa altura com as maiores rádios comerciais – em que a frequência da entrada em lista de uma novidade era... De três em três semanas entravam duas canções novas. Isto é terrível porque isto é negar às pessoas o direito de conhecer coisas novas. Com uma agravante: o “funil” já era tão pequeno e esse funil era particularmente nocivo para a música portuguesa.

Som: Amália – Aves Agoirentas

JPG / locução – Fernando Quinas, homem que percorreu a evolução da rádio, e da música na rádio, deixou uma frase lapidar quanto à *playlist*: «Houve um tempo de discos proibidos; passou a haver um tempo de discos obrigatórios.»

DF – E é. Esse é um lado da questão. Mas houve uma altura em que a coisa chegava ao ponto de que entre os dois maiores grupos de rádios comerciais se faziam reuniões para tentar apostar nas mesmas coisas ao mesmo tempo. Ora isto é, primeiro, a negação da liberdade do Ouvinte. E até a negação da liberdade de mercado, é um

comportamento de trust. Estamos a transformar o comércio numa coisa que ele 3escusa de ser...

JPG / locução – Da relação com a música nasceu o papel de vanguarda que a rádio desempenhou – e desempenha ainda – para dar a conhecer o que se faz na música. Cá dentro e lá fora. Para o melhor e para o pior. Para todos os gostos, e para alguns desgostos. Quando passava uma canção, a rádio vendia um disco. Mas agora há quem se interrogue se a rádio vende discos, cantores, espectáculos, festivais...

DF – *Eu acho que vende-se sempre de tudo um pouco, como sempre. Ou seja, a notoriedade traz sempre a atenção. O que acontece hoje em dia é que o negócio mais importante é o negócio dos espectáculos. Como as pessoas fazem os downloads das músicas, o peso relativo do manager e do organizador de festivais é incomparavelmente maior do que o peso do editor de discos. Aquela que era a minha antiga classe, hoje em dia tem muito menos poder, muito menos capacidade de intervenção. Até porque isso depois acarreta outras coisas, como seja uma redução drástica de pessoal. Às vezes as pessoas dizem-me: “Ah, antigamente os editores faziam isto, e ouviam e discutiam e propunham...” Mas eu não posso censurar os meus colegas quando eles tiveram um emagrecimento, sei lá, de 80 ou 90 por cento. O mercado caiu 90 por cento em Portugal, ou coisa aprecida...*

JPG / locução – E 160 anos após o fonógrafo, 120 anos depois do disco quebrável de 78 rotações por minuto, 75 anos depois do vinil de 45 e 33 rotações, 35 anos mais tarde que o *compact disc*, o disco de música está em vias de ser tornar um simples objecto de museu.

DF – *O disco físico neste momento é, aparentemente. De vez em quando aparecem umas notícias a dizer que o disco de vinil cresceu imenso, mas são questões percentuais. Ou seja: quando se vendiam 3 unidades, se agora se venderem 6 já é um crescimento de 100%. E, enfim, há algum papel do vinil, há uma modazinha, mas estamos a falar duma coisa de nicho, para todos os efeitos. Dizem-me que há outros rendimentos que estão a animar as editoras e que há sinais animadores no mercado. Não sei, é uma realidade que não conheço como já conheci.*

Som: [Waldemar Bastos – Foi Deus](#)

JPG / locução – Com a música gravada na idade das nuvens – melhor dizendo, das *clouds* – Portugal enfrenta desafios para os quais, segundo David Ferreira, o País não está preparado.

DF – *Há uma coisa particularmente grave: Portugal não tem uma política nacional de arquivos sonoros... Isto é gravíssimo! Há uma história muito complicada, que é a história do Depósito Legal. Porque durante muito tempo as editoras eram obrigadas a enviar os discos para uma quantidade de discos para o Depósito Legal e eu não consigo perceber onde é que ele anda...*

JPG / locução – A história e a memória da música passam aqui muito perto. Como escreveu o poeta David Mourão Ferreira... *Arranja uma pianola, um disco, um posto...*

DF – Agora, uma parte dessa memória, graças a Deus, vai ficando na rádio...

JPG / locução – E foi assim, com David Ferreira a contar... falando de música no programa do Provedor do Ouvinte... A conversa começou pela palavra música... e terminou na palavra rádio.

Som: Fred Buscalogni – Che notte

JPG / locução – Para a sonorização deste programa, o Provedor pediu a David Ferreira a sua própria playlist. Ficou assim: Bruno Martino “Estate”, Léo Ferré “Art Poétique”, Fred Buscaglione “Che Notte”, Amália Rodrigues “Aves Agoirentas”, Couple Coffee “Que Amor Não Me Engana”, Bob Dylan “I Want You”, Jacques Brel “Jef”, Luz Casal “Entre Mis Recuerdos”, Waldemar Bastos “Foi Deus”, The Beatles “I’ll Cry Instead”, Caetano Veloso e Gilberto Gil “Haiti”

Som: Gilberto Gil e Caetano Veloso – Haiti

Loc /JPG – Nenhuma destas canções constava da playlist de 508 títulos em vigor na Antena 1 na primeira quinzena de Junho. Os únicos dos 11 intérpretes escolhidos por David Ferreira que constavam da *playlist* eram Bob Dylan e The Beatles, embora com outras canções. De resto, nem Amália tinha lugar na lista de execução musical da Antena 1. Por razões de tempo do programa deixámos de fora quatro canções sugeridas por David Ferreira.

Indicativo final

15 – 28 Julho 2017 – Um, dois, três vezes 5 minutos de Jazz

Tapete – Lou Donaldson – Lou’s Blues

Loc /JPG - Um, dois... Um, dois, três vezes cinco minutos... de jazz. Para esta edição, a participação de José Duarte. 15 minutos de jazz e outras músicas no programa do Provedor do Ouvinte. Este é o quinto programa do Provedor na série sobre música e playlist na rádio pública.

Indicativo abertura

Loc /JPG – Este homem, José Duarte, está à beirinha de entrar para o Guinness. Nascido em Lisboa, em 1938, José Duarte dá-me a raríssima oportunidade de entrevistar neste programa alguém mais antigo que eu, na rádio e na própria vida. Mas não é por via da idade que José Duarte está à beira do Guinness. É pela longevidade do seu programa 5 Minutos de Jazz. Para o ano que vem o programa faz 52 anos e isto é uma raridade mundial.

Indicativo “5 minutos de Jazz”

Loc /JPG – Foi para o ar, pela primeira vez, pela mão de João Martins, em 21 de Fevereiro de 1966. José Duarte aceitou o convite para gerir os 5 de Minutos de Jazz na Renascença; nos anos 80 passou para a Comercial; desde 1993 mantém o programa na Antena 1 e agora dirige também na rádio pública o canal de jazz online da Antena 2. Chama-se Jazzin. Passar de 5 minutos para 24 horas de jazz por dia, todos os dias, em qualquer parte, é como trepar ao cimo de uma montanha e, lá chegando, continuar a subir.

José Duarte – É melhor que o atleta campeão do mundo, que levanta os braços e corre mais depressa... Não sou o campeão do mundo. Campeão do meu país, só...

JPG – Quando começaste com os 5 Minutos de Jazz não estavas a contar com 24 horas por dia...

JD – Não estava a contar sequer com um quarto de hora! O João Martins, quando me convidou – tinha um programa na Renascença – disse-me: queres fazer cinco minutos de jazz comigo?

JPG – A tua sorte foi o João Martins ter-te oferecido cinco minutos de jazz. Se ele te oferecesse meia hora, como é que fazias o indicativo?

JD – Tinha de contar até 30... Eu pedi-lhe mais tempo e ele disse: “Mas tu és maluco? Então não sabes que o meu programa tem 50 minutos? Já te dou cinco, é 10 por cento. E eu fiquei-me pelos cinco. E hoje em dia estou treinado, já fiz milhares, dezenas de milhares...”

JPG – O programa tem 51 anos, não é?

JD – 51, vai fazer 52 em Fevereiro.

JPG – E nestes 52 anos de 5 Minutos de Jazz houve alguém que não coubesse nos 5 minutos.

JD – Houve. Ainda estava na Renascença, a emissora católica portuguesa, e o musicólogo Luís de Freitas Branco faltou a um convite que eu lhe fiz. O João Martins ficou exuberante, que era malvado, saiu da cabine e disse: “Agora fazes sozinho”. E eu fui para a cabine, pus um disco do Miles Davis com o Coltrane, abri o microfone e disse, de improviso: “Boa noite senhores Ouvintes, houve aqui uma falha, o professor Luís de Freitas Branco não pode vir... Eu convidei-o, porque é uma pessoa da música escrita, para saber qual é a opinião dele sobre o saxofonista John Coltrane, que é um músico que vocês não conhecem – isto foi nos anos 60 – que é um génio do jazz, nasceu em Hamlet, no Ohio, filho dum padre...” E fui por ali fora. No outro dia tinha um recado do monsenhor para ir ao gabinete dele. “Entra, meu filho.” Eu entrei, e ele: “Então foste dizer que um padre tinha um filho?” Eu fiquei com a resposta aqui na garganta, e disse-lhe: “Pois, foi um engano.” E diz ele: “Pois, mas não te podes enganar, porque os padres não têm filhos.” A resposta esteve quase a sair, mas não saiu, que eu sou muito bem-educado... E ele disse-me: “Agora tens de me mostrar os textos, para eu ler, antes de os gravares...”

JPG – Também passaste pelo Rádio Clube Português. O director de censura era menos refinado do que o monsenhor, e dizia que não gostava de cornetas...

JD – É verdade. E, coitado, proibiu-me um programa que fiz [em 1986], a que chamei “Uma vez por semana” e que os porcos dos meus amigos diziam “Eh, pá, mau título, devias pôr ‘Uma por semana’.” E eu disse: “É exactamente essa diferença que eu quero assumir.” Era um programa sobre sexo, onde escreviam também o Carlos Cruz, o Mário Zambujal... E o programa acabou porque as mulheres dos ministros não gostavam de ouvir. Ouviam, mas não gostavam. E isto é no pós-25 [de Abril].

Som: Louis Armstrong – Potato Head Blues

JPG / Loc – À margem do exercício de uma profissão, no aeroporto de Lisboa, para o ordenado e a reforma, José Duarte viveu sempre com a música e a rádio, mais os discos e os jornais. Ou seria a vida profissional que decorreria à margem da música e do jazz? Tocou bateria, marcando o ritmo do chamado Pop Fado. A meio dos anos 60 anos, em dueto com Teresa Paula Brito, gravou dois discos. Eles eram o duo vocal *The Strollers* e deixaram dois discos de 45 rotações gravados.

Som: The Strollers – Chevrolet

Loc / JPG – Há perto de 60 anos que José Duarte divulga o jazz. Crónicas e críticas na imprensa, programas na rádio. Começou por aí: em 1958, apresentou o primeiro programa, *O Jazz Esse Desconhecido*, na Rádio Universidade. No mesmo ano, ajudou a fundar o Clube Universitário de Jazz. Com tanto jazz, bem se lhe pode aplicar o que escreveu um poeta por essa altura: «Naquele tempo eu faltava às aulas... A música de jazz vibrava nos cafés...»

José Duarte – Isso... faltava às aulas de economia. Eu era o pior aluno da minha leva e casei-me com a melhor aluna. Morávamos na Lapa, e saíamos da cama e íamos para a Rua do Quelhas, que era perto. Eu ia frequentar as aulas e ela ia dar as aulas...

Som: Dizzy Gillespie – Salt Peanuts

JPG – O Jazz era música, improvisação, swing. Mas era mais alguma coisa e naqueles anos 50 / 60, marcados pela censura e pelo obscurantismo, o jazz remava contra

uma forte maré de preconceitos. A linguagem da música de jazz não era apenas mais uma gramática.

JD – Pois. Eu sou o divulgador e sei muito bem ouvir jazz, é isso que eu faço na Universidade de Aveiro. Também cheguei a professor universitário – emprestado, claro...

JPG – O jazz ainda surpreende ou já sabes tudo?

JD – Surpreende-me... Pela boa e pela má. Ainda há músicos que trabalham maneiras, linguagens diferentes no jazz – o jazz é uma arte musical muito rica, pode-se tocar com vários "sotaques" – e há outros que tocam e eu não posso ouvi-los todos os dias. São os tipos do free-jazz, que está muito na moda, e que não se cansam de tocar a gritar, e que me incomodam... Eu sou um tipo que não falo baixo, gosto de gritar – e quando tenho razão grito mais, é como eles – mas todos os dias é de mais.

Som: Billie Holliday – Strange Fruit

JPG – José Duarte não se limitou a divulgar o jazz no papel ou no éter. Ele contribuiu para a inscrição do jazz no plano académico de investigação e para a criação do primeiro centro de estudos de jazz em Portugal. O seu espólio – duas camionetas carregadas de memórias – enriqueceu a Universidade de Aveiro.

JD – E tenho fotografias tiradas aqui do 4º andar lá para baixo...

JPG – Das camionetas?

JD – Das camionetas a encher. Foram alunos da Universidade de Aveiro que vieram e ajudaram a pôr o material todo nas camionetas, que eram duas. Porque eu tenho muitos livros e discos, LPs e CDs, foi em 2002...

JPG – Não fazes ideia de quantos discos tens?

JD – Em casa? Só sei de jazz, porque dos outros são mais. São quase 4.000. Isto em CDs, porque mandei os LPs todos para Aveiro. E tive sorte, porque é uma universidade que está na frente, é considerada uma das melhores universidades da Europa. E fizemos um centro de estudos de jazz e exposições fora de Aveiro com posters, que também levei, com preciosidades, as revistas que eu fiz para o Clube Universitário de Jazz

Som: Coleman Hawkins – Body and Soul

Loc /JPG – Na rádio pública desde 1993, José Duarte mantém os *5 Minutos de Jazz* na corrida ao Guinness. A RTP Play tem disponíveis 1.500 episódios do programa. Ou seja: 1.500 vezes 5 minutos, dá 7.500 minutos de jazz. O número é impressionante, mas José Duarte diz que não chega para contar e tocar tudo quanto há para ouvir sobre jazz.

JD – Ainda sobra jazz... Porque há vários jazzes, a cada músico o seu jazz... Porque, como é improvisado, eles nunca tocam da mesma maneira... Nunca se deve dizer a um amigo ou a uma amiga "Anda lá ouvir, porque é um bom concerto." Isso nunca se sabe, ele pode tocar bem hoje e mal amanhã. E como cada um toca o que pode e o que é capaz, há muito jazz. E estão longe de esgotar a mais-valia...

Som: John Coltrane – Tin Tin Deo

Loc /JPG – E aos 5 Minutos de Jazz, José Duarte somou recentemente... 24 horas jazz por dia, todos os dias e a todas as horas, em qualquer parte, na rádio online da Antena 2 exclusiva para música de jazz... Jazzin. É a alternativa da rádio pública que, na Antena 1, em Junho passado não tinha um só disco verdadeiramente de jazz na playlist.

JD – Eu detesto playlists porque são um colete-de-forças que se está a vestir ao autor... Não é “Tens de tocar esta música”, mas é quase. E portanto não gosto.

JPG – Jazzin, o canal de jazz online da Antena 2, não tem playlist, portanto.

JD – Não tem, não. A playlist é a minha. A primeira vez que eu inaugurei o programa, no dia 1 de Janeiro deste ano, foi à custa de 510 faixas que eu escolhi. Tive de ouvir 510 discos de 510 músicos, e foi um trabalho épico. Depois, todos os meses levo CDs para renovar e para os Ouvintes não estarem a ouvir sempre as mesmas horas de jazz. Eles usam um algoritmo e portanto se tu estiveres a ouvir uma música hoje, amanhã a esta hora não ouves a mesma música...

Som: [Art Blakey – Lou’s Blues](#)

Loc /JPG – Com José Duarte o Programa do Provedor do Ouvinte chega ao final da revisão da matéria sobre música e playlist na rádio pública. Por aqui passaram: Um, dois... um, dois, três, quatro, cinco decisores e autores: Ricardo Soares, Armando Carvalheda, Edgar Canelas, David Ferreira e José Duarte. Agora o programa do Provedor vai de férias. Quando voltarmos, em Setembro, vamos resumir e concluir o assunto.

Indicativo final

16 – 15 Setembro 2017 – Música e playlists: resumo

Loc /JPG - Resumindo e concluindo, música é música. A playlist é outra música... Muitas e boas opiniões se cruzaram a propósito de música e da playlist, em cinco programas do Provedor.

- Indicativo abertura

Loc /JPG - Cada rádio tem o direito e o dever de definir o seu perfil, do qual a música faz parte essencial. As músicas e os musicais preenchem mais de metade dos tempos em antena nas rádios, segundo o Relatório de Cumprimento das Obrigações de Serviço Público da RTP 2016. Para a definição do perfil musical, a *playlist* será um útil instrumento técnico. O problema, a havê-lo, não está no instrumento.

E Canelas 00' 19" – *Como instrumento técnico, eu não sou contra a playlist. Numa rádio que apoie as suas escolhas musicais, que queira partilhá-las com os Ouvintes de uma forma equilibrada, variada, não sou contra a playlist. Acho que o problema não está no instrumento, está na sua utilização...*

JPG – *No seu conteúdo...*

Edgar Canelas – *No seu conteúdo, no preenchimento da playlist, que material vai integrar a playlist. Acho que aí está a área de discussão que é interessante ter, não relativamente ao instrumento em si, porque eu acho que tem potencialidades. Eu sou do tempo – utilizando uma frase muito comum – em que se sucediam programas de autor, e muitas vezes os programas eram mais continuidade de emissão, e tínhamos questões complicadas: não haver comunicação entre quem assumia a antena e haver repetição de temas. A playlist pode cuidar disso. Agora, as outras questões são discutíveis, claro.*

Loc /JPG - Edgar Canelas – autor na *Antena 1 de Vozes da Lusofonia* – entende que aquilo que estará errado na *playlist* não é o instrumento... mas o conteúdo. E o Provedor está de acordo. Observemos a *playlist* da *Antena 1* na primeira quinzena do passado mês de Junho – à qual o Provedor, a seu pedido, teve acesso: 508 títulos, entre os quais 50 canções que passaram mais que dez vezes em 15 dias. A *Antena 1* passa cerca de 50 canções por dia; a *playlist* roda com frequência; haverá canções que entram na *playlist* mas nem chegam a ir para o ar. Na quinzena de Junho em análise, a *playlist* cumpria, formalmente, os critérios de difusão de música estabelecidos na Lei da Rádio, com 68 por cento de música portuguesa. A lusofonia mantinha os seus 10% de presença na lista de difusão, a que se juntavam mais de 20% de temas oriundos do universo anglo-americano.

Música: “I wanna be your hero” ou outro tema de novela em playlist

Loc /JPG - Da *playlist* activa que esteve em vigor na primeira quinzena de Junho, 23 canções vinham de bandas sonoras de telenovelas exibidas desde o ano passado, ou ainda em exibição. Já houve tempo em que as novelas vinham buscar êxitos musicais à rádio, agora, a rádio pendura-se no sucesso de audiências das novelas da TV. E como diversas estações seguem a receita, aí temos as rádios cada vez mais parecidas umas com as outras. Mas a rádio pública tem particulares deveres que a obrigam a ser diferente das outras rádios. As bandas sonoras das novelas de televisão são o caminho da facilidade,

talvez a via rápida para trepar nas audiências. A rádio pública debate-se entre o dever do entretenimento de qualidade e o dever de atingir amplas audiências.

Ricardo Soares – *Nós damos importância às audiências, mas a nossa vida, a vida duma estação pública como a nossa, não é nem pode ser regida pelas audiências. Se nós olhamos para as audiências? Com certeza. Eu não estaria a dizer a verdade se dissesse que não. Mas as audiências não são o nosso fim.*

Loc /JPG – Ricardo Soares, director-adjunto da Antena 1. O homem da playlist antecipa-se e rebate toda a crítica à *lista organizada de difusão musical...* Ou *Difusão Musical Organizada em Lista*; Ou *Lista de Execução Musical*. Garante Ricardo Soares que a lista não deixa ninguém de fora.

Ricardo Soares – *Não há nenhuma exclusão...*

JPG – *Nenhuma exclusão. Nenhum critério que exclua nenhum tipo de música, um determinado cantor...*

RS – *Não, exclusão não há. O que há, de facto, em quem faz a playlist – seja nesta estação ou noutra qualquer –, eu não posso colocar de parte que pode haver alguma subjectividade...*

Loc /JPG – O Director-adjunto da Antena 1 rebate críticas à *playlist*. A crítica mais frequente atribui à *lista de execução musical* uma função censória. Fernando Quinas, homem da rádio com décadas de experiência, sentenciou que no antigamente havia discos proibidos... Depois passou a haver discos obrigatórios.

DF – *Esse é um lado da questão. Mas houve uma altura em que a coisa chegava ao ponto de que entre os dois maiores grupos de rádios comerciais se faziam reuniões para tentar apostar nas mesmas coisas ao mesmo tempo. Ora isto é, primeiro, a negação da liberdade do Ouvinte. E até a negação da liberdade de mercado, é um comportamento de trust.*

Loc /JPG – David Ferreira fala com conhecimento do mundo de negócios entre os discos e a rádio. Armando Carvalheda, autor do *Viva a Música*, com longa carreira na rádio, também sabe do que fala ao falar de pressões de editoras.

AC – *As pressões das editoras e dos agentes são tão antigas quanto a própria rádio, ou pelo menos de há umas décadas a esta parte. É evidente que todos têm interesse em mostrar os seus artistas, os seus músicos, os discos de quem representam. A grande questão está nisto: é saber seleccionar e saber dizer “não, este tipo de música não interessa ao Viva a Música, nós por aqui não vamos”. Não tenho pruridos nenhuns em dizer isto, já o disse dezenas de vezes, como também não tenho qualquer relutância em convidar um músico que está aí na berra e é muito conhecido. Não tenho constrangimentos de nenhuma espécie. Mas, pressões, é evidente que existem: “Veja lá, ouça outra vez o disco, o rapaz tem futuro, tem que se dar uma oportunidade...” Enfim, este tipo de argumentação é recorrente e somos confrontados com ele muitas vezes.*

Música: tema da playlist

Loc /JPG – José Duarte, autor dos *5 Minutos de jazz*, também falou no programa do Provedor sobre a playlist...

JD – Eu detesto playlists porque são um colete-de-forças que se está a vestir ao autor... Não é “Tens de tocar esta música”, mas é quase. E portanto não gosto.

Loc /JPG – A escolha e a programação feita por José Duarte para o canal JazzIn resulta numa *playlist*, onde cabem mais de quinhentas vezes 5 minutos de Jazz. Uma lista de difusão coerente, porque utilizada precisamente como instrumento, e não como um fim em si mesma. Será este um problema da *playlist* da Antena1? Os Ouvintes mais críticos queixam-se de uma espécie de «*esquizofrenia musical*» que estará a retirar identidade à Rádio Pública. O director-adjunto Ricardo Soares admite a existência de «*alguma subjectividade*» na elaboração da *playlist*. Dificilmente poderia ser de outro modo, tendo em conta que as escolhas são feitas por pessoas, com diferentes gostos e sensibilidades, modos distintos de entender a rádio.

Música: Tema de playlist (Xutos)

Loc /JPG – Em Junho, os artistas com mais temas na *playlist* da *Antena 1* eram David Fonseca e os Xutos & Pontapés, com sete temas cada. Isto não significa, porém, que estes tenham sido os artistas mais ouvidos, ou sequer que todos os temas incluídos na *playlist* tenham passado na Antena1 durante aquele período. A *playlist*, enquanto instrumento de trabalho, poderá ajudar a objectivar as escolhas subjectivas. Mas, se encarada como um fim e não como um meio, o resultado será com certeza muito diferente, e ficará longe dos propósitos de um serviço público. A discussão em volta deste conceito é longa e muitas vezes redundante. Mas há três princípios básicos, comum e universalmente aceites desde que a BBC estabeleceu o conceito, há mais de 80 anos: *Informar, formar, entreter* – são ainda estas as linhas de rumo que o serviço público deve seguir. A radiodifusão pública portuguesa, por acréscimo da lei da rádio, tem também o dever da “qualidade”. Assim, a *playlist* poderá fazer sentido desde que estes princípios e deveres sejam respeitados e a qualidade acautelada.

Música _ tema da playlist

Loc /JPG – Mudemos de assunto.

Sons de rádio pelo mundo no Radio Garden

Loc /JPG – E para algo completamente diferente, vamos passear no *Jardim da Rádio*. Os amigos que me ensinaram o caminho para o Jardim da Rádio acertaram em cheio. Eles porventura sabiam que estavam a atingir-me na corda sensível. E agora eis-me a viajar à volta do globo terrestre e a seguir o trilho desse meio ainda único de comunicação – não tenho dúvidas em dizê-lo, meio absolutamente ainda único de comunicação – que é a rádio. Está em todo o mundo e põe toda a gente em comunicação com toda a gente. Basta ouvir. E bem me tinham avisado que a audição é o primeiro dos cinco sentidos. O Jardim da Rádio tem pétalas e espinhos, tem a linguagem universal da música e tem palavras: doces palavras em línguas e dialectos dolentes que nos embalam em canções d’ *amor*... Duros discursos que defendem ideias, pregam doutrinas ou agitam slogans... Notícias, mesmo em cima dos acontecimentos, porque a rádio estará sempre lá, onde as coisas acontecem... Experimentem. Façam a busca apenas por *radio garden*... Vão com a rádio e boas viagens. E no regresso, aterrem na rádio pública portuguesa.

Indicativo final

17 – 22 Set 2017 – Informação perde 50 jornalistas em 5 anos

Loc /JPG – *Liguei o carro e dei a volta devagar. Acendi a telefonia e ouvi o locutor dizer:*

Som arquivo – João Paulo Diniz: “Faltam cinco minutos para as 23 horas... Paulo de Carvalho com ‘E depois do Adeus’

Não me lembrava se ainda tinha alguma garrafa no Porão mas, pelo sim, pelo não, fui andando para lá.

A borboleta na gaiola, romance de Luís Filipe Costa.

O criador do formato e do estilo dos noticiários modernos em Portugal vai passar pelo programa do Provedor.

Indicativo abertura

Loc /JPG – Nesta edição do programa do Provedor damos notícias das notícias. Em entrevista ao Provedor, o director de informação informa que os meios da rádio pública são insuficientes.

Cortina

Loc /JPG – Proporcionar uma informação isenta e rigorosa é uma das principais incumbências da rádio pública. Neste programa vamos conferir com o Director de Informação da rádio pública, João Paulo Baltazar, como andam os meios para que o serviço público de rádio informe como deve. Isto é, vamos perguntar ao director de informação se a rádio tem os meios humanos e tecnológicos para informar como deve ser.

João Paulo Baltazar – *Não. São insuficientes.*

JPG – *Quais é que são mais insuficientes?*

JPB – *Os meios humanos. Vou dar um número, para as pessoas perceberem... A redação do conjunto das rádios perdeu mais de 40 – entre 40 e 50 profissionais – nos últimos 5 anos. Jornalistas. Isto é uma ordem de grandeza. Não é caso único, aconteceu em todos os sectores da empresa. Entre esses, saiu gente de muito valor e, portanto, deixou mais fragilizada a equipa. Quanto aos meios tecnológicos claramente são insuficientes, há um desgaste tremendo de equipamentos da rádio. Basta dizer – e isso ficou evidente agora, recentemente, com os incêndios florestais – que os equipamentos de que dispomos para fazer directos são insuficientes, são frágeis ... A rádio pública tem que dispor de meios pesados – não têm de ser muitos – para situações de emergência de protecção civil, como por exemplo um carro de comunicação de satélite...*

Loc /JPG – A rádio pública queixa-se de escassez de meios humanos e tecnológicos para cumprir a rigor o dever de informar. João Paulo Baltazar observa que os meios são insuficientes porque a ambição é muita. Neste caso, a ambição confunde-se com o dever legal e contratual de informar com rigor, diversidade e pluralismo. A escassez de meios reflecte-se na qualidade da informação.

JPB – *Reflecte-se numa cobertura mais deficiente do que está a acontecer. Quando um jornalista está numa situação de emergência e quer comunicar com a redação – com os Ouvintes, com a antena – a informação não flui. E isso é um caso grave. No dia-a-dia temos procurado fazer algumas melhorias, mas que comparado com as deficiências que ainda detectamos, não nos deixam satisfeitos. Vou dar um exemplo: a renovação dos gravadores de áudio que foi feita, para gravadores mais profissionais, com outra capacidade, que nos permitem aproximar daquilo que tem de ser um desígnio da rádio pública: ter um som de excelência. Que não tem.*

Som: transmissão deficiente

JPG / loc – Uma estação como a rádio pública, com deveres legais e constitucionais em matéria de informação e com uma imensa responsabilidade perante o justo reconhecimento dos portugueses, perdeu 50 jornalistas em 5 anos. A rádio pública faz contas para saber se há de começar por equipar-se com meios para enfrentar situações de emergência de protecção civil... Ou elevar a qualidade do som ao nível dos seus pergaminhos... Sendo certo que a escassez de recursos humanos já não dá para que a rádio cubra o País como deve com uma rede de correspondentes e repórteres locais.

JPB – *Está longe daquilo que seria desejável, mas com um esforço notável das equipas e dos profissionais que estão no terreno para trazerem a informação que se passa nas diferentes zonas. E esse é claramente um traço distintivo da rádio pública: não há nas outras rádios uma cobertura do território como aquela que existe na Antena 1. Nalguns locais – como no caso de Viseu, por exemplo, da Guarda, de Castelo Branco – os jornalistas que lá estão trabalham para a rádio e para a televisão. O que exige um esforço maior, que é feito, mas com resultados que muitas vezes penalizam a rádio.*

Loc /JPG – Em Abril deste ano, a queixa de um Ouvinte sobre um noticiário relativo à ocupação do balcão da CGD, em Almeida, pôs a nu o facto da rádio pública ter correspondentes e repórteres locais a meias com a televisão, no âmbito da integração dos dois meios na Rádio e Televisão de Portugal. Mas a parceria é leonina; e o repórter local, sendo a meias, devia prioridade á televisão. Razão teria o presidente da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, Carlos Magno, quando disse, no Parlamento, há mais de três anos, que a rádio estava a ser vampirizada pela tv. Claro que João Paulo Baltazar, director de informação da rádio pública, não dramatiza até ao nível vampírico a relação entre a rádio e a tv integradas na RTP.

JPB – *Nós temos procurado manter um diálogo muito intenso com a DI da televisão para que o critério seja de preferência este: quem pede primeiro tem prioridade...*

JPG – *Quem pede o quê?*

JPB – *Quem telefona a um correspondente e diz “olha, avança para tal sítio”... Porque é impossível estar a fazer o directo para os dois no topo da hora – para um noticiário da Antena 1 e um da RTP 3, por exemplo. Isso é impossível, compreendemos isso, e por isso temos de tentar encontrar aqui uma solução de compromisso de bom senso. Como é evidente, o cenário ideal seria termos sempre no terreno equipas de rádio e de televisão.*

Loc /JPG – A léguas do cenário ideal, a rádio pública vai cumprindo o dever legal e contratual de informar os portugueses. Mas as chamadas sinergias não estarão equilibradas entre a rádio e a tv na RTP.

JPB – *Sinto que devia existir uma maior atenção ao meio rádio no contexto da empresa... Não vou escamotear que isso é um problema: a rádio, com esta fusão das duas empresas – a integração da RTP e RDP – digamos que o saldo não é muito positivo para a rádio.*

JPG/ Loc – Saldo negativo para a rádio, da integração com a televisão, diz o director de informação da rádio pública. A entrevista com João Paulo Baltazar é uma conversa de gente crescida: olhos nos olhos e franqueza nas palavras. E é assim que falamos da escala hierárquica da rádio pública, na qual, sem colisão mas com alguma discussão, a missão de informar se submete por vezes aos imperativos da grelha.

JPB - *No dia-a-dia – é uma coisa que porventura os Ouvintes desconhecem – a rádio tem uma direcção de programação, de grelha, e uma direcção de informação, transversal a todas as antenas... E portanto, em última análise, a decisão final cabe sempre à direcção de grelha, a direcção de programação.*

Loc /JPG – Em caso de empate, as decisões na rádio pública não vão para prolongamento, nem para pontapés na marca de grande penalidade: decide a Direcção de Programas. A grelha é a dona disto tudo. João Paulo Baltazar reconhece que informação e programação nem sempre afinam pelo mesmo diapasão.

JPB – *Discordância, sim. Tem havido casos desses.*

Loc /JPG – E como balanço da conversa do Provedor do Ouvinte com o Director de Informação da rádio pública ficam duas ideias:

- Os meios humanos e tecnológicos disponíveis são insuficientes para que a rádio pública cumpra como deve a missão de informar;

- O saldo da integração com a televisão na Rádio e Televisão de Portugal é negativo para a rádio.

Separador

Loc /JPG – Os modernos noticiários da rádio, em Portugal, têm certidão de nascimento. Foi no início dos anos 60: as ideias, o formato e linguagem traziam a assinatura da voz do Luís Filipe Costa. Tudo mudou quando era mais difícil mudar. E a jornalista Inês Forjaz não precisou de viajar no tempo: afinal, os tempos do Luís Filipe Costa são também nossos tempos. Outros tempos significavam outra coisa.

Peça Inês Forjaz com Luís Filipe Costa:

Inês Forjaz – *Era o tempo dos dinossauros excelentíssimos:*

Luís Filipe Costa – *Sua Excelência o senhor Presidente da República!*

IF – *Foram quatro anos a trocar argumentos com a censura, só para simplificar a linguagem dos noticiários.*

LFC – Tivemos uma luta silenciosa mas dura, a enviar cartas, a pedir... “Sabe, nós temos uma linguagem em mangas de camisa” – foi uma expressão que o Paulo Fernando inventou – “e portanto não dá jeito estarmos a dizer ‘sua excelência o senhor presidente da república, senhor almirante Tomás’. A gente queria uma coisa mias fácil: o Presidente da República foi...

RM tomada de posse de Américo Tomás

LFC – Essa coisa de se dizer “o Jorge Sampaio”, ou “o Marcelo”, era inconcebível naquele tempo...

IF – Mas aquele era também o tempo dos submarinos amarelos.

LFC – Há realmente uma coisa importante ligada a tudo isto: o espírito dos anos 60.

IF - Estamos no início da década de 60 do século XX. E Luís Filipe Costa prestes a revolucionar a lógica das notícias na rádio.

LFC – Só se fazia, se é que podemos chamar jornalismo ao que se fazia, na Emissora Nacional. Que era um espelho do regime de Salazar: era uma coisa cinzenta, monocórdica.

IF – Havia dois noticiários por dia

LFC – Um à hora do almoço, outro à hora de jantar. E eram 30 minutos em que não se passava dada. Davam-se umas cinco notícias.

IF – É nesta altura que o Rádio Clube Português inaugura o serviço de notícias:

LFC – A ideia era: se o noticiário fosse mais ligeiro do que o da Emissora Nacional, poderia ser um local onde meteriam mais dois ou três anúncios, portanto era apenas uma operação comercial.

IF – Era.

LFC – E aquilo transformou-se numa trincheira

IF – À frente das tropas, Luís Filipe Costa.

LFC – Nunca fomos mais de 15. Fazíamos antes e pensávamos depois.

IF – Muda tudo. Periodicidade, linguagem e até a ordem das notícias.

LFC – Se caísse um prédio, era muito mais importante do que o ministro das obras públicas inaugurar um fontanário.

IF – O Rádio Clube passa a ter noticiários de hora a hora... com textos curtos... E directos ao assunto.

LFC – Em três linhas! Utilizávamos frases feitas, símbolos, títulos de livros ou filmes que estivessem em voga e que se associasse a uma ideia daquilo que nós queríamos passar para os Ouvintes.

IF - E este era também um truque para fintar a censura, como aconteceu neste caso em que o título dum livro de Sttau Monteiro serve para dar conta do assalto ao Banco

de Portugal, em 1967, assalto liderado por Palma Inácio para financiar a Liga de União e Ação Revolucionária, a LUAR.

LFC – No final, que era sempre dedicado à meteorologia, dizíamos. Amanhã o céu está muito cinzento, chove... mas Felizmente há Luar.

IF – Outra inovação, os títulos.

LFC – Iniciámos uma coisa que agora é vulgaríssimo, que era haver um sumário no início: vamos falar disto e daquilo e daqueloutro...

IF – E outra - os grandes acontecimentos não esperavam pela hora certa.

LFC – A morte do Kennedy, a chegada à Lua... Interrompíamos o programa que estivesse a decorrer e dávamos a notícia.

IF – A informação tinha sempre prioridade.

LFC – Quem estava a fazer o noticiário tinha autoridade para interromper o programa. Portanto a gente limitava-se a chegar a cabine e dizer ao locutor que estivesse a apresentar o programa “Espera aí, agora quando acabar o disco entro eu”. E era bem aceite. Havia esse espírito de aceitar que isto se fizesse.

IF – Portanto a informação tinha prioridade sobre a programação?

LFC – Sim, sim.

IF – Emissões especiais, noticiários de hora a hora, com títulos e textos directos ao assunto. A fórmula mantém-se.

Rm: *Primeiro satélite espacial chinês*

Loc/JPG – A informação conquistou a prioridade. E o mundo cabia nos noticiários de 2 / 3 minutos: linguagem viva, palavra clara, frase curta.

Cortina

Loc/JPG – A música do genérico do Programa do Provedor do Ouvinte é da autoria de Rogério Charraz, interpretada pela guitarrista portuguesa Marta Pereira da Costa e o contrabaixista camaronês Richard Bona. Sonorização e montagem: João Carrasco. Textos: Inês Forjaz, Viriato Teles e João Paulo Guerra

Indicativo final

18 – 29 Set 2017 – Diagnóstico dos directores: faltam meios à rádio pública

Loc /JPG – A rádio chega a todo o lado... Quando chega. A rádio é móvel e ágil. Quando é. A rádio continua a reinventar-se. Quando pode. Nesta edição do programa do Provedor do Ouvinte vamos ouvir a rádio pública... observada e relatada pelos directores das antenas 1, 2 e 3: nem tudo vai bem mas enfim...

- Indicativo abertura

Loc /JPG – As queixas dos Ouvintes que chegam ao Provedor com mais persistência revelam deficiências na difusão da rádio pública e problemas na qualidade do som. Ouvindo os directores das três Antenas – Rui Pêgo, João Almeida e Nuno Reis – o Provedor depara com uma palavra na qual a qualidade da rádio tropeça: a palavra é desinvestimento. Desinvestimento, assim mesmo registado por Rui Pêgo e Nuno Reis, dito por João Almeida por outras palavras. As fragilidades são comuns. E Rui Pêgo sublinha que a situação não é de hoje.

Rui Pego – Esta situação não é nova. Resulta directamente de dez anos – talvez um pouco mais – de total ausência de um plano estruturado de investimentos técnicos e tecnológicos sustentados num compromisso com o calendário de execução. Numa actividade em que a tecnologia se desenvolve em grande velocidade, a falta de um quadro de prioridades de investimento conduz inevitavelmente à degradação técnica e tecnológica agravada pelas dificuldades crescentes na construção de uma componente multimédia robusta, uma área central do desenvolvimento da produção de conteúdos.

Loc /JPG – Na Antena 2, o director, João Almeida, também tem recenseadas insuficiências e faltas. A Antena da cultura debate-se também e ainda com os efeitos da contracultura da austeridade.

João Almeida – A Antena 2 dispõe de meios humanos suficientes para subsistir, mas está longe do ideal ou mesmo daquilo que seria considerado normal para uma rádio desta natureza. Antes de mais, ao longo dos últimos dez anos, nós passámos numa situação em que tínhamos 40 pessoas para produzir a antena – entre realizadores, produtores – para metade: em dez anos, passámos de 40 para 20 pessoas. Falta também um novo sistema de gestão de emissão que permita colmatar as muitas falhas que o actual sistema regista. Falta ainda algo de mais estratégico, e que é de resto comum a quase todas as rádios europeias, que é uma orquestra. A rádio pública já teve uma orquestra, mas extinguiu-se no início dos anos 90 – uma orquestra da Radiodifusão Portuguesa. Com essa orquestra – se ela ressuscitasse, digamos assim – mesmo que fosse uma orquestra dum tamanho modesto, com uns 60 músicos, seria possível programar uma infinidade de música portuguesa, de música contemporânea, de obras que de um modo geral não são programadas pelas orquestras actuais.

Loc /JPG – O director da Antena 3, Nuno Reis, recupera para a conversa o termo desinvestimento. As palavras não aparecem por acaso nos vocabulários correntes. Desinvestir é algo mais do que não investir ou investir pouco. E é no desinvestimento que o director da Antena 3 encontra a raiz daquilo que a rádio da cultura pop queria ter e não tem.

Nuno Reis – Como director da Antena 3 gostaria de ter mais e melhores meios tecnológicos e uma equipa reforçada em alguns sectores. No entanto a RTP em geral e a rádio em particular enfrentam um desafio de adaptação a novas realidades – que já não são assim tão novas noutras geografias – com a aposta no online e uma produção mais transversal de conteúdos que implicam uma renovação tecnológica substancial. Este investimento de renovação torna-se ainda mais urgente se tivermos em conta que na última década as constantes incertezas em relação ao futuro do serviço público de média levaram a um desinvestimento tecnológico muito acentuado na RTP, com graves consequências para o dia-a-dia da empresa, operação rádio obviamente incluída.

Loc /JPG – A distribuição terrestre e digital é um problema da rádio pública que se arrasta. E arrastando-se, agrava-se. Rui Pêgo, director da Antena 1, denuncia que não é por falta de conhecimento da situação que a Rádio e Televisão de Portugal não avança para o investimento nas redes de FM.

Rui Pêgo – A RTP dispõe, há já uns anos, do mais completo estudo realizado sobre a cobertura efectiva das redes, o que permite a definição de um calendário de intervenções cirúrgicas nos diferentes centros emissores. Esta ação é absolutamente crítica na concretização de dois objectivos fundamentais do contrato da RTP com o Estado: disponibilizar o serviço de programas de rádio de forma universal e fazê-lo em condições técnicas de acordo com os padrões profissionais da actividade. No que toca à distribuição digital todos percebemos diariamente que o mundo se move a grande velocidade sem deixar espaço para hesitações.

Loc /JPG – Em relação à reorganização dos estúdios das estações da rádio pública, as novidades são de papel. Rui Pêgo, director da Antena 1, revela que há documentos recentes, fresquinhos, com data de Janeiro deste ano, sobre outros documentos com mais de uma década, definindo os critérios de reorganização dos estúdios. Mas a reorganização, entretanto, marca passo.

Rui Pêgo – Vale a pena transcrever uma ou duas notas finais desse documento para ser perceber com maior facilidade a dimensão do défice técnico e a inadequação dos espaços físicos. Vou citar: “o propósito de dotar os estúdios com capacidade real para responder às actuais necessidades de produção de conteúdos e às crescentes exigências das programações, deverá assentar em dois pilares essenciais: (1) tecnologia (i.e. dotar as unidades de capacidades tecnológicas de que não dispõem); e (2) eficácia operacional, designadamente no que diz respeito ao desenho das mesas e implantação de soluções no espaço físico definido para cada estúdio”. O documento em causa sustenta a necessidade da elaboração de um plano a 3 anos, devidamente calendarizado, que constitua um compromisso com uma estratégia digital para a rádio.

Loc /JPG – A rádio: e no entanto ela move-se. Não há como a rádio para chegar a qualquer ponto e dali reportar para qualquer espaço. Desde que os meios móveis o permitam. O director da Antena 1 constata no entanto que a rádio pública tem vindo a perder agilidade.

Rui Pêgo – O desinvestimento em tecnologia tem levado a comprovar, muitas vezes, que a televisão vai hoje onde a rádio não consegue ir. É preciso devolver à rádio

essa capacidade para se mexer. Alguém acredita que seja mais fácil transmitir áudio e imagem do que apenas áudio?

Loc /JPG – Com o futuro a conjugar-se já no presente, o director da Antena 1 coloca na ordem do dia a habilitação dos chamados recursos humanos – vulgo pessoas, trabalhadores, criadores e técnicos – para o ciclo digital.

Rui Pêgo – Para este objetivo – entrar decisivamente no novo ciclo digital – é fulcral para a rádio reconstruir as equipas, dotá-las de recursos humanos habilitados a trabalhar na área digital. Definir um perfil profissional, caracterizar as novas funções, inscrevê-las no Acordo de Empresa, de modo a poder responder aos desafios que aí estão. Não se pode perder de vista que a rádio é produzida, na esmagadora maioria dos seus conteúdos, pelo seu quadro de profissionais. E, todos o sabemos, as ideias precisam de intérpretes adequados.

Loc /JPG – O director da Antena 1 propõe, também nesta matéria, um plano de recrutamento a 3 anos. Ouviram bem: recrutamento e adaptação de recursos humanos para o digital. Neste domínio, o dos chamados recursos humanos, o depoimento do director da Antena 2 até parece que chega de outro planeta ou, pelo menos, de outros tempos. Num mundo e num meio que vão ganhando em tecnologia tanto como o que perdem em humanidade, João Almeida recupera a reivindicação de melhor remuneração do trabalho.

João Almeida – E seria muito importante que essa conformidade – entre o trabalho e a remuneração – se verificasse e fosse de certo modo retomada, como já chegou a haver, uma vez que já houve momentos onde os funcionários da rádio tinham a perspectiva de uma carreira, noção que hoje é bem mais complexa e bem mais difícil.

Loc /JPG – A rádio e a televisão públicas foram condenadas a serviços mínimos no final dos anos 80. Esta expressão, serviço público mínimo, na rádio e na tv, não é invenção do Provedor: está escrita no Programa do XXI governo, liderado por Aníbal Cavaco Silva. Depois, anos 90, ficou a rádio a contas com nova condenação aos serviços mínimos, também lavrada em programa de governo. Mas a rádio reinventou-se. E na primeira década do século XXI, RDP e RTP foram integradas numa só empresa, a Rádio e Televisão de Portugal. O ministro Morais Sarmiento chamou-lhe casamento. O dote com que a rádio contribuiu para a boda foi a taxa da radiodifusão que vigorava desde 1976. A taxa de televisão fora abolida em 1991. Para a televisão, o casamento com a rádio foi de alta conveniência. O acordo pré-matrimonial, com força de lei, previa que a rádio manteria a sua marca. Mas a marca RDP foi o primeiro bem que a rádio perdeu.

Som – Spot RDP

Loc /JPG – A integração teve críticos, entre os quais Rui Pêgo, actual director da Antena 1. Rui Pêgo foi crítico. Mas...

Rui Pêgo – *Fui crítico e levantei muitas reservas à fusão entre a rádio e a televisão. Sobretudo porque, como se percebia, a decisão não obedecia a uma estratégia. Era meramente instrumental. Mas a verdade é que era possível e desejável, de resto, definir uma estratégia – que tem vindo a desenvolver-se, com maior ou menos fulgor-, de modo a criar entre a rádio e a televisão, iniciativas conjuntas, promoção cruzada, conteúdos*

complementares, como foram as séries “E Depois do Adeus”, na televisão, e “Começar de Novo”, na rádio – só para citar um exemplo. E isto é positivo.

Loc /JPG – E no entanto, o director da Antena 1 reconhece que em matéria de investimentos técnicos e tecnológicos, a rádio sofreu uma clara diferença de tratamento e uma desvalorização.

Rui Pêgo – *Agora... quando tomamos em consideração os investimentos técnicos e tecnológicos feitos na rádio e na televisão, torna-se evidente que a diferença de tratamento entre os dois meios, com a clara desvalorização da rádio, não é consentânea com a performance deste meio e a importância que tem como fator de coesão nacional e de “último elo” de ligação com as populações em caso de catástrofe.*

Loc /JPG – Os directores da Antena 2 e da Antena 3, João Almeida e Nuno Reis, fazem balanços positivos da integração. No entanto, João Almeida reconhece que houve desequilíbrios.

João Almeida – *Claro que neste processo, como em muitos outros, houve desequilíbrios, porque por vezes a televisão tem uma predominância que a rádio tem dificuldade em acompanhar – em sobressair, digamos assim. Mas julgo que isso é o tal caminho e que, basicamente, deve-se procurar a todo o tempo identificar esses desequilíbrios e tentar mitigá-los, mas seja como for considero que é um caminho que, regar geral, considero que vai na direcção certa, mesmo que se verifiquem esses tais desequilíbrios.*

Loc /JPG – Nuno Reis, director da Antena 3, reduz a algum saudosismo as críticas à integração. Admite que a rádio pública acaba por ter vantagens em convergir num grande espaço integrado de plataformas *online*. E para o futuro, o director da Antena 3 até vislumbra uma direcção unificada da rádio e da televisão no âmbito da RTP. Afinal, aquilo que Morais Sarmiento uniu, já nenhum homem pode separar.

Nuno Reis – *Como seria de esperar a fusão da RDP e RTP foi um processo complicado, mas que passado o devido período de adaptação tem mais prós do que contras – na minha opinião, claro. Provavelmente, daqui a uns anos, as direcções separadas de rádio e de televisão já nem farão grande sentido.*

Loc /JPG – Contas feitas, Rui Pêgo, director da Antena 1, entende que o saldo da integração da rádio e da televisão poderia ser positivo... Poderia...

Rui Pêgo – *O saldo (da fusão) poderia ser francamente positivo se a integração tivesse sido equilibrada e a repartição dos esforços financeiros justa.*

Loc /JPG – E agora, temos presente o futuro. E o futuro não é a ilusão de uma história de ficção científica. É simplesmente um catálogo da indústria automóvel, com novos carros com áudio individualizado, sem recurso a auscultadores, experiências de entretenimento, wifi, até carros sem condutor...

Rui Pêgo – *O desafio é tremendo. Para entrarmos neste novo ciclo, a rádio – mais do que rádio – a RTP, a Rádio e Televisão de Portugal, precisa de uma estratégia digital. Há já caminho feito. Mas vai ser preciso andar depressa e investir seriamente no processo de convergência digital das operações tradicionais de rádio e televisão.*

JPG / Loc – Futuro presente, nas palavras de Rui Pêgo, director da Antena 1. Por outras palavras: este é talvez o tempo de a rádio se reinventar. Como? Convém que apanhe o TGV já em andamento, isto, claro, caso sobre dinheiro do dote para comprar o bilhete. Uma coisa é certa: até hoje, a velhinha rádio nunca falhou o constante desafio da reinvenção, apesar das escusadas paragens em todos os apeadeiros.

Indicativo final

19 - 6 Outubro 2017 – Presidente da RTP: Temos os diagnósticos, faltam os meios

Tapete – Rich man, poor man – banda sonora original

Loc /JPG – Quem não se lembra do irmão rico, Peter Strauss, e do irmão pobre, Nick Nolte, que povoaram o pequeno ecrã do imaginário dos portugueses? Quem se não lembrar do original, nos idos de 70, lembrar-se-á pelo menos da reprise, no início do século. É uma história desta casa, a RTP: sob o mesmo tecto viviam dois irmãos, homem rico, homem pobre. A alegoria, homem rico, homem pobre, pode ter outras aplicações, debaixo deste mesmo tecto: por exemplo, a rádio e a televisão, meios de comunicação irmãos. Sob este tecto, o da RTP, o meio rádio terá um quarto do investimento do meio irmão tv. O investimento ainda não recuperou da austeridade!

- Indicativo abertura

Loc /JPG – Os directores de programas e de informação das antenas 1, 2 e 3 responderam, de microfone aberto, ao Provedor do Ouvinte, sobre meios disponíveis, ou a falta deles, para cumprir as funções da rádio pública. Ouvidos os directores, o Provedor abre de novo o microfone e o Presidente da RTP, Dr. Gonçalo Reis, explica-se.

Gonçalo Reis – *A falta de investimento acontece em toda a RTP. Os anos da austeridade pesaram. Pesaram, é um facto, e os níveis de investimento baixaram para um patamar muito baixo.*

Loc /JPG – Mas já lá vamos, às razões e explicações de Gonçalo Reis, presidente da RTP. Para já, Inês Forjaz, recapitulemos, dos capítulos anteriores, o diagnóstico dos directores.

Inês Forjaz – *Tecnologia obsoleta e pouca gente para dar à manivela. As queixas são antigas, diagnósticos e propostas de cura também. A denúncia é de Rui Pêgo:*

Rui Pêgo – *Esta situação não é nova.*

IF – *O director da Antena 1 aponta para um documento estratégico a apanhar pó no Conselho de Administração há uma década:*

Rui Pêgo – *O documento em causa sustenta a necessidade da elaboração de um plano a 3 anos, devidamente calendarizado, que constitua um compromisso com uma estratégia digital para a rádio.*

IF – *Um plano com gente lá dentro.*

Rui Pêgo – *É fulcral para a rádio reconstruir as equipas.*

IF – *Pedido comum aos quatro directores. João Paulo Baltazar, à frente da Informação, não tem gente que chegue:*

João Paulo Baltazar – *Não. São insuficientes.*

IF – *E explica porquê:*

JPB – *A redacção da Antena 1 perdeu mais de 40 – entre 40 a 50 profissionais nos últimos 5 anos.*

IF – João Almeida, director da Antena 2, também faz as contas:

João Almeida – Ao longo dos últimos dez anos, nós passámos numa situação em que tínhamos 40 pessoas para produzir a antena – entre realizadores, produtores – para metade: em dez anos, passámos de 40 para 20 pessoas.

IF – Na Antena 3, o director Nuno Reis repete o pedido: mais gente, melhor tecnologia:

Nuno Reis – Como director da Antena 3 gostaria de ter mais e melhores meios tecnológicos e uma equipa reforçada em alguns sectores.

IF – Para a Antena 2, João Almeida pede também equipamentos que não sejam clássicos:

João Almeida – Falta também um novo sistema de gestão de emissão que permita colmatar as muitas falhas que o actual sistema regista.

IF – A falta de meios tem consequências graves nas emissões. O director de informação, João Paulo Baltazar, dá um exemplo.

João Paulo Baltazar – Quando um jornalista está numa situação de emergência e quer comunicar com a redacção – com os Ouvintes, com a antena – a informação não flui. E isso é um caso grave.

IF – E em casa onde não há pão, todos ralham... com razão. E nesta casa portuguesa, a rádio aponta para o irmão, com certeza.

João Paulo Baltazar – A rádio, com esta fusão das duas empresas, digamos que o saldo não é muito positivo para a rádio.

IF – Saldo negativo também nas contas do director de programas da Antena 1:

RP – O saldo (da fusão) poderia ser francamente positivo, se a integração tivesse sido equilibrada e a repartição dos esforços financeiros justa.

IF – Desequilíbrio. Palavra escolhida também por João Almeida, da Antena 2:

João Almeida – Deve-se procurar a todo o tempo identificar esses desequilíbrios e tentar mitigá-los, mas seja como for considero que é um caminho que, regar geral, considero que vai na direcção certa, mesmo que se verifiquem esses tais desequilíbrios.

IF – E na corda bamba da fusão entre a rádio e a televisão, o director da Antena 3, Nuno Reis, equilibra-se assim:

Nuno Reis – A fusão da RDP e RTP foi um processo complicado, mas que passado o devido período de adaptação tem mais prós do que contras.

IF – Prós e contras da rádio na tv. O debate segue dentro de momentos.

Cortina

Loc /JPG – O que pode ser mais delicado, na empresa RTP, serão alusões dos directores à integração dos meios rádio e tv, com eventuais desequilíbrios, diferenças de tratamento, até mesmo desvalorização do meio rádio. O actual presidente da RTP

conhece bem o processo: Gonçalo Reis estava na administração que integrou os dois meios, voltando depois para presidir à gestão da integração.

Gonçalo Reis – *É muito interessante: eu estava aqui na administração liderada pelo Dr. Almerindo Marques quando nós juntámos a rádio e a televisão. E isso na altura foi muito questionado. Hoje, a realidade da rádio e da televisão, que dantes eram primos afastados e que hoje são como irmãos sob o mesmo tecto, eu acho que é uma realidade positiva e, hoje, praticamente inquestionável.*

Loc /JPG – A verdade é que no inquérito do Provedor, o director da Antena 1 e o director de Informação questionaram. E o director da Antena 2 também identificou desequilíbrios. O presidente da RTP rebate, lançando a alegoria da fraternidade entre os dois meios. E põe os dados dos relatórios e contas em cima da mesa.

GR – *A RTP como um todo, desde 2004 – foi quando juntámos a rádio e a televisão nestes estúdios da Marechal Gomes da Costa, e quando houve também o Euro 2004, porque são eventos que propiciam uma certa política de investimentos – desde 2004 que nós não temos um programa estruturado de investimento. Forte, integrado, sério. Já passaram 13, 14 anos, e portanto nós sabemos das necessidades. Aquilo que os directores dizem é correcto, neste sentido de que os diagnósticos estão feitos, nós agora temos é que ter os meios.*

Loc /JPG – Para o Presidente da RTP, houve uma sombra que pairou sobre o investimento e o crescimento em Portugal: chamou-se austeridade.

GR – *Os anos da austeridade pesaram, é um facto, e os níveis de investimento baixaram para um patamar muito baixo. A RTP como um todo estava a fazer investimentos globais de 3 milhões de euros, o que é manifestamente pouco. Nós em 2016 e 17 dobrámos essa taxa de investimento, estamos a investir cerca de 7 milhões de euros /ano.*

Loc /JPG – E os efeitos da austeridade pegam-se à economia e às finanças, deixando nós que levam tempo a desatar.

GR – *Muitos dos investimentos não são naquilo que nós gostaríamos de fazer, mas é quase repor as capacidades que tínhamos.*

Loc /JPG – Na rádio, há um desinvestimento que já vem dos tempos antes da *troika* e que o presidente Gonçalo Reis considera irrevogável.

GR – *Ouvi no último programa o João Almeida falar no tema da orquestra, que a Antena 2 em tempos teve uma orquestra. Eu aqui vou ser muito claro: eu julgo que nós não temos condições para voltar a ter uma orquestra.*

Som – Orquestra da RDP: “Derby Day”

Loc /JPG – *Finale triste e sem brio. E no caso da orquestra da rádio, nem sequer se pode generalizar que este seja um paradigma europeu. Pelo contrário, a grande maioria das empresas de rádio e televisão mantêm a orquestra, apesar dos maestros da Finança. Andante ma non troppo. Um exemplo europeu, invocado pelo presidente da RTP, na entrevista ao Provedor do Ouvinte, é o da proporção do investimento na rádio face ao da televisão.*

GR – *Em média eu diria que o investimento em rádio deve andar entre 25 e 30 por cento.*

JPG – *Isso é a média europeia.*

GR – *É a média europeia e a média na RTP.*

Som – *The Buggles: “Video killed the radio star”*

Loc /JPG – Grande questão é que, como herança da austeridade, a RTP tem feito sobretudo investimentos de reposição, diz o Presidente. Mas Gonçalo Reis reconhece que entre as reivindicações dos directores da rádio pública, a rede de distribuição é a primeira das prioridades. E é simultaneamente a queixa mais persistente dos Ouvintes ao Provedor:

GR – *É absolutamente prioridade. Deixe-me dizer – aquilo que o João Paulo Guerra está no fundo a dizer faz todo o sentido. Ou seja: é uma crítica, mas é quase uma boa crítica. No fundo é gente, é público, são cidadãos que nos querem ouvir e ouvir cada vez melhor. Nós levamos o tema da distribuição muito a sério porque a universalidade é uma pedra basilar do serviço público. Nós investimos na TDT levando mais canais – RTP 3 e RTP Memória - à TDT e logo que seja possível queremos colocar os canais de rádio na TDT.*

Loc /JPG – Aqui chegados, o Provedor colocou uma questão concreta ao Presidente da RTP. Suponhamos que o presidente da RTP tem uma determinada disponível para investir; e tem duas propostas em cima da mesa: a compra de uma câmara de tv de última geração, ou a regeneração da rede de emissores FM da rádio. A verba só dá para uma proposta. Qual escolhia?

GR – *Nós aí, numa situação dessas, vamos olhar para o meio que está mais afectado no ponto actual e aquele que o investimento terá mais impacto. Ou seja, é caso a caso, nós não temos os critérios predefinidos e portanto balanceamos as coisas. E não só entre rádio e televisão, como temos de balancear entre antenas nacionais e internacionais, entre centros regionais – Porto, Lisboa, Açores, Madeira. O jogo da RTP é sempre de equilíbrios.*

Loc /JPG – Neste jogo de equilíbrios entra também o mais novo rebento da família, o *online*. E o presidente da RTP, Gonçalo Reis, admite que dada a importância estratégia da rádio e do *online*, na empresa só entenderá uma discriminação positiva que proteja esses meios.

GR – *Como tradicionalmente a televisão tem tido muitos meios, eu até diria que estamos abertos a uma discriminação positiva para a rádio e para o online, porque são meios que nessa medida têm de ser protegidos.*

Loc /JPG – Gonçalo Reis confessa-se, ao Provedor, Ouvinte de rádio.

GR – *Ouçó rádio, ouço a Antena 1. Sou um Ouvinte de rádio muito particular, porque só ouço rádio no carro e só ouço notícias. Gosto de notícias, e a minha rádio de eleição é a Antena 1.*

Loc /JPG – E como Ouvinte, até admite escrever ao Provedor. Como Ouvinte, insiste...

GR – *Eu vou-lhe dizer: eu sou um particular Ouvinte da Antena 1. Eu gosto muito de informação, gosto muito de comentário, acho que nós temos cada vez melhor comentário – começou agora o Sena Santos, há uma série de programas de debate, de confronto, que eu acho que são muito interessantes, na nossa rádio. Eu, como Ouvinte, eu gostava que a Antena 1 tivesse mais informação, até porque nós temos uma excelente informação. Mas, atenção, estou a falar como Ouvinte.*

Loc /JPG – O Provedor do Ouvinte tem também a função de contribuir para uma cultura de autocritica e de prevenção de eventuais atitudes corporativas na empresa pública de Rádio e de Televisão. E foi assim que os directores de programas e de informação das antenas 1, 2 e 3 responderam, de microfone aberto, ao Provedor, sobre meios disponíveis, ou a falta deles, para cumprir as funções da rádio pública. Ouvidos os directores, o Provedor do Ouvinte abriu de novo o microfone e o Presidente da RTP, Dr. Gonçalo Reis, explicou-se.

Gonçalo Reis – Nós estamos empenhados, o que eu diria é que nos últimos anos a RTP tem feito sobretudo investimentos de reposição e estamos conscientes de que há necessidades para cumprir.

Som – *Mix João Almeida e Orquestra da RDP: “Derby Day”*

Loc /JPG – Derby Day, marcha adoptada como Hino da R.T.P., aqui cantarolada por João Almeida e interpretada pela extinta Orquestra da Radiodifusão Portuguesa.

Indicativo final

20 – 13 Out. 2017 – Antena 2: entrevista com Luís Caetano

Tapete – Prova D'Orchestra – Fellini / Nino Rota

Loc /JPG – A meio do ensaio da orquestra, o maestro sacode a batuta e confessa: “sinto-me um fantasma”... Mas isso é no filme *Ensaio de Orchestra*, de Federico Fellini, 1978. Não, não vamos levar o programa do Provedor ao cinema. Neste programa falamos de cinema e teatro, de artes plásticas, de literatura, de livros, de música. E a propósito de música, nesta edição do programa do Provedor também contamos uma história: Era uma vez... uma orquestra...

- **Indicativo abertura**

Loc /JPG – Nesta edição, o programa do Provedor sintoniza a *Antena 2*. É nosso convidado Luís Caetano, um dos coordenadores da Antena. A escolha teve um critério. Escolhemos em função da presença em Antena: Luís Caetano é autor de seis programas, disseminados dia e noite pelos dias da semana, e ainda participa em dois outros programas. Falemos pois com Luís Caetano, jornalista da Antena 2, o que quer que seja que signifique ser-se jornalista da Antena 2.

Luís Caetano - *A Antena 2 exige que tenhamos um acréscimo de bom gosto e de bom senso... e de preferência de alguma criatividade... Porque muitas vezes não falamos, não propomos, aquilo que é muito simples de entender, aquilo que é básico, comum. Procuramos um pouco mais da exigência que o público nos pede.*

- **Música: Shostakovich jazz suite 2 waltz**

Loc /JPG – Nas conversas de Luís Caetano em antena cruzam-se referências à música, às artes performativas e artes plásticas. Literatura e livros, poesia e prosa. Com Luís Caetano falamos de tudo isso numa conversa com rádio, como não podia deixar de ser.

Luís Caetano – *Bem, a rádio sempre foi sinónimo de autonomia. Sempre foi a agilidade que vence a televisão porque a televisão, pelo menos no passado, as ainda hoje, exige uma movimentação de meios... A rádio hoje é aquela que consegue passar por um corredor fino com o seu microfone, muitas vezes acoplado a um telemóvel, enquanto a televisão implica geralmente um camião.*

Indicativo A Força das Coisas

Loc /JPG – No índice da Antena 2, Luís Caetano responde pelos títulos “A Força das Coisas”, “Um Certo Olhar”, “A Vida Breve”, “O som que os versos fazem ao abrir”, “A Ronda da Noite”, “Última Edição”. Desafiou Inês Lourenço para “A Grande Ilusão”, o espaço semanal de cinema da Antena 2, e empresta a voz ao “Jazz a dois”. Ainda bem que a rádio vive dia e noite e se deita tarde, porque assim ganha mais tempo de vida.

Luís Caetano – *É uma relação íntima que se cria com a rádio e por isso torna-se parte da vida. Não é trabalho, é a vida. E este estúdio onde nos encontramos agora, o estúdio 17, é de facto uma segunda casa.*

Indicativo Jazz a 2

Loc /JPG – A cultura é a identidade da Antena 2. Noutros tempos, a cultura rimava com literatura e outras rimas duras. Hoje o conceito é tão vasto como largas são as vistas das pessoas e intensas são as paixões das suas almas.

Luís Caetano – *É uma antena onde o programa de autor ainda tem espaço, numa era em que isso é cada vez mais raro. Cada um de nós faria uma Antena 2 diferente. A Antena 2 tem uma direcção que segue linhas, que segue uma fórmula, e o que se pretende hoje é chegar a um público variado, eclético, a novos públicos...*

Loc /JPG – Os tempos mudaram e Antena 2 também se vai adequando à mudança dos tempos. Mas, como Luís Caetano faz questão de dizer, a fantasia continua a fazer parte da sedução.

Luís Caetano – Na rádio há algo que nos prende que é a incógnita, o segredo, a fantasia... Quem nos ouve pergunta-se: quem é este tipo? A voz indica-me alguém assim, será que é? E quem está deste lado, ah! Como se interroga: com quem estou eu a falar? Quem és tu que estás desse lado? E portanto essa fantasia existe, é recíproca... e enquanto existir rádio ela não há de desaparecer.

Loc /JPG – A rádio pública tem uma Antena para a cultura. É um luxo numa rádio que é parente pobre da comunicação audiovisual. Fica por saber se as restantes antenas têm cultura quanto baste.

Luís Caetano – Senhor Provedor: essa é uma pergunta que me pode comprometer... Eu espero que sim.

[Indicativo Última Edição](#)

Loc /JPG – Em vinte anos de rádio e mais ainda desde que assumiu maior protagonismo na Antena 2, Luís Caetano tem conversado em antena com grandes figuras das artes e das letras. São vozes que entraram na nossa convivência em directo de concertos, de festivais literários, ou do recato dos estúdios. As vozes passam, mas ficam na memória da rádio.

[Mix Vozes entrevistados: John Malkovich etc](#)

Loc /JPG – E nas lembranças da rádio, a jornalista Inês Forjaz procurou e encontrou esta história: Era uma vez... uma orquestra.

[Base: sons de ensaio da Orquestra Sinfónica da RDP](#)

Inês Forjaz – *Ouvem-se risos no último 3ensaio da Orquestra Sinfónica da RDP. O ambiente parece descontraído, afinam-se os instrumentos como se fosse um dia qualquer.*

Zulmira Holstein – *Dia 2 de Dezembro de 89.*

IF – *Mas nem sempre o que parece é.*

Cristina do Carmo – *É um fim, uma perspectiva que acaba...*

Gerardo Holstein – *Recordo-me bem do último concerto, tinha uma carga emocional grande porque quando se interrompe uma actividade destas, nunca mais recomeça...*

CC – Foi um concerto muito comovente e ao mesmo tempo um bocadinho traumatizante: ainda hoje me lembro exactamente do dia, da hora...

IF – Regressamos a Dezembro de 1989 com a ajuda de três músicos que estiveram no último concerto da Orquestra da Rádio:

ZH – Zulmira Holstein, viola.

GH – Gerardo Holstein, violino.

CC – Cristina do Carmo, fazia aumentos em violino.

IF – Os aumentos, ou reforços, eram os músicos contratados para completar uma orquestra que foi ficando sem músicos ao longo dos anos.

GH – Com as dificuldades económicas nem sempre era possível fazer, já não digo grandes obras, mas ia-se aguentando. Depois os músicos foram-se reformando, foram saindo, e apareciam os aumentos. Mas a certa altura os aumentos já não tinham a possibilidade de fazer os ensaios todos, faziam só três ensaios antes do concerto, o que causava um certo desequilíbrio musical e artístico...

IF – A orquestra foi criada em 1934, a primeira queixa sobre a falta de músicos vem da década de 60. O orçamento era limitado, o meio musical também. Ainda assim a orquestra desdobra-se em várias, dá concertos, encomenda obras, atrai vedetas e compositores estrangeiros, grava pra a rádio. Tinha público.

GH – Os concertos tinham público.

IF – Muito público, lembra Gerardo Holstein.

GH – ...e com o andar do tempo a orquestra foi-se reduzindo, mas enfim, lá se aguentou até aos finais dos anos 80.

IF – Era já primeiro-ministro Aníbal Cavaco Silva, a orquestra é extinta.

ZH – Nunca nos disseram isso nessa altura, que ia acabar...

IF – Regressemos com Zulmira von Holstein ao dia do último concerto.

ZH – Preparámo-nos no ensaio geral para tocar o hino, porque aquele era o último concerto da orquestra. Mas não ia acabar...

IF – Mas o anúncio da morte da orquestra não tinha sido manifestamente exagerado.

ZH – Mais ou menos dois anos e tal depois ainda tivemos umas reuniões em que ainda havia a hipótese de se fazer uma orquestra de câmara. Isto antes das férias. Depois, quando voltámos de férias, já não havia dinheiro para a orquestra de câmara, e então acabou.

IF – No último ensaio do último concerto ainda se discutia o pagamento da gravação do hino aos “aumentos”. E ao contrário dos músicos do quadro, Cristina do Carmo não teve dúvidas de que era o fim.

CC – Eles não sabiam, porque internamente iriam ouvindo coisas que eu não [ouvira]. Para mim acabou.

IF – Assim foi o fim, há quase 30 anos. E o regresso? O regresso da orquestra da rádio pública seria possível?

CC – Eu acho que seria importante, ainda mais porque nós chegámos a um ponto em que há jovens a tocar muito bem. Não se compara com aquilo que era...

IF – Gerardo Holstein concorda:

GH – Uma orquestra ligada a uma rádio e a uma televisão, à semelhança daquilo que acontece na Europa e no mundo, não seria nada invulgar. Será difícil, mas penso que valeria uma aposta.

IF – E Zulmira Holstein assina por baixo. Da certeza e das dúvidas.

ZH – Acho que seria bom ter uma orquestra. Mas, hoje em dia, duvido...

IF – Quando ao director da Antena 2, João Almeida, é realista e pede por isso o impossível:

João Almeida – Mesmo que fosse uma orquestra de tamanho modesto, com uns 60 músicos, seria possível programar uma infinidade de música portuguesa, de música contemporânea... enfim, de obras que, de uma maneira geral, não são programadas pelas orquestras actuais...

IF – também realista, Gonçalo Reis, presidente do Conselho de Administração da RTP, responde:

Gonçalo Reis – Eu acho que nós não temos condições para voltar a ter uma orquestra.

Som: Orquestra Sinfónica da Radiotelevisão da Roménia

Loc /JPG – Os três músicos entrevistados continuam a trabalhar na RTP, embora em funções bem diferentes.

A passagem do concerto de Jolly Braga Santos que ilustra a reportagem de Inês Forjaz é interpretada pela Orquestra Sinfónica da Rádio e Televisão ... da Roménia, dirigida por ... Silva Pereira. O último concerto da orquestra da Radiodifusão Portuguesa foi também dirigido pelo maestro Silva Pereira há 28 anos. Depois disso, a rádio ficou sem concertos.

Indicativo final

21 – 20 Out. 2017 – Antena 3: entrevista com Luís Oliveira

Tapete – Excerto “Alta Tensão” (prog. Heavy Metal)

Loc /JPG – “Do que eu gosto mesmo é da rádio...”, dizia Jaime Fernandes citado por António Macedo. Jaime Fernandes morreu em Outubro de 2016, faz agora um ano. Desempenhava então a função de Provedor do Telespectador. Mas lá no éter, onde estará em paz, cruzam-se todas as frequências e comprimentos de onda da rádio: o Céu do Jaimex. Cá na terra, entre o muito que deu à rádio conta-se a Antena 3. Jaime Fernandes participou na fundação da Antena 3 e defendeu-a de muitas investidas, designadamente por parte de governantes que tinham um pé danado ao terceiro canal da rádio pública. Nesta edição do programa do Provedor do Ouvinte, sintonizamos a Antena 3.

- Indicativo abertura

Loc /JPG – Foi há 23 anos e meio, a 26 de Abril de 1994: A Antena 3 foi notícia na Antena 1; Jaime Fernandes foi o protagonista que João Barreiros pôs no ar.

RM lançamento da Antena 3, apresentação por Jaime Fernandes:

Jaime Fernandes – É um canal que foi elaborado, em termos de conceito, a partir de algumas experiências já provadas fundamentalmente em FMs americanos e alguns FMs europeus, e portanto no essencial ser mais uma alternativa em termos do produto que a RDP tem para oferecer ao seu auditório. Faltava à RDP um produto que pudesse cobrir uma faixa etária que nós estimamos que se possa situar entre os 15 e os 45 anos com um produto que, no essencial – e no fundamental, diria mesmo – nós trabalhamos a moderna música popular.

Spot antigo Antena 3

Loc /JPG – A 3 nasceu pela voz de Jaime Fernandes em 1994. Mas antes de completar 23 anos deixou de ser jovem. Isto é, jovem continua a ser; mas é jovem e mais alguma coisa. Luís Oliveira, coordenador, responsável pela playlist, uma das vozes da Antena 3, explica o que quer dizer isso de *alternativa Pop*.

Luís Oliveira – Será sempre o canal jovem das antenas, mas a ideia é sermos uma casa da cultura pop na Antena 3 e fazer com que essa marca e essa ideia ultrapasse até o FM

Jingle Original Instrumental

Loc /JPG – Parecendo que não foi um longo caminho para chegar da rádio jovem à alternativa pop. E ao longo desse caminho, a designação rádio jovem foi caindo... caindo... até que caiu. Foi o tempo necessário para a Antena entender que é algo mais do que um canal de rádio jovem ou dirigido aos jovens.

Luís Oliveira – Eu diria que nós vamos à procura de um público jovem adulto. Claro que se houver, e há, muita gente que nos liga fora daquele que é apontado como o nosso target, nós não vamos dizer “olhe, já não pode ouvir a antena 3 porque já passou da idade”, ou ao contrário – “não pode ouvir porque ainda não chegou à idade de a ouvir.”

Som de Emissão (Luís Oliveira com Alexandre David - Bom dia e boa sorte)

Loc /JPG – A rádio, qualquer rádio, resulta de quem a pensa e de quem a faz. E dos meios que tem, claro está. A Antena 3 atravessou os tempos de várias crises. E as crises deixam cicatrizes, por vezes marcas que nunca mais passam. Foi assim também na Antena 3, como reconhece Luís Oliveira.

Luís Oliveira – *O ambiente dentro da empresa RTP, durante muitos anos, com o congelamento das carreiras e tudo o mais, nem sempre foi uma casa perfeita para trabalhar. E esse destapar da panela de pressão cria assim um determinado tipo de expectativas que provavelmente não se concretizaram. Mas eu acho que são razões sempre muito pessoais e eu diria que em pouquíssimos desses casos há um não acreditar no que se vai fazer, embora possa haver opiniões distintas como é óbvio do caminho seguido pela rádio.*

Excerto última emissão M (de Mónica Mendes)

Loc /JPG – A Antena 3 é hoje tudo o que ficou e o que foi chegando depois de tudo o que entrou e saiu. E a rádio, sendo jovem, tem uma memória passada onde gravou nomes que contaram mas não ficaram para assistir ao que agora já é futuro.

Luís Oliveira – *Houve nos últimos dois anos e meio se calhar mais saídas e entradas na Antena 3 do que teria acontecido num espaço equivalente de outros anos. Isso teve a ver com duas coisas em particular: há algumas pessoas quer nós procurámos que trouxessem outras valências porque passámos a fazer uma operação mais complexa e que extravasa o que se passa no FM. E a outra razão, que está mais ligada às saídas, são razões de índole pessoal. Nunca foi ninguém que não coubesse neste projecto.*

Excerto Planeta 3 (de Raquel Bulha)

Loc /JPG – A Antena 3 / a Alternativa Pop da qual Luís Oliveira faz parte, com funções de coordenação, foi recebendo e organizando as respectivas instruções genéticas, designadamente as que adquiriu por via da música. Os festivais de música estão no ADN da Antena 3. Mas os festivais massificaram-se; e a Antena 3 foca-se agora nos festivais mais particulares e independentes.

Spot Antena 3 no Bons Sons

Luís Oliveira – *Os festivais são um bom exemplo [do ADN da Antena 3], porque a antena 3 teve, e eu aqui estou a falar como Ouvinte, porque na altura era Ouvinte da antena 3, um papel muito importante na consolidação do que são os eventos de verão, os festivais de verão. Entretanto esse mercado mudou. Esse mercado é hoje muito agressivo com uma presença das marcas também muito agressiva e às vezes até coartando um bocadinho aquilo que pode ser o papel da Antena 3 nesses grandes eventos, onde nós queremos estar presentes, mas queremos estar mais próximos de eventos como o Bons Sons e até de outras produções independentes que muitas vezes acontecem fora das grandes cidades. Eu posso dar alguns exemplos do que fizemos este ano: Med, Loulé, Sines, Paredes, o Bons sons também, o Indie music fest em Paredes, o Milhões de festa, em Barcelos... São todos festivais mais pequenos, muitos deles com produção independente, e a antena 3 olha para eles se calhar da mesma forma que olha para alguns artistas, ou seja, dando-lhes posição e ajudando-os a crescer.*

Excerto Portugália (Henrique Amaro)

Loc /JPG – A música da Antena 3 é difundida em playlist e Luís Oliveira é o responsável pela lista de difusão musical da alternativa pop. Mas na Antena 3 o animador tem alguma liberdade de escolha.

Luís Oliveira – *Eu sou o coordenador da playlist. Temos felizmente uma rádio muito boa nesse aspecto, porque temos muita gente interessada em música e eu recebo sugestões de toda a gente. Temos um leque muito variado de programas de divulgação musical, do heavy metal à música de dança, passando pelo hip-hop, e isso também faz com que essas escolhas da playlist tenham isso em consideração. Há coisas que nós sabemos que não tendo um espaço de divulgação na playlist serão certamente tocadas pelo autor A, B ou C na nossa estação. Portanto a todos estes temas que eu falei há a acrescentar ainda muitos mais que são tocados diariamente na estação, nos programas, alguns deles exclusivamente de música portuguesa.*

[Som: Emissão com Luís Oliveira](#)

Loc /JPG – A par da música, a linguagem é outras das marcas da Alternativa Pop. A linguagem é uma mas diversa. E muitas linguagens cabem no modo de falar da Antena 3.

Luís Oliveira – *Há uma linguagem, mas é uma linguagem que se quer diversa. Quando se tem tantos profissionais em antena, como o Fernando Alvim ou o Ricardo Saló, para dar dois exemplos, não se pode falar numa linguagem unificada, Porque se quer em antena também essa pluralidade de discurso, a riqueza da antena 3 vem muito daí.*

[Excerto Ricardo Saló com indicativo](#)

Loc /JPG – A linguagem da Antena 3, ou se preferirem da Alternativa Pop, tem com frequência a marca da irreverência. Luís Oliveira, coordenador da antena, sabe que a irreverência é marca antena. Mas a irreverência deve fazer distinção da grosseria.

Luís Oliveira – *Deve fazer [a irreverência], mas não deve ser mal-educada. Espero eu que não seja. E acho que quem faz rádio com a espontaneidade com que fazem os profissionais da antena 3 corre esse perigo, porque muitas vezes trabalha mais sobre o arame e pode aqui e ali a coisa descambar. Tudo o que acontece no estúdio acontece em tempo real. Há outras rádios que gravam alguns takes: mesmo que seja naquela hora, permite-lhes corrigir esses erros ou exageros aqui isso não acontece. Não me custa ficar ao lado dos Ouvintes percebendo algumas das suas preocupações*

[Spot Prova Oral: La Prove Orale](#)

Loc /JPG – A civilidade é um limite que cabe nas regras da vida em sociedade, sem afrontar a liberdade. Na rádio pública, a liberdade de expressão é o primeiro dos valores e a primeira das práticas.

Luís Oliveira – *Mas posso admitir que aqui e ali esse lado da espontaneidade e do atrevimento possa passar das marcas. Isso é comentado entre a equipa porque – exagerando um bocadinho, mas não exagerando muito – se calhar há alturas em que um palavrão até pode fazer sentido.*

[Excerto “Rimas e Batidas”](#)

Loc /JPG – A linguagem, ou eventuais excessos da linguagem, são o motivo mais persistente para queixas dos Ouvintes ao Provedor relativos à Antena 3.

E já que estamos a falar das queixas dos Ouvintes, vamos pôr a escrita em dia. No Verão, as queixas dos Ouvintes ao Provedor meteram férias: entre Junho, Julho e Agosto o número de mensagens dos Ouvintes ao Provedor andou perto da centena. Apenas. Números abaixo da média dos últimos meses. Mais de 70 por cento das queixas dos Ouvintes diziam respeito à Antena 1, o que os próprios índices de escuta explicam; cerca de 20 por cento das queixas relativas à 3. As queixas sobre a Antena 2 são residuais. As queixas mais frequentes continuam a ser relativas a dificuldades no acesso ou na audição da rádio pública. Já aqui ouvimos, em programa anterior, o presidente da RTP prometer que a regeneração da distribuição da rádio é uma prioridade. Trata-se então de... rapidamente e em força... meter mãos a essa obra. Quanto aos Ouvintes, para queixas, críticas, perguntas e sugestões, escrevam ao Provedor do Ouvinte. Formulário no *site* da RTP. Clique: já lá está.

[Indicativo fecho](#)

22 – 27 Out. 2017 – RDP África: entrevista com Carlos Menezes

Tapete – Xidimingwana - Ntombi ya ku Chonga + “Hora das Cigarras”:

No oco salão de baile // cheio das luzes fictícias da civilização // dos risos amarelos // dos vestidos pintados // das carapinhas desfrizadas da civilização, // o súbito bater da bateria do jazz // soou como um grito de libertação, // como uma lança rasgando o papel celofane das composturas forçadas.

Depois, // veio o som grave do violão // a juntar-lhe o quente latejar das noites // de mil ânsias de Mãe-África, // e veio o saxofone // e o piano // e as maracas matraqueando ritmos de batuque, // e todo o salão deixou a hipocrisia das composturas encomendadas // e vibrou. // Vibrou!

Loc /JPG – Excerto do poema Samba, de Noémia de Sousa, dito por Ana Paula Gomes, no programa O Canto das Cigarras. Nesta edição, o programa do Provedor sintoniza a RDP África.

- **Indicativo abertura**

Loc /JPG – África Bom Dia, boa tarde ou boa noite. A 8.400 km de Portugal, Moçambique só tem os relógios adiantados uma hora em relação ao meridiano de Lisboa.

Abertura Noticiário com Horas nos Países todos (10 segundos de voz + trilha que pode entrar debaixo da próxima locução)

Loc /JPG – África Adeus... até à vista... Até já: encontramos-nos no éter. A RDP África transmite de Lisboa. E recebe som de retorno n’ *A Hora dos Ouvintes*. São vozes sem fronteiras que navegam nas ondas da rádio.

Hora dos Ouvintes – Pescador ilha do Sal

Loc /JPG – Carlos Menezes, coordenador da informação, guia-nos por esta viagem nas ondas da RDP África: do Portugal europeu à costa ocidental e à contracosta oriental do continente africano. A RDP África motiva a adesão e reflecte o bom acolhimento dos Ouvintes. Carlos Menezes, coordenador da informação da RDP África, diz que o retorno dos Ouvintes dá outra vida à rádio.

Carlos Menezes – *Esta nossa rádio, RDP África, vive muito disto. E então aqui em Portugal – onde há uma comunidade muito grande de imigrantes de língua portuguesa – há vinte anos, nós não tínhamos uma rádio que passasse a música, que desse as notícias dos respectivos países. E agora já não. Portanto, há uma simbiose, uma ligação muito permanente com os nossos Ouvintes. Se têm dúvidas ligam, por causa duma ou outra notícia, há uma ligação muito permanente.*

Indicativo “África Eléctrica”. Locução entra sobre a música.

Loc /JPG – Vozes sem fronteiras, nas ondas da RDP África. Vozes sem fronteiras... mas com ideias.

Carlos Menezes – *No espaço que é depois do noticiário das 10, falam mais dos problemas que têm a ver com os respectivos países. Mais questões políticas, também às*

vezes questões culturais... E a maior parte dos participantes é da Guiné-Bissau. Dada a situação que o país atravessa, há muita participação dos guineenses.

Som: Ouvinte da Guiné

Loc /JPG – O coordenador da informação da RDP África reconhece também que comunicar de Lisboa para África não requer simplesmente falar a mesma língua.

Início do Indicativo “A Língua de Todos”

Loc /JPG – Falar para os países africanos independentes também reclama sensibilidade, sem abdicar da independência da informação e da procura da verdade.

Carlos Menezes – *Por vezes. Mas isto é como tudo, em todo o lado... Há sempre uma notícia, ou um comentário... Nós temos um programa, o Debate Africano, que é moderado pelo director Jorge Gonçalves e tem participantes dos vários países – Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe – que por vezes fazem comentários que podem não agradar...*

JPG – Não agradar a quem?

CM – *A parte deles, não é? E também as notícias. Porque nós, RDP África, funcionamos como a rádio portuguesa: as notícias são abertas, o facto tem de ser dado. Claro que não damos por dar: pesquisamos as notícias, procuramos a verdade que está à volta do facto, e ouvimos as partes todas.*

Loc /JPG – Contra o que é uso corrente, num caso a RDP África não conseguiu ouvir o outro lado de uma notícia. Fez por isso, mas não conseguiu. É uma história recente: o Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde encomendou a uma agência portuguesa a organização de um Festival Literário. A nata das letras cabo-verdianas não se reconhecia no Festival Morabeza. A RDP África ouviu o ministro da Cultura de Cabo Verde...

RM Ministro da Cultura de Cabo Verde – *É uma iniciativa que reactiva uma política pública de incentivo ao livro e à literatura. Não faz sentido que nós convidemos autores para irem reunir numa sala, a falar sobre literatura e sobre o caos criativo.*

Loc /JPG – Quem fala assim... é o ministro da Cultura e das Indústrias Criativas de Cabo Verde, ouvido pela RDP África... Que não chegou a ouvir o outro lado da notícia.

Carlos Menezes – *Já sei, foi o seguinte: A entrevista foi feita por uma colega para um espaço que nós temos, intitulado “Entrevista RDP África” e então esta notícia foi dada como forma de promover [o festival]. Agora, o que se passou atrás, toda a polémica que houve, eu estava de férias nessa altura...*

JPG – *Pois. Nós sabemos que houve umas diligências, mas não foi possível...*

Carlos Menezes – *Porque por vezes é difícil – e isso não acontece só com a RDP África – ou porque o telefone não está disponível, ou porque a pessoa não está disponível para falar...*

Loc /JPG – Porém, o programa do Provedor do Ouvinte conseguiu chegar à fala com o outro lado da notícia. Inês Forjaz:

Peça sobre Festival Literário de Morabeza:

Inês Forjaz – Arménio Vieira, Germano Almeida e José Luís Tavares. Eram três, os contestatários... Sobra um:

José Luís Tavares – Carrego o meu país nos meus livros e não admito que o ministro da Cultura de Cabo Verde, sr. Abraão Vicente, fale da minha pessoa nesses termos.

IF – Quem fala assim é José Luís Tavares... O poeta explica que tudo começou com o anúncio do festival:

JLT – O Sr. ministro, em pleno parlamento, diz: está confirmado este, aquele e aqueloutro e agora perspectivamos convidar os escritores cabo-verdianos mais relevantes.

IF – Para Morabeza foram anunciados vários autores do lote habitual da empresa portuguesa Booktailors. Nenhum era Cabo-Verdiano.

JLT - Tratamento que eu acho que é inadequado para os escritores cabo-verdianos.

IF – A contestação foi divulgada pela agência de notícias de cabo verde...em reacção, o ministério da cultura promete destaque para os autores locais, a começar por Arménio Vieira.

JLT - Eu acho que o Arménio fez bem em aceitar ir ao Festival, porque acabou por obrigá-los a “engolir” e a fazer aquilo que eu tinha exigido, que o Arménio Vieira como único Prémio Camões cabo-verdiano devia ser o cabeça de cartaz desse evento.

IF – Germano Almeida também recua e aceita o convite para Morabeza.

JLT – Óptimo para o Germano, óptimo para o festival.

IF – Mas José Luís Tavares mantém a posição:

JLT – E mantê-la-ei.

IF – É nesta altura que o ministro da cultura Abraão Vicente dá uma entrevista onde sugere que José Luís Tavares é racista... por continuar a contestar a lógica do festival encomendado pelo Governo à Booktailors. Um festival que o poeta considera mais turístico do que literário.

JLT – Referindo-se à minha pessoa, diz: “Nenhum país ou nenhuma organização deve aceitar discursos com alguma tonalidade, não diria racista...” Qual é técnica? Não diz, mas já disse.

IF – Declarações que o poeta considera indignas, e que o levaram a escrever uma espécie de manifesto sobre o assunto.

JLT – É um texto de resposta para que as pessoas julguem e saibam o que estava em causa.

IF – Um Trovão no Paraíso... Agreste Matéria, às portas do primeiro festival literário de cabo Verde.

Loc /JPG – O outro lado da contestação ao Festival literário Morabeza: Germano de Almeida e Arménio Vieira desistiram do bloqueio depois das promessas ministeriais

de destaque. O poeta José Luís Tavares manteve a crítica. É como se a contestação fosse mera liberdade poética. Nem de propósito: em recente crónica na RDP África, o moçambicano Luís Carlos Patraquim fala de José Luís Tavares como um dos mais importantes autores da nova geração da poesia cabo-verdiana.

Luís Carlos Patraquim – José Luís Tavares está há muito nas ilhas de cá, é deste rectângulo, e escreve sempre acenando ao seu vasto mar de sargaços e aos nomes da sua particular biblioteca. Porque como dizia Malarmé, “tudo acaba em livro”. Entenda o Ouvinte como quiser.

Loc /JPG – No final de Outubro, José Luís Tavares volta a carregar o País, em novo livro. Chama-se “A Rua Antes do Céu”, a edição é da Abysmo:

José Luís Tavares – O livro, coincidentemente, será lançado na abertura do Festival Morabeza – para mim, os verdadeiros festivais são os livros que são escritos, os livros que podem ficar ou não – e será apresentado pelo sr. Presidente da República [de Cabo Verde]. E espero que o Festival Morabeza organize um grande evento para a mesma altura, para ver se desviam a atenção da publicação desse livro para as coisas importantes que o Festival Morabeza vai fazer...

Loc /JPG – A RDP África, no quadro geral das rádios do serviço público, faz o que pode para cumprir o seu desígnio lusófono com os meios que tem. Carlos Menezes, coordenador da informação, explica que a RDP África faz o que pode com o que tem. E muitas vezes vai longe.

Carlos Menezes – Sabe, nunca estamos satisfeitos com o que temos... Há sempre falta de gente, há sempre falta de material... Isso é normal. Se for aqui pelas redacções da nossa empresa, nos outros canais de rádio, a questão é idêntica... Mas o essencial para o dia-a-dia da informação, temos. Podíamos ter mais pessoas, é verdade, mas temos de fazer com o que temos, não podemos parar por causa disso.

[Som: Reportagem sobre campos de treinos de radicais islâmicos em Moçambique](#)

Loc /JPG – A RDP África é uma pequena Babel de sotaques da língua portuguesa comum a Portugal europeu e a cinco países africanos independentes.

Carlos Menezes – É verdade. Se entrar na redacção da RDP África têm lá toda a gente: tem angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos, guineenses, são-tomense. E tem portugueses. É uma equipa multidisciplinar. É verdade que, se recrutamos um elemento que seja dum desses países, é um valor acrescentado, porque conhece a realidade, tem os seus contactos... Mas também, quando é um elemento – como é o caso – que não é dos países africanos de língua oficial portuguesa, que é português e se calhar nunca esteve em África nem tem ligações a África, ele é integrado e aos poucos vai tendo conhecimento, vai aprendendo, e entra no sistema de informação que nós privilegiamos. Porque a RDP África não faz uma informação idêntica à da Antena 1. Nós temos um canal mais aberto para informação virada para os países africanos de língua oficial portuguesa, mas nunca esquecendo a realidade portuguesa – e aí vamos buscar à Antena 1 – nunca esquecendo os outros países africanos que não falam português, nunca esquecendo a realidade internacional, toda essa situação nós acompanhamos. E também a cultura: ainda há pouco passámos uma peça da Sandy Gageiro sobre uma peça teatral, “A Libertação”, que

vai estrear hoje no Teatro Maria Matos. Porquê? Porque é uma história que conta o que se passou de 1961 até 1974 na guerra colonial, ouvindo as duas partes: a parte colonial portuguesa e a parte dos nacionalistas dos respectivos países.

[Som: Excerto da reportagem de Sandy Gageiro](#)

Loc /JPG – Em português nos entendemos. A RDP África é de origem portuguesa. O Provedor é dos Ouvintes; sejam de onde foram, estejam onde estiverem, neste universo da rádio que fala português. Para queixas, críticas, perguntas e sugestões, escrevam ao Provedor do Ouvinte.

[Spot Estamos Juntos – “Bom dia, rádio mais bonita do mundo...”](#)

Formulário no *site* da Rádio e Televisão de Portugal, RTP. Provedores... Provedor do Ouvinte... Clique: já lá está.

Genérico final

23 – 3 Nov. 2017 – RDP Internacional: a onda era curta mas chegava ao fim do mundo

[Tapete – Kikot – music from Timor Island](#)

Loc /JPG – Para RDP:

Fostes vós que chegastes a nós, em momentos difíceis da luta.

Fostes vós que pudestes chegar às montanhas para estar connosco lado a lado nas atribulações da resistência.

Um muito obrigado e com profunda manifestação da nossa amizade.

Assinado: Xanana, comandante das Falintil, 4 de Outubro de 1999.

Ainda se recordam de Timor 1999? Ai Timor. A rádio, em língua portuguesa, foi o primeiro reforço a chegar às montanhas. Mas a verdade é que, depois de chegar ao cimo das montanhas, a rádio não continuou a subir, como nos contará a jornalista Inês Forjaz. Nesta edição, o programa do Provedor do Ouvinte sintoniza a RDP Internacional.

[Sobe o Kikot e mistura com Indicativo abertura](#)

Loc /JPG – A vocação planetária da rádio pública foi posta em prática logo à nascença: A Emissora foi para o ar em 1935... No ano seguinte, a Onda Curta começou a emitir para as frotas dos navios bacalhoeiros. Era a Hora da Saudade para os pescadores e suas famílias, durante as campanhas da pesca do bacalhau: Seis meses na Terra Nova na senda do *Fiel Amigo*. Depois, com sucessivas vagas de emigração, a rádio passou a falar para “os portugueses espalhados pelo mundo”. A nacionalização da rádio criou a RDP. E a RDP manteve um canal aberto para chegar ao mundo.

[Spot – RDP Internacional: Rádio Portugal, Rádio pública, Rádio de todos](#)

Loc /JPG – A RDP Internacional é a quinta antena da rádio pública. Uma rádio com a vocação do longe e da distância, como assinala a locutora Ana Filipa Rosa.

Ana Filipa Rosa – *Nós na RDP Internacional temos uma frase de posicionamento que é “longe da vista, perto do coração”.*

Loc /JPG – Para desempenhar a missão de manter a presença de Portugal, da língua e da cultura portuguesa no mundo, a RDP internacional conta apenas com 10 pessoas, algumas das quais em regime de simples colaboração. A locutora Ana Filipa Rosa, aos 26 anos de idade, tem responsabilidade no quadro da RDP Internacional e sabe aquilo que os portugueses do mundo esperam ouvir na antiga Rádio Portugal.

AFR – *Os portugueses lá de fora dizem-nos muitas vezes que gostam mais de saber como está o tempo nos sítios onde residem cá, onde têm as raízes, do que o do tempo do sítio onde estão, porque isso é fácil de saber, obviamente. E portanto falamos para as pessoas que estão lá fora, que têm alguma ligação ao nosso país... Não só portugueses, e isso é curioso, também... Temos pessoas que nos dizem que estão a aprender português a ouvir a RDP Internacional... É um trabalho complexo porque temos pessoas de todas as gerações – porque o perfil da emigração, hoje, é diferente do que era há uns anos – e portanto tentamos ir ao encontro do que esta nova geração também quer, nunca*

esquecendo as pessoas que já nos ouvem há muitos anos. Porque a RDP Internacional não é um projecto recente, é um projecto já com muitos anos, e portanto tentamos aqui chegar aos dois lados, o que se torna muito complexo no trabalho do dia a dia a diz, devo dizer.

Promo Ana Filipa Rosa RDPi

Loc /JPG – A estação da rádio pública apontada para o mundo, e aos portugueses que por lá andam, funciona nos dois sentidos. Como verdadeiro meio de comunicação, a RDP Internacional fala e também ouve os sons de retorno dos Ouvintes.

AFR – *Sim, comunicam connosco através dos meios que usam normalmente para falar com a família – por exemplo o Skype é um bom exemplo disso – e eu já sei que tenho certos Ouvintes que, se vou falar, por exemplo, na Madeira, automaticamente no minuto a seguir vou receber uma mensagem deles. Há um Ouvinte que temos na Alemanha que é muito assim: se eu falo de alguma coisa relacionada com a Madeira, já sei que passado um bocadinho ele me vai dizer mais alguma coisa sobre aquele assunto. E todos os dias temos esse feedback de pessoas que nos dizem que “é tão bom ouvir música portuguesa” e “é tão bom ouvir as notícias de Portugal”, por exemplo, e vão reagindo muito. Através do Facebook, também, as redes sociais aqui têm um papel muito importante para nós, porque é o veículo mais fácil para comunicar connosco... Não tanto por telefone, não noto tanto isso, mas nas redes sociais, sim, temos muito feedback.*

Loc /JPG – Há portugueses que habitam e trabalham em todas as latitudes e longitudes. A RDP Internacional fala de Lisboa; mas quando são 0 horas em Portugal, os relógios marcam mais 11 em Sydney ou Melbourne, na Austrália.

AFR – *Às vezes, temos um Ouvinte que está na Austrália e de vez em quando nos liga, lá é uma da manhã, e ele diz “bom, eu ia-me deitar, mas achei que devia ligar a dizer que estou deste lado”... E, lá está, fazemos manhã na América, mas noite também na Austrália, e é engraçado também esta gestão da energia que temos de ter também na emissão consoante os horários de quem nos está a ouvir.*

Loc /JPG – O longe e a distância, os fusos horários. Mas essas não são as únicas diversidades quando a rádio fala de Lisboa para o outro lado do mundo.

AFR – *As pessoas gostam de saber como está o tempo cá, mas também... em Londres, por exemplo... Vamos fazendo o elo de ligação com as temperaturas dos sítios, para as pessoas se sentirem identificadas, obviamente.*

Som: “Temperaturas no Mundo” – (excerto da emissão 7h manhã)

Loc /JPG – Nesta comunicação que não é de sentido único, entre quem faz a rádio e quem a ouve, o emissor procura saber aquilo que o receptor quer ouvir. E depois é simples: corresponde-se à expectativa dos Ouvintes; e acrescenta-se o quanto baste de inesperado, de surpresa.

AFR – *É curioso porque aparentemente, e quando entrei para a Internacional, pensei que as pessoas se interessariam mais pelo que se está a passar com a comunidade portuguesa nos sítios... O que não deixa de ser verdade, mas as pessoas gostam também de saber o que se passa também em Portugal... E toda a gente, na comunidade onde está, sabe que o António Zambujo, por exemplo, vai tocar perto, mas se calhar não sabe de*

qualquer coisa nova que está a acontecer em Portugal. E o nosso trabalho também é esse, é procurar as coisas que cá estão a acontecer e levá-las até às pessoas que estão longe.

Excerto de “A hora dos portugueses”

Loc /JPG – Há sempre um português, desconhecido ou conhecido, nos pontos mais remotos do mundo onde chega a voz de Portugal através da RDP Internacional. E nomeadamente nos pontos do mundo onde vão acontecendo as notícias.

AFR – *Nós descobrimos sempre portugueses em todo o lado, e é mesmo verdade... Eu lembro-me que num jogo de futebol na Ucrânia, eu pensei: “Giro era encontrar um português nesta cidade.” E toda a gente dizia “tu és maluca, isso não vai acontecer.” E eu consegui! Há sempre um português em todo o lado. Basta procurar, às vezes é difícil, mas nós não costumamos desistir, e há sempre, sempre um português.*

Loc /JPG – E como é humano, natural e nacional, os sobressaltos das notícias, o perigo, a ameaça, não são, para aqueles que trabalham para os portugueses do mundo, algo tão distante como meras novidades de papel.

AFR – *Por causa da situação na Venezuela – e eu sei que temos muita gente que nos ouve na Venezuela – de cada vez que se fala da situação dos portugueses, eu confesso que o meu coração fica um pouco apertadinho, porque sei que temos pessoas a ouvir...*

Promo Satélite RDP Internacional

Loc /JPG – A chegar agora aos Ouvintes por via de satélites, pela web ou através de parcerias com rádios portuguesas, a RDP Internacional não fez esquecer o caso da Onde Curta. Em Junho de 2011, a onda ficou mais curta para o seu destino universal, entrando em modo de suspensão. Inês Forjaz.

IF – *A notícia da suspensão chega a quatro dias das eleições legislativas de 2011.*

Excerto noticiário: “A RTP pediu à tutela a suspensão temporária das emissões da RDP Internacional em Onda Curta”

IF – *Em Junho, a Antena 1 dava conta do pedido enviado pela RTP ao governo de Sócrates. O ok chega já com a Assembleia da República dissolvida. Em Outubro, com novo governo, o presidente do Conselho de Administração, Guilherme Costa, vai ao parlamento garantir que a suspensão é “temporária, transitória e para avaliação”.*

Som Guilherme Costa na AR: “É um significado definitivo? Não, senhor deputado, temos que avaliar melhor.”

A decisão era financeira...

Som Guilherme Costa na AR: “Mas isso não quer dizer negar que não haja pessoas prejudicada. Há pessoas prejudicadas.”

O presidente da RTP admita perante a Comissão de Ética e Comunicação, que se baseava em indícios e não em números concretas:

Som Guilherme Costa na AR: “Nós temos vários indícios, mas não temos números”

E prometia um estudo sobre o assunto:

Som Guilherme Costa na AR: “É um processo de recolha de informação no sentido de ter um estudo.”

Na mesma audição, em 2011, o novo ministro dos Assuntos Parlamentares, Miguel Relvas, apresentava-se como um antigo Ouvinte da Onda Curta:

Som Miguel Relvas na AR: “Até 1975 vivi em África, e portanto sou um produto que se adaptou muito à antena curta. Sempre ouvi a onda curta, em particular os relatos de futebol.”

Mas, dois anos depois, no mesmo parlamento, o mesmo ministro anunciava a suspensão definitiva.

Som Miguel Relvas na AR: “Sobre a onda curta: vamos eliminar? Vamos. Não temos meios. Vamos, sim senhor, eliminar a onda curta. Não temos meios. Não há aqui dúvidas! (Voz em fundo: ‘Mas há legalmente.’) Vamos fazer as alterações necessárias”.

Faltou papel assinado e força de lei, até porque a lei obrigava a RTP a manter a onda curta. A obrigação estava no contrato de concessão, mas no ano seguinte, em 2014, o governo de Passos Coelho altera os estatutos da empresa. O presidente da RTP é agora Alberto da Ponte.

Som Alberto da Ponte: “Essa decisão é irreversível”

Em linha, o ministro Poiares Maduro descartava também as emissões em onda curta.

Som Poiares Maduro: “Eu não tenho dúvidas que a evolução é no sentido de que a onda curta efectivamente não será necessária.”

Opinião bem diferente da de António Feijó, presidente do Conselho Geral Independente.

Som António Feijó: “A onda curta tem uma importância estratégica e deveria ser preservada. Eu penso que há razões de segurança que tornam a onda curta, como aliás a rádio, decisiva em muitos domínios. E a rádio é muitas vezes esquecida neste particular.”

Porque a onda curta não é censurável, é hoje unânime que não se trata de tecnologia obsoleta, antes pelo contrário: é arma poderosa, nos combates da política, da língua e não só; para ouvir, basta um aparelho de rádio; chega onde a internet e os satélites não chegam, em mar ou em terra. O assunto voltou por isso este ano ao parlamento quando a Guiné cancelou as emissões em FM da rádio pública portuguesa. Mas ficou sem resposta.

Som antigo de onda curta.

Este é Fernando Pessa, a falar em onda curta para os Estados Unidos da América. 80 anos depois suspensa a onda curta por motivos financeiros, contra a lei e sem estudos prévios.

Som Miguel Relvas na AR: “O tema da onda curta é... é um tema mesmo histórico...”

Desde a suspensão, a RTP já vai no terceiro presidente. Agora é Gonçalo Reis

Som Miguel Relvas na AR: “...é um tema – desculpe usar a expressão – é um tema da... da guerra fria...”

Consequências da suspensão da onda curta: o filme continua.

Som antigo de onda curta com Fernando Pessa: “Esperamos que o programa de hoje tenha agradado e continuamos a agradecer-vos o favor das vossas sugestões”

Loc /JPG – O caso da Onda Curta ainda não acabou. Quando aconteceu, motivou a maior vaga de protestos alguma vez recebida pelo Provedor do Ouvinte. Os Ouvintes mobilizaram-se em defesa da Onda Curta, assinalou o Provedor daquele tempo, Mário Figueiredo. Os números de queixas dos Ouvintes relativas à RDP Internacional subiram de 10, em 2010, para 363, em 2011 pelas queixas contra a suspensão da Onda Curta.

Excerto de intervenção de Ouvinte no programa de José Candeias:

Ouvinte: Eu gostava de saber quando é que a Onda Curta vem para trás...

José Candeias: Para trás? Olhe, esperamos é que ela vá para a frente...

Ouvinte: Ah... Eu gostava de saber quando é que a Onda Curta vem de volta...

José Candeias: Olhe, Agostinho, isso é uma coisa que ainda está a ser tratada”

Loc /JPG – E a verdade é que entre os Ouvintes da RDP Internacional o caso da Onda Curta não está encerrado.

Ana Filipa Rosa – *Sim, vamos tendo alguns comentários, sobretudo algumas mensagens no facebook vão perguntando. “Eu ouvia, quando é que volta...” São cada vez menos comuns, mas sim, ainda vamos tendo algumas mensagens e alguns pedidos nesse sentido.*

Genérico final

24 – 10 Nov. 2017 – Centro de emissores de onda curta está à venda

Loc /JPG – É oficial: o Centro Emissor de Ondas Curtas da RDP, em São Gabriel, Pegões, está à venda junto de diversas imobiliárias.

Som – Eng^o Francisco Mascarenhas lê placa evocativa no centro emissor de Pegões: “Inauguração de dois emissores e uma antena para a América do Norte por S. Exa. o Ministro dos Assuntos Parlamentares Augusto Santos Silva. São Gabriel, 14 de Março de 2006”

Loc /JPG – A rádio pôs São Gabriel no mapa, como localidade do colonato de Pegões, freguesia de Canha, concelho do Montijo, Distrito de Setúbal. Mas também foi a rádio que reduziu a localidade de São Gabriel a uma tabuleta à beira da estrada – casas desfeitas, vandalizadas, a pequena igreja sem santos nem fé, a escola sem crianças nem alegria, a mercearia vazia, o salão sem festas, São Gabriel sem povo nem alma. Em frente de São Gabriel, do outro lado da Estrada Nacional 10, fica o Centro Emissor de Ondas Curtas da RDP. Mas já caíram 5 letras ao nome das ondas da rádio pública suspensas para avaliação há seis anos.

Som – Francisco Mascarenhas: “E pronto... e aqui há muito lixo, restos de coisas antigas que nunca foram limpas... Está tudo à espera de um dia arder...”

Segundo informação prestada ao Provedor do Ouvinte pelo presidente da Administração da RTP, a Onda Curta da RDP acabou; o Centro de Emissores de Ondas Curtas da RDP está á venda. Nem São Gabriel, patrono da Comunicação, lhes valeu.

- Indicativo abertura

Loc /JPG – Fraqueada a entrada principal no maior edifício do Centro Emissor de Ondas Curtas, sobre a porta que dá para a vasta sala dos emissores, há um mapa que agora é puramente imaginário. É um mapa, com o centro do mundo num ponto de Portugal que é São Gabriel, Pegões, de onde irradiam ondas supostamente de rádio, cada vez mais largas, para o vasto planisfério: Europa, África, Ásia, Oceânia, Américas. Em tempos chamou-se Rádio Portugal e falava do País para o mundo.

Agora não se chama nada, num nome ao qual faltam 5 letras em duas curtas palavras. Abaixo do mapa imaginário uma placa assinala a inauguração de dois novos emissores e uma antena para a América do Norte e Canadá. Foi a 14 de Março de 2006 e presidiu à solene inauguração o então ministro dos Assuntos Parlamentares Augusto Santos Silva. O director técnico da RDP era então o engenheiro Francisco Mascarenhas, que agora acompanhou o Provedor do Ouvinte numa visita à ruína mais dolorosa da rádio portuguesa.

Som – Francisco Mascarenhas: “Foi desactivada há seis anos e tem todos os sinais duma coisa que foi desactivada: começa a haver infiltrações nas paredes, começa a haver demasiadas ervas, mais do que aquelas que deviam existir... talvez até com alguma perigosidade... Cresceram árvores debaixo das antenas, porque também não está cá ninguém para limpar... Pronto... Tem o ar de uma instalação que tinha muito bom aspecto e muito boas condições e que está abandonada...”

Loc /JPG – Cinco anos e três meses após o investimento em novos emissores e antenas, todas as emissões de Ondas Curtas da RDP foram suspensas provisoriamente, com promessa de avaliação. Desta vez, com o visto de Jorge Lacão, novo ministro dos Assuntos Parlamentares do mesmo governo que investira. À espera ficou um recinto com 94 hectares de terreno, amplas instalações construídas, tecnologia renovada e acumulada ao longo de décadas.

Francisco Mascarenhas – E aqui tem uma fotografia muito interessante que é a vista de tudo isto. Está aqui o bairro social, do lado de lá da estrada, este é o edifício onde nós estamos, este é o edifício das oficinas e este é o da energia. E esta era a torre de comutação, que ligava qualquer emissor a qualquer antena, que foi oferecida, curiosamente, pela marinha britânica...

Loc /JPG – Erguidos para o céu e orientados segundo diversos azimutes, os postes e as antenas somaram-se uns aos outros ao longo dos anos e constituem agora uma complexa teia de aranha. Mas poderiam funcionar, como funcionavam há cinco anos, quando as emissões foram alegadamente suspensas.

Francisco Mascarenhas – Para aquilo que é essencial – ou seja, os equipamentos de emissão, os emissores e as antenas – parecem-me preservados. Preservados porque eram mais modernos e portanto também sofreram menos com o abandono. Agora, pôr tudo isto a funcionar dá trabalho...

Loc /JPG – O Centro de Emissores de Ondas Curtas de São Gabriel, Pegões, é hoje o mais expressivo monumento ao desamor com que a rádio tem vindo a ser tratada neste País. E só *neste País*, como se dizia no título de um programa da Antena 1 também ele suspenso até às calendas. Nos vastos edifícios, pavilhões, salas, armazéns, oficinas de São Gabriel, onde a rádio ganhava vida e fôlego para chegar ao fim do mundo, hoje estão paralisados os emissores, geradores e distribuidores, as oficinas de carpintaria, pintura, soldadura, serralharia, forja, antenas. Ao invés, em sucessivas divisões amontoam-se despojos dos felizes Dias da Rádio. O porta-voz da Comissão de Trabalhadores da RTP, Paulo Mendes, que acompanhou a visita do Provedor a Pegões, ficou chocado com muito do que viu.

Paulo Mendes – Existem pedaços de vinil no chão... Aqui, este está partido ao meio: “Antologia da música regional portuguesa...” E ainda por cima estamos a falar de uma edição de que foram feitos 300 exemplares numerados... este é o número 283...”

Francisco Mascarenhas – Esse é da Antologia de Música Regional, de Lopes Graça...

Loc /JPG – Caixas de empresas de mudanças que trasladaram os restos da rádio para longe das vistas e do corações... Nada do que ali está é lixo, mas é assim que é tratado em Pegões. Há corredores e mais corredores de máquinas de gravar, de mesas de mistura, de cossoletes... muitas delas estropiadas... Na sala de acesso às diversas oficinas, o entulho muda de figura: um Mercedes Unimog dos anos 70; um tractor; e também restos e salvados de todas as tempestades de diferentes épocas, documentos pessoais, papéis com história.

Paulo Mendes – Há uma sala inteira cheia de guiões de peças de teatro radiofónico! Tenho esperança que estejam digitalizados noutra local...

Loc /JPG – No exterior mas dentro do perímetro de São Gabriel o mato cresce, a pontos de haver uma árvore que teima em desenvolver-se por entre as barras da torre de uma antena. As torres de 90 metros apontam para o éter: é ali que a rádio viaja. E nas colunas apoiam-se os emissores, orientados para os respectivos destinos. O engenheiro Francisco Mascarenhas, que foi director técnico da rádio pública mais de 20 anos, observa que para voltar a funcionar o terreno teria de ser desmatado. Nos seus bons tempos, o Centro de São Gabriel, Pegões, era um exemplo de asseio.

Francisco Mascarenhas – É verdade, podia lamber-se o chão. Porque aqui os técnicos de electrónica faziam tudo. Eles tinham esse prazer de mostrar às pessoas que se podia lamber o chão: não havia um grão de pó em lado nenhum, não havia papéis no chão, ninguém fumava dentro das instalações... Viviam isto com uma intensidade de facto única!

Loc /JPG – Em frente do Centro Emissor de Ondas Curtas da RDP, do outro lado da Estrada Nacional 10, fica a localidade de São Gabriel: 22 vivendas agora abandonadas e vandalizadas. As 22 vivendas foram desenhadas em 1951 pelo arquitecto Francisco dos Santos e construídas para servir de habitação aos trabalhadores do Centro Emissor de Ondas Curtas e respectivas famílias. A localidade dispunha de escola, igreja, mercearia, cantina, onde também funcionava um salão de festas e espectáculos, campos de jogos, parques de baloiços.

Francisco Mascarenhas – Porque de facto estas pessoas viviam completamente isoladas. Nem sequer havia – e ainda hoje não há – nenhum transporte público que passe cá... E portanto estas pessoas tinham de ter condições para viver isoladas.

Loc /JPG – O Provedor do Ouvinte visitou o Centro Emissor de Ondas Curtas, em São Gabriel, Pegões, na sequência do programa sobre a RDP Internacional. A situação das ondas curtas é bem portuguesa: as emissões estão suspensas, para avaliação, sem data, um dia as coisas precipitam-se: ninguém tomou decisões, mas as decisões apareceram tomadas.

Antes e depois da visita às instalações de São Gabriel, Pegões, o Provedor enviou algumas perguntas à administração da Rádio e Televisão de Portugal.

Separador curto

Síntese das respostas do presidente da RTP, Dr. Gonçalo Reis, anunciando a intenção de vender o centro emissor de Ondas Curtas de São Gabriel / Pegões:

- A Onda Curta é um modo/tecnologia de distribuição em desuso no mundo inteiro e os operadores de referência europeus desativaram totalmente estas valências ou desinvestiram fortemente;

- A RTP tomou a decisão de encerrar as operações de onda curta em 2011;

- As direcções técnicas da RTP, tanto da rádio como de engenharia, não recomendaram que se continuasse a onda curta e não recomendam que se reabra o dossier;

- As instalações de Pegões, muito extensas e construídas num conceito bastante datado e típico do Estado Novo são hoje um fardo significativo, pelo que estão de facto à venda junto de várias imobiliárias, mas tem sido difícil a venda, pelas características específicas e complexas do imóvel

Separador Ondas Curtas

Loc /JPG – Posição bem diferente daquela que a administração anuncia é a que defende a comissão de trabalhadores da empresa, manifestada pelo porta-voz Paulo Mendes

Paulo Mendes – Nós fomos sempre, e continuamos a ser, contra a suspensão da onda curta. Nós trabalhamos numa empresa de alta tecnologia, e do ponto de vista técnico, nunca nos foi explicada a razão da suspensão, a não ser a conta da luz. Ora uma empresa parar a emissão por causa da conta da luz é uma coisa que não é aceitável num serviço público. Depois, em termos de política da língua, que é uma das obrigações da RTP, isto foi provavelmente das piores decisões que foram tomadas, uma vez que os franceses continuam a emitir em onda curta, os italianos, os britânicos, os americanos, os alemães... Ou seja: toda a gente que tem uma política de língua e uma política global transmite neste modo. Excepto um: a quinta língua mais falada no mundo, que é o Português! Qualquer pessoa no meio de África que sintonize um aparelho de rádio não vai ter a voz de Portugal porque ela apagou-se. Ponto. E depois ainda temos outra coisa: o património que está foi pago por contribuintes, e não nos parece aceitável que esteja neste estado.

Loc /JPG – Mais uma vez, a rádio em Portugal será chamada a pagar as contas da televisão...

Trabalho na rádio há 54 anos e tenho autoridade para dizer que a rádio se faz com paixão... ou não se faz. Agora aprendi que a rádio também pode causar uma profunda e imensa tristeza.

São Gabriel, Pegões, que ensinou tanta gente a amar a rádio, é hoje um monumento ao desamor. O que nos vale é que o desamor não é para sempre... Para sempre é o amor.

Paulo Mendes – Temos aqui material a apodrecer...

Francisco Mascarenhas – Quem aqui veio roubar, roubou aquilo que valia...

PM – Existem pedaços de vinil no chão...

Francisco Mascarenhas – Os bancos... foram todos... os azulejos foram todos... isto a mim faz-me aflição... Um dia acontece aqui uma destas desgraças... Está tudo à espera de isto um dia arder...

Genérico final

25 – 17 Nov. 2017 – Provedor responde aos Ouvintes e aguarda respostas sobre Pegões

[Tapete – BBC World Service / London calling](#)

Loc /JPG – Reza o título: BBC fecha o serviço de Onda Curta para a Europa. Diz o corpo da notícia: As transmissões de Onda Curta mantêm-se como importante meio de comunicação para África e Ásia... com novos idiomas e novos destinos... A audiência do World Service em Onda Curta representa 58 por cento da audiência total da BBC. Outra notícia, esta de Setembro passado, dá conta de que o World Service da BBC está a registar a maior expansão desde os anos 40, mantendo-se significativa para África, Ásia e América Latina.

[Som – This is BBC Beijing, Kampala, Rejkiavik...](#)

Loc /JPG – A concluir este curto serviço de notícias da Onda Curta, recordamos que a RTP anunciou a intenção de vender o Centro de Emissores da RDP de Onda Curta de São Gabriel / Pegões... Dois anos depois do presidente da RTP declarar durante uma audição no Parlamento: «Julgo que é um dever genérico assegurar a distribuição dos conteúdos, mesmo que seja para públicos distantes... Vamos analisar, somos sensíveis ao tema».

- Indicativo

Loc /JPG – Já lá voltamos, ao adeus português às frequências nas bandas dos 49, 31, 25 e 19 metros. É o fim da linha – em Portugal e para a Língua Portuguesa – das emissões que podem atingir pontos da superfície terrestre situados a milhares de quilómetros de distância a partir de uma única antena emissora. Verdade que podem atingir milhares de quilómetros de distância.

Os guerrilheiros de Timor ouviam a Onda Curta da RDP nas montanhas de Loro Sae. Em Outubro de 1999, Xanana Gusmão agradeceu o apoio que a Resistência Timorense recebeu da RDP nas montanhas de Timor.

[Spot RDP Internacional Ondas Curtas](#)

Loc /JPG – Já lá vamos, ao vasto mundo onde mais curtas forem as ondas mias e melhor lá chegam... Para já, temos o balanço da correspondência para o Provedor.

Já lá vai o Verão e as reclamações, queixas, críticas, perguntas e sugestões voltaram de férias. De Setembro para Outubro, as mensagens ao Provedor subiram mais de 80 por cento. 88 por cento das mensagens dos Ouvintes ao Provedor são críticas e queixas. Os Ouvintes que escrevem ao Provedor raramente têm dúvidas. Como rara é a apresentação de sugestões.

Entre Setembro e Outubro houve duas mensagens de satisfação: a primeira por um programa na Antena 2; a segunda por uma reportagem na Antena1. O futebol reúne a maior claque de críticas. A música também merece queixas e críticas dos Ouvintes. Grande é o volume de queixas por más condições de audição das rádios do serviço público.

Entre Setembro e Outubro também chegou à caixa do correio do Provedor um pedido de ajuda: uma neta queria fazer uma surpresa ao avô, grande fã e Ouvinte bi-diário do *Portugalex*. Bom. Fez-se o possível, com a ajuda de Patrícia Castanheira, autora dos guiões do *Portugalex*.

Som – Portugalex 27/Set/2017

Loc /JPG – A Antena 1 foi naturalmente o alvo de maior volume de correspondência para o Provedor, entre Setembro e Outubro: perto de 70 por cento das mensagens. 15 por cento tinham como assunto a Antena 2 e o que falta para os 100 por cento espalha-se, por esta ordem, pela RTP Play, a RDP Madeira, a RDP Açores e a Antena 3. Da correspondência recebida pelo Provedor entre Setembro e Outubro, 77 por cento das mensagens foram enviados por homens; 23 por cento por mulheres. E então já sabe, para queixas, críticas, perguntas e sugestões, escreva ao Provedor do Ouvinte. Formulário no site da RTP. Clique: já lá está.

Cortina

Loc /JPG – Queixas persistentes no correio da Provedor são as que dizem respeito a más condições de audição das rádios de distribuição hertziana da estação pública e dificuldades no acesso às rádios de distribuição digital. Pois é: segundo o contrato da RTP com o Estado a rádio pública deveria estar disponível em condições técnicas com padrão profissional. E segundo as queixas de um sempre crescente número de Ouvintes não estão.

O contrato do serviço público também diz que a rádio deve estar disponível de forma universal. Mas, agora, a universalidade da rádio pública portuguesa levou mais uma machadada: a Onda Curta está posta de lado e não apenas suspensa provisoriamente. E o Centro de Emissores de Ondas Curtas de São Gabriel / Pegões está à venda. E enquanto se vende e não vende, o histórico Centro de Emissores de Pegões é uma dor de alma. **Inês Forjaz:**

IF – O cenário é fantasmagórico:

Francisco Mascarenhas – E aquilo, olhe, também já não sabia que estava assim...

IF – Francisco Mascarenhas foi o engenheiro responsável por Pegões durante duas décadas.

Francisco Mascarenhas – Tinha aqui o lago, tinha ali o “cantando espalharei por toda a parte...”

IF – Agora vagueia pelo que resta do centro de ondas curtas.

Francisco Mascarenhas – Mas isto aqui estava sempre bem tratado, também. Agora... está um bocado maltratado...

IF – A dois dos emissores já roubaram o cobre:

Francisco Mascarenhas – Quem cá veio roubar, roubou aquilo que valia. Eles ainda se esqueceram deste prato... Isto é uma coisa lindíssima, é uma coisa de relojoaria...

IF – Da capela levaram os azulejos, as madeiras, os santos e até a passadeira.

Francisco Mascarenhas – Os bancos foram todos, os azulejos foram todos retirados, mesmo dos vitrais... tiveram de desmanchar o que estava em volta para levar os vitrais inteiros...

IF – Os edifícios revelam os sinais do abandono.

Francisco Mascarenhas – Começa a ter infiltrações nas paredes...

IF – E no exterior, a natureza reconquista terreno:

Francisco Mascarenhas – Começa a haver demasiadas ervas, mais do que aquelas que deviam existir... talvez até com alguma perigosidade...

IF – Entre as antenas construídas pelo homem, há agora todo o tipo de vegetação a crescer.

Francisco Mascarenhas – Cresceram árvores por baixo das antenas, porque também não está cá ninguém para limpar...

IF – Francisco Mascarenhas teme um incêndio:

Francisco Mascarenhas – Isto se começar a arder nunca mais pára...

IF – Tudo em Pegões parece em suspenso, à espera.

Paulo Mendes – Estão ali um monte de discos de vinil completamente partidos

Paulo Mendes, da Comissão de Trabalhadores da RTP, tropeça em dezenas de caixas de papelão podre.

Paulo Mendes – É inacreditável!

IF – Dentro das caixas, a apodrecer também, um sem número de gravações em vários formatos, das bobines aos discos de vinil... alguns com edição limitada:

Paulo Mendes – ...foram feitos apenas 300 exemplares numerados. Este é o número 283... e portanto... ainda estão em relativamente boas condições... tem apenas um risco ali...

Francisco Mascarenhas – Este é da Antologia de Música Regional Portuguesa, de Lopes-Graça...

Rm música

IF – As salas e armazéns com preciosas memórias da rádio sucedem-se, uma atrás da outra.

Paulo Mendes – Há uma sala inteira cheia de guiões de teatro radiofónico...

Francisco Mascarenhas – ...e o Unimog era fundamental para reparação das antenas. Porque era preciso ir lá para o meio dos terrenos – no Inverno isto enterra-se tudo... Eu conduzi-o centenas de vezes... Isto também é daquelas coisas que são eternas: era tão bem feito, tão bem feito que não acaba! É fantástico!

Paulo Mendes – Isto era o arquivo. Está aqui o arquivo de pessoal...

IF – Por todo o lado, lixo e património confundem-se.

Paulo Mendes – Carmen Miranda, “Quero ver você chorar”...

IF – Paulo Mendes resume a posição da Comissão de Trabalhadores sobre o assunto:

Paulo Mendes – O património que está aqui foi pago pelos contribuintes. E continuar neste estado... não nos parece aceitável que assim continue...

E o engenheiro Francisco Mascarenhas acrescenta:

Francisco Mascarenhas – Eu bem sei que estas situações às vezes são muito mais complicadas do que parece à primeira vista... Mas esta situação eu acho que precisa... pelo menos de limpeza...

Som – Pegões, portas a fechar.

Loc /JPG – Reportagem de Inês Forjaz. Pegões à venda: o adeus português às Ondas Curtas nem sequer deixa saudades.

Fazendo a ronda das antenas e estações da rádio pública, e depois das Antenas 1, 2 e 3 e da RDP África, o programa do Provedor chegou naturalmente à RDP Internacional. E aqui chegando foi inevitável abordar a questão da Onda Curta.

O Provedor visitou o Centro de Emissores de São Gabriel / Pegões. Antes e depois da visita o Provedor fez perguntas, como lhe compete e nos termos do direito que lhe assiste, à Administração da Rádio e Televisão de Portugal.

Há perguntas que estão sem resposta:

Em que termos tomou a RTP a decisão de encerrar a Onda Curta? Onde está escrito? Quem assinou? Em que data?

- Que avaliação foi feita, e por quem, aos efeitos da suspensão das emissões de Onda Curta da RDP Internacional?

. Que decisões foram adoptadas, decorrentes de tal eventual avaliação, quanto aos emissores e outros equipamentos para emissões de Onda Curta instalados no Centro Emissor em São Gabriel, Pegões?

- Que projectos tem a Administração para tais equipamentos e instalações?

- Qual a situação patrimonial das instalações e terrenos do Centro Emissor em São Gabriel e bem assim das instalações sociais que ali funcionaram?

- A Rádio e Televisão de Portugal pode desligar o complexo de São Gabriel / Pegões das funções para as quais foi criado e vender o terreno e as instalações em seu proveito?

- A desistência das emissões da Onda Curta foi comunicado às instâncias internacionais para que as respectivas frequências ficassem disponíveis, ou deixou-se que essa situação acontecesse por falta de ocupação?

Cortina

Loc /JPG – O Provedor não faz das Ondas Curtas e do Centro de Emissores de Pegões qualquer espécie de cavalo-de-batalha. Mas é indiscutível que há aqui uma questão de transparência a resolver. E nessa medida, em nome dos Ouvintes, o Provedor continuará a fazer perguntas e à espera de respostas.

Cortina

Loc /JPG - Notícia mesmo em cima do acontecimento:

A ANA / Aeroportos de Portugal anunciou no dia 13 de Novembro passado que a empresa já entregou uma proposta ao Governo "para o aumento da capacidade aeroportuária de Lisboa através do aeroporto Humberto Delgado e de um novo aeroporto no Montijo". Outra vez o Montijo.

O aeroporto do Montijo será para ficar paredes meias com os terrenos do Centro de Emissores de Ondas Curtas da RDP em Pegões. Em 2011, quando as emissões de onda curta foram suspensas e se falou, em simultâneo, da construção do aeroporto do Montijo e da venda do terreno do Centro de Emissores de Pegões, o então Provedor do Ouvinte, Mário Figueiredo, comentou que a venda de terrenos dos emissores de ondas curtas da RDP daria para tapar o buraco da RTP.

Indicativo fecho

26 – 24 Nov. 2017 – As Web rádios públicas de A a Z

Tapete – velha sintonia da frequência de uma rádio

Loc /JPG – O dicionário diz que sintonizar é ajustar um aparelho receptor de rádio à frequência de onda de um emissor. Acontece que o termo sintonizar está a precisar de companhia para dizer por palavras o que há a fazer para captar uma estação de rádio.

Jorge Alexandre Lopes – Eu diria clicar, talvez...

Cada vez mais, já no presente, e mais ainda no futuro, o termo sintonizar vai conviver com o termo clicar. Clicar: escolher e pressionar um botão.

Nesta edição, o programa do Provedor do Ouvinte clica estações da rede web da rádio do serviço público. Sintonizar. Clicar... e já está.

- Indicativo abertura

Loc /JPG – A rádio online não é tão virtual nem tão imaterial como possa pensar-se. E uma das rádios online do serviço público, dinâmica e sempre a imaginar coisas novas, mágicas e surpreendentes, a rádio Zig Zag, vai mesmo criar um espaço físico para poder receber visitas dos Ouvintes. É para que os Ouvintes dos 5 aos 9 anos da Zig Zag possam meter as mãozinhas nesta massa de que se fazem tantos sonhos ... a rádio.

Som: Excerto “Receitas Zig Zag”

Loc /JPG – Iolanda Ferreira, coordenadora editorial da Zig Zag, faz a rádio e também recebe o retorno dos pequenos Ouvintes.

Iolanda Ferreira – Vamos recebendo emails, temos o retorno dos-Ouvintes que aparecem para nos visitar. Vamos ter brevemente um espaço físico para os receber, para saberem que a rádio está materializada. E temos o retorno, que é interessante também, dos professores.

Loc /JPG – A Zig Zag é uma rádio online. Não tem comprimento de onda. Tem um endereço.

Iolanda Ferreira – Escrevem radiozigzag.rtp.pt e estão a ouvir a rádio, emissão linear, ou depois fatiada.

Loc /JPG – E como é que se ouve? Boa pergunta. Responde Iolanda Ferreira, coordenadora da Zig Zag.

Iolanda Ferreira – Há várias formas. Há uma aplicação para os telemóveis, tanto em Android como em iOS, “Rádio Zig Zag RTP” e aí podem ouvir a emissão linear... como a rádio dos crescidos... com publicidade, com música... podem ouvir também na televisão (é engraçado, ouvir a rádio na televisão...) nos canais Meo e Nos. Depois, como é uma rádio online, podem ouvir no computador... Se quiserem ouvir a rádio no carro, ligam o bluetooth – ligam os dados, também... ou não ligam e têm lá coisas gravadas... – e ouvem em alta-voz no carro como se fosse uma rádio em FM.

Som: Spot Rádio Zig Zag

Loc /JPG – A Zig Zag é um dos mais bem-sucedidos exemplos das estações online da rádio pública. E a verdade é que entre rádios estratégicas e estações de oportunidade, a rede online da rádio pública já tem mais postos que os dedos de uma mão.

Jorge Alexandre Lopes – Estamos nesta altura com 7 canais em permanência, e consideramos esses actualmente os canais estratégicos – estratégicos porque são permanentes, de longo curso – e depois temos intervenções pontuais, a que chamamos rádios de oportunidade, para a cobertura de eventos.”

Loc /JPG – As rádios web acrescentam opções à rede de estações públicas de radiodifusão.

Som: Spot Rádio Crime

Loc /JPG – Jorge Alexandre Lopes, o responsável pelas rádios web da rede pública, diz que há que distinguir as rádios permanentes e as eventuais.

JAL – As rádios permanentes são a Rádio Lusitânia – que foi a primeira, em 2010 – a Antena 1 Fado – uma estação, como o nome indica, totalmente dedicada ao fado – a Antena 1 Vida – que é uma estação de palavra que basicamente reúne aquilo que é a matriz dos conteúdos de serviço público – a Antena 1 Memória – que foi uma rádio produzida por ocasião dos 80 anos da rádio pública em Portugal... Tivemos duas estações no âmbito da Antena 3 que entretanto foram desligadas, por assim dizer... mas que, numa altura em que a Antena 3 era mais mainstream, tínhamos duas estações de nicho, uma orientada para o rock, outra para a dança... A mais recente evolução no formato da Antena 3 levou a que estas estações deixassem de fazer algum sentido... NO âmbito da Antena 2 temos uma estação 24 horas por dia dedicada a ópera – a Antena 2 Ópera – e o mais recente projecto é a Antena 2 JazzIn, que tem basicamente o jazz como perfil. E depois, claro, a Rádio Zig Zag, com o projecto que é dedicado aos mais novos...

Loc /JPG – Jorge Alexandre Lopes, responsável pelas rádios web: o online já faz parte do presente na rádio pública. Até já ouvimos dizer que a rádio está a sair da rádio para o online. Talvez a notícia seja manifestamente exagerada. A rádio digital está a instalar-se. Na rádio pública já pode começar a falar-se de rede digital. Mas na verdade as rádios online vão trabalhando sem rede.

JAL – Não. Não tem, orçamento, não tem pessoal dedicado, há aqui uma estrutura muito simples. Com excepção da Rádio Zig Zag... onde há um conjunto de colaboradores no terreno, porque é um projecto que obriga a uma produção de conteúdos específicos... todas as outras estações resultam basicamente de mais-valias profissionais que já existem nos quadros da rádio pública, e que se focam no agregar de alguns conteúdos que já existem na rádio pública.

Spot JazzIn

JAL – Quando há orçamento que permite produção de conteúdos, naturalmente que o objectivo aí é ter um trabalho melhor. Quando temos um orçamento próximo do orçamento zero, naturalmente que se tenta fazer milagres todos os dias, mas a capacidade e o músculo da operação não pode ser idêntica.

Spot Rádio Zig Zag

Loc /JPG – A rádio Zig Zag é para miúdos. E tudo – do mini-orçamento, ao micro-quadro de pessoal – funciona em ponto pequeno.

***Iolanda Ferreira** – Não sei se posso falar propriamente do “budget” da rádio zigzag, mas como é tão pequeno acho que não há problema nenhum. Nós trabalhamos com uma equipa também pequena... Há um sonoplasta, uma produtora de conteúdos, eu, que também faço um bocadinho de tudo e coordeno editorialmente a rádio, há um produtor... enfim somos quatro ou cinco pessoas numa rádio que está disponível 24 horas por dia, todos os dias. O que nós queremos é que os meninos agora aprendam a gostar da rádio, reaprendam a gostar da rádio.*

Loc /JPG – A Zig Zag é uma rádio onde os miúdos têm a palavra: dizem e pronto.

Spot Rádio Zig Zag: “Digo, e pronto”

Loc /JPG – E dizendo, têm o que querem: fantasia, magia, Mistérios Misteriosamente Misteriosos. Disparate.

Spot Rádio Zig Zag: “Isto é tudo macacada! Não tentes isto em casa...”

Loc /JPG – Querendo, as crianças Ouvintes da Zig Zag até têm publicidade na sua rádio.

***Iolanda Ferreira** - Publicidade inventada. Perguntamos às crianças o que gostavam que existisse. “Ah, gostávamos que existisse uma pinça para ir buscar chocolates que os pais escondem nas prateleiras de cima da despensa...” Isto é um bocadinho subversivo para os pais... Ok, temos o saca-gulas ou o TPCómetro....*

Spot Rádio Zig Zag: “Qualquer semelhança entre esta publicidade e a realidade é pura invenção...”

Loc /JPG – As rádios web necessitarão de investimento. Até porque o digital é pilar de uma estratégia dentro da RTP. E é urgente, para já. Quem o diz é Gonçalo Reis, presidente do Conselho de Administração: o digital é o hoje que suporta o amanhã da rádio e da tv.

Som: acordes finais de fado

Loc /JPG – Mas o verdadeiro problema é o investimento no meio rádio. E na rádio, a realidade tem sido o desinvestimento. Jorge Alexandre Lopes defende a necessidade de uma estratégia digital para a rádio.

***JAL** - Parece-me que a rádio necessita de facto de um investimento estratégico, de um investimento consistente... o que é que na realidade é preciso para colocar a rádio numa dinâmica digital... e estou a falar da colocação de ecrãs na rádio, ou da rádio nos ecrãs... e como é que vamos conseguir estar mais próximos das pessoas, daqui a uma década, e naturalmente que esse investimento é absolutamente necessário...*

Som: Spot “Era uma vez”

Loc /JPG – O digital não é uma história da carochinha. Já está a ser o dia-a-dia dos pequenos Ouvintes da Zig Zag. Uma rádio de fantasia que habitua os Ouvintes... a saber ouvir.

***Iolanda Ferreira** – Há como que uma espécie de iliteracia auditiva... As crianças aprenderam tanto a ser estimuladas visualmente que se esqueceram de ouvir e isso implica uma série de coisas... Com o estar com o outro, conversar, o contar, o narrar, construir histórias, ouvir e perceber contextos... queremos que a rádio funcione quase q como se eles estivessem a ler um livro. Não nos substituímos ao livro, obviamente, mas que imaginem a cena dentro da sua cabeça. É essa a magia da rádio, não é?*

Loc /JPG – A rádio Zig Zag tem parcerias com o Pavilhão do Conhecimento... o Zoo... a PSP... o parque de astronomia... o Teatro Infantil de Lisboa...

Spot “Teatro muito rápido”

É uma rádio que acrescenta imaginação ao conhecimento. Sem querer tomar o lugar dos professores.

***Iolanda Ferreira** –O que queremos é espicaçar a curiosidade deles, para quando ouvirem certas coisas na escola terem curiosidade em saber mais. Ou saberem aquela cultura alternativa à escola.*

Som: Spot “...Sou paleontóloga e estudo dinossauros”

Loc /JPG – A Zig Zag não instrumentaliza, não infantiliza os seus pequenos Ouvintes, diz Iolanda Ferreira. A Zig Zag é uma rádio que habitua os miúdos a ouvirem, a integrarem-se e a imaginarem o que a rádio lhes sugere.

***Iolanda Ferreira** - Todos os programas são muito bem embrulhadinhos, sonorizadinhos, com um cuidado especial como se fossem pequenos presentes... como se fosse, costumamos dizer, “cinema para os ouvidos”. O que queremos é que os meninos tenham uma experiência imersiva, que estejam lá dentro, e que imaginem o que estão a ouvir.*

Spot: “Ouviste os sons? Agora imagina a história...”

Loc /JPG – A radio pela internet continua a ser rádio. A Zig Zag aí está para passar o testemunho.

Spot Zig Zag: “Ouviram?”

Genérico final

27 – 15 Dez. 2017 – RDP em busca da marca perdida com passagem por Timor

[Tapete – Som de vento \(Fausto: “É o mar que nos chama”\)](#)

Loc /JPG – Tudo começou numa noite de Novembro, há 42 anos: Silêncio nas rádios, a mira mudou para a televisão e para os estúdios do Porto. E no ar ficou, sozinho em cena, *O Homem do Diner's Club*.

Sete dias depois, quando as rádios deram por si, estavam nacionalizadas e vertidas no caldeirão da Empresa Pública de Radiodifusão. Escaparam a emissora católica e pouco mais.

O Homem do Diner's Club virou *Balbúrdia no Oeste*, uma confusão no amontoado de pessoas, edifícios, canais, tudo misturado sem critério. A rádio pública até era proprietária de uma exploração agrícola.

A RDP levou um quarto de século a pôr-se de pé. Depois de sintonizar a Antena 1, Antena 2, Antena 3, RDP África, RDP Internacional e as rádios públicas online, venha visitar a mãe de todas as rádios, a RDP, marca registada.

- Indicativo abertura

Loc /JPG – Com três letrinhas apenas se escrevem, desde Fevereiro de 1976, as duas palavras Radiodifusão Portuguesa.

[Spot RDP](#)

Loc /JPG – RDP foi o símbolo químico dessa via para falar com os outros, que não conhecia fronteiras nem reconhecia limites.

[Notícia: integração da EN e das outras rádios nacionalizadas na RDP](#)

Loc /JPG – A RDP foi a sucessora da Empresa Pública de Radiodifusão. Herdou uma dezena de rádios com múltiplos canais e dezenas de frequências, 2.600 trabalhadores, uns do sector público, outros do provado, dez edifícios só em Lisboa, três orquestras, um cinema, uma editora, uma fábrica de discos, uma exploração agrícola.

[Notícia: nacionalização do RCP, Emissores Associados de Lisboa, e outras rádios](#)

Loc /JPG – Mas no início do século XXI, a RDP ultrapassara todas as crises, de crescimento e de emagrecimento, adquirira estabilidade, independência, boa imagem, alguma qualidade...

Som Arquivo: Ministro Morais Sarmento queixa-se do lucro da RDP: “A primeira vez que me reuni com a administração da RDP, a administração sentou-se à minha frente e disse com ar muito satisfeito: ‘A RDP dá lucro’.”

Loc /JPG – Sílvio Correia Santos, professor na Universidade de Coimbra, investigador nas áreas da Comunicação, fez a tese de doutoramento sobre o serviço público de radiodifusão em Portugal. Observou as crises e como a rádio pública se foi libertando delas.

Silvio Correia Santos – *A percepção que eu tive na altura e que hoje ainda partilho, embora com alguma nuances provavelmente, é que a RDP tinha atingido alguma estabilização em termos de funcionamento, em termos daquilo que se espera de uma rádio de serviço público, dentro da tradição europeia do serviço público, nomeadamente na relação que estabelece com o poder político... A RDP tinha atingido alguma estabilidade...*

Loc /JPG – À entrada do século XXI a rádio pública saíra da crise pelo seu pé. Podia considera-se estável. E o financiamento continuava a “pingar” da taxa de radiodifusão que, entretanto, fora abolida para a televisão.

Som Arquivo: Cavaco Silva anuncia no fim da taxa de TV: “Com a entrada em funcionamento da televisão privada, o governo acabará com a taxa de televisão que presentemente é paga pelos proprietários dos aparelhos.”

Loc /JPG – Na comunicação social pública, se alguma entidade andava a pedir reestruturação não seria a rádio.

Silvio Correia Santos. – *A prioridade em termos de reestruturação não seria para a rádio. A RTP, a situação que tinha na altura é que terá sido um pouco a “bandeira” em termos políticos da reestruturação do sector audiovisual público. E a percepção que eu tenho do momento é que a RDP, um pouco pela contribuição que poderia dar para esse processo de reestruturação acaba por ir um pouco atrás... Enfim, podemos sempre dizer que seria benéfica uma reestruturação, mas claramente não era uma reestruturação urgente ou tão importante como a que era necessária na RTP.*

Loc /JPG – ... E foi assim que quando a RDP se pôs de pé, estável e com financiamento seguro, foi integrada na RTP...

Som Arquivo: Ministro Morais Sarmento: “A RDP vive do Orçamento de Estado, portanto lucro não há. Há quanto muito um resultado positivo.”

Loc /JPG – Sílvio Correia Santos, professor na Universidade de Coimbra, investigador nas áreas da Comunicação, escreveu na tese de doutoramento que a RDP foi... engolida...

Silvio Correia Santos – *A discussão na altura, nos média, foi feita em torno da televisão. E muitas vezes ouvíamos falar da rádio um pouco a reboque, numa posição muito secundarizada. E por isso é que eu digo que, pela predominância do discurso em torno da necessidade de reestruturar a televisão e pelo facto da RDP estar mais estabilizada, é que ela terá sido um pouco engolida, foi a expressão que eu usei...*

Loc /JPG – A marca RDP ficou registada no contrato de Concessão do Serviço Público de rádio e de televisão.

Som Arquivo: Ministro Miguel Relvas: “E queremos valorizar a marca. A RTP será uma empresa muito mais forte.”

Loc /JPG – A concessionária é a RTP – Rádio e Televisão de Portugal. O desdobramento da sigla será o único local em que a rádio aparece em primeiro lugar.

Som: emissão Antena 1: “Lembro que a informação está em permanência na internet, em noticias.rtp.pt”

Loc /JPG – Quando se deu a integração, houve quem visse a decisão de integrar como uma solução, não para a rádio, mas para a televisão.

Sílvio Correia Santos – *Essa poderia ter sido uma leitura na altura, perante o calor dos acontecimentos. Houve muito essa leitura. E tem a ver com os processos de mudança, é natural que perante os processos de mudança é natural que haja algum receio. Mas essa reestruturação também acaba por se encaixar naquilo que são as tendências que nós reconhecemos pela Europa fora, de haver uma confluência das várias plataformas numa mesma empresa.*

Loc /JPG – Seja como for, Sílvio Correia Santos regista e lamenta a perda de visibilidade da marca da rádio pública: RDP.

Sílvio Correia Santos – *Eu pessoalmente tenho pena que a marca RDP se tenha esbatido. Mas, lá está, eu não tenho uma perspectiva meramente de investigador sobre isso. Eu na altura trabalhava na RDP, portanto tenho também uma grande proximidade afectiva com a marca RDP. Mas do ponto de vista daquilo que eu acho que são boas práticas em termos de gestão da marca eu acho que poderia ser interessante a manutenção da marca RDP. Mas ao pensarmos num operador integrado, bom, aí tem sentido que tudo gire à volta de uma sigla que é Rádio e Televisão de Portugal.*

Loc /JPG – E lá se perde a identidade no jogo das palavras cruzadas.

Spot: “São 9 horas. Radiodifusão Portuguesa, Antena 1” + “A informação está em permanência na internet, em noticias.rtp.pt”

Loc /JPG – Sílvio Correia Santos, na qualidade de Ouvinte de rádio, admite que não é fácil perceber que a RTP também produz rádio. E que essa rádio é a RDP.

Sílvio Correia Santos – *Enquanto Ouvinte eu diria que talvez não. Talvez não seja evidente, do ponto de vista da marca essa ligação.*

Loc /JPG – Quaisquer que sejam as contas que se façam, a RDP perdeu com a integração. E a marca RDP, registada até 2023 no Instituto Nacional de Propriedade Industrial, vale menos hoje do que valeria há 14 anos.

Sílvio Correia Santos – *Eu diria que tem claramente menos valor. Até porque, como dizíamos há pouco, as pessoas já não têm tanto a percepção da RDP enquanto marca isolada. E portanto eu diria que houve um decréscimo do valor da marca RDP. As pessoas, quando desdobram a sigla, ainda usam a expressão Radiotelevisão e não Rádio e Televisão, como sendo algo que declaradamente inclui uma rádio e uma televisão.*

Loc /JPG – A marca RDP, hoje, soa na Madeira e nos Açores, em África e no auditório Internacional. A RDP foi para longe. Quase dá ideia que emigrou.

Sílvio Correia Santos – *É curioso notar isso, de facto, que a RDP só existe lá para fora do território do continente. É verdade. É curioso notar isso.*

Loc /JPG – No código das rádios, RDP quer agora dizer longe e distância. Mas por isso mesmo a RDP ainda chega, quando chega, ao outro lado do mundo. Um mundo com um imaginário povoado por vozes da rádio. E de Portugal. Inês Forjaz:

Som Arquivo RDP-I: [Gabriela Carrascalão entrevista Tennessee Williams](#)

Maria Gabriela Carrascalão – *Eu imitava a Maria Leonor. Comecei na rádio tinha 15 anos, sempre tive a mania da rádio. Fui a primeira mulher jornalista timorense. E para além disso fui levada para Timor como parte da cooperação bilateral Austrália-Nações Unidas, para estabelecer a rádio e a televisão públicas.*

IF – *Pioneira também na Austrália.*

Maria Gabriela Carrascalão – *Fui a primeira pessoa não australiana a ler os noticiários em inglês, por saber pronunciar as palavras.*

IF – *A morar em Portugal, a jornalista e artista timorense apanhou um “balde de água fria” no regresso a Dili, há cerca de um mês.*

Maria Gabriela Carrascalão – *O que eu ouvi é das coisas que mais me entristece...*

IF – *Ao sintonizar o FM da RDP, em vez de programas em português, Gabriela Carrascalão s ouviu programas em francês e em inglês.*

Maria Gabriela Carrascalão – *Andamos a lutar fortemente em Timor pela evolução da língua portuguesa – que é nossa língua oficial, para além do tétum – e [a RDP] era uma das coisas que muito apoiava quem ensina o português, e quem quer falar bem o português: ouvir é um dos melhores instrumentos para aprender.*

IF – *Porque este amor à língua portuguesa tem outras explicações para lá da aprendizagem da dicção perfeita.*

[*Som Arquivo: Manifestações da resistência em Timor*](#)

GC – *Praticamente foi a RDP Internacional que acompanhou Timor desde sempre, desde que me lembro...*

IF – *Durante a ocupação de Timor pela Indonésia, o português foi um dos símbolos da resistência.*

GC – *Lembro-me de estar escondida nas montanhas, e a Onda Curta ouvia-se em qualquer altura, era uma companhia se quisesse saber as notícias do mundo...*

IF – *A RDP tem duas frequências em FM para Díli – e apenas para Díli – uma com a Antena 1, outra para a RDP Internacional. Com o fim da Onda Curta, o resto do país ficou sem as duas antenas.*

GC – *Eu gosto de FM para ouvir em casa, mas se eu for ao Algarve já não ouço FM. Devido às características geográficas de Timor, tem de haver muitas antenas de retransmissão para se ouvir o FM. A Onda Curta era fundamental para nós.*

IF – *Fora de Díli, para ouvir a rádio portuguesa é preciso aceder à internet.*

GC – *E a internet hoje em dia vê-se por todo o lado, mas em Timor ainda é para uma elite.*

IF – *A ocupação das frequências em Díli por línguas estrangeiras tem explicação: as emissões da rádio portuguesa chegam por satélite, passam pelos emissores da RTTL, a RDP tinha dois emissores, mas já não tem. Baucau já não transmitia há muito, o de Díli falhava com frequência. Agora, com o sinal colado à RTTL, a emissão continua a falhar, mas falha menos. É o que diz quem lá está: vai funcionando.*

GC – A RDP, agora se estiver em Timor, ouço na internet, mas a internet não chega a todo o lado...

IF – Gabriela Carrascalão traça a situação da escuta da língua portuguesa no país

GC – A frequência de FM, pelo que ouvi, não tem nada a ver com os programas da RDP. São programas em francês e em inglês, o que é uma pena, porque nós estamos num período em que queremos que a língua portuguesa evolua em Timor-Leste, que mais pessoas falem o português. E sem apoio, só o que se ensina nas aulas não chega...

IF – Em maio deste ano, o presidente timorense mostrou-se preocupado com a perda de terreno do português no país. Taur Matan Ruak falou mesmo num “boicote propositado” recordando a função da língua como símbolo da resistência e da independência.

GC – Temos que ouvir, temos que ler... E a RDP Internacional quando chegava a nós através das ondas curtas era um instrumento quase fundamental do ensino do português.

IF – Entretanto, da antiga delegação da Radiodifusão Portuguesa em Timor não há vestígio. O estúdio foi desmontado, o espaço ocupado pela secção consular portuguesa. E o último correspondente dos quadros da RDP saiu com uma “rescisão amigável” num dos últimos processos de emagrecimento da empresa.

Som: reportagem do correspondente da RDP

IF – Hoje, a Radiodifusão Portuguesa partilha os emissores com uma Radiotelevisão Timorense ainda em construção, partilha também o correspondente da Agência Lusa com a RTP.

Som: “Oficialmente ainda ninguém confirma nada”

IF – António Sampaio confirma que as quebras da emissão são frequentes e m FM e explica que “decorrem das vicissitudes do país”. Apesar de tudo, garante o jornalista, a internet já vai chegando a mais gente a mais gente em todo o território. De Lisboa, mais respostas: a direcção técnica confirma as avarias, mas adianta que já foi tudo reparado e que aguarda agora a factura das intervenções para vregularização.

Som Arquivo RDP-I: Gabriela Carrascalão entrevista Tennessee Williams

GC - ... eu depois vim a conhecer pessoalmente a Maria Leonor, em 1972. Eu dizia à Maria Leonor: eu se quiser falo como a senhora...

Loc /JPG – O vento que se ouve na sonorização sopra na abertura de “Por Este Rio Acima”, de Fausto Bordalo Dias.

Indicativo fecho

28 – 22 Dez. 2017 – Discos perdidos: o Natal dos Ouvintes

Som – Caixa de música

Loc /JPG – Posso pedir um disco?

- Que deseja ouvir?
- Fados e guitarradas para dar de beber á dor...
- Tem é que dizer a frase.
- Cantigas... leva-as o vento...
- Que quer ouvir?
- O vento nada me diz.
- Quando o telefone toca...
- Posso dedicar?

Som Arquivo “Quando o telefone toca”: Ouvinte: “Sou a Cristina Paula e gostava de dedicar este tema a uma amiga minha...” Matos Maia: “Ah ah ah... Peço desculpa, não pode dedicar...”

Loc /JPG – Este ano, para o Natal dos Ouvintes, o programa do Provedor vai passar discos... perdidos.

Indicativo “Quando o Telefone Toca” – mistura com

Indicativo abertura

Loc /JPG – O primeiro programa de discos pedidos em Portugal foi para o ar, na Emissora Nacional, em 1939. Nesse ano começou a segunda guerra mundial, John Steinbeck publicou *As Vinhas da Ira*, a revista *Detective Comics* lançou o Batman.

Os pedidos para *Que Deseja Ouvir*, mais tarde *Que Quer ouvir*, quando o telefone era um luxo, chegavam ao Quelhas por via postal. O correio vinha de aquém e de além-mar e Jorge Alves não tinha mãos a medir.

Som Arquivo – Jorge Alves a contar cartas e postais: “Sabe quantas cartas recebemos esta semana? Nada menos que 85. Vamos ver como conseguimos resolver este problema para não fazer esperar muito tempo os nossos amigos Ouvintes. Mais uma vez pedimos a todos muita paciência...”

Loc /JPG – Nesta edição do programa do Provedor, o Natal dos Ouvintes, com discos perdidos. O programa, sendo de autor, escapa à playlist. Malfadada playlist, classifica um Ouvinte em mensagem ao Provedor. «Esquizofrenia musical», carrega uma certa Ouvinte que em vez de música "fácilzinha", seguidista, gostava de ter na sua Rádio música de qualidade. Qualidade rara, *Em Nome do e da Ouvinte*: Carlos Paredes.

Som Carlos Paredes – “Movimento perpétuo”

Loc /JPG – Na época do *Que Quer Ouvir*, como nos tempos do *Quando O Telefone Toca*, não havia discos à lista... a não ser a lista dos discos proibidos. Agora que há discos obrigatórios, nos termos da playlist, em mensagem ao Provedor, uma Ouvinte queixa-se

da música delico-doce (quase pimba), repetida vezes sem conta. Péssima música – acrescenta um Ouvinte de Lisboa, queixando-se que não consegue ouvir os "cantautores" actuais. Na dúvida sobre o que sejam os “cantautores actuais”, sai uma cantora e autora, actual, portuguesa... Uma rapper – ou seja, pessoa que canta rap, ritmo e poesia. Ou como se diz na Antena 3, *Rimas e Batidas*: Capicua.

Capicua - Medo do Medo

Loc /JPG – Capicua, nos Discos Perdidos para o Natal dos Ouvintes no programa do Provedor. Noutros tempos, “*posso pedir um disco*” era pergunta sacramental para pôr a rodar um disco pedido. Matos Maia transportou o telefone, da Renascença para o Rádio Clube. Nesses tempos já existia a avó da playlist... Era quando as editoras tentavam intrometer o bedelho na conversa dos Ouvintes com o Sr. Matos Maia

Som Arquivo: entrevista com Matos Maia: “Uma vez fui confrontado com dois telefonemas, de duas editoras diferentes, que me perguntaram muito admiradas, as meninas da promoção, porque é que eu não passava o disco do artista X. ‘Mas não passo porquê? Não estou a entender...’ ‘É que já ligámos umas dez vezes e o Sr. nunca passa o disco’. ‘Ah, vocês é que ligam?!’ Quer dizer: eram as próprias editoras a tentar desvirtuar o espírito do programa, telefonando para que fossem passados os seus discos...”

Loc /JPG – Um correspondente do Provedor que se confessa “Ouvinte diário da RDP/ Antena 1, especialmente do programa da manhã do nosso comum amigo António Macedo, mas não só, há dias que “sou obrigado” a mudar de estação por causa da malfadada playlist. E acrescenta: eu sei que a “ditadura das playlists” não é exclusiva da RDP, mas esta talvez devesse ser uma excepção e não mais uma...

Um outro Ouvinte acusa a rádio pública de promover os *pimbas*, passando à reserva artistas como José Mário Branco, Adriano, Zeca, Sérgio, Pedro Barroso, Fausto. O programa do Provedor não tem playlist. Mas tem Fausto.

Fausto – “Rosie”

Loc /JPG – Fausto, com palavras do poeta Reinaldo Ferreira.

O mais insistente dos críticos da playlist, afinal critica a lista de difusão porque ela não inclui... ranchos folclóricos. Verdade: escreve todos os meses em papel fino, de linhas: “*A desprezar os ranchos folclóricos a rádio está a contribuir para a desertificação*”, escreve o Ouvinte da Reboleira, na mais recente das suas cartas manuscritas, enviadas com sobescrito e selo via correio postal. O Provedor já lhe respondeu mais de uma vez que não se trata de censura mas de critério de programação e selecção musical. E por ser para si, Ouvinte da Reboleira... aqui vai no programa do Provedor o Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio, de Braga.

Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio, de Braga – “Ora Bate Bate”

Loc /JPG – Folclore a pedido, no programa do Provedor, *Em Nome do Ouvinte*. Gravação do programa “Voz de Portugal”, transmitido pelo Emissor de Ondas Curtas da Emissora Nacional, para os Estados Unidos da América em de 25 de Maio de 1960.

Vai a caminho dos 80 anos a moda de pedir discos à rádio. Primeiro os Ouvintes mandavam uma carta... Depois passaram a pedir de viva voz. José Matos Maia, que deu

vida e voz ao *Quando o Telefone Toca*, na Renascença, depois no Rádio Clube, sabia que o programa e os Ouvintes ganhavam ambos com os pedidos pelo telefone.

Som Arquivo – Entrevista com Matos Maia: “O processo do disco pedido já era conhecido, por postal, etc. Mas para fugir a isso arranjámos um sistema novo, ou seja: dar ao Ouvinte a possibilidade de pedir um disco da sua preferência e depois, naturalmente, jogar um pouco com a vaidade que todos nós temos: o sistema novo jogava com a vaidade da pessoa ouvir a sua voz na telefonia”

+ Som Arquivo – Quando o Telefone Toca:

Ouvinte: “Eu posso dizer a frase?”

Matos Maia: “Naturalmente, tem que dizer a frase. Como deve saber, se é Ouvinte do programa, sem frase não há disco”.

Ouvinte: “Eu gosto muito da Minha Amiga Rádio. Está certa?”

Matos Maia: “Certíssima”.

Ouvinte: “Olhe, eu gostava muito de ouvir um fado da Amália Rodrigues. Pode ser o ‘Povo que lava no rio’. Posso dizer o nome?”

Matos Maia: “Se quiser, pode dizer o seu nome. Não é obrigada, mas faça favor.”

Ouvinte: “Então, olhe: eu sou a Cristina Paula e gostava de dedicar este tema a uma amiga minha...”

Matos Maia: “Ah ah ah... Peço desculpa, não pode dedicar...”

Ouvinte: “Pronto. Então...”

Matos Maia: “Não pode dedicar, e explico-lhe porquê rapidamente: é porque há uma lei que determina que dedicatórias pela rádio são concorrência aos TLP – cartas, postais, telegramas, etc. Não podemos fazer concorrência aos TLP,. Portanto, desculpe lá, mas... não de microfone aberto....”

Ouvinte: “Com certeza, pronto, então é só isso.”

Matos Maia: “Obrigado e boa noite”.

+ Som Arquivo: Spot “Quando o telefone toca” e cortina

Loc /JPG – Excertos de entrevistas de José Matos Maia a Luís Garlito e a Simone de Oliveira, para a RDP e a RTP.

Genérico final

29 – 29 Dez. 2017 – Os melhores do ano

Loc /JPG – Na despedida do programa do Provedor, neste ano de 2017, falamos da mais pequena, mais rara e mais generosa das minorias: estou a falar dos 2 virgula 8 por cento de Ouvintes que escreveram ao Provedor exclusiva e expressamente para dizer bem de algo que ouviram na rádio pública.

O Provedor tem funções pedagógicas e de formação dos consumidores de Rádio, representa os Ouvintes mas também lhe compete defender e promover o melhor da rádio pública. E quando Provedor e Ouvintes convergem na apreciação do melhor que se faz, então estamos no Céu da Rádio, o éter.

Indicativo abertura

Loc /JPG - Desde que assumi a função de Provedor terei recebido mais de 700 mensagens de Ouvintes. Vinte Ouvintes deram-se ao trabalho de escrever ao Provedor, directamente por correio electrónico ou postal, ou através do *site* da RTP, para neste caso descendo ao fundo da página, localizando o item Provedor do Ouvinte, clicando, descendo de novo, seleccionando: *Escrever ao Provedor*; clicar mais uma vez... preencher o formulário e escrever, por fim escrever uma queixa, uma crítica, uma denúncia, uma reclamação, um reparo, uma dúvida, uma pergunta, uma observação, uma correcção, uma sugestão, um elogio. Vinte em mais de 700 Ouvintes escreveram ao Provedor com o particular e exclusivo intuito de dizer que gostaram muito de ouvir algo que ouviram.

Cortina

Loc /JPG – Houve quem dissesse bem, a propósito de dizer mal, isto é, de legitimamente criticar, fazer um reparo. Por exemplo: ainda recentemente, um Ouvinte zurziu um comentador político – ou teria sido uma comentadora económica, não interessa para o caso – e de caminho elogiou o animador da emissão, por sinal o António Macedo, por ter posto os pontos nos is do comentário.

Até houve um Ouvinte que fustigou o próprio programa do Provedor, nos primeiros dias de Junho: *minha opinião sobre o desempenho do seu programa: medíocre*. Mas três semanas depois, com a mesma assinatura, emendou a mão e inverteu o sentido da crítica: *Tinha a escuta do seu programa “Em Nome do Ouvinte” em atraso, mas graças ao RTP-Play já pus as audições em dia. Felicito-o*.

Cortina

Loc /JPG – Mas a mais espectacular mudança de opinião de um Ouvinte foi a que se deu com a série de reportagens de José Manuel Rosendo, que evocou os Seis Dias da Guerra que dura há 50 anos.

Um Ouvinte protestou, antes do primeiro episódio ir para o ar. O Provedor esperou pelo final da série e considerou então a crítica precipitada e injusta. O próprio Ouvinte, depois de ouvir os episódios da reportagem, deu alguma razão às observações do Provedor e admitiu que ficou com boa impressão do repórter.

José Manuel Rosendo, entrevistado no Programa do Provedor, dirigiu-se ao Ouvinte que o criticara.

José Manuel Rosendo – *É bom que os Ouvintes estejam atentos e que critiquem o nosso trabalho, porque nisso também nos ajuda às vezes a reflectir... Mas também gostava de dizer que o Ouvinte... tem de ter confiança nos jornalistas. Eu falo por mim, tento fazer as minhas reportagens da forma o mais honesta possível, o mais rigorosa possível, sendo que quando nós identificamos problemas, quando relatamos situações – que temos à nossa frente, que podemos observar – o facto de essas situações favorecerem ou desfavorecerem os protagonistas que estão no terreno, isso não significa que nós sejamos parciais. Significa que aquela é a realidade que nós encontramos, se ela é boa ou má para uma das partes, isso a nós já não nos interessa. Não faz parte das minhas preocupações quando estou a fazer uma reportagem, e quando estou a relatar aquilo que observei no terreno e as minhas conversas com as pessoas, não faz parte das minhas preocupações saber se o protagonista A vai gostar ou se o protagonista B não vai gostar. Não me preocupo com isso. Mas ainda bem que o Ouvinte, depois de ouvir as outras reportagens, acabou por reconhecer que as coisas eram equilibradas. Sendo que estamos a falar dum caso concreto, que é o conflito israelo-palestiniano, que desde há décadas gera muitas paixões. E é um conflito em que qualquer palavra menos cuidada – às vezes sem nenhuma intenção, num momento mais apressado de escrita, isso pode acontecer, pode haver uma palavra menos cuidada – gera logo críticas muito exacerbadas. E às vezes não há razão para isso.*

+ Som reportagem guerra

Loc /JPG – Mas é tempo de mencionar as críticas mais elogiosas de Ouvintes a profissionais da rádio pública, na correspondência ao Provedor no ano de 2017-

E os mais elogiados deste ano foram:

Rita Colaço, com a grande reportagem “*O pior dia*”, na Antena 1;

João Pereira Bastos, autor, na Antena 2, de *Ecos da Ribalta*;

E Francisco Sena Santos, por ter voltado à Antena, com “*Um Dia no Mundo*”

Separador

Loc /JPG – Um Ouvinte escreveu ao Provedor para elogiar a reportagem da jornalista Rita Colaço, feita na zona dos incêndios. “Foi de muita qualidade, fiquei muito emocionado!”, disse o Ouvinte. E a reportagem sobre *O Pior Dia* ficou para a lembrança de uma tragédia e também para a memória da rádio.

RM Som da Reportagem de Rita Colaço

Loc /JPG – O pico da emoção referenciada pelo Ouvinte aconteceu em redor duma chamada telefónica que ligou dois irmãos, separados pela distância e pela desgraça. O programa do Provedor foi visitar a reportagem e deu para perceber que a própria repórter se emocionou.

Rita Colaço (com sons da reportagem): – *A rádio está sempre comigo, eu sou muito sensível ao som, a tudo o que me rodeia. Esta reportagem foi preparada para responder a uma tragédia que tinha acabado de acontecer e nesta aqui eu estava a chegar a um terreno muito fresco, com as cicatrizes muito abertas. Percorri cerca de mil quilómetros para esta reportagem, portanto imagina a quantidade pessoas com quem falei. Escolhi as histórias que afectivamente também me disseram mais. Essa é sempre uma escolha que eu faço, a escolha afectiva. Eu quero também que os Ouvintes quase que sintam, que entrem nas histórias por onde eu fui entrando. Esta senhora disse-me muito, foi a que me*

disse mais na reportagem. Se eu tiver que encontrar uma personagem que tenha sido a personagem da reportagem é sem dúvida a Cidália. Eu tive muitas dúvidas em colocar no ar esta conversa, para já porque era um momento muito pessoal daquela senhores e depois porque tive medo de estar a resvalar para um lado voyeurista. Mas a Cidália, todo o testemunho e o relato dela é a súmula da tragédia, como também é um retrato da ruralidade em Portugal e deste interior esquecido. A maior parte das grandes reportagens que eu faço são sobre questões sociais. Há uma que me marcou bastante que é A Minha Irmã Depressão e há uma outra recente que também me marcou bastante que foi “A Jamaica também é Portugal”. E é onde eu me sinto verdadeiramente melhor: é a dar oxigénio às histórias.

Loc /JPG – “O Pior Dia”, trabalho de Rita Colaço. A reportagem também se faz de emoções.

Cortina

Loc /JPG – A Antena 2 é a número 1 em matéria de elogios dos Ouvintes. E no ano que agora termina destacaram-se os elogios a *Ecos da Ribalta*, programa de João Pereira Bastos. Escreveu um Ouvinte: *É com vincado júbilo que me apraz constatar o aparente esforço de revitalização do património sonoro da rádio pública no que se reporta a registos operáticos, fecunda e insigne herança.*

Som: Indicativo “Ecos da Ribalta”

Loc /JPG – A jornalista Inês Forjaz foi saber como trabalha João Pereira Bastos e foi saber que a Antena 2 se propõe resgatar outros documentos do património sonoro.

IF – *E a resposta é sim:*

JPB – *Vou desde já falar do que se vai passar em Janeiro, porque não consigo entender que se ignore os 13 anos de existência da Companhia Portuguesa de Ópera do Teatro do Trindade, era assim que se chamava, porque praticamente nestes 150 anos de comemoração nada é referido.*

IF – *Ano Novo, gravações inéditas:*

JPB – *Tenho gravações de todos em razoáveis condições, não vou dizer que sejam perfeitas, mas a rádio nem um terço daquilo tem.*

IF – *Desta vez, João Pereira Bastos tira do baú a Ópera do Trindade e o Centro de Preparação e Aperfeiçoamento de Artistas Líricos do teatro lisboeta:*

JPB – *A pedido do então director do Teatro da Trindade, Dr. José Manuel Serra Formigal, que infelizmente já não está entre nós, e que me pediu precisamente para preservar qualquer extravio ou acidente, que fizesse a cópia integral de todas as gravações que existiam no Teatro da Trindade desde o primeiro ano.*

IF – *Em Janeiro cabem cinco programas, Pereira Bastos adianta o que aí vem:*

JPB – *O primeiro programa será dedicado a Serra Formigal e ao Centro de Preparação, incluindo a persistência anual do Tomás Alcaide no início, e depois por sua impossibilidade física, a sua substituição por Gino Bechi que foi um dos maiores cantores de todos os tempos; o segundo programa dedico aos cantores do início, que vinham das*

antigas hipóteses de colaboração no S. Carlos e muitos que foram chamados do coro para desenvolver papéis solistas; o terceiro será sobre os tenores; o quarto será sobre os barítonos e mezzo-sopranos; e no quinto programa volto aos cantores, mas aos cantores do futuro

IF – Passado e futuro lado a lado, Nos Ecos da Ribalta. É já no mês que vem.

Loc /JPG – E o terceiro mais nomeado pelos Ouvintes na correspondência ao Provedor em 2017 foi Francisco Sena Santos. Em 11 de Setembro de 2017 Sena Santos regressou à Antena 1. Saiu em 2004, com vontade de voltar depressa. Voltou 13 anos depois e chegou de volta à rádio com imagens.

[Som: Início da 1ª Crónica de Sena Santos \(11 Setº 2017 Antena 1\)](#)

Loc /JPG – Francisco Sena Santos regressou à Antena 1 rodeado de boas-vindas e de bons presságios. Ouvintes esperaram pelo regresso e fizeram votos para que Sena Santos voltasse para ficar e com mais presença na Antena 1. Escreveu um Ouvinte: *Espero que a sua prestação não venha a limitar-se apenas à sua crónica, mas que venha a ter um papel mais interventivo.* A jornalista Inês Forjaz foi conhecer os projectos e perspectivas de Francisco Sena Santos.

IF – Planos para além da crónica não há...

Sena Santos – *Eu acho que uma crónica é uma intervenção magnífica, gosto muito de a fazer, confesso que não me passa pela cabeça outra coisa.*

IF – Mas a porta fica aberta ao directo:

SS – É uma possibilidade, quem sabe.

IF – Quanto ao resto, o resto deste regresso à rádio, conta-se assim:

SS – Está a dar-me imenso prazer. O João Paulo Baltazar desafiou-me, conversámos várias vezes, eu pedi-lhe tempo e depois pronto: sim, é uma ideia sedutora, fascinante. Procuo contar histórias que ajudem quem escuta a entender aquilo que está a acontecer. Sobretudo enquadrar as coisas, dar pistas para a compreensão dos factos. O mundo é muitas vezes amargo, mas mesmo com Trump na Casa Branca pode haver um sorriso ou até uma gargalhada, as coisas não têm de ser sisudas, têm de não ser chatas. Tendo a concentrar-me mais do que está fora de fronteiras, porque o que se passa no País está mais contado e comentado, às vezes até à exaustão, de resto tenho a sensação de que de um modo geral nos falta ver mais mundo, não apenas o político e diplomático, mas o das artes, da cultura, da ciência, do ambiente, da saúde. Como é que faço? À distância, onde quer que esteja. Recorro a um computador, gravo a história de cada dia, que é exportada num ficheiro mp3, mp4, a meio da madrugada. Vai ao cuidado do António Macedo que depois trata de a vestir, de cuidar do lançamento. Tudo se relaciona e esse é um desafio estimulante.

Loc /JPG - O melhor da rádio pública em 2017 nas referências dos Ouvintes em mensagens ao Provedor: o regresso de Sena Santos à Antena1, o programa *Ecos da Ribalta*, de João Pereira Bastos na Antena2; a reportagem *O Pior Dia*, de Rita Colaço, na Antena 1.

Indicativo final +

Nota: este relatório está redigido de acordo com a norma ortográfica anterior ao AO 90